MÁRIO MARTINS, S. J.

LAUDES

E

CANTIGAS ESPIRITUAIS

DE

Escobar, de

MESTRE ANDRÉ ~~DIAS~~

(† c. 1437)



1951

MOSTEIRO DE SINGEVERGA

RORIZ — NEGRELOS

IMPRIMI POTEST
Olisipone, 27-X-1949
Tobias Ferraz
Praep. Prov. Lusit., S. J.

IMPRIMATUR
Olisipone, 11 Junii 1951
† *Em. Arch. Mytilenensis*

A

DOM GABRIEL DE SOUSA

e aos seus

MONGES BENEDITINOS

dedica

MÁRIO MARTINS, S. J.

PREFÁCIO

Meu Reverendo e querido Amigo:

O prazer que sentira ao folhear os originais do seu trabalho subiu de ponto ao ler, agora, as primeiras folhas impressas. Uma autêntica guloseima do espírito. Enfastiados de tanta repetição, de tanta banalidade, da literatura frívola com que teimam em brindar-nos os prelos, dia a dia, é com mal-contida sofreguidão que devoramos estas páginas, tão humanas e tão divinas, que nos ficaram do espólio místico medieval, bem escasso, aliás, entre nós.

Para mais, sendo as «Laudes e Cantigas» de André Dias obra única, no género, dentro da nossa Idade Média e a maior sobrevivência antiga da nossa poesia religiosa, *o seu interesse não é apenas de molde a chamar a atenção dos espíritos ávidos de emoções estéticas ou de emoção religiosa, mas há-de, por força, entusiasmar os literatos e todos quantos, sequiosos da beleza divina e verdade humana, se debruçam sobre tão encantadoras manifestações do espírito.*

Aqui, porém, o nosso interesse divide-se entre a obra e o seu autor.

A obra é compilação de «melodiosos cantares, hinos, prosas e laudas [...] à honra do bom Jesu» — originais umas, outras inspiradas em peças de laudários do tempo, e ainda outras vertidas em linguagem portugalesa *de composições italianas em voga. Obra de intenção edificante, tira o seu valor literário da despretensão que a impregna, da simpleza que a ilumina, da musicalidade interior que*

a penetra. Se cantar é próprio de quem ama, no dizer de Santo Agostinho, e se, no dizer não recordo de quem, os maus não cantam, porque alimentam sentimentos musicalmente intraduzíveis, não nos é difícil concluir dever ser uma alma apaixonada e boa — «namorado gracioso, sempre amador» — aquela que, nestas páginas velhinhas de séculos, nos incita a «com altas vozes cantar, bailar, dansar, orar, tanger, em órgãos, em atabaques, com trompas, com anafis, guitarras, alaúdes e arrabis».

E de facto. Uma alma apaixonada e boa, era Dom Frei André Dias, monge beneditino e bispo titular de Mégara. Apaixonado até à polémica, aparece-nos, por vezes, com assomos de velho rabugento, batido das lutas dos interesses humanos, céptico, irónico, desiludido, mas com a chama do zelo apostólico e a preocupação constante da Verdade e da Justiça a orientar-lhe rìgidamente os passos. Bom e piedoso, contemplativo, místico, sentia Deus, vivia-O: «A vós, meu Deus Jesu, brado, a vós gemo, a vós suspiro por socorrimento, e sòmente em esta minha velhice de oitenta e sete anos, tão pobre, tão minguada, tão vergonhada e doestada e do mundo desamparada, que me queirades espiritualmente e corporalmente socorrer».

Se nos interessa o autor! Dado como dominico, quando ele próprio categòricamente se declara «da Ordem de São Bento professo»; abade do Mosteiro de Rendufe, comendatário de Rendufe e Alpen-

durada, bispo civitatense *e de Ajácio e, depois, titular de Mégara «em a província de Grécia»; mestre em teologia, canonista insigne, conselheiro de Papas, viajante infatigável, culto, erudito, homem de letras e de virtudes — figura de bem vincados traços, de acentuado cunho característico, se nos interessa a personalidade inconfundível de mestre André Dias! E, desde agora, ao lembrarmos as décadas da Ínclita Geração, ao compormos o ambiente em que nasceram os Cancioneiros, nunca mais poderemos esquecer o monge, feito «pobre bispo» titular, que passou os anos da sua provecta velhice a compor loas e cantigas.*

Essa satisfação, meu Reverendo e querido Amigo, devemo-la ao seu trabalho e esforço. Que as letras pátrias lhe dêem o Bem haja *a que tem pleno jus. Eu não tenho pequeno gosto em ser, por este motivo, o primeiro a, do coração, lho dizer. Bem haja!*

E que, neste campo, se cave mais. Há ainda muito tesouro escondido. — Possa o seu exemplo ter seguidores. Entretanto, Deus lhe dê vida e saúde, para que seu braço não canse nem sua pena descanse.

Mosteiro de Singeverga, 31 de Agosto de 1951.

† Gabriel de Sousa,
Ab. O. S. B.

ABREVIATURAS BIBLIOGRÁFICAS

AFH	*Archivum Franciscanum Historicum.*
AIA	*Archivo Ibero-Americano.*
DAC	*Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne.*
Hier. Cath.	EUBEL — *Hierarchia Catholica Medii Aevi.*
Inéd. Alc.	FR. FORTUNATO DE S. BOAVENTURA — *Collecção de inéditos portuguezes dos séculos XIV e XV* (vulgarmente, *Inéditos de Alcobaça*).
LTK	*Lexicon für Theologie und Kirche.*
PL	MIGNE — *Patrologia Latina.*
RF	*Razón y Fé.*
RH	U. CHEVALIER — *Repertorium Hymnologicum.*
RLXIV	CARLETON BROWN — *Religious lyrics of the XIVth century*, Oxford, 1924.
RLXV	Idem — *Religious lyrics of the XVth century*, Oxford, 1939.
RQ	*Römische Qüartalschrift.*

Laudas e cantigas
spirituaes. e orações
contemplativas. do
muyto sancto e bõo deus
Ihesu. Rey dos ceeos e da terra. E da
muito alta e gloriosa sua madre
sempre virgem sancta maria. trasladadas
de lynguagem florentino. em lyng-
uagem portugalesa. ena cidade muyto
florecente de florença. no anno de mil
e quatrocentos e trynta e cinq. per my
meestre andre diaz de lixboa. meestre
em theologia. e pobre bispo de mega-
ra. em grecia. da hordem de sam bee-
to professo. e da confrarya muyto sancta
dos fiees de Ihesu de sam domyngos de
lixboa. e do seu altar. preegador. fun-
dador. comecador primeiro e suo muy
devoto. As quaes laudas e cantigas
[illegible] se digam cantando. hora se-
[illegible] cantando. som muyto devotas
orações e devotas. e necessarias pera
[illegible] Ihesu e sua madre sancta maria. ou
[illegible] e complyzem nossos pecados e
[illegible] e todas as nossas justas pe-
tições. E se começam per esta forma q
[illegible]. em notas. e [illegible]
[illegible] que cantam e dizem per todo ho

mundo enas egrejas aas horas e
aas myssas. as prosas e os hymnos.
Esta oraçom contemplatyva. e
lauda do bõo Ihesu. cantaremos ou rezaremos
quando estevermos ante ho crucifixo. e
[illegible]
[illegible]
Senhor ihesu. quando ena
cruz te vejo. de tam grann
de amor e caridade enc-
[illegible]. eu te adoro. e por meu deus te [illegible]
Que por my quyseste seer [illegible]
morto e crucifixo.
E porem todo [illegible] rogar e louvar
[illegible] de q [illegible]
mor. e soo todo alumeado.
De ty luz do mundo. mays que sol
Que ho mundo alu[illegible] esclarecida.
meas da tua claridade infiinda.
[illegible] regido [illegible] todo
Do vyda sempre [illegible] e guardado.
[illegible] per aquel vyve toda cousa.
Dyme que caridade foy aquella tua
Que quyseste seer tanto graciosa.
da nossa carne encarnado.
E por nove meses encarnado.
[illegible] no ventre da virgem maria.

[illegible]

Bibl. Nac. de Lisboa, cód. ilum. 61, fl. 1

CAPÍTULO I

VIDA E OBRAS DE MESTRE ANDRÉ DIAS

Nos livros que escreveu e nos documentos que lhe dizem respeito, chama-se ele André Dias, Andreas Didaci, Andreas Hispanus, André de Escobar, André de Rendufe. E em duas cartas, pelo menos, assina-se, também, *Andreas Ulixbonensis,* isto é, André de Lisboa.

Como o Infante D. Pedro, seu contemporâneo, correu as sete partidas do mundo e devia ter sofrido bastante. De facto, uma resignada amargura extravasa, mau grado seu, das suas palavras cansadas de velho pobre e meio abandonado.

Um pouco de penumbra envolve, ainda, a vida instável deste bispo, professor universitário e monge beneditino de quatrocentos. H. Hurter e K. Hofmann sintetizaram, com perfeição [1], os resultados das modernas investigações, em torno do bispo de Mégara, Mestre André Dias. Escrevem eles que este monge beneditino, chamado, vulgarmente, André Hispano e André de Escobar, foi, por algum tempo, abade do mosteiro de S. André de Rendufe, na diocese de Braga. Daqui proveio chamarem-lhe, às vezes, André de Rendufe. Passando a terras estranhas, tornou-se um publicista de vasta influência, no tempo do Grande Cisma, defendeu vários papas e ocupou-se, sèria-

(1) Hurter, *Nomenclator litterarius,* T. II, Oeniponte, 1906, cols. 754-755; *LTK,* em *Andreas von Escobar.*

mente, dos males da Igreja. De origem modesta, tinha, contudo, um feitio austero e altivo. Nasceu à volta de 1367, acrescentam eles.

Veremos, daqui a pouco, como esta última data está mal calculada, em face da própria afirmação de Mestre André, em textos inéditos portugueses.

Provomeram-no a mestre de teologia, no ano de 1393, em Viena de Áustria, e foi também professor tanto em Roma como noutras partes. Morreu aí por 1437.

Quanto à sua obra literária, lembramos o seguinte: pelos anos de 1408, compôs o livro intitulado *Colles reflexi,* destinado a procurar a reforma da Igreja. Nele, propunha que os papas de então renunciassem, quaisquer que fossem os direitos com que se julgassem ao papado. Desta forma, pensava ele, terminaria o doloroso cisma do Ocidente, que retalhava o corpo místico de Cristo. Gregório XII, nesse mesmo ano, sagrou-o bispo e deu-lhe, em 1409, a comenda do mosteiro de Rendufe, onde já fora abade. Em 1410, era nomeado bispo *civitatense,* provàvelmente bispo de Ciudad Rodrigo, como prefere Eubel (2). Pouco depois, Mestre André Dias separou-se de Gregório XII, pois tinha o génio rebentio, e escreveu o opúsculo *De schismatibus,* em estilo rude e amargo. No ano de 1422, trocou pela diocese de Ajácio, na Córsega, o seu discutido bispado civitatense. Mais à frente, citaremos uma carta sua, em português, onde se assina *episcopus ajacensis,* bispo de Ajácio. Escreveu, então, um tratado *De decimis,* que se difundiu, largamente, em Roma.

Como se vê, D. Fr. André Dias caracterizava-se por uma certa vagabundagem e forte inclinação de escritor. Assim será, até morrer, já muito velhinho.

Martinho V atraiu Mestre André para a capital da Cristandade e nomeou-o bispo titular de Mégara, em 1428. Sete dias depois, recebia a comenda do mosteiro de S. João de Alpendurada (3). E a

(2) *Hier. cath.,* T. I, ed. de 1913, p. 190, n. 11. Walters opta por uma diocese italiana e Gams inclina-se para uma cidade da Sardenha, todas com o mesmo nome latino.

(3) *Ib.,* p. 333, n. 6.

sua vida literária lá ia continuando, através de todas as tormentas. Como penitenciário menor do papa, compôs o *Lumen confessorum* (Luz dos confessores). Foi isto em 1429. Nesta época da vida, ao que parece, escreveu, também, a sua obra mais espalhada por todo o mundo, *Modus confitendi,* de que a Biblioteca Pública de Évora guarda um exemplar da versão castelhana, em letra gótica: *Confession breve y muy utile. Compuesta por el Reverendo señor don Andres obispo megarensi, penitenciario de la sancta yglesia de Roma.*

Mais tarde, o *Modus confitendi* transformou-se num livro de orações, com o título de *Confessio generalis* (Confissão geral). Voltaremos já a esta obra.

Mestre André Dias desempenhou um papel de larga envergadura nos concílios de Constança e Basileia, ao tratar-se da reforma da cúria papal. Em fins de 1435, já tinha pronto o *Gubernaculum conciliorum* (Leme dos concílios). Entregou-o ao cardeal Cesarini (4). Orienta-se esta obra no sentido das teorias contra a cúria de Roma, defendendo, como artigo de fé, a supremacia absoluta do concílio ecuménico sobre o papa.

Finalmente, em 1437, encontramo-lo a escrever um tratado *contra 50 errores Graecorum* (contra 50 erros dos gregos).

E o seu nome some-se nas sombras. Como diz Shakespeare, talvez tivesse partido *para a terra donde nunca ninguém voltou.*

Graves autores, como Schwab e Sägmüller atribuíram a D. Fr. André Dias o opúsculo famoso *De modis uniendi e reformandi Ecclesiam* (Sobre os modos de unir e reformar a Igreja), que aparece entre os livros de Gerson. Porém, a dúvida paira, ainda, por cima desta obra, tão pequena e de alcance tão vasto, verdadeiramente símbolo trágico da sua época (5).

Até aqui, o que dizem os eruditos. Voltemos, agora, a falar do *Modus confitendi.* Metade do mundo fez exame de consciência

(4) Pastor, *Storia dei Papi,* T. I, Roma, 1931, p. 296, n. 1.
(5) *Ib.,* p. 202, n. 2, com ampla bibliografia.

por este opúsculo, a avaliar pelo número de edições quatrocentistas. Só os apêndices do *Repertorium bibliographicum Hainii-Copingeri*, publicados por D. Reichling, apontam nada menos de dezasseis edições latinas desta obrinha de Mestre André, até ao ano de 1500 (6). Em português, assinalam-se duas edições do século XVI, uma de 1523 e outra de 1529: *Methodo breve e util para fazer bem a Confissão* (7). Como se vê, o título, na nossa língua, pouco difere do latino: *Modus confitendi optimus et compendiosus* (8).

Decerto, esta obra de D. Fr. André Dias encontrava-se nas mãos de Fr. Luís de Granada, segundo observa Fr. Lucas de S. Catarina: «Fr. André Dias, Bispo de Megara, escreveo algumas obras para bom governo das consciencias, de que se acha alguma nos manuscritos do veneravel Mestre Fr. Luis de Granada» (9). E Fr. Pedro Monteiro voltava a insistir no mesmo ponto: «compoz *hum confessionario*, que anda impresso nas obras do Veneravel Mestre Fr. Luis de Granada» (10).

Como veremos no decurso deste trabalho, alguma coisa escapou aos investigadores estrangeiros: não leram as declarações autobiográficas do antigo abade de Rendufe, em que ele nos fala das suas andanças e sofrimentos pelo mundo, a partir dos dezoito anos.

Quanto aos escritores portugueses, muitos deles só indirectamente conheceram esses manuscritos de André Dias. Outros conheceram-nos de perto, como Fr. Luís de Sousa, viram-nos com os próprios olhos. Pensamos, no entanto, que os não leram de fio a pavio. De facto, erraram num ponto principal, pois dizem ter ele sido dominicano, contra o que vem expressamente declarado pelo próprio D. Fr. André Dias. Nem falamos doutras inexactidões.

---

(6) Monachii, 1905-1911.

(7) A. J. Anselmo, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, 1926, n.os 571 e 586.

(8) Assim vem na ed. de Basileia, à volta de 1484.

(9) *História de S. Domingos*, P. IV, L. IV, apêndice: *Noticia breve em comum dos escritores da Ordem de S. Domingos n'esta Provincia de Portugal.*

(10) *Claustro dominicano*, T. III, Lisboa, 1734, pp. 142-143.

As investigações modernas nos arquivos da Itália vieram projectar, neste caso, a luz dos documentos antigos, embora insuficientemente. Entre nós, os que falam de Mestre André Dias seguem, monòtonamente, pelos trilhos cansados de Fr. Luís de Sousa, na *História de S. Domingos* ([11]), que lhe chama *frade nosso,* isto é, dominicano.

Barbosa Machado, na *Biblioteca Lusitana,* e Fr. Lucas de S. Catarina, por seu lado, resumem as notícias do cronista dominico. O primeiro destes escritores chega, mesmo, a repreender a edição portuguesa do *Methodo breve, e util para fazer bem a Confissão,* de 1529, pois, diz ele, «o impressor fez ao Author Benedictino, sendo Dominicano». Não, respondemos nós, o impressor não se enganou. Repetiu o que o próprio bispo de Mégara tantas vezes afirmou de si mesmo, assim como toda a documentação do seu tempo.

Inocêncio também segue pelo carreirinho batido dos seus antecessores portugueses, e assim por diante. E no entanto, Eubel e outros investigadores acertam bem mais em cheio, traçando, claramente a rota de Mestre André Dias, através dos seus bispados, sem se esquecerem de afirmar a sua qualidade de monge beneditino ([12]).

Neste caso, o melhor será deixar falar o bispo de Mégara, de si e das suas coisas. Efectivamente, à volta de 1422, quando ainda era bispo de Ajácio, escreveu ele uma carta, no português arcaico do tempo, com o seu costumado estilo, um pouco rabugento. Logo ao cimo dessa epístola antiga, aparece o monograma de Jesus, em letras minúsculas (*ihs*) e declara preferir *escrever aa vossa paternidade em portuguees.* Deve dirigir-se, pensamos nós, a D. João Gomes, abade beneditino de Florença, varão famoso da época e português dos quatro costados.

Na carta, D. André manifesta o desejo de *aver em Portugal alguum moesteiro de observancia que depois sera exemplo a outros*

([11]) P. I, L. III, caps. 23-24.
([12]) *Hier cath.*, T. I, ed. de 1913, pp. 190, 71, 333.

mais e, poucas linhas à frente, oferece-nos alguns dados concretos acerca do seu temperamento, do amor que tinha aos livros e da sua naturalidade lisboeta. O tom das palavras é um pouco amargo, lembrando certas passagens autobiográficas do seu *livro de laudas e cantigas spirituaaes,* que em breve nos ocupará. Reclamava Mestre André Dias uma *Vita Christi,* em italiano, que levara o destino fatal dos livros emprestados:

«Senhor, escreve ele, em homem religioso e de observancia nom deve cair palavra mentirosa soto pecado mortal e eu emprestei huum livro de vita christi em romanço ytalico ao vosso prior e vigario per vos, aquel portuguees que dizem que he de Lamego e me prometeu de mo enviar logo pello santo Michael e nom no fez e ha ja uno anno soplico senhor que logo que ante que este mes seja acabado que mo enviedes ou façades enviar, scilicet de vita cristi.» ([18])

A indignação do bispo e monge devia ser grande, pois acrescentava: «eu me vou a Portugal e esse prior avera grande pecado de mim e mais nom lhe sera perdoado este pecado do alheo que he pecado mortal». Roma fora para ele uma desilusão amarga e, por isso, exclamava: «parto da corte do papa sem beneficio nenhuum, onde sservi per XXVIII anos e mais nom ouve premio nenhuum por sseer pobre».

André Dias, bispo de Ajácio, escrevia tais linhas da Cidade Eterna. E assinou desta forma: *in theologia magister Andreas ulixbonensis Episcopus ajacensis inssule Corssice.* Quer dizer: mestre em teologia, André Dias, bispo de Ajácio, na ilha de Córsega.

Entramos, agora, em cheio, no coração do nosso estudo: as suas laudes e cantigas, em torno de Nossa Senhora, do Nome de Jesus, dos Santos, do Menino Deus, da união mística da alma, etc. De

---

([18]) Bibl. Mediceo-Laurenziana de Florença, *Fondo Ashburnam,* Cód. 1792 (1716), Vol. I, fl. 66. Nessa página, outra carta de Mestre André, em português, quando ele já era bispo de Mégara: *magister Andreas Ulixbonensis episcopus megarensis.* A fotografia delas ambas foi posta à nossa disposição pelo P. Maurício dos Santos S. J., a quem agradecemos.

facto, escreveu uma espécie de livro de versos e prosa rítmica, em grande parte para ser cantado pelos confrades do Bom Jesus, na igreja de S. Domingos de Lisboa.

Barbosa Machado chama-lhe *Livro de Oraçoens, em prosa, e verso vulgar de Louvores, e excellencias do Nome de Jesus*. Fr. Luís de Sousa teve esta obra nas mãos e, ao falar-nos dela, revela a reacção dum humanista renascentino, em frente do *barbarismo* medieval daquele venerando códice de pergaminho, cheio de ritmos quatrocentistas: «Outro livro, diz ele, anda na Confraria vivo, que foi trabalho, e composição do mesmo Bispo dom Frei André. São muitas orações em prosa, e verso vulgar de louvores, e excellencias do nome de Jesu, apropriadas para espertar a devação delle, e todas testimunhão bem a de seu autor» ([14]). Estilìsticamente, Fr. André Dias dá-nos a impressão de não ter agradado muito ao cronista dominicano, nem admira. Os cânones estéticos de então eram bem diferentes e olhava-se a linguagem e literatura da Idade Média um pouco por cima do ombro.

Pela nossa parte, conhecemos dois apógrafos desta obra inédita de Mestre André Dias, ambos da Biblioteca Nacional de Lisboa. O mais moderno, a uns três séculos de distância do outro, consiste numa cópia da segunda metade de setecentos (*Fundo Geral*, ms. 3379). Tem alguns erros de leitura e não oferece as garantias do exemplar de quatrocentos, em letra gótica, no cód. 61, em pergaminho, da secção dos iluminados da mesma biblioteca. Neste último, só o título é de mão muito posterior, do século XVIII, e reza desta maneira: *Livro de oraçoens em proza e verso vulgar de louvores e excellencias do SS. Nome de Jesus, dos milagres que Deus obrou pela Imagem do S.to Christo, que se venerava na Igreja de S. Domingos de Lixboa com sacramento no lado, e se consumio no incendio, que padeceo a dita Igreja no primeiro de Novembro de 1755. Composto pelo Ill.mo e R.mo S.r D. Fr. Andre Dias, da Ordem de S. Bento, natural*

([14]) *História de S. Domingos*, P. I, L. III, cap. 24.

da cidade de Lisboa, Penitenciario da S. Igreja Romana, Bispo titular de Megara, Commendatario do Mosteiro de S. João da Alpendorada. Anno de 1435 (15).

Quanto à primeira página pròpriamente dita deste códice iluminado, chegou até nós bastante cansada e um pouco delida pelo passar do tempo. Ainda assim, lê-se perfeitamente e lá encontramos, logo, uma declaração de Mestre André Dias, acerca de sua qualidade de monge bento:

> «Laudas e cantigas spirituaaes e orações contemplativas do muyto sancto e boom Deus Jhesu, Rey dos çeeos e da terra. E da muyto alta e gloriosa sua madre, sempre virgem sancta Maria [...] per mym meestre Andre Dias de Lixbõa, meestre em theolysia, e pobre bispo de Megara, em Grecia, da hordem de sam Beento professo.» (fl. 1).

Já agora, passemos a outros dados biográficos fornecidos pelo próprio bispo de Mégara, nestas páginas antigas. Em primeiro lugar, a data do seu nascimento. Como não conheciam o ano exacto da sua vinda ao mundo, os biógrafos de André Dias propunham a data aproximada de 1367. Contudo, o autor das *laudes e cantigas* afirma-nos ter 87 anos, em 1435. Por conseguinte, nasceu em 1348, isto é, uns 19 anos mais cedo do que supuseram os autores que dele trataram. Talvez nunca imaginassem que André Dias pudesse ser tão velho, ao escrever as suas últimas obras, reveladoras duma invulgar capacidade de trabalho. Efectivamente, nem todos seriam capazes de escrever o seu *laudário* de versos, já perto da casa dos noventa, sobretudo tratando, ao mesmo tempo, de árduas questões de direito canónino.

(15) Na transcrição do título suprimimos algumas maiúsculas fora de propósito. Ao transcrever, daqui para diante, alguns textos de Mestre André Dias, substituímos o ponto final pela vírgula, quando ele tiver o seu valor. Também desdobramos as palavras e pomos com iniciais maiúsculas os nomes de terras e pessoas. Também substituímos o *u* por *v*, quando tem o seu valor, fazendo o mesmo a *i* por *j*, em idênticas circunstâncias. Evidentemente, respeitamos todas as variações ortográficas, por arbitrárias que nos pareçam. No cód. ilum. 61, umas vezes vem *canticas* e *laudes*, outras vezes *cantigas* e *laudas*. No corpo da página, indicamos, em parêntesis, o número da folha transcrita do citado cód. ilum. 61, da Biblioteca Nacional de Lisboa.

O lugar que a seguir copiamos põe em claro algumas datas da sua vida e fornece-nos pormenores biográficos dignos de registo, por virem de sua boca:

«Ouvydeme ora ouvide, e vossas orelhas inclide ([16]) com grande misericordya e benygnidade, aas mynhas petições e rogos e soplicações, que vos apresento e dou e offereço, em estes meus cantares e canticas e laudes, hymnos, prosas e orações gratyssimas e contemplatyvas. Eu vosso servo religioso, vosso namorado graçioso, meestre em theoligia antigo bispo pobre de Magara en na provinçia de Greçia, sempre amador e preegador do vosso maravylhoso nome e espantoso Jhesu, per a boca do angeo dicto, e en no livro da vida eternalmente escripto, sobre todos os nomes que som so ([17]) o çeeo, nom he mays poderoso e mays virtuoso nome [...].

A vos meu Deus Jhesu braado, a vos gemo, a vos suspiro por socurrymento, e soomente em esta mynha velhiçe, de oyteenta e sete annos, tam pobre, tam mynguada, tam vergonhada, e doestada, e do mundo desemparada, que me queirades spiritualmente e corporalmente socorrer, e sequer que morra em verdadeira peendença ([18]), quando ouver de finar e morrer da presente vyda.

Oo senhor meu Jhesu Christo, poys que o mundo me assy faleçeo, e me com galardom nom conhoçeu, por muytas preegações, e muytas doutrinas, e muytas lyções de sancta theoligia, que fige em corte de Roma, e em muytos reynos, preegando sempre a vossa sancta fe catholica, des que fuy de XVIII annos ataa este tempo em que ora soom de hydade de LXXX e VII anos.» (fl. 2-2 v.).

André Dias escrevia estas linhas em Florença, no ano de 1435 (fl. 1). Quantos longos anos andara pelo mundo! No entanto, nem tudo se passara em terra estranha. Efectivamente, vinha a Portugal de vez em quando e, em 1432, encontrava-se ele em Lisboa, a organizar a confraria do Nome de Jesus, antes de abalar para Florença, mais uma vez.

([16]) Talvez signifique *inclinai*.
([17]) sob, debaixo de.
([18]) penitência.

Estudou muito, viajou pela Europa, meteu-se em complicadas questões eclesiásticas e, segundo nos conta, ajuntou pouco ou nenhum dinheiro. Deu aulas de teologia, pregou a fé católica e, no fim de tudo, sofreu graves dissabores. Dá-nos a ideia dum professor de direito canónico elevado a bispo, mas tendo, lá dentro, uma alma comovida de poeta religioso.

Por vezes, o vocabulário deste monge lembra-nos a linguagem de S. Francisco de Assis: era *namorado gracioso* e *sempre amador* de Jesus (fl. 2). A leitura dos *laudari* italianos, da Idade Média, concorreu, decerto, para desenvolver o seu temperamento profundamente lírico e ardente.

Uma coisa nos parece muito característica, na sua vida: o apostolado. A partir dos seus dezoito anos floridos, andou um pouco por toda a parte, como se o cansasse estar muito tempo no mesmo lugar. Nas suas peregrinações, nunca se esqueceu de pregar ao povo. Como ele diz, fez *muytas doutrinas,* deu *muytas lições de sancta theoligia* e escreveu livros úteis à Igreja e às almas. Confessava também bastante e foi para essas pessoas que ele fez o *Modus confitendi.* Conforme diz o prólogo da versão espanhola, impressa em caracteres góticos, «yo maestre Andres hispano, obispo Megarensi de la orden de sant Benito, penitenciario de la sancta yglesia de Roma, por bien y utilidad de los que comigo se suelen confessar, y seyendo dellos requerido, recollegi e copile de muchos dichos d'santos padres por las mas breves palabras que pude aquesta general confession».

Na velhice, deu-se, ainda mais, à vida piedosa. Em 1432, já estava em Portugal, mais uma vez, a tratar da fundação da confraria do Nome de Jesus. Para ela, três anos depois, poria muitas *laudes* italianas em *linguagem portugaleso.* Esta devota associação enchia de gozo os dias derradeiros do bispo de Mégara e nela pensava quando pedia a Jesus que lhe valesse: socorrei-me, exclama o velho monge, porque «a vossa sancta confrarya do moesteiro de sam Domyngos da

çidade de Lisbõa plantey, estabeleçi e fundey, no anno de vos boom Jhesu, de myl IIIIᶜ e XXXII annos» (fls. 2 v. - 3).

Qual foi a história desta confraria tão acarinhada pelo bispo de Mégara, já tão carregado de dias trabalhosos? Fr. Luís de Sousa fala-nos dela ([19]), forrageando muita coisa do livrito de milagres, escrito, em parte, por Mestre André Dias e que vem logo depois do laudário pròpriamente dito ([20]). Ora, tal confraria vale como prolongamento, em terra portuguesa, dum forte movimento espiritual conduzido, principalmente, por S. Bernardino de Sena († 1444), na Itália. Parece-nos, mesmo, bastante difícil que o bispo de Mégara, tão viajado na pátria do santo, nunca tivesse falado com S. Bernardino de Sena que, então, arrastava as massas deslumbradas atrás do nome esplendoroso de Jesus.

O certo é que Mestre André foi, indubitàvelmente, um discípulo espiritual deste santo e trouxe para Portugal essa poderosa corrente de espiritualidade, muito antiga, é certo, mas que só então atingiu proporções enormes. Nada vale tanto como as linhas traçadas pelo velho bispo de Mégara, no princípio do *Livro dos Milagres do Bom Jesus*, em português saboroso e fremente de vida ([21]).

Fr. Lucas de S. Catarina também conheceu esta obrinha, falando-nos de *huma Collecção de prodigios do Senhor Jesus, que se venera na Igreja de S. Domingos de Lisboa* ([22]). Fr. Luís de Sousa dedicou-lhe, igualmente, esta passagem da sua *História de Domingos*:

«Os milagres, que nosso Senhor obrou na fundação da Confraria, e outros muitos, com que despois quiz honrar os devotos de seu nome, se escre-

---

([19]) *História de S. Domingos*, P. I, L. III, caps. 23-24.

([20]) O laudário de Mestre André Dias, no cód. ilum. 61, da Bibl. Nac. de Lisboa, abrange as fls. 1-72 v. *O Livro dos Milagres do Bom Jesus de S. Domingos de Lisboa* abrange as fls. 72 v.-80 v. Publicá-lo-emos, integralmente, num apêndice final desta obra.

([21]) Notamos, desde já, que Mestre André só escreveu parte do Livro de Milagres. De facto, tal obrinha fala-nos, já, de acontecimentos posteriores à morte do bispo de Mégara, no tempo de D. Afonso V, por exemplo.

([22]) *História de S. Domingos*, P. IV, L. IV, apêndice.

verão em folhas de pergaminho, e dellas se fez livro, que pera consolação dos fieis, se pendorou nas grades da Capella por huma cadea de ferro, com conselho mais pio, que prudente. Porque ficou ocasionado ao que despois aconteceo, que foi rouba-lo hum atrevido, não quebrando ferro, mas rasgando pergaminho.» ([23])

O apógrafo quatrocentista da Biblioteca Nacional de Lisboa parece-nos truncado, no fim, mas não pròpriamente rasgado. Havia, por conseguinte, várias cópias antigas, em pergaminho, e foi uma felicidade.

O livrinho dos milagres abre desta maneira, no sobredito iluminado 61: *En nome do boo Jhesu, se começe este seu livro* (fl. 72 v.). A seguir, fala-nos das virtudes e benefícios que Deus concedera a D. João I, *ho muyto vitorioso, e de muy grandes virtudes,* sobretudo em 1385, «vespera de santa Maria dagosto, vençendo em batalha campal, antre o Tojal e a ribeira do Freixial, apres ([24]) da villa de Aljubarrota» (fl. 72 v.).

Porém, continua Mestre André Dias, maior benefício foi livrar Lisboa da peste:

«Ca en no ano do boo Deus Jhesu, de myl e IIII^c e triinta e dous anos, avendo muy grande pestelença na dicta çidade, dom meestre Andre Diaz de Lixboa, em a sancta theolysia meestre, e bispo da çidade de Megara da provinçia de Greçia, e administrador perpetuu do moesteiro de sam Johã da Alpendorada, hordem de sam Beento, do bispado do Porto, preegando no moesteiro de sam Domyngo, por se tirar a dicta pestelença como de fecto se tirou, e ho muy sancto nome do boo Jhesu em cada huum dya preegava e dizia aos poboos que se quyriam seer de aquella pestelença livres, que o ([25]) chamassem per suas bocas e o trouxessem escripto nos seus peytos aa parte do coraçom, e que

([23]) P. I, L. III, cap. 24.
([24]) perto, ao pé de.
([25]) Isto é, o nome de Jesus.

o posessem pintado ou escripto aas suas portas, e que ante da manhaã fezessem dizer quinze missas, e dissessem tres vezes en no dya, aquelles oyto vessos do psalteyro, e que sse fezessem confrades da confrarya dos servos do boo senhor Jhesu.» (fl. 73).

O medo da morte e a piedade do povo levaram lisboetas sem conto a entrar para confrades do Bom Jesus. O velho monge beneditino e bispo benzia a *agua sancta do boo senhor Deus Jhesu,* para curar os doentes. Ao mesmo tempo, ia fazendo sermões ao povo angustiado, explicando como deviam trazer o nome de Jesus nos vestidos e no coração, pintá-lo nas portas e nos barcos, etc. E a peste *logo çessou* (fl. 73 v.). O melhor é ouvir o bispo de Mégara:

«E querendo mays remedyos buscar e fazer contra a dicta pestelença ho dicto meestre Andre bispo, huum domyngo que era dya de sam Clemente, viinte dyas do mes de novembro, de mil e IIII^c^ e XXXII anos, o dicto meestre Andre en na preegaçom que fez ante a mayor parte da dicta çidade de Lisboa, publicou as grandes vertudes que o senhor Deus boo Jhesu criou, e esto he em hũa sancta agua exorsizata, que sse faz de agua, e de sal, e de cinza, e de vynho, e nom se pode fazer senom per bispo sagrado segundo os degredos. E logo ante todo o poboo, o dicto senhor bispo meestre Andre beenseo e sanctificou a dicta agua do boo senhor Deus Jhesu, e logo per ella çessou a dicta pestelença da dicta çidade. E fez per ella o boom senhor Deus Jhesu muytos myragres e muytas maravylhas, quaaes nom foram feytas de çento anos aca em toda a christamdade. E logo em esse dya que forom XX dyas do dicto mes de novembro, o dicto meestre Andre, bispo, começou a hordenar a confrarya dos servos do boo senhor Deus Jhesu, no dicto moesteiro e meteronsse muytos confrades e muytas confradas em ella. E hordenarom os confrades pera sempre que en no dya de cada hũa sesta feira do ano que he dya da sancta vera cruz, e o senhor Deus Jhesu padeçeo, logo aa alvorada se diga per os frayres do dicto moesteiro hũa myssa com horgoõs sollepnemente cantada aa honra da vera cruz do boo senhor Deus Jhesu, por os confrades e confradas da confrarya dos servos do boom senhor Deus Jhesu, assy vivos como finados.» (fl. 73 v.).

O velho bispo beneditino ajunta, ainda, vários pormenores do regulamento que guiava a confraria e, por fim, acrescenta:

«E nos dom meestre Andre, bispo de Megarra [as maravilhas do Bom Jesus] per muytas pessoas assy homeens como molheres dignas de fe e creença dictas em testemunhas posemos e screvemos em este livro, por seer memoria pera sempre.» (fl. 74).

A primeira bênção da água do Bom Jesus foi, por sinal, bastante turbulenta. A gente simples precipitou-se, entornou-se a água *e a caldeyra foy per terra* (fl. 74).

Nisto consumia Mestre André a sua religiosa e cansada velhice. Uma passagem do laudário ou livro de laudes e cantigas dá-nos uma ideia das suas prédicas em torno do Nome de Jesus, recomendando a todos que escrevessem o seu monograma, por toda a parte:

«E per mar e per terra, louvade, glorificade, exalçade, e chamade o seu nome sanctissimo e muyto espantoso de Jhesu, e em vossas armas e escudos e lanças, naaos, galees, caravelas, e barchas, e em vossos peytos e vestiduras, e casas, e em vossos corações e almas o pyntade, e tragede, e sempre o tragede e nomeade, e viinde ante o seu altar, que esta en no moesteiro de sam Domyngos da çidade de Lixbõa, onde per el se fazem muytos miragres em cada huum dya.» (fl. 3).

Foi esta confraria o seu último esforço, neste mundo atribulado? Ainda não. Apesar da amargura que ressuma das suas páginas autobiográficas, o bispo de Mégara conservava, ainda, o vigor duma forte personalidade, sempre rijo no corpo e na alma. Continuou, pois, a viajar e a escrever. Em 1435, três anos depois de fundar a confraria de Lisboa, encontramo-lo, novamente, fora da pátria, a compor as laudes e cantigas a que já nos referimos: *Laudas e cantigas spirituaaes* [...] *trasladadas de lynguagem felorentyno, em lynguagem portugaleso, en na çidade muyto froreçente de Florença, no anno de myl e quatroçentos e triinta e çinquo, per mym meestre Andre Dias de*

Lixbõa, meestre em theolysia, e pobre bispo de Megara, em Greçia, da bordem de sam Beento professo (fl. 1).

Por aquele tempo, em Florença, abundavam monges, eclesiásticos, artistas, fidalgos e mercadores portugueses ([26]). Em 1415, fora viver para lá o famoso Gomes Ferreira da Silva, estudante da universidade de Pádua que se fizera beneditino em 1413. Mais tarde, o humanista Salvetti escreveu a biografia deste monge português, ainda inédita: *Vita dell'abate Gomes* ([27]). Porém, são os quatro grossos volumes do epistolário deste abade lusíada de Florença que mais dados nos podem fornecer acerca da sua prestigiosa personalidade. Em 1439, participava D. João Gomes no concílio de Basileia e assinava: *ego Gometius, Abbas Florentinus, me subscripsi manu propria.* Um ano depois, pedia ele licença ao papa, para voltar para Portugal. E cá morreu o antigo *dom abade de Frolença,* como dizia D. Duarte ([28]).

Ora, em vinte e cinco anos de vida florentina, este abade beneditino conviveu com vários portugueses. Ademais, recebia, também, cartas da corte portuguesa e alguém se encarregava, também, de as trazer da terra que o viu nascer. D. Duarte, por exemplo, enviava-lhe uma carta por causa da canonização de Nuno Álvares ([29]), a 21 de Julho de 1437. Um outro português pedia-lhe um Livro de Horas «bem alluminado, com boas folhagens aredor, com algumas aves dentro delles, ao modo toscano» ([30]). E assim por diante.

Perguntamos, agora: Mestre André Dias, bispo beneditino e português, ao escrever o seu laudário em Florença (pelo menos parcial-

---

([26]) A. de Portugal de Faria, *Portugal Itália,* Liorne, 1900, pp. 263-274, menciona muitos documentos referentes às relações do abade florentino com D. Duarte e os infantes D. Pedro e D. Fernando, etc.; Domingos Maurício, *Para a história do culto do B. Nun'Alvares, Brotéria,* VII (1928), 393-399; Idem, *O Infante Santo e a Cúria Pontifícia, ib.,* X (1930), 20-28; Idem, *D. Duarte e as responsabilidades de Tânger, ib.,* XII (1931), 367-376; Idem, *O Infante Santo Cardial, ib.,* XIX (1934), 31-38; Guido Battelli, *L'abate Dom Gomes Ferreira da Silva e i portoghesi a Firenze nella prima metà del quatrocento,* em *Relazioni storiche fra Italia e il Portogallo,* Roma, 1946, pp. 149-163.

([27]) Guido Battelli, *op. cit.,* p. 152, n. 1.

([28]) Domingos Maurício, *Para a história do culto do B. Nun'Alvares, Brotéria,* VII (1928), 397.

([29]) *Ibidem.*

([30]) Guido Battelli, *op. cit.,* p. 152, n. 1.

mente), tê-lo-ia composto na abadia florentina de D. Gomes? Verdade seja que, em 1435, partiu D. João Gomes para Portugal, donde sòmente voltaria em 1437. Ainda assim, quer-nos parecer que, antes da sua partida para Lisboa, já o bispo de Mégara teria falado com ele e vivido, talvez, na sua abadia hospitaleira, como monge de S. Bento que era.

Na verdade, André Dias, escreveu o laudário em 1435, segundo ele mesmo nos confessa. Tê-lo-ia começado e acabado nesse mesmo ano? Não sabemos. Parece-nos demais. Em qualquer caso, é de supor ter ele chegado a Florença e vivido lá algum tempo, antes de se embrenhar pela literatura das laudes italianas. Nesse tempo, podia, certamente, ter conversado com o fidalgo abade florentino ou, pelo menos, frequentado o famoso mosteiro, mesmo depois de D. João Gomes partir. Ora, nesta abadia existiam *libri di laodi* (livros de laudes). Um desses códices, por sinal, era da autoria do poeta Feo Belcari e tinha a seguinte nota, em latim: *Iste liber est congregationis sancte Justine, ordinis sancti Benedicti,deputatus Monasterio sancte Marie, sive abbatie Florentie* (31). Quer dizer: Este livro é da congregação de S. Justina, da ordem de S. Bento, aplicado ao Mosteiro de S. Maria, ou abadia de Florença.

Teria o bispo de Mégara percorrido, ao menos, os versos de Feo Belcari? É possível. Seja como for, parece-nos impossível que Mestre André não frequentasse aquele mosteiro, visto conhecer, perfeitamente, D. João Gomes e corresponder-se com ele. Já vimos como, numa epístola antiga, dirigida ao abade florentino, Mestre André assina desta forma: *in theologia magister Andreas ulixbonensis Episcopus megarensis* (32).

Tão longe e tão velhinho, o bispo e monge de S. Bento que já percorrera França e Aragança, como diz o povo, lembrava-se, na Itália,

(31) A. López e E. M. Nuñez, *Descriptio codicum franciscalium Bibliothecae Primatialis Toletanae*, em *AIA*, III (1915), 98-100.

(32) Bibl. Mediceo-Laurenziana de Florença, *Fondo Ashburnam*, Cód. 1792 (1716), Vol. I, fl. 66.

da sua confraria de Lisboa. Pôs-se, então, a compor para ela o laudário que temos entre mãos e convidava os confrades a cantar esses ritmos vindos da Itália, em *lynguagem portugaleso*. Mas, cantá-los de que modo? Com os lábios e o coração, decerto, mas, também, solenemente, com instrumentos músicos: «com orgoons e trombas, e com alaudes e outros estormentos, altas vozes e com todos plazeres, nas dictas festas» (fl. 28). E, num convite à música religiosa, o bispo de Mégara exclamava, para os confrades e *confradas* do Bom Jesus:

«Viinde ora e viinde todos vos outros confrades e servos da confrarya do boo Jhesu, e commygo estes melodyosos cantares, hymnos, prosas e laudes, que aquy em este livro conpiley e escrevy aa honrra do boom Jhesu, [com] altas vozes cantade, baylade, dançade, orade, tangede, em orgoons, em atabaques, com trombas, com anafiis, com guytarras, com alaudes, e com arrabiis, ante o seu altar.» (fl. 3).

Sim, que viessem todos, para junto do altar do Bom Jesus:

«... orar, dizer e cantar, e com altas vozes braadar, estas prosas, estas canticas, estes laudes e hymnos e orações escriptas, feytas e conpostas per mym pobre bispo, meestre Andre Dias de Lisbõa. E fazede vos outros musicos ([88]) e cantares devotos de Jhesu, e seus confrades sobre estas cantigas e orações, cantos musicos, contrapontos e chaãos, melodyosos e dolçes, por que muyto plaz ao senhor Deus Jhesu de o louvardes per vossos cantos. E quando os cantardes, de mym por seu amor vos nembrade, e com huum sequer pater noster por mynha alma, ao muyto alto e poderoso nosso Deus Jhesu me recomendade.» (fl. 3).

Como se vê, este livro de *laudes e cantigas* transforma-se, aqui e além, numa das mais ardentes apologias da música religiosa, na nossa Idade Média. E nele vibra, ainda, o temperamento do bispo de Mégara, poeta e batalhador dos concílios: lirismo religioso junto a um ardor que chega a ser violento.

([88]) No ms. 3379, do *Fundo Geral*, da Bibl. Nac. de Lisboa, vem também *músicos*, no masculino (fl. 8).

Porém, nem só para serem cantadas se destinavam estas páginas de Mestre André Dias. Pelo menos, tal não aconteceu. Transformaram-se, com o andar do tempo, numa espécie de leitura espiritual dos fiéis da igreja de S. Domingos de Lisboa:

«Em tempos antigos, escreve Fr. Luis de Sousa, que havia mais singelleza, e menos malicia, que nos presentes, era costume ás sextas feiras, quando não occorria festa de guarda, e se cantava a Missa de Jesu, que em tal dia he ordinaria, sobir-se o Diacono ao pulpito, assim como estava revestido despois de dizer seu Evangelho, e abrindo este livro lia ao povo huma destas orações, que dissemos, que vinha mais a proposito para o tempo, porque as havia nelle accomodadas pera todo o discurso do anno. E affirmão os antigos, que fazião fruito, e se edificava o auditorio, porque ficavam servindo de huma breve pratica espiritual.» ([34])

Assim passou o bispo de Mégara os seus derradeiros anos, carregados de trabalhos e limpos de ilusões, mas nunca fatigado de viajar por terras estranhas. Professor universitário, canonista, pregador, controversista e historiador, o seu retrato psicológico e algumas importantes passagens da sua vida, indecisa para nós, só se aclaram com a leitura das suas laudes e cantigas, bem como das primeiras páginas do seu livrinho de milagres.

Analisaremos, pois, o conteúdo estético, emocional e religioso do seu laudário, obra única, no género, dentro da nossa Idade Média e a maior sobrevivência antiga da nossa poesia religiosa. E perdoem-nos as longas transcrições. Trata-se dum códice que dormiu, longos séculos, o sono imperturbado das páginas que quase ninguém leu e que só o povo medieval soube compreender, plenamente.

([34]) *História de S. Domingos*, P. I, L. III, cap. 24.

CAPÍTULO II

FONTES E ESTRUTURA DAS LAUDAS E CANTIGAS DE ANDRÉ DIAS

DESDE já, reservamos para um apêndice todo o *Livro dos Milagres do Bom Jesus*. Vamos fixar-nos, ùnicamente, nas *Laudes e cantigas spirituaaes, e orações contemplativas, do muyto sancto e boom Deus Jhesu, Rey dos çeeos e da terra. E da muyto alta e gloriosa sua madre sempre virgem sancta Maria* (fl. 1).

Na classificação destas páginas e das suas poesias, a terminologia de que o bispo de Mégara lança mão ondula, incertamente, entre vocábulos diversos, sem o sentido rigoroso do seu significado inicial. Pela nossa parte, não pretendemos fixar nem tornar rígido o que ele deixou na indecisão poética de tantas coisas humanas.

Efectivamente, André Dias, depois de nos ter falado das suas laudas ou laudes, cantigas e orações, chama-lhes, mais abaixo, *trobas e ritymos* (fl. 1). Um pouco à frente, o velho bispo beneditino suplica que oiçam *estes meus cantares e canticas e laudes, hymnos, prosas e orações* (fl. 2). A seguir, pede-nos que cantemos *estes melodyosos cantares, hymnos, prosas e laudes, que aquy em este livro conpiley e escrevy aa honrra do boom Jhesu* (fl. 3). E no mesmo lugar, põe em relevo a finalidade musical destas páginas: *altas vozes, cantade, baylade, dançade, orade, tangede,* etc. E no entanto, várias composições deste livro antigo parecem-nos bem longe de serem escritas com esse fim. O bispo de Mégara, como qualquer escritor, atendia só ao geral

da sua obra, ao tom dominante das suas poesias escritas em pergaminho, numa letra gótica de quatrocentos.

Ainda assim, podemos verificar que André Dias, geralmente, não chama *laudas, laudes* ou loas, como diríamos hoje, às composições de tendência mística e de carácter estruturalmente deprecativo. Nestes casos, como veremos, à frente, põe, no título, esta expressão: *cantica de oraçom* ou *cantica de Jhesu e oraçom*. Por vezes, escreve, simplesmente: *cantiga do bom Jhesu*.

Chegamos, mesmo, a desorientar-nos, quando vemos uma ladainha de nomes para designar uma série de poesias de igual tendência e em torno do mesmo assunto, sem diferenças essenciais de estrutura nem de ideologia. Por exemplo: *Aquy se começam as orações, e prosas, e canticas, e devotas consolações, das festas do boom Jhesu* (fl. 28).

Que o leitor nos desculpe, por conseguinte, certa imprecisão da nossa linguagem ao referir-nos a estas páginas, no que toca à classificação de cada uma destas loas, cantigas e orações em verso. Nasceram, em grande parte, sob o signo da música, pois deviam-nas *todos os boons christaãos e devotos de Jhesu Christo, rezar e cantar e se conprir com orgoons e trombas, e com alaudes e outros estormentos, altas vozes e com todos plazeres, nas dictas festas* (fl. 28). Seria preciso conhecer essa música, com todos os seus movimentos e tonalidades. Ainda assim, procurámos *arrumar* estas páginas por assuntos, tanto mais que já André Dias as foi ajuntando um pouco desta maneira, e o fundo da poesia determinava, por si mesmo, uma forma apropriada. Assim sucede, por exemplo, nas loas dos santos, que constam quase sempre das mesmas partes e seguem o mesmo andamento, terminando de modo idêntico. sob a influência da liturgia.

Ainda para o estudo da estrutura destas páginas poéticas, temos de apontar, antes de mais nada, as influências que nelas se verificam, as suas raízes longínquas, a sua *hereditariedade* literária e religiosa.

Em primeiro lugar, nem tudo é original de André Dias, no sentido estrito da palavra. Ele mesmo nos confessa que as suas loas e cantigas foram *trasladadas de lynguagem felorentyno, em lynguagem portugaleso, en na çidade muyto froreçente de Florença* (fl. 1). E noutra parte, acrescenta que as compilara e escrevera: *que aquy em este livro conpiley e escrevy* (fl. 3). Verdade seja que também afirma que as compôs: *laudes, e hymnos e orações, escriptas, feytas, e conpostas per mym pobre bispo, meestre Andre Dias de Lixbõa* (fl. 3). E assim por diante, mas sem renegar a primeira afirmação. Numa palavra: o autor acentua, desde o princípio, a origem italiana de algumas destas loas e cantigas, embora outras muitas sejam, certamente, da sua lavra ou derivadas, sobretudo, da poesia religiosa e latina da Idade Média. Quanto à sua preferência pela palavra *laudas* ou *laudes* recorda, imediatamente, as *laude* e os *laudari* da Itália de quatrocentos.

No entanto, embora a origem italiana, como o sangue que se herda, fale sempre bem alto, nalgumas destas loas e cantigas, convém estudar como mestre André pôs uma delas em *lynguagem portugaleso*. Talvez que as *laude* italianas e os seus quadros rítmicos passem por uma profunda transformação, nas mãos de André Dias.

Recordemos *Le laude* de Jacopone da Todi. No século XVI, um português verteu-as para castelhano (1). Fr. Marcos de Lisboa leu-as com devoção e, nas suas *Chronicas da Ordem dos Frades Menores* (2), meteu um bom número dessas loas de Jacopone da Todi, postas em linguagem lusíada. Porém, no que toca a mestre André, só traduziu uma, refundindo-a e ampliando-a. Podemos tomar esta versão por tipo doutras do mesmo género, porque nela revela-se, vigorosamente, o feitio um pouco difuso e empolado do bispo de Mégara. Intitula-se essa laude, em italiano, *Del pianto de la Chiesa redutta a mal stato* (Do pranto da Igreja reduzida a mau estado). O bispo de Mégara

(1) *Cantos morales, spirituales y contemplativos, compuestos por el Beato F. Iacopone de Tode*, Lisboa, 1576.

(2) P. II, Lisboa, 1615, fls. 273-280.

não a traduziu por inteiro. Ainda assim, o seu *cantar* ficou mais extenso:

«DEL PIANTO DE LA CHIESA REDUTTA A MAL STATO.

Piange la Ecclesia, piange e
[dolura:
sente fortura di pessimo stato.
[.........................]

O' sono li patri pieni de fede?
nul è che curi per ella morire:
la tepedeza m'ha preso et occede,
el mio dolore non è corrottato.

O' son li profeti pien de spe-
[ranza?
nul è che curi en mia vedovanza:
presunzione presa ha baldanza,
tutto lo mondo po'lei s'è rizato.

«CANTAR QUE DIRAM OS DESENPARADOS, E EM ESTE MUNDO ATRIBULADOS, E SERAM PER JHESU LIVRADOS.

Planto muyto doorado,
faça todo o mundo coitado,
porque o veemos muyto afurtunado,
e posto em tribulaçom, e muyto maao estado.

Eeu mym [8], e honde som os prophetas
[plenos de sabedoria,
todo o mundo ora he cheo de mentira e de
[folia,
e nenguem nom quer ouvyr a verdade,
mays de boamente acha toda falsydade,
E engana a seu amygo com plazentearia,
por que seja atribulado.

E hu som os patriarchas, plenos de fe e
[de creença,
porque ja em todo o mundo, grandes e pe-
[quenos,
poserom e pooem toda sua vyda e femença,
de guaançar senhorios e requeza,
e de cobiiça e maleza,
todo o mundo he muyto fortemente maze-
[lado.

E hu som os apostolos, preegadores da
[verdade.
Ja hy nom ha nem huum atam ousado,
de a preegar e dizer,
mays assy huuns como os outros juntamente,
se trabalham de preegar e dizer muyto alta-
[mente,

(8) Quer dizer: *Ai de mim!*

O' son gli apostoli pien de fer-
[vore?
nul è che curi en lo mio dolore:
uscito m'è scontra el proprio
[amore,
e già non veggio ch'egl sia cons-
[tratato.

O' son gli martiri pien de for-
[teza?
non è chi curi en mia vedoveza:
uscita m'è scontra l'agevoleza,
el mio fervore si è anichilato.

O' son li prelati iusti e fer-
[venti,
che la lor vita sanava la gente?
uscit'è la pompa, grossura po-
[tente,
e sí nobel orden m'ha maculato.

mentiras e falssidades,
e assy enganam toda a gente,
e nom he achado soomente huum
que por o senhor Deus Jhesu se trabalhe
de fazer e obrar as obras de piedade,
em este mundo malfadado.

E hu som os martires plenos de fortaleza.
Ja os reys e prinçipes e frades
cheos som todos de muyto grande fraqueza
de exalçar e defender a sancta fe christãa,
e padeçer e morrer por ella e a averem de
[poer
em muyto alta e grande nobreza.
Ja o amor da sancta fe do senhor Deus Jhesu
todo he anychilado.

E hu som os confessores,
clerigos, religiosos e pastores,
que en no serviço de Deus Jhesu eram
[muyto ferventes
e per os seus boons exemplos e castigos
eram devotas todas as gentes,
de todo ora som muyto faleçentes,
e porem todo ho mundo he muyto atri-
[bulado.

E hu som os doutores plenos de sabedoria,
todos os vejo sayr de toda boa vyda,
e nom curam de sçiençia, nem de outra boa
[doutrina,
mays todos trabalham por averem ofiçios,
e honrras e benefiçios e muyta pecunya,
e pera ajuntarem em riqueza e muyto algo.

O' son gli dottori pien de pru-
[denza?
molti ne veggio saliti en scienza;
ma la lor vita non m'ha conve-
[nenza:
dato m'on calci ch'l cor m'ha
[corato.

O religiosi en temperamento,
grande de voi avea piacemento:
or vado cercando omne con-
[vento,
pochi ne trovo en cui sia con-
[solato.

O pace amara co m'hai sí
[afflitta!
mentre fui en pugna sí stetti
[dritta:
or lo riposo m'ha presa e scon-
[fitta,
el blando dracone sí m'ha ve-
[nenato.» (4)

E hu som as virgeens de alma e de voon-
[tade,
e hu som os casados que mantenham
a hordem do casamento com toda lealdade
e hu som as vyuvas e as freiras professas
que manteem aquella castidade
que per a sancta ley he estabeleçido e man-
[dado.

E hu som os relegiosos e hyrmitãaes,
que vyvam em grande tenperamento (5).

Ja todos som lançados
em muy grande perdimento
priores e abades e monges
com todo seu convento,
todos de ssy dam maao exemplo,
e fazem a todos grande escandalo,
a todos muyto pubricado.

Oo amara e triste paz e folgança,
tu lançaste todo o mundo em muyto grande
[perdiçom,
por que em quanto durou o trabalho da
[egreja e da terra,
e se fazia por a fe [de] Christo guerra,
esteve todo o mundo, em muyto grande
[devaçom,
e agora no muyto grande asessego,
o diabo tem o poboo de Christo
em seu poder muyto sojugado.» (fls. 19 v.-
[-20 v.)

Como é que esta quase prosa merece o nome de *cantar* e como poderia ela ser posta em música não o vemos claramente. Se a cantavam, talvez fosse no modo libérrimo da salmodia dos monges ou

(4) Jacopone da Todi, *Le Laude*, Bari, 1930, pp. 119-120.
(5) Italianismo derivado de J. da Todi: *O religiosi en temperamento*, isto é, que vivem com temperança, observantes.

coisa semelhante. Não julguemos, porém, que todo o livro de André Dias reza sempre desta sorte e que as suas páginas ondulam, uma após outra, ao sabor deste ritmo um pouco duro, a meio caminho entre o verso e a prosa. Veremos isso depois. Neste momento, queremos vincar isto: as versões de mestre André Dias desprendem-se do original, ganham o valor duma criação poética que nos lembra, aqui e ali, os nossos versos *modernistas*. Os versos italianos, neste caso, serviram de ponto de apoio para levantar voo e o bispo de Mégara faz-nos pensar num compositor que lança mão dum motivo musical agradável para, em seguida, desdobrar, na ondulação rítmica, uma harmonia que é sua, sem deixar de conter, dentro de si, a antiga canção.

Não sòmente inverte a ordem des estrofes da *lauda* italiana mas chega a transformar algumas dessas estrofes numa simples sugestão poética, um ponto de partida. Por exemplo: Jacopone da Todi escreveu esta quadra:

> «Ó religiosos observantes,
> grande prazer eu tinha em vós;
> agora, percorro todos os conventos,
> poucos encontro em que eu seja consolado!»

E André Dias verteu, no seu *cantar*:

> «E aonde estão as virgens de alma e de vontade,
> e aonde estão os casados que mantenham
> a ordem do casamento com toda lealdade,
> e aonde estão as viúvas e as freiras professas
> que mantêm aquela castidade
> que por a santa lei é estabelecido (6) e mandado?
> E aonde estão os religiosos e eremitães,
> que vivem em grande temperança?
> Já todos são lançados

(6) *Estabelecido e mandado*, no masculino, não concordam, gramaticalmente, com *castidade*, A expressão quer dizer: mantêm aquela castidade conforme o que, por a santa lei, é estabelecido o mandado.

em grande perdimento,
priores e abades e monges,
com todo seu convento,
todos de si dão meu exemplo
e fazem a todos grande escândalo,
a todos muito publicado! »

Mesmo quando se não liberta tanto da *lauda* toscana, podemos afirmar que Mestre André, mais de que trasladar para *lynguagem portugaleso,* reagia *portugalêsmente,* se nos permitem o advérbio, e criava, sobre o mesmo tema musical e ideológico, uma poesia nova em novo e rude estilo.

Ainda assim, as loas italianas, cantadas nas confrarias medievais de Florença e outras cidades, constituíam um género poético que devia exercer, fatalmente, influência profunda no sentimento lírico do bispo de Mégara. O monge beneditino teve, nas mãos, muitos destes cancioneiros religiosos de *laude* e deles compilou e traduziu várias loas e cantigas.

Além disso, as *laude,* de assunto religioso e carácter popular, constituem um género tìpicamente italiano, na Idade Média, com um vasto florescimento, a partir da segunda metade do século XIII. Sem negar terem elas um certo equivalente nas *Cantigas de S. Maria* e outras composições análogas da Península Ibérica, notamos, contudo, que as *laude* cantadas na Itália não coincidiam bem com as cantigas de Afonso, o Sábio, nem com os *Loores de Nuestra Señora,* por Gonçalo de Berceo, ou o *Duelo de la Virgen María,* do mesmo autor.

Por isso gostaríamos de chamar, de vez em quando, *laudário* ou *livro de laudes* à colecção poética de Mestre André Dias, para acentuarmos a sua inspiração nas *laude* italianas. *Laudário* seria uma colecção de *laudas* ou *laudes,* como antifonário é uma obra em que estão as antífonas, etc. Noutros casos, chamar-lhe-emos *Livro das laudes e cantigas,* pois nos parece o título mais exacto, em português

de hoje. E gostamos tanto mais da palavra *laudes* quanto é certo trazer ela, em si mesma, o cunho litúrgico da sua origem.

As *laudas* ou *laudes* (7) italianas derivam, segundo parece mais certo, das *sequências* e *prosas* litúrgicas, que o povo cantava, antigamente, nas igrejas, em louvor de Deus, da Virgem e dos Santos. Como, hoje em dia, se cantam versos em português ao lado de cânticos em latim, nas cerimónias religiosas, assim também, foram nascendo, dentro dos templos, composições poéticas em língua vulgar, moldadas e inspiradas na poesia litúrgica latina e ao lado dela.

Na primeira metade do século XIII, era grande o fervor religioso, na Itália. Este movimento espiritual revestia-se, também, duma forma lírica. Nas ruas e praças, cantava-se já, por exemplo, uma *laude* muita curta, à honra da SS. Trindade e da Virgem Maria, composta por um frade da Úmbria. A corrente entusiástica dos flagelantes, nem sempre contida dentro da ortodoxia, espalhou até ao excesso o hábito de caminhar em grandes procissões de povo, sob a cadência de cânticos religiosos e flagelações sangrentas.

Depois, constituíram-se confrarias de penitentes, em que as *laudes* desempenhavam um papel exortativo de primeira classe, com os seus apelos à penitência, as narrativas da Paixão de Cristo, louvores dos Santos e *prantos* de Nossa Senhora.

Este carácter lírico-narrativo foi evolucionando e chegou a assumir a forma dramática dum diálogo teatral, com personagens do Velho e do Novo Testamento — sobretudo, Nosso Senhor, a SS. Virgem, S. Maria Madalena e S. João Evangelista. Veremos um pouquinho disto, no livro das laudes e cantigas, de Mestre André.

As *laudas*, depois, reuniram-se em colecções mais ou menos ricas e cada confraria tinha um destes cancioneiros poético-musicais, como também sucedeu, entre nós, à confraria de S. Domingos de Lisboa, em louvor do Nome de Jesus. Na Itália, estes livros chama-

(7) Preferimos *laudes*, também em uso nas páginas de mestre André, por ser um termo mais claro que *laudas* e menos *arcaico*.

vam-se *libri di laode* ou *laudari*, com poesias de outores conhecidos e outras muitas de poetas anónimos. Muitos destes *laudários* estão ainda por publicar e outros já foram impressos ([8]). Além de frei Jacopone de Todi, podíamos evocar, aqui, uma litania de nomes italianos, como Leonardo Giustiniani, Feo Belcari, Francesco d'Albizzo, Pierozzo Castellano de Castellani, Lucrezia Tornabuoni, Savonarola, etc.

Foi nesta corrente literária e religiosa que se integrou Mestre André Dias e é, dentro dela, que temos de *explicar* muitas das suas loas e cantigas.

Fora e à margem da corrente italiana, nota-se uma vigorosa presença das modulações litúrgicas e da poesia rítmica latina, liberta dos moldes clássicos. É uma presença que nem sempre conseguimos definir mas que se trai, vigorosamente, aqui e além. Os homens daquele tempo, como a gente culta de hoje em dia, sabiam sentir a intensidade poética de certas prosas e sequências, no género do *Dies irae, dies illa* ou do *Stabat Mater dolorosa* — a maior elegia do Cristianismo, na frase de Menéndez y Pelayo. Tinham nos ouvidos o ritmo do *Lauda Sion* e os versos que eles faziam, depois, foram embalados pelas mesmas modulações antigas. E chegava a existir uma tal identidade musical e psicológica entre o latim medieval e as línguas que dele nasceram que, na mesma poesia, saltavam duma língua para a outra, como se não estranhassem o ritmo dos versos rimados em dois idiomas.

Ao longo das páginas que formos escrevendo, iremos pondo em relevo a presença desta poesia religiosa em latim rítmico, nalgumas laudes e cantigas de Mestre André Dias. Como tipo mais nítido desta influência, queremos, desde já, relevar um caso: o paralelismo

---

([8]) G. Ippoliti, *Dalle sequenze alle laudi*, Ósimo, 1914; E. Monaci, *Rivista di filol. romanza*, I, p. 235; II, p. 25; G. Galli, *Laudi inedite dei Disciplinati umbri*, Bérgamo, 1910; E. Staaf, *Le Laudario de Pisa du ms. 8521 de la Bibliothèque de l'Arsenal de Paris*, Upsala, 1931; C. Guasti, *I cantici spirituali del B. Ugo Panziera*, Prato, 1861; *Laude spirituali di Feo Belcari, di Lorenzo de' Medici, di Francesco d'Albizo, di Castellano de' Castellani e d'altri*, Florença, 1863; G. Savonarola, *Poesie*, Turim, 1927; G. Liuzzi, *La Lauda e i primordi della melodia italiana*, Roma, 1934; etc., etc.

entre o hino do nome de Jesus, de que se reza uma parte no dia da sua festa ([9]) e a CANTICA OU PROSA OU LAUDA E ORAÇOM MUYTO DEVOTA DE JHESU, TODA CONTEMPLATYVA.

«JUBILUS RHYTHMICUS, DE NOMINE JESU.

Jesu, dulcis memoria,
Dans vera cordi gaudia;
Sed super mel et omnia,
Ejus dulcis praesentia.

Nihil canitur suavius,
Nihil auditur jucundius,
Nihil cogitatur dulcius
Quam Jesus Dei Filius.

Jesus spes poenitentibus,
Quam pius est petentibus!
Quam bonus te quaerentibus!
Sed quid invenientibus!

«CANTIGA OU PROSA OU LAUDA E ORAÇOM MUYTO DEVOTA DE JHESU, TODA CONTEMPLATYVA.

Oo dolçe do meu Jhesu renembrança ([10]),
que da ao coraçom muyta alegrança,
e mays que todo mel es deleytoso,
mays que todo açucar es muyto dolce
e mays saboroso.

Non sse canta cantar tam melodioso,
nem se ouve verbo tanto alegroso,
nem se penssa alguum cuydo ([11]) tam dulçi-
[ficado,
como quando he nomeado,
o nome de Jhesu
filho de Deus Padre muyto honrrado.

Oo Jhesu tu es firme asperança,
de todas as persoas ([12]) que querem fazer
[peendença ([13]),
e muyto es piedoso aos que te pedem per-
[doança,
por que te acham por seu salvador
em toda sua tribulança.

([9]) Esta poesia completa, com variantes diferentes dos hinos do *Ofício do Nome de Jesus*, encontra-se, por exemplo, na *PL*, T. CLXXXIV, cols. 1317-1320.

([10]) recordação, lembrança.

([11]) cuidado, pensamento.

([12]) *persoa* é a forma arcaica de *pessoa*. Cf. Aug. Magne, *A Demanda do Santo Graal*, T. III, Rio de Janeiro, 1944, pp. 304-305.

([13]) penitência.

Jesus dulcedo cordium!
Fons vivus, lumen mentium,
Excedens omne gaudium,
Et omne desiderium.

Nec lingua valet dicere,
Nec littera exprimere:
Expertus potest credere,
Quid sit Jesum diligere.

Jesum quaeram in lectulo,
Clauso cordis cubiculo:
Privatim et in publico
Quaeram amore sedulo.

Cum Maria diluculo
Jesum quaeram in tumulo,
clamore cordis querulo,
mente quaeram, non oculo.

Tumbam perfundam fletibus,
Locum replens gemitibus;
Jesu provolvar pedibus,
Strictis haerens amplexibus.

Jhesu he grande dolçura dos corações,
e fonte de verdadeiro lume das entenções,
e quanto he do coraçom mays pensamento,
tanto da mays seu desejo e namoramento;
e a lingua nom o pode dizer,
nem em leytura escrever,
que cousa he de amar a Jhesu
e lhe bem querer.

A Jhesu buscarey dormyndo em meu [leyto,
a Jhesu buscarey quando me levanto e [quando me deyto,
a Jhesu teerey em meu coraçom ençarrado,
a Jhesu buscarey quando for em publyco [e em apartado,
a Jhesu buscarey per grande amor conti- [nuado.

A Jhesu buscarey com a Magdalena, en [no moymento novo,
a Jhesu buscarei com braados de mym que- [reloso
e com a mynha alma o buscarey e nom com [o meu olho,
buscaloey com muyto planto e choro
e as mynhas lagrimas espargerey
sobre o seu muyto sancto sepulchro.

O seu moymento (14) encherey de gemy- [dos e saluços
e aos pees do boom Jhesu me lançarey de [bruços,
e com os meus braços styradamente o abra- [çarey,

(14) sepulcro.

Jesu rex admirabilis:
Et triumphator nobilis,
Dulcedo ineffabilis,
Totus desiderabilis.

porque he meu boom Jhesu e maravylhoso
[rey,
dulçura e sabor muyto deleytoso,
muyto noble e vyturioso
e de todos muyto desejoso.

Mane nobiscum, Domine,
Et nos illustra lumine,
Pulsa mentis caligine,
Mundum replens dulcedine.
[..........................]
Amor Jesu dulcissimus
Et vere suavissimus,
Plus milies gratissimus,
Quam dicere sufficimus.
[..........................]

Fica com nosco senhor muyto graçioso,
fica com nosco peregryno muyto amoroso,
lança senhor da noyte a escurydom
e enche o mundo de alumeaçom,
Jhesu amor muyto dolçissymo,
Jhesu amor deleytosissymo,
Jhesu myl vezes muyto graçiosissymo,
mays que o dizer pode coraçom devotys-
[symo.

Jesum omnes agnoscite,
Amorem ejus poscite;
Jesum ardenter quaerite,
Quaerendo inardescite.
[..........................]

Vos outros que o provastes, a Jhesu re-
[conhoçede,
e do seu amor vos fartade,
e em elle vos manteede,
o boom Jhesu com grande fervor buscade
e buscandoo todos em fogo do seu amor
[ardede,
porque Jhesu he arvor de toda vyda
e fonte de asperança e de alegria
e deleytaçom de todo coraçom muyto in-
[fiinda (15).

Cum digne loqui nequeam
De te, tamen non sileam:

E se de ty falar nom posso verdadeira-
[mente,
pero oo boom Jhesu de ty nom calarey tam
[negligentemente
porque o teu amor me faz que por ty
[arça (16) toda vya (17)

---

(15) infinda, infinita.
(16) arda.
(17) *toda vya*, isto é, sempre.

Amor facit ut audeam,
Cum de te solum gaudeam.

e de ty soomente tome plazer e alegrya
e que em ty e per ty se mantenha mynha
[vyda
pecador e pobre e muyto famiinta.

Tua, Jesu, dilectio,
Grata mentis refectio,
Replens sine fastidio,
dans famem desiderio.

O meu Jhesu he amor grande e bem que-
[rença
e da mynha alma muyto grande manteença,
o qual me farta sem fastio
e da sempre fame [18] ao meu sospiro
e quanto mays delle gosto tanto delle ey
[mays desejo
e quanto mays delle bevo tanto mays avor-
[reço
toda cousa que no mundo vejo.

Qui te gustant esuriunt;
Qui bibunt, adhuc sitiunt:
Desiderare nesciunt
Nisi Jesum, quem diligunt.

Senhor Jhesu aquelles que te gostam sem-
[pre de ty am [19] fame,
e aquelles que de ty bevem senpre de ty
[ham sede,
porque senhor Jhesu nom sabem outrem
[senom a ty
a que todo bem querem;

Quem tuus amor ebriat,
Novit quid Jesus sapiat:
Quam felix est, quem satiat!
Non est ultra quod cupiat.

e aquelle que do teu amor he enbeve-
[dentado [20],
sabe como tu es saboroso e dolçeficado,
oo gosto bem aventurado,
que assy fartas e sempre es desejado.

Jesu, decus angelicum,
In aure dulce canticum,
In ore mel mirificum,
In corde nectar coelicum.

Oo Jhesu honrra angelical,
oo en nas mynhas orelhas dolçe cantar
e en na mynha boca favoo de mel muyto
[deleytoso
e en no meu coraçom vynho pugmento [21]
[muy maravylhoso,

---

(18) fome.
(19) hão, têm.
(20) embebedado.
(21) No códice vem claramente assim.

Desidero te millies,
Mi Jesu; quando venies?
Me laetum quando facies?
Me de te quando saties?

myl vegadas ([22]) te desejo quando viiras a
[mym,
oo Jhesu misericordioso,
e quando viiras tu a mym manso e graçioso.

Amor tuus continuus
Mihi languor assiduus,
Mihi fructus mellifluus
Est et vitae perpetuus.

E quando viiras a mym com plazer e ale-
[grya
e quando me fartarey de ty oo Jhesu mynha
[vyda,
o teu amor de cada dya
me da fraqueza e enfermydade contynua,
ca tu boom Jhesu me confortas assy como
[mel doçe
e tu me manteens e me das vyda por sempre.

Jesu, summa benignitas,
Mira cordis jocunditas,
Incomprehensa bonitas,
Tua me stringat charitas.

Jhesu he a mym muyto grande myseri-
[cordya e benignydade,
Jhesu he a mym muyta alegria e maravy-
[lhossa piedade,
senhor Jhesu a tua incompreensybilidade
me aperta e restrynge com grande caridade
e todo me aprysoa com cadeas de grande
[amyzade.

Bonum mihi diligere
Jesum, nil ultra quaerere.
Mihi prorsus deficere,
Ut illi queam vivere.

Boa cousa he a mym senhor Jhesu de te
[amar,
boa cousa he a mym senhor Jhesu senom
[a ty nom buscar,
boa cousa he a mym de todo desfaleçer,
por tal que sempre possa com o meu senhor
[Jhesu vyver,
bõa cousa he a mym sempre seer pobre,
porque quanto o meu senhor Jhesu seja doce
todavya eu o prove.

---

(22) vezes.

O Jesu mi dulcissime,
Spes suspirantis animae,
Te quaerunt piae lacrymae,
Te clamor mentis intimae.

Oo meu Jhesu caridade dolçissyma
e da suspirante alma asperança unyca,
en ty esguardam (23) as piedosas lagrimas
e os sospiros da mynha alma,
a ty envyo meus sospyros das mynhas en-
[tradanhas (24)
e agora senhor porque me nom ouves
ou porque contra mym atam (25) muyto te
[assanhas.

Quocumque loco fuero,
Mecum Jesum desidero:
Quam laetus,cum invenero!
Quam felix, cum tenuero!

Em qualquer logar oo boom Jhesu en
[que eu for,
posto que contra mym te assanhes,
eu me apresentarey ante ty meu senhor
e sem medo e sem vergonça eu te pedirey
[merçee,
porque a todo o mundo a fazes e a das
a mouros e judeus e toda pagãa gente
e de todos te amerçeas cada dya e sempre
e muyto temporalmente.

Tunc amplexus, tunc oscula,
Quae vincunt mellis pocula,
Tunc felix Christi copula;
Sed in his parva morula.»

Oo quanto ledo seerey se te achar meu
[salvador,
oo quanto bem aventurado vyvyrey boom
[Jhesu
se ante ty sanhudo ou mansso presente for,
em aquella ora com os meus braços forte-
[mente te abraçarey
e os teus sanctos pees e maãos contynuada-
[mente beyjarey
e a ty sempre por merçee braadarey.» (fls.
[6 v.-8)

---

(23) olham, reparam.
(24) entranhas.
(25) tão.

Trata-se, como se vê, duma tradução substancial do famoso *Jubilus rythmicus*, também chamado *Jesus dulcis memoria* e *Meditatio cujusdam virginis de nomine Jesu* ([26]). Ainda assim, o bispo de Mégara nem sempre se mantém fiel aos versos desta poesia latina — obra prima que correu mundo sob o signo de S. Bernardo, embora ele nunca a tivesse escrito. Consoante o seu costume de inspiração quase tão livre como a sua metrificação, André Dias introduz elementos alheios à poesia latina e algumas estrofes finais abandonam, de vez em quando, o *Jubilus rythmicus*:

«Ouvyde ouvyde creaturas do alto e do profundo,
todas vos inclynade ao boom senhor Deus Jhesu
o qual he emperador de todo o mundo
e nom tomedes plazer alegramente jocundo,
senom en no meu Jhesu que eu atanto preço
que outra cousa nom desejo,
senom a el em este assejo ([27]).

E sabede namorados
que ja eu tenho o meu Jhesu o qual eu muyto amey
e sabede beandantes ([28]) e apresados
que o vosso salvador eu ho achey
e porem viinde todos com mygo pera o amar
e de dentro e de fora ho adorar
e em seu amor arder
e nunca delle enfraqueçer,
mays ([29]) por sempre ho ajamos de honrrar.

([26]) Para o estudo do *Jesus dulcis memoria*, cf. a bibliografia apontada por J. de Ghellinck, S. J., *L'essor de la littérature latine au XII siècle*, ed. cit., T. II, p. 288, nota.

([27]) ensejo.

([28]) viandantes.

([29]) mas.

O seu amor arde dolçemente
e todavya se faz mays e mays maravylhosamente
e deleyta bem aventuradamente
e quanto o mays gostares tanto mays te conforta saborosamente
e deste meu Jhesu eu soom muyto namorado tam soomente,
porque per elle eu vyvo
e esse governa e mantem toda a gente.

Este amor do çeeo me era envyado
e tanto he en na mynha alma Jhesu entrado
que todo meu sentydo arde em elle como em fogo e he queymado,
e todo meu coraçom em elle pensa muyto deleytado
e o meu espirito com elle dorme e vygia
e per elle he avyventado.» (fls. 8-8 v.)

A terceira destas estrofes inspira-se, ainda, no *Jubilus rythmicus*. Quanto à quarta estância, não passa de uma versão libérrima destes versos latinos:

«Hic amor missus coelitus
Haeret mihi medullitus,
Mentem incendit penitus
Hoc delectatur spiritus.»

Porém, as duas primeiras estrofes pertencem a Mestre André, mesmo quanto ao conteúdo, sucedendo coisa semelhante com inúmeros versos da tradução já transcrita. O seu estro lembra-nos uma ave que poisa para tomar balanço e erguer voo... e poisar outra vez. Traduzia à letra, parafraseava, desprendia-se do texto, introduzia elementos novos, tornava a verter literalmente e assim por diante. Tomemos, para exemplo, uma quadra em latim rítmico, já transcrita por nós, ponhamo-la em português e comparemos:

«Em qualquer lugar onde eu estiver,
desejo ter Jesus comigo:
Como ficarei alegre, quando o encontrar!
E que felicidade, quando o agarrar!»

Pois em lugar destes quatro versos, Mestre André Dias escreveu, longamente, duas estrofes que nós *traduzimos,* permitam-nos o termo, para português do século XX:

«Em qualquer lugar, ó bom Jesus, em que eu for,
posto que contra mim te assanhes,
eu me apresentarei ante ti, meu senhor,
e sem medo e sem vergonha eu te pedirei mercê,
porque a todo o mundo a fazes e a dás,
a mouros e judeus e toda a pagã gente
e de todos te amerceias, cada dia e sempre
e muito temporalmente ([80]).

Ó quão ledo serei, se te achar, meu salvador,
ó quão bem-aventurado viverei, bom Jesus,
se ante ti, sanhudo ou manso, presente eu for;
em aquela hora, com os meus braços fortemente te abraçarei
e os teus santos pés e mãos continuadamente beijarei
e a ti sempre por mercê bradarei.» (fl. 8)

O restante desta poesia de Mestre André segue pelo mesmo estilo, como um compositor musical que sobre uma canção popular levanta os ritmos mais largos duma sinfonia pessoal, de que a cançãozinha primitiva contiua a ser a alma:

«Ó ardor tão valente do meu Jesus [exclama ele], ó fogo de grande amor tão ardente, ó *queymaçom* tão omnipotente, que arde e queima e quanto mais queima tanto mais conforta, e deleita e a minha alma resfria e tanto lhe presta que as cousas deste mundo não ama, nem com elas quer fazer festa!

E quando o bom Jesus assim é amado, tal amor nunca mais será apagado, nem morre, nem falece, nem se esfria, nem mais perece, antes sempre se acende e muito mais cresce e é contínuo no bom Jesus, com a contemplação do seu amor.

O meu bom Jesus,assim como é flor da Virgem Pura, assim também é amor de toda a doçura. Por isso, Senhor, seja-te dado louvor e alteza, reino

---

([80]) Isto é, muito a tempo.

e império e bem-aventurança grande! Seja-te dada honra, glória e bondade infinda.

Ó Jesus, mais resplandecente do que o sol e mais bem-cheirante do que o bálsamo, tu és mais doce que toda a doçura, tu és mais pedido e suplicado que todas as criaturas. A ti peço, a ti imploro que, na hora da minha morte, eu morra firme no teu amor.

O teu amor, Jesus, é que me sustém, o teu amor me mantém, por ti é abastada a minha alma e sem falta do mundo. Tu, Senhor, me dás vida, tu és a minha deleitação e a minha esperança e perfeição, tu és a minha glória, a minha salvação e remissão.

Ó meu muito amado Jesus, dador da tua glória, torna, agora, para mim, senhor, com a tua grande misericórdia e vence o meu inimigo, fortemente, tu que reinas no céu, poderosamente, tira de mim, senhor, os maus pensamentos e dá-me, sempre, contínuas lembranças do teu santo nome, Jesus!

Seguir-te-ei, ó bom Jesus, por onde quer que tu, senhor, andares; e não me impedirás de te seguir e amar e louvar com todo o meu coração. Abri, abri as vossas portas, cidadãos do céu glorioso! E lá entrarei a buscar o meu rei, o bom Jesus, sempre muito e grandemente vitorioso.

E entrei no céu muito lumioso e achei o meu Deus, Jesus, com grande glória, muito poderoso. Adorei-o e saudei-o com toda a minha alma devotíssima, dizendo: Que Deus Padre te salve e exalte, rei das virtudes e rei da glória, rei maravilhoso e dador da graça!

Ó rei da muito extremada vitória, a ti dou e ofereço muitas santas graças; a ti seja, para sempre muitas vezes (*vegadas*) bênção e claridade, sabedoria e piedade, honra e fortaleza, misericórdia e verdade, glória e poderio, franqueza e toda benignidade.

Ó Jesus, honra da Corte Celestial muito alta, todos os santos juntos te exaltam e te adoram, com grande reverência. Toda ela em ti e por ti se alegra e altas vozes canta: santo, santo, santo, Deus santo, forte e sem nenhuma morte, dá-nos, no teu reino, prazer e vida perpétua.

Senhor Deus Jesus, dá-nos salvamento, amostra-nos a tua face, com grande alegramento, outorga-nos, na tua glória, notícia de todas as tuas criaturas e conhecimento e ciência e saber e, para sempre, deleitamento e que de outra coisa não hajamos, senão de ti, todo o sentimento.

E acompanhei, no céu, ao meu senhor, Jesus santo, e andei com ele por entre os santos, sem nenhum medo e sem espanto e o *meu coraçom de mym traspassou e aos segredos de Deus se alevantou,* logo que no reino celestial entrou. E *muytas maravylhas em elle vyo e esguardou.*»

Por fim, esta poesia, que nós vertemos para prosa, termina desta maneira:

«Ora bõa gente ao boom senhor Jhesu honrremos,
e com prezes e louvores o roguemos
que nos tome em sua conpanhya
e nos defenda en esta presente vyda
e que nossa vyda acabemos
em verdadeira peendença
e que na gloria do parayso sejamos bemaventurados
e com todos os sanctos maravylhosamente [31] alogados.» (fl. 9 v.)

Este estudo comparativo pode levar-nos a pensar que Mestre André não traduzia do latim, propositadamente, mas deixava-se embalar pelos versos litúrgicos que ele sabia de cor e, boamente, ia-os pondo em português ao mesmo tempo que o seu estro criava, de raiz, algumas estrofes exclusivamente suas. Porém, os seus versos ressentiam-se de estrutura e ritmo dos hinos litúrgicos que *marcavam o andamento*, se nos permitem a expressão, e eram para ele uma fonte de sugestões emotivas e religiosas. Precisamos, por conseguinte, de ter em conta os quadros rítmicos e emocionais desta literatura piedosa e litúrgica em que algumas das suas cantigas se enquadravam. Finalmente, ao tratarmos das *laudes* dos santos, não esqueceremos a presença das orações litúrgicas latinas dos *Livros de Horas*.

Estas e outras influências iremos pondo em relevo no decurso do nosso estudo. Não vale a pena sobrecarregar o leitor com uma acumulação de factos a provar este ou outro ponto da nossa análise. Como diz um provérbio alemão, poderia ser que a árvore não deixasse ver a floresta. Boamente, tudo se irá explicando por partes e devagar.

Os versos de André Dias pertencem, também, à sua época, nas qualidades e nos defeitos. Nem sempre é possível destrinçar,

---

(31) *alogados*, isto é, alojados, postos, colocados.

claramente, o cruzamento das mil e uma influências ideológicas e estéticas, adentro da sua obra.

Percorre toda a escala, desde a prosa mais ou menos rimada até aos versos musicais e de linha melodiosa bem definida. Molesta-nos, aqui e além, com a mesma rima, a martelar nos ouvidos a mesma eterna pancada. Noutros lugares, é mais variado e ágil. O mesmo sucedia aos poetas medievais, de todos os países. Afonso, o Sábio, numa *petiçom que fezo el Rey a Santa Maria* mostra-nos estrofes com dez versos monorrimos ([82]) e as *Rims* de Raimundo Lúlio também contêm pesadas páginas deste género. Basta ler o *Plant de la Verge* e o *Desconort* ([83]) em que uma só rima bate a mesma pancada, doze vezes, em cada estrofe. Na poesia inglesa do século XIV davam-se fenómenos semelhantes ([84]), assim como na poesia latina medieval, dos hinos e sequências.

Não estranhemos, pois, a repetição quase dolorosa da mesma terminação, em cada verso, numa monotonia que chega a ser irritante. Nas fols. 44-45 do *Livro das laudes e cantigas,* de Mestre André, lê-se, por exemplo, uma CANTICA DE ORAÇOM DE JHESU cujas rimas quase todas terminam em *or*. E noutros lugares poderíamos notar o mesmo.

No entanto, esta inclinação geral para a repetição rímica era um mal quase endémico, chegando a influenciar certas páginas em prosa protuguesa de quatrocentos. Num livro de orações, da segunda metade do século XV, ainda inédito, lemos esta oração a S. Maria Madalena:

«O boo Jhesu sperança dos penitentes que a Madalena pecatriz que aos teos pees chorou e com lagrimas lavou e alimpou com seos cabellos e beijou com sua boca...» ([85])

([82]) *Cantigas de Santa Maria,* ed. de Rodrigues Lapa, Lisboa, 1933, pp. 83-87.
([83]) *Rims,* T. I, Malhorca, 1936, pp. 199-254.
([84]) *RLXIV,* pp. 29-31, na poesia intitulada: *An Orison of the Five Joys.*
([85]) Biblioteca Nacional de Lisboa, ms. 5818, do *Fundo Geral,* por paginar. Deve ser de 1461, mais ou menos, segundo uma data que lá vem.

Não nos admiremos, então, de André Dias se ressentir deste defeito.

Além disso, as suas loas destinavam-se a ser cantadas. Ora, nós sabemos que a música dá uma leveza enorme a tudo em que toca. Finalmente, o *Livro das laudes e cantigas* não foi escrito para ser lido dum fôlego mas, sim, distribuído pelo círculo litúrgico do ano e conforme as necessidades pessoais de cada confrade. Assim, iam-se escutando estas páginas, boamente, sem pressas nem cansaço. Eram mais *ritmos* do que versos de rigor métrico.

O bispo de Mégara enraíza, igualmente, no seu tempo e na poesia litúrgica, mediante o gosto do refrém ou coisa semelhante. Por vezes, lembra-nos, quase, os responsórios, com a repetição duma pequenina frase, ao modo desta *lauda e cantica* que, informa André Dias, *aplaz muyto aa virgem Maria*:

«Benedicta sejas tu madre de Deus vyvente,
oo gloriosa domyna.
Beenta sejas tu madre do senhor regente,
porque tu pariste o preço da humanal gente.
O glorioso domyna.
Beenta sejas tu estrella matutina,
oo gloriosa dona (36),
que portaste a nossa luz divina.
Oo gloriosa domina.
Beenta sejas tu madre de Jhesu Christo,
oo gloriosa dona,
que potaste o nosso senhor Deus muyto dulçissimo,
Oo gloriosa domina.
Benedicta sejas tu sobre toda creatura,
o gloriosa dona,
que portaste a infiinda de Deus altura,
O gloriosa domina.» (fl. 38 v.)

(36) senhora.

E a poesia lá vai seguindo com o sabor litúrgico de um versículo que se repete, cìclicamente ao modo duma ideia que volta no fim de cada frase ou período.

Esta espécie de refrém surge a cada passo nas literaturas medievais e podemos encontrá-lo em *An Orison of the Five Joys*, da primeira metade do século XIV, cujas estrofes inglesas terminam sempre pelas primeiras palavras da *Ave-Maria*, em latim ([37]). Trata-se dum estribilho de origem litúrgica ou, pelo menos, duma atitude ou processo literário determinado pela liturgia. Para exemplo, basta-nos transcrever as primeiras passagens dum opúsculo composto ou, pelo menos, traduzido por frei João Claro († c. 1520). Intitula-se ele *Preparação de um peccador para o Sacramento da Penitencia segundo as Horas Canonicas*:

«*Louvemos ergo todos ao Senhor, que he perdoança dos peccadores, e gualardam dos justos.*

E vós, poderes da alma, e sentidos do meu corpo, viinde com dereyta entençom e sancto desejo, e confessemo-nos ao Senhor, e como fostes ajuda e parceiros em meus erros, assi seede quinhoeiros em minha tribulada confissom; e pera o podermos fazer:

Louvemos ao senhor, que he perdoança dos peccadores e galardom dos justos, que nos ajude, porque elle he Deos piedoso, e rey de grande misericordia, que nom despreza a confissom por multidom de peccados, e o coraçom tribulado recebe dele merce e perdom, *perque he perdoança dos peccadores e gualardom dos justos.*

Todalas creaturas elle formou, e non se asconde cousa aa sua sabedoria, por ende choremos ante elle, e confessemos os peccados, que en sua presença fezemos, e entom

Louvemos ao Senhor, que he perdoança dos pecadores e gualardam dos justos.

Ó quantas vezes os seos amoestamentos soaram em minhas orelhas, e eu endurentey o meu coraçom, per que encorri em graves temptaçoens aa minha alma muyto dampnosas! A elle ergo nos tornemos, *que he perdoança dos pecadores, e gualardam dos justos,* porque sempre ho achey chegado

---

([37]) *RLXIV*, pp. 29-31.

em minhas tribulaçoens, mostrando-me os erros, porque as padecia, e eu nom obedecendo a seos castigos, cay em sua ira per meos merecimentos, dos quaes emendado,

Louvemos ao Senhor, que he perdoança dos pecadores, e guarlardã dos justos.» [88]

Ora, estes esquemas rítmicos passaram um pouco para a poesia em vulgar, embora não queiramos exagerar a influência da literatura litúrgica, visto o refrém nascer, por instinto, da própria intensidade lírica, em que uma ideia-sentimento se apodera do poeta e domina todas as suas estrofes.

Ainda assim, não é temeràriamente que afirmamos o parentesco deste processo poético com a liturgia. O mesmo podemos verificar numa cantiga *de loor de Santa Maria,* de Afonso X, próxima parenta da de André Dias:

«Se vós trobar sabedes,
a por que Deus avedes
porque a non loades?

A Senhor que dá vida
et é de ben comprida
porque a non loades?

A que nunca nos mente
et nossa coita sente
porque a non loades?» [89]

Este predomínio musical do refrém, nalgumas páginas do *Livro das laudes e cantigas,* de Mestre André, traduz-se de formas diversas. Umas vezes é uma invocação que nos lembra o povo ao responder, nas ladainhas, *miserere nobis* (tende piedade de nós). Deste género vamos copiar algumas estrofes duma *oraçom* à Virgem Maria. Ter-

---

([88]) *Inéd. Alc.,* T. I, pp. 173-174. O sublinhado é nosso.
([89]) Rodrigues Lapa, *Cantigas de anta Maria,* Lisboa, 1933, p. 58.

minam todas ao sobredito modo de litania: *havei, agora, Senhora, de mim mercê!*

«Oo virgem muy sancta,
por o teu muyto grande poder,
ave ora de mym merçee (40).

Oo virgem cortes puella,
madre de Deus e donzella,
que a luna (41) em sy nom he tanto de bella,
ave ora senhora de mym merçee.

Oo muyto clara e lympa fontana,
oo rosa e fructuosa olyva,
que a tua graça nunca esquyva,
a quem te chama com fe conprida,
ave ora de mym merçee.

Oo muyto fremoso lilio,
dame (42) senpre boom conselho,
e roga por mym ao teu bendito filho,
que me perdoe o meu peccado maledicto,
e porem (43) senhora te rogo
que ajas de mym merçee.» (fls. 38-38v.)

Noutros casos, o estribilho não consiste numa súplica que se repete mas, antes, num mesmo nome, a Santa Vera Cruz, S. João Evangelista, ou outro qualquer:

«E a ssua madre virgem Maria,
com muyto gram dolor dizia,
oo meu Jhesu e doçe amor,
oo meu filho e meu senhor,
e por que vos pregarom assy,
en na sancta vera cruz.

(40) O sublinhado é nosso, sempre que aparece numa transcrição dos escritos de Mestre André Dias.
(41) lua.
(42) dá-me.
(43) É o mesmo que *por ende* ou *porende*: por isso, portanto.

E sua madre ainda dizia,
com grande coyta que avya:
oo esplandeçente filho,
muyto mays que outro espelho,
e por que fostes assy ferido,
e que moressedes,
en na sancta vera cruz.

[..............................]

A obediençia he ja conprida,
e a morte he ja fiinda,
e quem quyser aver a vyda,
crea a sancta vera cruz.

Oo ([44]) boom Jhesu a tua confrarya,
tu a acreçenta e tu a guya,
tu a governa e mantem,
sempre e cada dya,
e esto per vertude
da tua sancta vera cruz.» (fl. 22)

Seria um nunca acabar, se tivéssemos de trazer, para aqui, todas as loas, cantigas e orações deste estilo, tão em voga na Idade Média. Uma Cantica de oraçom de Jhesu spiritual arremata todas as suas estâncias com a mesma conclusão, como resultado emocional único de premissas diversas. E o estribilho, *por teu amor oo doce senhor,* fecha cada uma das estrofes desta poesia de Mestre André (fls. 43 v.-44).

O refrão, nalgumas destas *laudas* e cantigas, não é mais do que uma simples frase ou verso. Transforma-se, às vezes, numa pequenina estrofe com que abre a poesia e se repete, depois, ao longo dela. Assim acontece, na Lauda e oraçom de sancta Maria Magdalena (fls. 15-16), na Oraçom que faras quando vires a cruz

---

([44]) Ó.

(fls. 70 v.-71) e na PRIMEIRA PROSA DA SANCTA VIRGEM (fls. 37 v.-38), etc.

Mais uma vez, valeria a pena insistir na procedência litúrgica de alguns destes estribilhos, como este, inspirado na Via-Sacra e na *adoração* da cruz:

«*Adoramoste oo sancta cruz,*
da ora (45) *perdoança e luz,*
a toda pessoa peccador.

Iterum (46) *adoramoste.*

Saudo te oo cruz sancta,
com humyldosa boca e perfeyta,
por amor do boom Jhesu meu senhor.

Adoramoste oo sancta cruz, etc.

Oo cruz sancta, oo cruz digna,
defendenos sempre oo benigna,
por que en ty morreo Deus Jhesu salvador.

Adoramoste oo sancta cruz, etc.» (fl. 70 v.)

Esta nota de origem litúrgica acentua-se, ainda mais, numa loa do Natal, logo a partir do título: A PRIMEIRA PROSA DA SANCTA VIRGEM HE ESTA, etc. Ora, esta *prosa*, exactamente como os breviários e missais, traz um *R* cortado por um traço em gancho, na extremidade superior. Quer dizer: *responso* ou resposta, que se repete como um estribilho:

«*Do çeeo veo Gabriel*
a saudar a muyto gloriosa virgem
sancta Maria muyto novel.

---

(45) dá agora.
(46) Isto é: Outra vez, novamente.

En na çidade de Galilea,
alla ([47]) honde era a gente judea,
que fallava em lyngua ebrea,
per toda çidade e castello.

Resp. ([48]): *Do çeeo veo Gabriel.*

A qual çidade avya nome Nazare,
honde estava a virgem desposada com Joseph,
segundo a ley mandava, com anello ([49]).

Resp.: *Do çeeo veo.*

E o angio foy de Deus messegeiro que a annunçiou,
e sem nem huum peccado a saudou,
presentandolhe seu sancto libello.

Resp.: *Do çeeo veo.*» (fl. 37 v.)

O mesmo *responso* litúrgico surge, também, numa cantiga da festa do Natal, precedido, igualmente, do R cortado e repetindo-se no final de cada estrofe:

«O boom Christo Jhesu he nado, e humanado,
por salvar toda a gente,
que era perdida e degradada,
per o primeiro nosso parente.» (fl. 28)

Evidentemente, Mestre André Dias não se sujeitava a normas fixas, mesmo quando lançava mão do estribilho. Deixou-nos, de facto, uma loa para *quando te sentyres por peccador* (fls. 4 v.-6 v.). Nela, tudo gira à volta destes dois pensamentos: *volta a mim* e *volta-me para ti!* E tais expressões estão postas no princípio e no fim de cada

([47]) lá.
([48]) Desdobrámos o sinal.
([49]) anel. Refere-se ao anel das núpcias.

estrofe, formuladas com certa flexibilidade, embora dentro da fixidez do mesmo pensamento:

> «Tornate a mym muyto graçioso,
> perdoa os meus peccados oo muyto piedoso,
> e nom sejas contra mym muyto queixoso,
> mays [50] com misericordya torna a mym.
>
> Tornate a mym oo boom Jhesu Christo,
> por que sem ty soom sempre tristo,
> e mays que vyvo em grande perigoo,
> e porem [51] boom Jhesu eu me torno ora a ty.» (fl. 4 v.)

Nas suas loas dos santos, o bispo de Mégara também não se afasta demasiado de certas prosas ou sequências medievais, como a que se lê na missa de S. Agostinho, no próprio de Coimbra, a 28 de Agosto:

> «De profundis tenebrarum
> Mundo lumen exit clarum,
> Et scintillat hodie.
>
> Olim quidem vas erroris
> Augustinus vas honoris
> Datus est Ecclesiae.
>
> [....................]
>
> In extremis nil legavit,
> Qui nil suum aestimavit,
> Immo totum reputavit
> Commune cum fratribus.

---

(50) mas.
(51) por isso.

Salve, gemma Confessorum,
Lingua Christi, vox caelorum,
Tuba vitae, lux Doctorum,
Praesul beatissime.

Qui te patrem venerantur,
Te ductore consequantur
Vitam, in qua gloriantur
Beatorum animae.»

Vamos traduzir esta sequência, porque não só a disposição rítmica como também a marcha de toda a poesia, isto é, as fases do seu pensamento, vamos encontrar nalgumas laudas de André Dias:

«Do profundo das trevas,
Sai, para o mundo, uma luz clara,
E cintila hoje.

Outrora, na verdade, vaso de erro,
Agostinho, vaso de honra,
Foi concedido à Igreja.

[......................]

Nos últimos momentos nada deixou,
pois nada tinha por seu,
Antes tudo considerou
Comum com os seus irmãos.

Salve! gema dos Confessores,
Língua de Cristo, voz do Céu,
Trombeta da vida, luz dos Doutores,
Prelado bem-aventurado!

Os que te veneram como a Pai
Que eles, guiados por ti, alcancem
A vida, em que são glorificadas
As almas dos bem-aventurados!»

Esta sequência inclui uma biografiazinha do santo, com seus feitos e virtudes, prossegue, depois, numa saudação entusiástica, *Salve!* e termina por uma curta prece, implorando a salvação eterna. Ora, dá-se isto mesmo nas *prosas* e cantigas do bispo de Mégara, em louvor de S. João Evangelista, S. André, S. Estêvão, S. Maria Madalena e outros santos. Não se trata dum decalque mas, sim, duma sugestão que deixou vestígios fundos nos traços gerais dessas loas, naquilo a que poderíamos chamar o seu *travejamento*.

Para o caso, analisemos a ORAÇOM E LAUDA DE SANCTO ANDRE APOSTOLO, QUE DIRAS ANTE A SSUA YMAGEM:

«*O apostolo sancto Andre bem aventurado,*
seja ora per nos louvado.

Oo sancto Andre cheo e conprido de grande amor,
com o qual seguyste a Jhesu salvador,
com grande lympeza e grande fervor,
que andando tu a pescar, delle fuste tu chamado.

A sancta vera cruz quando pera ella tu andaste,
de tanto plazer te alegraste,
que quando a viste tu a saudaste,
por que em ella o teu meestre Jhesu foy morto e cruçifiçado.

[..................................]

E esto dicto em hũa muyto alta cruz foy legado,
e entom disse todo o poboo com grande braado,
tirade ora desta cruz este homem sancto,
porque muyto contra dereyto he condanado.

E logo aa cruz veo o prinçepe Egea,
e da cruz o sancto apostolo tirar queria,
mays esto el fazer nom podya,
por a oraçom que fazia
o apostolo bem aventurado.

E en na cruz en que estava,
a todo o poboo preegava,
e em Jhesu se gloriava,
porque em cruz como elle era mortificado.

E seendo en na cruz rogava ao boom Jhesu,
que elle fosse atam ([52]) digno,
que o nom leixasse tirar da cruz vyvo,
senom morto e passado.

E a molher do princepe Egea,
com grande amor que a Christo amava,
com muy grande fervor o soterrou,
e de boos ([53]) cheiros e com muyto grande honor,
e muyto bem apostado ([54]).

Rogamos vos oo apostolo,
que por nos a Jhesu Christo roguedes,
o qual toda hora vos avedes,
que nos leve aaquella gloria,
honde elle reyna muyto bem aventurado.» (fls. 12 v. - 13)

Esta presença dos quadros rítmicos litúrgicos nada tem que nos admirar, se olharmos à influência cultural da Igreja e ao facto de muitos poetas serem monges, como o próprio D. André Dias. A música ajudaria, ainda mais, a modelar e fixar o ritmo desta poesia religiosa e, também, da profana. Com os seus exageros, nem por isso são totalmente vazias de verdade as teses de alguns historiadores modernos: «o estudo musical das formas permite-nos dividi-los em quatro tipos fundamentais: ladainha, sequência, hino e rondel. O primeiro teria enformado a canção de gesta, de estrutura musical mais antiga e primitiva. A sequência reconhece-se na *estampida* (canção de baile), e no *lais*, que é por assim dizer uma forma abreviada e condensada de sequência, espécie de transição para o hino. Do hino teria

([52]) tão.
([53]) bons.
([54]) composto, airoso.

vindo a forma da canção. O rondel deu o género lírico do mesmo nome e é, segundo Gennrich, a única forma em que podem ser encontrados elementos populares. De modo que, finaliza Gennrich, pode desde já observar-se que o sul da França mostrou certa predilecção pelo tipo estrófico da canção, ao passo que o norte preferiu a forma do *lais*. Conclusão: no sul predominou o hino, no norte a sequência» (55).

Em André Dias, porém, mais que noutros autores, devia acentuar-se esta presença da música religiosa das igrejas. Na verdade, as suas loas e cantigas destinavam-se, em parte, a ser cantadas pelos confrades do SS. Nome de Jesus. Foi este vinco musical que determinou a estrutura destas laudes. Nasceram, parcialmente, quer da música rigorosamente eclesiástica quer, também, do canto piedoso das confrarias, sem carácter oficial, ao modo das canções religiosas que o nosso povo canta nas igrejas, em vernáculo.

Ao lado desta poesia litúrgica que estruturou algumas das loas e *prosas* do bispo de Mégara, teríamos de pôr em relevo as biografias rimadas, em latim medieval, tão em voga na Idade Média (56). O assunto das loas, em louvor dos santos, na obra de André Dias deve procurar-se, muitas vezes, nas *legendas* ou *leendas* dos *Flos Sanctorum*, cheias de dados apócrifos. Directamente? Nem sempre. Esta influência exercia-se, também, através das lições do breviário e das páginas dos Livros de Horas.

Num capítulo especial, veremos S. Cristóvão, o bom gigante-barqueiro, *grande fora de mesura* (57), carregado com o menino Jesus e levando-o para a sua pousada; S. Martinho, condutor de monges e, sobretudo, esse simpático S. Nicolau que depois que *foy nado, logo jejunou dous dyas na somana, muy de grado*, isto é: logo que nasceu,

---

(55) Rodrigues Lapa, *Lições de literatura portuguesa*, Lisboa, 1934, pp. 63-64.

(56) J. de Ghellinck, S. J., *L'essor de la littérature latine au XII siècle*, T. II, Bruxelas, 1946, pp. 195-197.

(57) medida.

jejuou dois dias por semana, de muito boa vontade (fl. 14). Exactamente como vem nos *Flos Sanctorum* e no seu ofício.

Estas loas, cantigas, orações e prosas, centram-se em torno de Nossa Senhora, nascimento, vida e Paixão de Cristo, vida dos santos, Eucaristia e verdades eternas, sem falarmos do SS. Nome de Jesus e dalgumas poesias de tendência acentuadamente mística. E em muitas destas sente-se, a distância, a presença da Bíblia.

Nalguns casos, pouco mais faz de que pôr em rima um passo evangélico. Noutros lugares, dramatiza, à semelhança do que sucede na obrinha famosa intitulada *Passio duorum*. Agora, só queremos acentuar algumas raízes bíblicas da poesia de Mestre André, com ecos do *Cantar dos cantares*, principalmente nas cantigas de tendência afectiva e mística. *Namorado, esposa* e *jardim* são termos simbólicos que caem a cada passo da pena do bispo de Mégara:

«Venha o meu senhor Jhesu,
e desçenda en no seu orto,
e hy faremos nosso deporto,
e tomarey plazer e grande conforto,
com o boom Jhesu que per a ssua morte
me ha salvado.

Venha a mym o meu amor perfeyto,
venha ao meu Jardim, fazer todo seu deleyto,
e eu lhe aparelharey huum leyto,
de bellas flores e rosas todo çercado.

De rosas e lirios as (58) mantiimento,
e de ervas e flores bem cheirantes es criado e contento,
mays nom ouveste conhoçimento
do amor que he mundano.

[...............................]

(58) hás, isto é, tens.

Vem a mym ay meu esposo,
vem a mym mansso e amoroso,
e nom me venhas assy yroso,
mays claramente piedoso,
a mym mezquinho peccador.

[...............................]

Este meu esposo bello
vem a mym e resguarda ([59]),
per janella e cançello,
se eu peccador mesello ([60])
faço alguum mal per que caya em peccado.» (fls. 56 v.-57)

Longa, longamente se espraia André Dias nesta *Cantica de oraçom*. Quem tiver no ouvido o ritmo do *Cantar dos cantares* e a sua terminologia, poderá compreender, fàcilmente, estes versos carregados de lirismo matrimonial, em que certas frases estranhas só podem ser bem compreendidas mediante a Sagrada Escritura. Aquele verso —*resguarda per janella e cançello*, mais não é do que a tradução do versículo do *Cantar dos cantares* (II, 9): *respiciens per fenestras, prospiciens per cancellos*.

O mesmo lirismo sagrado vibra, ainda, noutra *Cantica de oraçom* (fls. 64-65), em que as palavras *namorar, namorados, amadores*, soam aos nossos ouvidos, como nos escritos místicos de S. Bernardo.

Ainda no estudo das fontes e estrutura destas páginas de Mestre André, lembramos algumas poesias à volta de orações comuns, como a *Ave-Maria*:

«Outra cantica e lauda, quando quiseres saudar e rogar a nossa senhora virgem gloriosa, sancta Maria.

Ave Maria virgem e flor,
ave plena digna de toda graça,
e de todo louvor e de honor.

([59]) olha.
([60]) mísero, coitado, mesquinho.

Ave virgem muyto bella,
a nossa vyda per ty se renovella ([61]),
en na corte muyto devyna e eterna,
porque ante que Deus criasse o çeeo e a terra,
tu eras na sua voontade a melhor.

[...................................]

Ave Marya plena es de graça devyna,
o senhor he contigo,
e sobre todas as molheres, tu es a mays digna,
e beento he o fruyto de teu ventre Jhesu,
o qual he muyto grande senhor,
e de grande honrra e de grande valor, amen.» (fl. 40)

Passemos à frente a ORAÇOM DA SANCTA FE, QUE TODO CHRISTÃAO DEVE SABER E DIZER CADA DIA (fls. 22 v. - 24). É o credo, em português, com os versículos distribuídos pelos apóstolos. Não nos atrevemos a dizer que esteja escrito em verso, embora esteja a meio caminho, com rimas aqui e além. O *Quicumque vult* está totalmente em prosa (fls. 26-27 v.) e é diferente do *Quicumque vult per linguajem* publicado por Fr. Fortunato de S. Boaventura, nos *Inéditos de Alcobaça* ([62]).

Como vamos notando, o *Livro das laudes e cantigas*, de Mestre André Dias, percorre toda a escala, desde a estrofe mais ou menos regular e bem medida até ao lirismo tumultuoso. Passa da prosa cem por cento, pelo claro-escuro dum estilo que fica a meio caminho, entre o verso e a linguagem corrente, até elevar-se a *ritmos* quase perfeitos.

A sua prosa autobiográfica vale pelo calor humano das coisas vividas, pois foi um homem que certamente sofreu e se viu um

([61]) renova.
([62]) *Inéd. Alc.*, T. I, Coimbra, 1829, p. 166.

pouco desamparado na velhice. Porém, mesmo nestas páginas, a rima desponta, uma vez por outra. Este gosto talvez derive duma deformação profissional, de *rimador* impenitente. Neste ponto, recorda-nos os capítulos lulianos dos *Cent noms de Deu* (cap. 36. *De glorificació*), mas sem sujeição alguma a regras métricas:

«En nome de Deus Jhesu, todo sancto e poderoso.
Em nome de Deus Jhesu, todo muyto forte e espantoso.
Em nome do boom Deus Jhesu, sem morte vivente e glorioso.

[.....................................]

Oo infiinda e espantosa
e muyto doçe e amavyosa, fontana
de piedade e myssericordya,
natureza dobrada divinal e humana,

[.....................................]

lume eterno de lume eterno,
Deus filho ygual a seu padre,
em todo poderio e deviindade,
em toda sabedorya e glorya e magestade,
em todo tempo e eternydade,
Deus Jhesu filho proprio e unygenyto,
do muyto poderoso Deus padre
na sanctissyma diviindade.» (fl. 2)

Prosa? Verso de metrificação ondulatória, elástico, como os salmos que os monges cantam nas igrejas? Parece-nos que o bispo de Mégara, nesta e noutras páginas, rimava, sem dar por isso. Tinha o defeito tão frequente dos poetas que escrevem numa prosa mole e demasiado musical, sem nervo.

Por outra parte, temos bastas vezes a impressão de que certas estrofes vão degenerar em prosa autêntica, como se André Dias

escrevesse *conforme saía*. Assim acontece numa *cantyca de gram virtude* que vem logo nas primeiras páginas, em que André Dias se encomenda às potestades celestes para o livrarem «deste mal e deste perigoo, e do maao angeo da pestelença, e da fortuna, e da morte, e de todos meus emmiigos, e do poder do dyabo e de todo spiritu malygno, que me nom possam empeençer nem mal fazer, nem accusar nem condanar, em nem huum juizo, nem em mar nem em terra, nem em paz nem em guerra, nem em navyo, nem em alguma mynha obra, nem comendo nem bevendo, nem dormyndo nem velando, nem trabalhando nem folgando, nem cuydando nem falando, nem alguma cousa fazendo ou obrando. Oo salvador do mundo, amanssa ora a tua sanha e a tua yra, e ave ora de mym piedade e mysericordya, salvame ora desta enfermydade e desta pestelença, e deste perigoo e desta tormenta. Trageme senhor a porto de salvaçom e lyvrame e dame saude perlongada e perfeyta, assy no corpo como na alma.» (fls. 9 v. - 10)

No entanto, esta cantiga começou nitidamente por ser verso, para, depois, se transformar em prosa, voltar por um momento a ser verso e terminar, novamente, em prosa. É esta descuidada atitude de espírito que precisamos de ter em vista, ao apreciarmos a estética das laudes e cantigas de André Dias. O que nesta página chegou ao exagero, nota-se um pouco por toda a parte, embora com maior moderação. Basta ler O CREDO MAYOR QUE SSE DIZ AOS DOMYNGOS E FESTAS NAS EGREJAS (fl. 24 v.).

Ainda assim, temos de concordar que duas coisas concorrem para dar a certas passagens uma sensação de prosa, ou coisa parecida: em primeiro lugar, a falta de disposição gráfica. Nas páginas escritas a duas colunas, em letra gótica, os versos seguem-se uns aos outros, apertados e sem distinção nenhuma, como se foram linguagem solta e corrente. Só um *caldeirão* aponta o começo de cada estrofe e as

separa umas das outras. Em segundo lugar, causam, a princípio, má impressão estes versos desarticulados e de estrutura incerta, longos ou curtos, a bel-prazer do escritor. Nalgumas páginas, ajunta-se ainda, a tudo isto, a pobreza musical da rima toante sonoramente pobre para os nossos ouvidos modernos.

Ao lado das passagens de maior penúria estética, surgem outras melhor trabalhadas, muitas laudes em que as estrofes encadeadas e o refrém batem o mesmo *leit-motif*, a recordar um pensamento dominante, uma ideia que parte e torna a voltar, ao modo duma lançadeira de tear, a unir as partes da poesia. Cada uma das estrofes pega na *deixa* da estância anterior, articulando-se desta sorte, umas às outras, numa corrente de elos poéticos. Sem pretendermos fazer um inventário completo desta espécie de loas e cantigas, mas, ùnicamente com o fim de acentuarmos a preferência de Mestre André por este processo literário, apontamos, aqui, algumas destas *laudas* encadeadas do bispo de Mégara:

¶ OUTRA CANTICA E ORAÇOM DA FESTA DE NATAL DO BOOM JHESU FLORIDO, O QUAL NAÇEO DA FLOR VIRGEM SANCTA E PURA, DEUS E HOMEM BENEDICTO (fl. 28 v.).

¶ CANTICA DE ORAÇOM DO BOOM JHESU, E DE SUA SANCTA PAIXOM (fl. 42).

¶ CANTICA DE ORAÇOM DEVOTISSIMA DO BOO JHESU (fl. 62).

¶ CANTICA DE ORAÇOM DO BOOM JHESU DEVOTYSSIMA (fl. 65 v.).

Podíamos recordar mais quatro *cantigas de oração*, como ele diz, *contemplativas* e muito devotas, todas elas em torno de Jesus (fls. 48 v.-49 v., 49 v.-50, 55 v.-56, 58-58 v.). Pela sua índole acentuadamente mística, vamos pôr em relevo a CANTICA DE ORAÇOM, MUYTO SANCTA

A QUAL FOY PER O BOOM JHESU REVELADA A HŨA VYUVA MUYTO SUA DEVOTA:

«Ora vem boom Jhesu meu dileyto,
e en na meatade da tua cruz me faze huum leyto,
e faze que eu te abraçe assy tam estreyto,
e que me nom possa en al (68) deleytar.

Atanto deleyto e plazer a mynha alma me faz sentyr,
de amores e deleytos de Jhesu mays de myl,
que per força eu aja (64) de escayr (65)
de todo plazer do mundo e o despreçar,
em tanto que eu soom (66) em ponto de me espasmar.

Oo espasmo atam deleytoso,
quanto tu es muyto amoroso,
e es muyto doçe e graçioso,
por que tu fazes desejoso o meu coraçom,
o qual tu queres fazer muyto penar.

Aquesta (67) pena de muyto grande deleyto,
das tu luz devyna ao meu intelleyto.» (fl. 49 v.)

O mais segue pelo mesmo estilo, num encadeamento mais ideológico, às vezes, do que verbal, pois a palavra chega a ser substituída, embora raramente, pela mesma ideia, mediante um sinónimo.

Muito nos alongaríamos se pretendêssemos estudar, integralmente, todo o conteúdo estético das loas e cantigas de Mestre André e as suas remotas origens. Ainda assim, isolamos, aqui, algumas delas, mais típicas pela sua estrutura. Vemos que a maioria das estrofes duma cantiga do bom Jesus principia por uma exclamação *oh!*, ao

(63) outra coisa.
(64) haja.
(65) descair. Neste caso, equivale a *deixar, afastar-se.*
(66) sou.
(67) esta.

abrir de cada estrofe: *Oo boom Jhesu nom me leixes perder ... Oo dolçe Jhesu e mays que dolçe ... Oo senhor Jhesu por cortesya ... Oo boom Jhesu de piedade ... Oo Christo Jhesu senhor deleyto ... Oo açucarado Jhesu sabor ... Oo boo Jhesu por a tua sancta paixom* (fl. 4). Outras laudes e cantigas podíamos ainda lembrar, da mesma índole.

Salta à vista a influência rítmica das ladainhas, nalgumas preces deprecativas. Ora, este carácter litaníaco acentua-se bastante em OUTRA CANTICA E LAUDA DA VIRGEM MARIA (fls. 39-40). Constitui, mesmo, uma curta litania de louvores, em que Nossa Senhora é chamada *estrela,* no primeiro verso de cada estrofe. Evidentemente que esta expressão, *estrella clara matutina* (estrela clara da manhã), lembra imediatamente a *stella matutina,* das ladainhas de Nossa Senhora.

Nesta loa e cantiga, a Virgem ouve uma série de exclamações piedosas, à volta da mesma antiga imagem: *Oo estrella altyssima e luzente ... Oo estrella clara matutyna ... Strella es tu sobre todas as estrellas.*

Outro processo poético de Mestre André consiste em alternar duas palavras, no princípio de cada estância, começando ora com uma, ora com outra. E assim vai seguindo, até ao fim da poesia. Vemos isto numa oração eucarística do bispo de Mégara: ORAÇOM MUYTO DEVOTA QUE DIRAS QUANDO VIRES ALEVANTAR O CORPO DE JHESU, EN NO ALTAR. As estâncias começam, alternadamente, por *Ave!* e *Salve!* — num ritmo despreocupado, embora cheio de emoção religiosa: *Salve o muyto glorioso corpo de Christo ... Ave corpo altissymo ... Salve padre sanctissymo ... Ave manna de Deus ... Salve graçiosissymo Jhesu ... Ave lume esplendidissymo ... Salve nossa asperança e vya de verdade* (fl. 69 v.).

Esta tendência para a repetição rítmica acusa uma certa monotonia. Porém, a música havia de atenuar a falta de variedade.

Finalmente, na análise da estrutura destas páginas, fixemos, ainda, a forma dialogal, com tendência para a dramatização, embora

mal esboçada. De facto, no PLANTO ([68]) DA VIRGEM SANCTA MARIA (fls. 33 v.-34), Mestre André Dias saúda Nossa Senhora e pergunta-lhe se estava em Jerusalém, nos dias da Paixão:

«E a virgem falava e dizia,
em Jherusalem era eu toda vya ([69]),
quando todo esto se fazia,
e vy levar e elle assy hya,
em mãaos dos Judeus, com grande presuança ([70]).»

Fenómeno semelhante sucede, também, noutro pranto da Virgem (fls. 34-35), em que Jesus fala com a sua Mãe SS.: *Oo madre senhora nom choredes...*

Muitas observações temos ainda para fazer, acerca destas laudes, cantigas, orações e *prosas*, escritas por um monge e bispo beneditino, há mais de quinhentos anos. Ficará tudo para o decurso das páginas que seguem, quando vier a talho de foice, pois não podemos dizer tudo duma só vez. Acentuámos alguns aspectos mais salientes deste *mare magnum* ondulante e impreciso, liberto de normas rígidas. Nem sempre é possível descobrir um travejamento na vaga fluidez destes ritmos, de métrica inconsistente e muito pessoal. Seria pouco inteligente teimar em buscar um esqueleto, dentro dum molusco.

Porém, fixemos que Fr. André Dias não é autor único nesta forma libérrima de poesia. A *Adoración de los Santos Reyes*, também chamada *Misterio de los Reyes Magos* ([71]) e *Libro dels Tres Reis d'Orient* ([72]), da primeira metade do século XIV, representa o mesmo tipo de composição poética muito semelhante à rítmica das cantigas do bispo de Mégara. Como no *laudário* de Mestre André, os versos não tinham número determinado de sílabas. Também parece que se

([68]) pranto.
([69]) *toda vya*, isto é, *ainda*.
([70]) Deve ser uma derivação do verbo arcaico *prisoar*: prender, aprisionar.
([71]) Menéndez y Pelayo, *Antología de poetas líricos castellanos*, T. I, Santander, 1944, pp. 148-149.
([72]) G. Palencia, *Historia de la literatura española*, T. I, Madrid, 1940, p. 72.

destinavam a ser cantados, ao modo das antífonas e salmos, numa espécie de cantochão ou no tom de cantilena, com que os meninos, antigamente, aprendiam a catecismo. Não nos parece improvável, tal modo de ver, já enunciado, há muitos anos, por Pedro Pidal, numa substanciosa introdução às poesias castelhanas, anteriores a quatrocentos:

«En la misma clase de verso está escrito el poema de la *Adoración de los tres Reyes de Oriente,* que es otra leyenda tomada en parte de la sagrada Escritura, y parte de las piedosas tradiciones que corrian entre los devotos de la edad media. Estos versos no tienen por lo general medida cierta y determinada, y ya son de siete sílabas, ya de ocho, nueve ó diez, y aun a veces de once. Yo pienso que estas composiciones se hicieron para ser cantadas por los juglares en la misma especie de música ó canto llano, en que se entonan los salmos y antífonas de la Iglesia, que están en prosa, y en que aun hoy mismo solemos oir cantar el *Todo fiel cristiano* del P. Astete en las escuelas y las canciones de la *Aurora* y del *Nacimiento,* por las calles. La especie de sonsonete ó música en que se cantan, apoyada en la rima de las últimas palabras de cada par de versos, suple en algun modo la falta de medida, y da orígen á cierto género de armonía imperfecta y monótona.» ([73])

Agora, passamos a analisar o conteúdo emocional e ideológico destas páginas religiosas, em torno de seis temas principais, ao modo de constelações: Loas dos santos; loas e prantos de Nossa Senhora; loas do Natal; loas e cantigas da vida e Paixão de Cristo; temas ascéticos e eucarísticos; loas e cantigas em louvor de Jesus e de tendências místicas.

Divisão frágil, como tudo o que procura *classificar* a vida e encaixá-la dentro dos capítulos dum livro, como num ficheiro. Contudo, temos de proceder assim, para arrumar por assuntos, mais ou menos delimitados, todo o conteúdo do *Livro das laudes e cantigas,* de Mestre André.

([73]) D. T. A. Sánchez, *Colección de poesías castellanas anteriores al siglo XV,* Paris, 1842, pp. 529-530.

CAPÍTULO III

LAUDES E CANTIGAS DOS SANTOS

Entre *Le laude*, de Jacopone da Todi, aparecem, ùnicamente, duas loas à honra dos santos. Como é natural, ambas elas são em louvor de S. Francisco de Assis: *De San Francesco e de sette apparizione de croce a lui e de lui fatte* (1); *De San Francesco e de le battaglie del Nemico contra lui* (2).

Evidentemente, nem todos os laudários italianos seguiam estas tendências. De facto, num códice toledano, do século XV, atribuído ao florentino Francisco Feo Belchari, existem várias laudes em torno dos bem-aventurados. Uma delas foi dedicada a S. António:

«O sancto Antonio, dolce confexore,
prega per noi Dio eterno amore.» (3)

Nem vale a pena falar duma infinidade de laudes inéditas, algumas delas de origem franciscana (4).

Nos *labors* ou loas, da Catalunha, escritas em quatrocentos por Pero Martínez, podemos notar a mesma tendência variada de laudes

---

(1) *Le Laude*, Bari, 1930, p. 134.
(2) *Ib.*, 137.
(3) A. López e E. María Nuñes, *Descriptio codicum franciscalium Bibliothecae Primatialis Toletanae*, em *AIA*, III (1915), 98.
(4) Zef. Lazzeri, *Due laudi francescane inedite del séc. XIV*, em *AFH*, VIII (1915), 334-337; S. Tosti, *Due laudi francescane del 300 e un Ternario del 400*, *ib.*, 337-345.

à SS. Virgem, Vera Cruz, Paixão de Cristo e à honra dos santos: *Labors e invocacio al pare meu Sent Domingo; Labors del glorios pare Sent Vicens, de prehicadors; Obra devota feta per la singular verge Sancta Catharina; Invocacio a Sent Tomas d'Aquino* (5).

Destes bem-aventurados, sòmente S. Catarina vem no *Livro das laudes e cantigas*, de Mestre André. No entanto, o monge e bispo beneditino dedica aos santos catorze das suas loas, desde S. João Baptista a Todos-os-santos e às Onze Mil Virgens.

O precursor de Cristo vem numa ORAÇOM E CANTICA OU PROSA DE SAM JOHAM BAUTISTA, QUE DIRAS EN NO SEU DYA — cantiga deslocada do seu lugar primitivo e posta, em dois pedaços, nas fls. 42 e 12.

Chega a ter passagens pouco diferentes da prosa vulgar e, como de costume, termina por uma prece, ao modo dos hinos em latim (6):

«Oo pregoeiro bem aventurado,
de Jhesu Christo salvador,
roga por toda esta terra,
e por todo o poboo christãao,
que do boom Jhesu seja servidor,
e que elle seja defensor,
assy do boom como do peccador,
e que todos em esta festa
te façam grande honor,
e te louvem de boom cor (7),
assy de nocte como de dya.» (fl. 12)

Depois desta loa de S. João Baptista, segue-se uma LAUDA E PROSA DE SAM JOHAM EUVANGELISTA, QUE DIRAS EN NO SEU DYA. Todas as suas estrofes terminam pela mesma palavra, à maneira de certos panegiristas a repetir, constantemente, o nome do santo.

(5) *Obras de Pero Martínez*, Barcelona, 1946, pp. 106, 110, 128, 131.
(6) Remy de Gourmont, *Le latin mystique*, Paris, 1930, p. 302.
(7) coração, isto é, de boa vontade.

Livro de Oraçoẽs em Proza, e Verso vulgar

De Louvores, e excellencias do Santissimo Nome

de IESUS

Dos Milagres que Deos obrou pella Imagem do San
to Christo, que se venera na Igreja de S.to Domingos
de Lisboa com o Sacramento no lado, e se consumio
no incendio, que padeceo a dita Igreja no primeiro
de Novembro de 1755

Composto



Pello Ill.mo e R.mo S.r D. Fr. Andre Dias da Ordem de
S.to Bento, natural da Cidade de Lisboa, Penitencia-
rio da S.ta Igreja Romana, Bispo titular de Megara,
Commendatario do Mosteiro de S.to João de Alpendo-
rada.

Anno 1435

Bibl. Nac. de Lisboa, Fundo Geral, ms. 3379, fl. 2

Laudas e cantigas esperituães e oraçooens contem-
plantivas do muito santo e boom deus hum Rey dos
cëos e da terra. E da muyto alta e gloriosa sua madre
sempre virgem sancta maria trasladadas em lin-
guagem felorentino em linguagem portugaleso em
na cidade muyto frorecente de frorença no anno de
myl e quatro centos e trynta e cynquo per mym me-
estre andre dias de lixboa meestre em theologia
e pobre bispo de megara em grecia da ordem de sã
beento professo. E da confrarya muyto sancta dos
servos de Ieshu de sam domyngos de lixboa e do seu
altar pregador fundador, começador primeiro e ser-
vo muy devoto.

Das quaes laudas e cantigas hora se digam orando
hora se digam cantando, som muyto devotas ora-
çoens e virtuozas e necessarias pera o boom Ihesu
e sua madre sancta marya ouvirem e compryrem
nossos rogos e oraçoões e todas as nossas justas petiçoões.
E se começam per esta forma que se segue em trovas
e ritimos per solfa que se canta e dizem per todo ho
mundo em nas egrejas aas horas e a as myssas as pro-
sas e os hymnos.

Esta

Bibl. Nac. de Lisboa, Fundo Geral, ms. 3379, fl. 4

Para André Dias, o discípulo amado é quem conhece *alguma cousa do amor*, porque, na última ceia, ao pé de Jesus,

«sobre o seu peyto foy bem adormentado,
e foy tam muyto alomeado,
que todo o segredo çelestial foy revelado,
ao sancto euvangelista.» (fl. 12)

Foi ele que, na Paixão de Cristo, o seguiu, *muyto doloroso e tristo*. A ele ficou entregue a Mãe de Jesus. Por isso, devemos todos recorrer a S. João:

«E porem ([8]) todos vos outros em este apostolo de Jhesu Christo,
avede commygo devaçom,
por que elle he seu parente e primo,
e se o chamardes devotamente,
elle vos ajudara muyto prestamente,
porque elle he de todos
o mayor euvangelista.»

Quanto à ORAÇOM E LAUDA DE SANCTO ANDRE APOSTOLO, QUE DIRAS ANTE A SSUA YMAGEM, desenrola-se quase toda em torno da passagem famosa dos actos apócrifos de S. André, em louvor da Cruz. Passou, depois, para os breviários e, mesmo em prosa, representa um alto voo de lirismo cristão. Mestre André leu essa passagem nas lições da festa de S. André ou nalgum *Flos Sanctorum* e traduziu-a para uma rude *lauda* de quatrocentos. Também pôs em verso o resto da lenda, com o apóstolo a pregar do alto da cruz, o príncipe Egeas e a mulher que *com muy grande fervor o soterrou*:

«*O apostolo sancto Andre bem aventurado,*
seja ora per nos louvado.

([8]) por isso.

Oo sancto Andre cheo e conprido de grande amor,
com o qual seguyste a Jhesu salvador,
com grande lympeza e grande fervor,
que andando tu a pescar,
delle fuste tu chamado.

A sancta vera cruz quando pera ella tu andaste,
de tanto plazer te alegraste,
que quando a viste tu a saudaste,
por que em ella o teu meestre Jhesu
foy morto e cruçificado.

E quando a viste dissestc,
Deus te salve cruz consagrada,
que de pedras preçiosas toda es hornamentada,
por que em ty oo bem aventurada,
espargeo o seu sangue o senhor Deus Jhesu,
o qual he rey dos reys muy alto.

Reçebeme ora deste mundo,
e dame muyto alegre ao meu meestre muyto jocundo,
que per ty eu deste mar atam profundo,
vaa reynar com o meu Jhesu desejado.

E esto dicto em hũa muyto alta cruz foy legado,
e entom disse todo o poboo com grande braado,
tirade ora desta cruz este homem sancto,
por que muyto contra dereyto he condanado.

E logo aa cruz veo o prinçepe Egea,
e da cruz o sancto apostolo tirar queria,
mays (9) esto el fazer nom podya,
por a oraçom que fazia
o apostolo bem aventurado.

E en na cruz en que estava,
a todo o poboo preegava,
e em Jhesu se gloriava,
porque em cruz como elle era mortificado.

---

(9) mas.

E seendo en na cruz rogava ao boom Jhesu,
que elle fosse atam digno,
que o nom leixasse tirar da cruz vyvo,
senom morto e passado ([10]).

E a molher do prinçepe Egea,
com grande amor que a Christo amava,
com muy grande fervor o soterrou,
e de boos cheiros e com muyto grande honor,
e muyto bem apostado.

Rogamosvos oo apostolo,
que por nos a Jhesu Christo roguedes,
o qual toda hora vos avedes,
que nos leve aaquella gloria,
honde elle reyna muyto bem aventurado.» (fls. 12 v.-13)

Transcrevemos toda esta loa do bispo de Mégara, não pela sua perfeição mas, sim, por ela nos dar o processo típico de André Dias: segue a lenda dos santos, como a podemos ainda encontrar nos velhos *Flos Sanctorum,* isola algumas passagens mais interessantes, põe-nas em verso e termina com uma oração, ao modo dos hinos, prosas e sequências litúrgicas. Deste facto, deriva o serem estas loas mais descritivas que laudativas, ao invés de tantas outras, da mesma época.

Passemos por alto a LAUDA E PROSA DO PRIMERO MARTYR QUE PADEÇEO POR AMOR DE JHESU CHRISTO, O BEM AVENTURADO SANCTO ESTEVAM (fl. 13). Como as mais destas loas dos santos, abre por uma introduçãozinha ao modo das *Cantigas de Santa Maria.* São dois ou três versos, que resumem, muitas vezes, este pensamento: *Louvemos tal santo por este ou aquele motivo.* Na *lauda* de S. Estêvão, consiste nos versos seguintes:

«Oo Estevam martyr sancto,
danos ora graça de te louvarmos
per muyto doçe e prazyvel canto.»

([10]) morto; hora do *passamento, hora da morte.*

Nas *Cantigas de Santa Maria* esta pequena estrofe inicial tornava-se um estribilho que se repetia no fim de cada estância. Porém, em André Dias, nem sempre vem indicado que assim fosse. Talvez Mestre André ou o copista julgassem desnecessário insistir nesta função de estribilho, possìvelmente pertencente aos versos introdutórios.

Seja como for, esta loa de S. Estêvão não nos interessa extraordinàriamente, por valer estèticamente pouco. Apoia-se nas páginas dos *Actos do Apóstolos* e acaba pedindo perfeita contrição para nós todos, *porque vivemos em grande quebranto,* escreve Mestre André Dias.

Pela sua curteza, impõe-se uma simpática loa de S. Lourenço, mais biografia versificada do que poesia pròpriamente dita:

«CANTICA E PROSA DE SAM LOURENÇO MARTYR,
QUE DIRAS NA SUA FESTA

Sam Lourenço martyr
aja de nos louvor,
por que de Jhesu foy boom servydor.

Boom servidor foy de Jhesu omnipotente,
e ao sancto papa Sixto foy muyto obediente,
e aa sancta fe de Christo converteo muyta gente,
el nos queira converter a verdadeira peendença ([11]),
de todo o seu boom talente ([12]),
e que nos perdoe os nossos pecados,
Jhesu do mundo salvador.» (fls. 13-13 v.)

Que diferença entre esta brevidade que nos enche de misericórdia para com todos os defeitos e a extensão épica do hino ao

([11]) penitência.
([12]) inclinação, vontade.

mártir S. Lourenço, pelo poeta Prudêncio ([13])! Ao lado deste, a laude de André Dias não passa dum epigrama, nem ficaria mal numa inscrição, ao cimo do pórtico duma igreja dedicada ao santo.

Estas loas insistem, como um estribilho, num mesmo ponto: Salva-nos! Dá-nos contrição perfeita! Converte-nos à penitência!

Mais próximas do panegírico do que as severas *laudas* de Jacopone da Todi, o espírito, no entanto, é o mesmo, com um forte sentimento de perigo, como se a alma estivesse em jogo, a cada momento da vida.

A cantiga de S. Cristóvão resume a famosa lenda popular do bom gigante que vergava os ombros fortes, debaixo do Menino Deus, pesado como o mundo! Como vem num *Flos Sanctorum* de quinhentos, «era de statura mui grande, s [cilicet] de doze pees em comprido; e tinha a face muy terribel e espantosa» ([14]).

O bispo de Mégara, ao pôr em verso a velha tradição, só lhe acrescentou o valor dum símbolo — que ele *nos passe* ao reino da glória, como neste mundo passava os viandantes duma margem para a outra:

«Louvemos a sam Christovam,
o qual todas as gentes louvam,
e ham em elle grande devaçom,
por que elle he martyr muyto sancto.

Oo martyr glorioso, conprido ([15]) de toda caridade
que passaste o duvydo rio, com fe de humyldade,
e portaste sobre ty Jhesu com muyto grande pyedade,
e aa tua pousada o levaste e o cobriste
com o teu muyto pobre manto.

([13]) *Peri Stephanon*, hino segundo.
([14]) Fr. Diogo do Rosário, *Historia das vidas e feitos heroycos e obras insignes dos sanctos*, P. II, Coimbra, 1577, fl. 69.
([15]) cheio.

Oo Christoforo sancto, que fuste grande fora de mesura ([16]),
tua fama se estende, sobre toda creatura,
que toda persoa que vyr a tua figura,
com devaçom firme, e fe muyto pura,
e que em aquelle dya que te vyr,
de enfermydade nom avera nem huum espanto.

Oo san Christovam bem aventurado,
roga por todas as persoas que te fazem
e ham em ty alguun voto a nosso senhor Deus Jhesu
o qual he muyto alto, que quando morrermos venhas por nos,
e nos passes aaquella gloria,
honde vives e reynas com o Spiritu Sancto, amen.» (fl. 13 v.)

Evidentemente que as últimas linhas já não são em verso, nem nada que se lhe aproxime mas, simplesmente, uma oração em prosa. Neste ponto, não é caso único. Na verdade, tudo isto pouco mais é do que a transposição e amplificação, em linguagem portuguesa e rimada, duma comemoração de S. Cristóvão, ainda existente, por exemplo, nas *Horas de nuestra señora,* impressas em Saragoça, 1521:

«Sancte Christofore martyr dei preciose [...] per illud leve onus quod est christus, quod trans marinum flumen in humeris tuis feliciter portare meruisti, alleviare dignare presentes meas angustias.» ([17])

Isto é:

«Ó S. Cristóvão, caro mártir de Deus [...] por aquele leve peso, que é Cristo, a quem mereceste levar felizmente nos teus ombros, através do braço de mar, digna-te aliviar estas minhas angústias.»

([16]) medida.
([17]) *Horas de nuestra señora,* Saragoça, 1521, fls. 240-241.

E numa oração, logo a seguir, continua o mesmo Livro de Horas:

«Ó Deus que fortificaste, no sofrimento, ao teu bem-aventurado mártir Cristóvão, com a virtude da constância, o qual quiseste que transportasse maravilhosamente aos ombros o teu unigénito Filho Nosso Senhor Jesus Cristo, concede-nos, benignamente,que nós, os que celebramos a sua memória, mereçamos, pelos seus méritos, chegar felizmente aos reinos celestes.»

Como estes, outros casos poderíamos apontar da influência dos Livros de Horas, nestas loas aos santos, de Mestre André.

Segue-se, depois, a ORAÇOM E CANTICA E PROSA DE SAM SEBASTYAM QUE DIRAS EM TENPO DE PESTELENÇA. Advogado contra a fome, a peste e a guerra, S. Sebastião esteve sempre no coração do povo. Além disso, o seu martírio, como vem narrado nas actas apócrifas, impressionou muito a sensibilidade religiosa da Idade Média, pelo seu sentido heróico. O tirano, escreve o bispo de Mégara, bem queria que ele adorasse o *hydolo do grande engano*. Mas tu, Sebastião, *nom curaste do seu parlar e dizer, por que era em todo muyto vano!* E termina: *Oo martyr glorioso, roga por toda esta terra,* etc. (fl. 14).

Uma das loas mais curtinhas é a de S. Nicolau. Só nos agrada pela ingenuidade da lenda, talvez tirada das lições do breviário. Fr. Diogo do Rosário, ao falar-nos da infância deste santo, contava «ser este menino logo de princípio de sua nascença cheio do divino spirito e sanctificado, pois que não soube primeiro viver que honrrar a Deos, nem soube primeiro comer que jejunar. Por certo sabemos, que tomando este sancto menino o leite dos peitos de sua mãy nos outros dias e noites muitas vezes, contudo a quarta e sesta feira não queria mais de huma soo vez e a tarde gostar o dito manjar» ([18]).

([18]) Fr. Diogo do Rosário, *op. cit.*, P. I, Coimbra, 1577, fl. 16.

Pois a loazinha que passamos a transcrever regista a mesma tradição popular, de gosto tão saborosamente medieval:

«De cada huum devotamente deve seer louvado,
san Nycolaao bem aventurado.

Sam Nycolaao he e deve a seer a todos
luzente e exenpla,
por que como elle foy nado,
logo jejunou dous dyas na somana, muy de grado,
e deu exemplo a todos,
que como el jejuou, que assy nos jejunemos,
aquelles dyas que per a sancta egreja he mandado.» (fl. 14)

O resto vem em prosa, cem por cento. É a clássica oraçãozinha final:

«Este confessor de Christo, que a nos foy exenplo sancto, elle nos leve ao paraiso, em qualquer estado que morrermos, e nos guarde de todo peccado e de toda fortuna e tempestade, e de todo outro maao fadairo. Amen, amen.»

A Lauda e oraçom de sam Martinho andava também substancialmente metida nas biografias medievais deste santo, com o seu amor dos pobrezinhos e a *vestidura çelestial* de que nos fala o bispo de Mégara. É de linguagem mais corrente que a loa de S. Nicolau e aproxima-se mais dos cânones poéticos. Por isso, vamos copiá-la toda:

«Por honrra de Deus Jhesu bem aventurado,
oremos a sam Martinho que o mundo ha desprezado,
por aver o amor do boom Jhesu muyto divino.

Sam Martinho bispo sancto e muyto veraz,
e pastor das ovelhas do boom Jhesu Christo,
com grande fe e paz,
elle as pasçeo de hũa herva
da qual a Deus muyto aplaz,
preegrando-lhe palavras, de muyto claro entendimento,
da sancta scriptura e de Jhesu filho de Deus,
e de sempre muyto infiindo.

Sam Martinho virtuoso,
em toda tua operaçom,
dos pobres fuste desejoso,
de lhes fazer consolaçom,
e visitandoos com muyto grande devaçom,
e amandoos do muyto grande amor,
do bem aventurado seraphyno.

Sam Martinho atanto foy namorado
do senhor alto e verbo devyno,
que o pam e o vestyr que pera sy mester avya,
de sy meesmo o tirava e o dava ao pobrezinho,
em tal guisa que quando dizer myssa avya,
por que nom tiinha con que cobryr
a sua carne mesquinha,
dizer myssa nom podya,
atanto era misericordioso e muyto benyno.

Sam Martinho dizendo em huum dya myssa,
o Spiritu Sancto em figura de fogo,
desçendeo sobre a sua cabeça,
e logo a ssua carne foy cobrida
de hũa vestidura çelestial
muyto clara e muyto fina,
a qual o cobrio todo muyto perfeytamente;
el Spiritu Sancto benyno e todo omnipotente
cobra (19) ora da sua graça
toda esta nossa terra e toda a sua gente,
por amor do seu servo bem aventurado sam Martinho.» (fls. 14-14v.)

(19) cubra.

Assim termina a *lauda* em louvor de S. Martinho, de tanta devoção do nosso povo.

Quanto a nós, a *lenda* mais bela e florida, posta em verso por Mestre André Dias, é a LAUDA E PROSA DE SANCTA LUZIA, VIRGEM E MARTYR, QUE DIRAS AA SUA HONRRA QUANDO OUVERES ALGŨA DOOR. Toda ela está repassada dum delicado lirismo, em torno da figura inocente de S. Luzia. Era de Saragoça e *muyto namorada* de Jesus. A mãe estava doente, mas a santa foi a Catânia, em peregrinação ao túmulo de S. Águeda. Ali, no meio duma grande *lumeeira,* apareceu-lhe a mártir, *com candea de çera açesa,* isto é, com uma vela acesa, na mão. Chamou a S. Inês nomes muito amáveis: amiga, irmã, etc., e disse-lhe que era muito bonita. E a mãe de S. Inês ficou curada (*guarida*), fresca como uma *rosa fremosa e florida*:

«*Sejas louvada e beenta sancta Luçia,*
com muyto grande devaçom e alegria,
e com muyto grande fervor,
de grandyssimo e muyto fiel amor.

Estando tu com tua madre,
na çidade de Saragoça,
e ficando tu sem padre,
muyto sancta e muy donosa,
e muyto rica e avondosa,
e donzella de gram valor.

E en na sancta fe fuste muyto fortificada,
e boa christãa e bautizada,
e cordialmente fuste muyto namorada,
do teu esposo boom Jhesu Deus nosso salvador.

E fuste esposada com huum infiel e muyto defeytuoso,
o qual querendo seer muyto malicioso,
e dos teus beens muyto danoso,
tu fuste delle escarneçedor.

E tu a Tacanya ([20]) chegaste,
e a sancta Agueda por tua madre rogaste,
que da sua enfirmydade que ella avya grave,
nom sentisse mays nenhũa dolor.

E sancta Agueda com grande lumeeira,
te apareçeo com candea de çera acçesa,
e te falou em esta maneira:
oo irmãa mynha muyto bella,
tu es sancta e donzella,
eu te falo com grande amor.

Digote irmãa e amyga,
que tua madre he sãa e guarida ([21]),
como he hua rosa fremosa e florida,
de aquel Deus Jhesu, que en no mundo he mayor.

E porem te rogamos, oo gentil esposa,
de Jhesu Christo, Luçia muyto graçiosa,
que nos guaanhes del tanta graça,
que nom façamos em este mundo cousa,
que desplaza a el nosso senhor
Deus Jhesu, e nosso salvador, amen.» (fls. 14 v.-15)

Já notámos, mais duma vez, que era nos *Flos Sanctorum* medievais ou escritos semelhantes que André Dias ia buscar elementos para as loas dos santos. Outros poetas faziam o mesmo, como é natural. Pero Martínez, escritor catalão de quatrocentos, não procedia diferentemente, ao compor os *làhors* ou louvores, à honra dos bem-aventurados. Devemos estar atentos a este facto, para explicarmos, por exemplo, a semelhança entre a CANTICA E PROSA E ORAÇOM DE SANCTA CATERINA (fl. 15) e a OBRA DEVOTA FETA PER LA SINGULAR VERGE SANCTA CATHARINA, de Pero Martínez ([22]).

([20]) Catânia.
([21]) curada.
([22]) *Obras de Pero Martínez*, Barcelona, 1946, pp. 128-131.

Na loa de Mestre André, vemos S. Catarina, filha *de huum rey e de hũa reynha,* disputar, sabedoramente, com os infiéis. E no entanto, era ainda bem *mançeba e menyna!* Por fim, sofreu tormentos e morreu, por amor de Jesus, de quem era *toda muyto namorada.*

E o poeta e bispo beneditino, finda a sua cantiga, desta maneira:

«Roga por nos oo bem aventurada sancta Cateryna,
poys que na hora da tua morte
te apareçeo a luz muy devyna,
e te prometeo que toda perssoa que te chamasse
que ella seeria logo ouvyda;
rogamoste que rogues por nos
em tal maneira e em tal guisa,
que a nossa oraçom seja beatificada.»

De facto, S. Catarina suplicara na hora da morte que os seus devotos fossem sempre atendidos, segundo conta a sua lenda ([23]).

A LAUDA E ORAÇOM DE SANCTA MARIA MAGDALENA, A QUAL DIRAS NA SUA FESTA E EGREJA tem o mérito histórico de se afastar das narrativas apócrifas. Nada conta da fabulosa viagem, através das ondas amargas, num navio sem velas, sem remos nem leme, até chegar a Marselha. Nada, também, da sua vida eremítica, em terras de França.

Esta loa cinge-se à narração evangélica e termina, sempre, com o mesmo estribilho em cada uma das estrofes:

«Louvemos hũa pecatriz nomeada,
sancta Maria Magdalena,
que do senhor Deus Jhesu foy muyto amada.

([23]) *Lenda, leenda, legenda,* isto é, aquilo que se devia ler. Do latim *legenda.* É uma vida de santo, escrita; não ligamos, neste caso e noutros semelhantes, nenhum significado depreciativo. Simplesmente, referimo-nos às vidas de santos, de cunho medieval. (Cf. Diogo Couto, *Asia,* dec. V, L. VI, cap. II.)

Tu fuste chea de peccados,
e buscaste o boom Jhesu rey muyto exalçado,
e em huum convyte o as achado,
de aquel Symon que te ha despreçada.

Louvemos.

Entraste dentro com grande temor,
e choraste asaz com grande dolor,
beyjastelhe os seus pees com grande amor,
por a perdoança que te ha dada.

Louvemos.

E tanta foy a tua contriçom
e o teu planto contynuado,
que lavou o teu peccado,
e do senhor Deus Jhesu foy perdoado,
todo aquel mal do qual tu eras muyto acusada.

Louvemos.

Muyto trabalhaste assaz,
por o teu peccado lavar
o boom Jhesu e te perdoar,
e ainda mays te fez de graça,
que te quyso coroar
en na sua sancta gloria e muyto beata.

Louvemos.

E en no teu albergue o reçebiste,
e de comer e de bever lhe deste,
e aos seus pees te poseste,
e fuste porem muyto leda e conssolada.

Louvemos.

Conssolanos ora por tua piedade,
e roga por nos ao boom Jhesu
rey e senhor da magestade,
que nos perdoe toda maldade,
e nos leve aa sua santa gloria, amen.

Louvemos.» (fls. 15 v.-16)

Como podemos verificar, é uma poesia um pouco anódina, sem a delicadeza poética da cantiga de S. Luzia nem o entusiasmo religioso dos seus versos de tendência mística, de que falaremos adiante.

Um pouco mais alto sobe a PROSA E LAUDA E CANTICA DE TODAS AS ONXE MYL VIRGEENS (fls. 16 v.-17). Por sinal que Mestre André Dias ou o copista destas cantigas acrescenta, audaciosamente: *se a disseres ellas te appareçeram en na hora da tua morte.* Mão antiga riscou estas palavras temerárias. E fez bem, sob o ponto de vista teológico.

Na cantiga das onze mil virgens, S. Úrsula, *sancta e bella creatura,* desempenha, evidentemente, um papel de primeira classe, à frente das suas onze mil companheiras:

«*Louvemos com grande fervor,*
aquella sancta Urssula de sancto honor,
com sua conpanhya sancta.

Onze myl virgeens, de sancta virgiindade e linpa,
sancta Urssula por amor de Christo as enduzia,
e todas eram em hũa voontade e per hũa vya,
por aver aquella gloria de grande plazer e alegria,
e porem o forte ferro do seu martirio,
en no çeeo com grande honrra as alevanta.

Sancta Urssula muyto sancta e bella creatura,
que mays luzyo que nenhũa estrella em sua figura,
chamousse do boom Jhesu serva e ançilla pura,
e em seus tormentos sempre por a sancta fe esteve firme e dura,
procurando e rogando que a ssua alma fosse sancta.

Rogade por nos oo bem aventurada Urssula e luzente,
e vos todas onze myl virgeens companhya sancta e esplandeçente,
que todos os nossos peccados assy de coraçom como da mente,
nos perdoe o senhor Deus Jhesu em esta vyda presente,
e que sempre se nembre (24) de toda pessoa
que as suas orações, laudas e canticas canta.»

(24) lembre.

E aqui está como também entraram na poesia, por mãos de Mestre André, estas onze mil virgens, nascidas da má leitura duma inscrição.

Neste capítulo, resta-nos, ùnicamente, falar duma laude para ser cantada por ocasião das procissões, em que se entoavam, naturalmente, as ladainhas dos santos: LAUDA E CANTICA E PROSA A TODOS OS SANCTOS E SANCTAS FEYTA, QUE DIRAS NAS PROCISSÕES, EN NA EGREJA.

> «Ao alto Deus Jhesu, muytas sanctas graças dando,
> e com todos os sanctos o louvando,
> cada huum de nos cante a el
> este novel canto, com amor.» (fl. 16)

Seguem, depois destes versos, mais algumas estrofes, quase em prosa, a resumir as litanias, pedindo a ajuda dos santos *que som em parayso alongados, que todos por nos roguem ao nosso senhor e criador*. Para André Dias, Cristo é o *nosso alto emperador*. Neste ponto, usa da terminologia que vamos também encontrar na *Corte Imperial*. Por isso, ao falar-lhe,dirige-se a ele, nestes termos: *Oo tu rey e senhor do muyto alto enperio, o qual tu reges per grande segredo e misterio*, etc.

E esta loa termina, com uma recomendação, em prosa, pedindo uma prece por certas intenções:

> «E diga hora (25) toda a gente aa nossa senhora reynha Deus te salve, por tal que ella nos livre de pestelenças e de fames (26), e que ella com todos os sanctos e com toda a corte çelestial, rogue por nos ao nosso boom Jhesu e nosso verdadeiro Deus e salvador.» (fl. 16 v.)

O bispo de Mégara viveu numa época angustiada pela fome, peste e guerra, ao sol-posto da Idade Média. Nesse tempo, apesar

(25) agora.
(26) fomes.

de se escreverem muitas obras em louvor da ética cristã, o certo é que a vida moral perdia a sua verticalidade religiosa, para entrar numa apodrecida decadência, precursora da Renascença e do Protestantismo. Este pessimismo palpita, dolorosamente, nas páginas do monge beneditino, que suplica:

«Envya a nos o teu Sancto Spiritu, em todo benyno e jocundo, e manda saude e paz a todo o mundo, e que atam gente christãa nom vaa mays de mal em peor, ao Inferno profundo, nem viva mays em tanto error!» (fl. 16 v.)

A sua espiritualidade católica levava-o, então, a rezar a todos os santos e santas, sobretudo a S. Maria — *nossa senhora reynha!*

Ao lado dos santos, esvoaçavam os anjos, no coração religioso dos fiéis de quatrocentos. Efectivamente, numa ORAÇOM DE JHESU E CANTYCA DE GRAM VIRTUDE, para guerra ou tempestade, doença ou *desaventuyra,* o bispo de Mégara roga a Jesus que mande S. Miguel a defender-nos, com todos os seus anjos. Não chega a ser poesia, apesar das primeiras linhas tenderem para isso:

«Oo boom Jhesu Deus todo poderoso, sey ([27]) a mym senhor salvador graçioso, e manda em mynha ajuda o teu sancto angeo sam Mygeel, alferez e porteiro da gloria do parayso, que em esta ora me lyvre e defenda de toda cousa que me quyser enpeençer e que for meu enmiigo, e de todas as enfermydades e pestelenças, e tormentas e tempestades, e de todo outro perigoo, e assy me defenda em este mundo, que eu nom moyra maa morte subytanea, nem de feridas, nem em aruydo, ou em batalha, nem em mar nem em terra, nem dormyndo nem vygiando, nem de noyte nem de dya, e que acabe os meus dyas en na fe conprida ([28]) do meu senhor Jhesu Christo, e que em verdadeira peendença seja o meu acabamento e que eu nom seja condanado nas penas do Inferno, mays que per este sanctissymo archangeo,

([27]) sê.
([28]) plena, perfeita.

parafreto. foy muyto obedi-
ente. ⁊ aa sancta fe de xpo. con-
uerteo muyta gente. el nos
queyra conuerter aa uerdadeyra pee-
dença. de todo o seu boo talē-
te. ⁊ q̄ nos perdoe os nossos pe-
cados. Jhū do mūdo saluador.
Cantica ⁊ prosa. do martyr
sam xpouā. q̄ diras quādo
uires a ssua ymagem.
Louuemos a sam xpo-
uam. o q̄l todas as
gentes louuā. ⁊ ham em
elle grande deuaçom. por
q̄ elle he martyr muyto sco.
¶ O martyr glorioso.
comprido de toda caridade. q̄
passaste o durydo rio. cō fe
de humyldade. ⁊ portaste so-
bre ty. Jhū com muyto grāde
pyedade. ⁊ aa tua pousada o
leuaste. ⁊ o cobriste com o teu
muyto pobre manto.
O xpoforo sco. q̄ fuste
grande forca de mesura. tua
fama se estende. sobre toda
creatura. q̄ toda pessoa q̄ uyr a tua
figura. com deuaçō firme. ⁊ fe
muyto pura. ⁊ q̄ em aq̄lle dya
q̄ te uyr. de enfermydade nom
auera nem huū espanto.
¶ O sam xpouā bēauentu-
rado. roga por todas as pessoas
q̄ te fazē ⁊ ham em ty alguū
uoto. a nosso senhor deus Jhū o q̄l
he muyto alto. q̄ quādo morrer-
mos uenhas por nos. ⁊ nos pa-
sses aaq̄lla gloria. honde uiues
⁊ reynas com o spū sco. amē.
Oraçō ⁊ cantica. ⁊ prosa de sam
sebastyam q̄ diras em tempo
da pestelença. ⁊ escaparas della
tu ⁊ toda outra pessoa que a
cantar ⁊ disser em cadahuū
Louuemos com dera
deuaçō. o martyr sam
sebastiam. o qual foy muyto
fiel ⁊ muyto uerdadeyro xpāao.
¶ Tu do mundo teueste gran-
de estado. ⁊ emperio por a fe de Jhū
xpo fuste aspeetado. porq̄ o pubrico
xpāao em seus tormentos pty

Bibl. Nac. de Lisboa, cód. ilum. 61, fl. 13 v.

era muyto ledo ꝛ muyto cõfortado,
¶ E por aq̃sto aq̃lle quel ꝛ muy
tissimo. q̃sa q̃ tu adorarias o ydo
lo do grande engano. ꝛ q̃ le rea
ses a hũu beauenturado. mays tu
nõ curaste do seu parlar ꝛ dizer.
por q̃ era em todo muyto vano.
¶ Sempre te achaste na fe de
xp̃o muyto forte. em todos os te
tormẽtos q̃ tu com grande massy
dõe soportaste. pensando sempre
q̃ averias por galardom. o reyno
celestyal. sempre beauenturado.
¶ O martyr glorioso. roga
por toda esta terra. ao boo Jhũ
d's muyto piedoso. q̃ nos guar
de de pestelencia. ꝛ de todo outro
mal ꝛ postema. em todo este
Cantico ꝛ lauda do co Cano.
fessor de Jhũ xp̃o. sam nyco
laao. bispo bem auenturado.
O E cadahuũ devotamẽ
te. deve seer louvado.
sam nycolaao beauenturado.
¶ Sam nycolaao he ꝛ deue a
seer a todos luzente ꝛ exempla.

por q̃ como elle foy nado.
logo jejũou dos dyas na so
mana. muy de grado. ꝛ deu
exemplo a todos. q̃ como el
jejuou. q̃ assy nos jejũemos.
aq̃lles dyas q̃ p̃ a s̃ca egreja
¶ Este confessor he mandado.
de xp̃o. q̃ a nos foy exemplo
sco. elle nos leue ao parayso.
em q̃l q̃r estado q̃ morrermos.
ꝛ nos guarde de todo pecado.
ꝛ de toda fortuna ꝛ tempes
tade. ꝛ de todo outro mao
fadairo. Amẽ. amẽ.
Lauda ꝛ oraçõ de sam mar
tinho. q̃ dirres na sua festa.
P Or bondade de d's Jhũ
beauẽturado. oremos
a sam martinho q̃ o mundo
ha despreçado. por aver o
amor do boo Jhũ muyto divino.
¶ Sam martinho bp̃o sc̃o ꝛ
muyto veraz. ꝛ pastor das o
velhas do boo Jhũ xp̃o. cõ grã
de fe ꝛ ꝑtz. elle as pasceo de
hũa herua da q̃l a d's muyto apetos.

b 3

Bibl. Nac. de Lisboa, cód. ilum. 61, fl. 14

e per todos os outros angeos e archangeos a mynha alma seja levada e alogada ([29]) na glorya do parayso, antre ([30]) todos os sanctos e sanctas, os quaes todos som bem aventurados.» (fls. 9 v.-10)

E a oração vai andando pelo mesmo estilo, *muyto humildosamente,* pedindo ajuda e livramento contra o *maao angeo da pestelença.* Que os bons anjos o livrassem «do poder do diaboo e de todo spiritu malygno, que me nom possam empeençer ([31]) nem mal fazer, nem accusar nem condanar, em nenhuum juizo, nem em mar nem em terra, nem em paz nem em guerra, nem em navyo, nem em algũa mynha obra, nem comendo nem bevendo, nem dormyndo nem velando, nem trabalhando nem folgando, nem cuydando nem falando, nem algũa cousa fazendo ou obrando. Oo salvador do mundo, amanssa ora a tua sanha e a tua yra», etc.

Resta-nos, finalmente, uma composição difícil de classificar, entre a prosa e o verso, que se intitula CANTICA E LAUDA DE TODA A CAVALARIA DO ÇEEO (fls. 40 v.-41 v.). É em louvor dos nove coros celestiais:

«*Alegrandonos no Padre e Filho e Spiritu Sancto,*
com corações muyto humyldosos,
cantemos laudas e canticas
a todos os angeos bem aventurados.

Louvemos e honrremos
com muyto grande desejo,
todos os angeos e sanctos,
por que por nossos guardadores nos som dados,
e pera nos defender em nossa vida,
nos som per Deus hordenados,

([29]) colocada, posta. Vem do substantivo *logo,* lugar, muito frequente no português medieval.
([30]) entre.
([31]) empecer, impedir.

6

e com elles som os archangeos,
e muytas outras companhyas
de spiritos angelicados,
os quaaes pera nosso serviço e salvaçom
nos som per o nosso Deus Jhesu assiinados.

Michael que tanto quer dizer,
tal como o Deus infinito,
leva nossas almas ao parayso,
e por nos esta ante o nosso Deus em juizo,
com sua balança pera pesar
as nossas boas obras e maas,
e pera nos defender do spiritu maligno,
e por a ssua grande potençia,
Luçifer foy lançado do çeeo muyto lynpo,
com outros muytos diaboos
a elle muyto achegados.

Gabriel que quer tanto dizer,
como de Deus forteleza,
elle nos defende e ajuda,
quando da carne ou do mundo, ou do dyaboo,
padeçemos tentaçom,
e nos sostem que nom cayamos
em nenhũa desasperaçom,
e el foy aquel que saudou a virgem sancta Maria,
e preegou primeiro a sancta encarnaçom,
pera os homens e molheres averem de seer salvos.

Raphael tanto quer dizer
como de Deus meezinha,
por que el em nossas doenças e enfirmydades,
nos visita e nos livra,
e nos procura do senhor Deus Jhesu,
que ajamos tempo pera fazermos
verdadeira penitençia dos nossos pecados,
e em camynhos, e en no mar e en na terra,
elle aconpanha todas as pessoas
que a el som encomendadas.

Vertudes, principados e senhorios,
estas som tres ordeens nomeadas,
por que por ellas nos mostra o senhor Deus
muytos synaaes e maravilhas,
e nos faz muytas merçees
e muytos benefiçios e muytas graças,
e nos envya em este mundo muyto pam e vynho,
e faz grandes avondanças,
aos que som de estas hordeens bem nembrados.

Tronos som chamados e poderios,
outras duas hordeens de grandes senhorios,
os quaaes per devynal providençia
julgam o mundo em verdade e justiça,
e defendem os reynos e as terras,
de guerras e de pestelenças,
e de fames e de tribulanças,
a todos aquelles que delles som louvados.

Cherubyno e seraphyno
som duas ordeens as mays altas
que com Deus som mays que as outras ajuntadas,
e per ellas todos os saberes
e todas as sçiençias nos som dadas,
e per ellas dos peccados somos guardados
e amam a Deus sobre todas as cousas
e as nossas almas e de todos aquelles
que delles som muyto amados.

Estas nove ordeens de angeos
nos guardem em este mundo toda vya,
e que sempre sejamos fora dos peccados,
e livres e guardados
de todos os perigoos e contrayros
de noyte e de dya
e nos queyram sempre acompanhar,
e as nossas almas levar
aa gloria do parayso,
honde som todos os sanctos, amen.» (fls. 40 v.-41 v.)

Transcrevemos toda esta cantiga, porque ela poderia passar por um tratadinho de angeologia, provàvelmente enraizado nas *Etimologias* de S. Isidoro de Sevilha. (L. VII, cap. V. *De angelis*).

Com altos e baixos, Mestre André não revela toda a sua força nas loas que ele fez em louvor dos santos. Vamos agora estudar as cantigas e laudes em honra de Nossa Senhora e do Menino Jesus, sem os fogachos um pouco barocos das suas *orações* místicas, mas delicadas e ternas. Como tantos temperamentos apaixonados e violentos, o bispo de Mégara comovia-se diante do presépio e da Virgem Maria. Aquela criancinha, entre um boi e uma jumentinha, ao lado duma rapariguita, virgem e mãe, comovia muito mais a sua alma do que a lembrança dos santos que habitavam no paraíso.

CAPÍTULO IV

LOAS DO NATAL

OUVIMOS, ainda, loas do Natal. Em terras de Miranda, por exemplo, os *embaixadores* pedem às meninas que entrem junto do Menino Deus, para cantarem o seu nascimento:

«Entrai donzelas, entrai,
por essas portas adentro
ide cantando louvores
ó sagrado nascimento.» (1)

Cantam as donzelas e tornam a falar os embaixadores, pedindo um anjo para os alumiar:

«Mandai-nos um anjo do céu
que nos venha alumiar,
que eu não vejo a estrada
por onde caminhar.

O Anjo com a luz:

Aqui tendes esta luz,
eu serei o vosso guia,
vamos ver a Jesus Cristo,
filho da Virgem Maria.

(1) Firmino A. Martins, *Folklore do concelho de Vinhais*, T. II, Lisboa, 1939, p. 283.

Andai comigo, meninos,
a dar lo vosso recado,
vamos ver a Deus menino,
numas palhinhas deitado,
Jesus Cristo feito homem
e destruidor do pecado.» (²)

Estas loas com os *cantares* e *autos* (³) dos Reis Magos e Pastores constituem uma das mais belas formas literárias do Cristianismo.

Na Idade Média, como noutros tempos, nem tudo era edificante, pela festa do nascimento de Jesus. Em 1473, um concílio de Aranda, mandado celebrar por D. Afonso Carrilho, arcebispo de Toledo, fala-nos de representações, mascaradas, figuras monstruosas e versos indecentes — *ludi theatrales, larvae, monstra spectacula* [...] *turpia carmina* — que vinham a público, nas igrejas, por ocasião do Natal, da festa dos SS. Inocentes, S. João Baptista, etc. (⁴). Estes males, evidentemente, não paravam nas fronteiras portuguesas.

Ainda assim, formou-se um ciclo literário de terna religiosidade afectiva sem par na literatura pagã. A ideia do presépio vinha de longe, muito antes de S. Francisco de Assis. Assim se polarizaram mil sentimentos poéticos e religiosos, em torno do Menino Deus, sob uma forma palpável e pitoresca — uma mangedoira, um menino, Nossa Senhora, S. José, um burrinho e uma vaquinha.

Como o povo, ao contar um facto qualquer, tende sempre a representá-lo dramàticamente (por gestos e repetição do diálogo, onde o narrador se desdobra em vários personagens), não admira que a liturgia da festa do Natal, influenciada pela alma popular, tendesse para aceitar elementos cada vez mais dramáticos.

(²) *Ib.*, p. 285.
(³) *Ib.*, pp. 286-287.
(⁴) L. F. Moratín, *Orígenes del teatro español*, Buenos Aires, 1946, p. 32, n.º 31.

Por conseguinte, a festa do Natal principiou a ter os seus dramazinhos para representar, pois não faltava assunto: aparição dos anjos aos pastores, adoração dos Reis Magos, fuga para o Egipto, etc. Foi no século XI que surgiu, em França, o mais antigo drama dos Reis Magos, conhecido até hoje (5). A acção vai-se enriquecendo no decorrer do século XII, com um cerimonial estabelecido e exigente: Alguns dias depois do Natal, no dia da Epifania, à missa, entravam pela igreja três personagens, com coroas reais na cabeça e vestidos de seda. Eram os Reis Magos. Avançavam gravemente, levando caixas douradas e iam a cantar. À frente, caminhava também uma estrela, pendurada dum fio. E um dos Magos mostrava a estrela aos companheiros e dizia: *Eis o sinal que anuncia o Rei!*

Depois, aproximavam-se os três do altar, onde estava, ao que parece, Nossa Senhora com o Menino Jesus ao colo, e ofereciam-lhe oiro, incenso e mirra.

Como se vê, era um drama ainda a meio caminho da liturgia, um esboço de teatro.

Mais tarde, surgiu um gesto novo: o primeiro dos Reis Magos ajoelhava, antes de oferecer o seu presente. Na segunda metade do século XII novos elementos dramáticos e atitudes inéditas foram enriquecendo o esquema primitivo, tornando-o mais complexo e teatral.

Pouco nos interessam, neste ponto, os reflexos deste teatro religioso na escultura das catedrais e igrejas (6), sobretudo da França. O certo é que as figurinhas do presépio se animavam cada vez mais e que os dramaturgos medievais quebravam, pouco a pouco, uma certa gravidade silenciosa da liturgia, num crescendo de audácia.

Numa colecção de milagres do século XIV, encontra-se, até, um pequeno mistério do Natal, onde, pela primeira vez, Nossa Senhora e o próprio Menino Jesus aparecem e falam na cena (7).

---

(5) E. Mâle, *L'art religieux du XII siècle en France*, Paris, 1940, p. 140.
(6) Idem, *ib.*, pp. 140-142.
(7) Gaston de Paris, *La poésie du Moyen Age*, Paris, 1922, p. 237.

Desta sorte, nasceram os autos do Natal, das entranhas da liturgia, mediante uma forte assimilação de elementos populares de tendência dramática, sem falarmos da influência dos evangelhos e actos apócrifos:

«Le cycle de Noël (escreve de Ghellinck) déborde largement des seuls récits de l'Écriture. Beaucoup plus que le cycle de Pâques, il emprunte beaucoup de détails aux apocryphes et depuis sa première esquisse à Saint-Gall et à Limoges, par l'intermédiaire des tropes, il est l'object d'une floraison très abondante, entre autres à Rouen, à Fleury-sur-Loire, à Saint-Pierre-du-Mont-Blandin à Gand, à Nevers, en Angleterre, à Lichfield, ou les *Statuta* de 1188-98 mentionnent l'*Officium Pastorum*, à Montpellier, à Laon, à Compiègne et en Allemagne. C'est autant, sinon plus, que celui des Pâques, la dramatisation du récit biblique; mais il ajoute la dramatisation de beaucoup de légendes, comme aussi l'augmentation de l'élément tragique et comique, et ce processus continuera à grandir dans toute l'évolution du drame médiéval, comme aussi dans le sermon.» (8)

Ao núcleo primitivo do *Ludus Pastorum*, continua de Ghellinck (9), justapuseram-se outros dois: o dos Inocentes e o dos Reis Magos. O dramazinho dos Magos, intitulado *Officium stellae*, acaba por absorver o *Ludus pastorum* e entrou muito em voga. Talvez fosse, em parte, por causa da importância que as cruzadas deram aos povos e terras orientais.

Neste teatro primitivo, em volta do Menino Jesus, devemos pôr em relevo as famosas natividades da Valónia — *Nativités wallonnes*. Tão cheias estão de frescura ingénua que até aparece um pastor a oferecer-se para tocar flauta, a fim de consolar o Menino — *por consoleir le pitit enfan* (10). Passando por cima do fecundo teatro medieval

(8) *L'essor de la littérature latine du XII siècle*, Bruxelas, 1946, T. II, p. 263.
(9) *Ib.*, p. 264.
(10) R. Bossuat, *Hist. de la lit. française. Le Moyen Age*, Paris, 1931, p. 215.

inglês ([11]), recordamos, novamente, as *laude* italianas de quatrocentos, sem esquecer o nosso teatro pré-vicentino.

Ora, embora as laudes de André Dias se destinassem, geralmente, ao canto e não à representação no palco, o certo é que algumas delas tendem para o diálogo dramático.

As suas descrições da vinda dos Reis Magos e do nascimento de Deus menino significam, ao que nos parece, um esforço para *re-presentar* os factos passados, isto é, torná-los outra vez presentes.

Entre as laudes de Mestre André Dias, vêm cinco dedicadas, expressamente, ao Natal e aos Reis Magos. Não nos referimos, evidentemente, às cantigas e laudas da *virgem sancta Maria,* uma das quais centrada, substancialmente, na encarnação do Verbo de Deus e na vinda dos santos Reis. No entanto, metemo-la aqui, como no seu lugar próprio — embora pudéssemos enquadrá-la noutro capítulo:

«CANTICA E LAUDA DA VIRGEM SANCTA MARIA QUE PODES DIZER EM CADA HUMA SUA FESTA.

Louvada seja sempre toda vya,
a raynha dos çeeos virgem sancta Marya.

Tu fuste saudada
virgem Maria bem aventurada,
e de Gabriel chamada,
ave graçia plena ([12]);
reçebeste novella ([13]),
dolçissyma donzella,
e depoys te chamaste ançilla e serva,
e como as ([14]) dicto, assy feyto e conprido ([15]) seja.

([11]) J. W. Creizenach, *The early Religious Drama*, em *The Cambridge history of english literature*, T. V, Cambridge, 1934, pp. 36-60.

([12]) Quer dizer: *Ave! ó cheia de graça!*

([13]) nova, notícia.

([14]) hás, tens.

([15]) cumprido.

E logo veo em ty veramente
o filho de Deus omnipotente,
por salvar toda a gente,
a qual entom morrya,
e ao Inferno descendya (16),
e toda alma se perdya,
mays per ty foy salva
gloriosa virgem Maria.

E portaste (17) o teu filho muyto amante,
que nunca a el ouve (18) outro semelhante,
e per Gabriel arcangeo
te foy annunçiado muyto adeante,
e paristeo com plazer e alegria,
antre huum boy e huum asno,
honde nom avya outra cortynha (19).

E depoys que o ouveste nado (20),
logo hũa estrella appareçeo,
e atanto esplandeçeo,
que todo ho aar reluzia,
e a rey Herodes foy contado
do teu filho muyto beato,
que o rey de todo ho mundo era nado,
o qual tu tiinhas em tua balya (21).

E os tres reys magos ho adorarom,
e seus dões lhe portarom,
de ouro e mirra e ençensso,
e Jhesu todo reçebya,

---

(16) descia.
(17) trouxeste.
(18) houve.
(19) cortina.
(20) nascido.
(21) valia, valimento.

e entom rey Herodes com grande quebranto,
todos os menynos de huum ano,
fez buscar e andar tomando,
por tomar hy ([22]) Jhesu, que aver querya.

Senhora por este teu filho bem aventurado,
ave ([23]) sempre de nos piedade,
e toma de nos sempre cuydado,
e nom vivamos em maldade,
mays que sempre usemos de verdade,
e nos tira de tristeza,
e de toda aspereza,
e que sempre ajamos ([24]) alegria, amen.» (fls. 39-39 v.)

Porém, outras loas existem, ainda, mais claramente escritas para o Menino Deus, *entre um boi e um asno,* como diz Mestre André. Uma delas é, quase toda, uma exclamação de alegria religiosa — *o boom Christo Jhesu he nado* (o bom Jesus Cristo nasceu)! Toda a gente estava perdida *e degradada.* Porém, Jesus, para perdoar os nossos descaminhos, *naçeo em este mundo triste.* Nasceu um formoso lírio, branco e vermelho! E para quê? Para nos aconselhar e sofrer a morte, por amor de nós. Apareceu, em Belém, o senhor da Virgem pura! Que ele nos dê, nesta festa, muita consolação! Louvemo-lo e cantemos:

«O boom Christo Jhesu he nado,
e humanado,
por salvar toda a gente,
que era perdida e degradada,
por o primeiro nosso parente.

([22]) aí.
([23]) tem.
([24]) hajamos, tenhamos.

Nado he o senhor Jhesu Christo,
por todo o poboo seer remiido,
de nos muyto peccadores
que eramos degradados ([25])
de seermos seus servidores,
e por perdoar nossos errores
veo e naçeo em este mundo triste
e de todo muy faleçente.

Resp. *O boom Christo Jhesu he nado.*

Huum fremoso lilyo, branco e vermelho,
nado he em este mundo, pera a nos dar boom consselho,
e por fugirmos do Inferno muyto profundo,
porem teve por bem de viir ([26]),
e por nos morte soffryr,
a qual era muyto danosa a nos primeiramente.

Resp. *O boom Christo Jhesu he nado.*

Em Bethleem he nado,
o senhor da virgem pura,
o qual foy prophetizado
por a sancta scriptura,
el remiidor e pyedoso assaz,
nos de ([27]) em esta sua festa muyto solaz,
que o louvemos e a el cantemos,
muyto gloriosamente.

Resp. *O boom Christo Jhesu he nado.*» (fls. 28-28 v.)

Como já notámos, o estribilho repete a mesma exclamação litúrgica que tanto encontramos, ainda, nos responsos que o sacerdote reza. E este grito de júbilo — *O bom Jesus nasceu!* — pouco se afasta, por exemplo, da frase que o padre pronuncia, em latim, quando dá o Menino a beijar: *Christus natus est nobis! Venite, adoremus!*

(25) privados, impedidos.
(26) vir.
(27) dê.

(Cristo nasceu, etc.). Ou então, como se cantava num tropo do século XI ([28]): *Christus natus est hodie* (Cristo nasceu hoje).

Anos antes de Mestre André Dias, no *Commonplace Book*, do inglês J. Grimestone (1372), surgia *A Song of the Nativity* (Uma canção do Natal) que principia desta maneira:

«In Bedlem is a child i-born
sal comen a-mongus us,
He's comun to saven that was lorn —
His name is Jhesus.» ([29])

Quer dizer:

«Em Belém, nasceu uma criança,
virá para o meio de nós,
veio para salvar o que estava perdido
— o seu nome é Jesus.»

Como se pode ver, é o conteúdo poético substancial do refrém, já transcrito, da loa do Natal, do bispo de Mégara.

Do amor ao Menino Jesus, deitado sobre palhinhas, numa mangedoira, nasceu uma vasta literatura de hinos, prosas, cânticos, odes e tropos, loas em línguas vivas e peçazinhas sagradas de teatro. E esta literatura esbracejou por todo o mundo cristão. E que carinho maternal, nestes versos antigos! Num deles, a Virgem Maria deita o menino no presépio e exclama, docemente: *Jam tempus est ut dormias dilecte mi, mi Jesusle* (Já é tempo de dormir, meu amado, meu pequenino Jesus)! Expressões líricas neste estilo ([30]) podíamos encontrá-las, a cada passo, como se esta Criança enchesse de carinho o coração do mundo.

Outra loa do *laudário* do bispo de Mégara, sobre o Natal, vai seguindo em estrofes encadeadas, num estilo florido: Jesus nasceu

([28]) *RH*, n.º 36187.
([29]) *RLXIV*, p. 75. (Cf. mais *songs of the Nativity* em *RLXV*, pp. 109-120.
([30]) *RH*, n.º 9404.

da flor virgem sancta e pura. Ó natureza humana, como estavas tu perdida e escurecida! E como Jesus, nascendo, te enobreceu! Não sejas ingrata ao teu *alto alomeador!* Ele é uma *flor de piedade,* nascida da santa virgindade, uma rosa, um lírio divino. Veio do *nobre jardym* de Nossa Senhora e foi-nos enviado *como huma muy nobre frol.* Mas ele, *regedor* do céu e da terra, preferiu nascer em grande pobreza e *nuydade* (nudeza). E a loa termina com uma prece:

«OUTRA CANTICA E ORAÇOM DA FESTA DE NATAL DO BOOM JHESU FLORIDO, O QUAL NAÇEO DA FLOR VIRGEM SANCTA E PURA, DEUS E HOMEM BENEDICTO; ALEGRESSE TODA HA HUMANAL NATURA EM ESTA FESTA COM GRANDE AMOR ([31]).

Oo humana natura, quanto eras toda perdida,
por que assy como treevas eras muyto escoriçida,
e por a naçença do boom Jhesu fuste muyto nobreçida,
nom sejas porem desagradeçida,
ao teu muyto alto alomeador.

Alomeador çerto e flor de piedade,
he nado ([32]) no arco da sancta virgiindade,
rosa e lilyo de dentro da diviindade,
perfeyto Deus e homem, e de todo o mundo senhor.

Senhor devinal do çeeo nos foy envyado,
de dentro do muyto nobre jardym donde elle ([33]) plantado,
e seendo Deus filho de Deus padre geerado,
a nos foy envyado como hũa muy nobre frol ([34]).

Flor de Nazare se feze chamar,
e por senhor Jhesu se fez nomear,
e en no ventre da virgem Maria sua madre
se quyso geerar,
por todo o mundo aver de salvar
do qual elle era e he senhor e regedor.

([31]) Este final, desde a palavra *alegresse*, parece não pertencer já ao título.
([32]) nascido.
([33]) Parece faltar a palavra *foi* ou outra equivalente.
([34]) flor.

Regedor era e he, e pero com grande humyldade
naçer em grande pobreza e nuydade ([85]),
por nos fazer viir aa sua gloria e çidade,
honde o veeremos como grande rey e senhor.

Oo senhor Jhesu que com grande alegria,
naçiste em este mundo e com grande senhoria,
defendenos sempre e guarda, de noyte e de dya,
e assy sempre nos guya,
que nom cayamos em nenhuum falsso error. Amen.» (fls. 28 v.-29)

Depois desta cantiga, segue-se OUTRA CANTICA DO BOOM JHESU EN NO DYA DE NATAL, E ORAÇOM DE GRANDE DEVAÇOM E ALEGRYA. Sem ritmo e de rimas quase postas de parte, chega a dar-nos a impressão duma oração litúrgica, em prosa vulgar, com as aleluias do costume: Aleluia! Cristo desceu ao mundo, para vencer o mundo e toda a soberba, para nos livrar do Inferno e dar-nos o seu reino. Pois é isto, escreve André Dias, que nós devemos pedir, nesta festa:

«Alleluya, alleluya, alleluya,
esta noyte toda vya,
na cidade de Bethleem
naçeo o nosso salvador Christo Jhesu
com muyto plazer e alegrya, alleluya.

Oo boom Jhesu que naçiste
e desçendiste a nos por tua graçia,
tu nos queiras dar sempre vitoria,
que vençamos o mundo e o dyaboo,
e toda outra superbya ([86]).

([85]) nudeza, que está nu.
([86]) soberba.

Oo boom Jhesu livranos de todo mal,
que te possamos sempre louvar,
e com a tua misericordya
fazenos sempre aver bondade,
e aver sempre do teu sancto nome
renembrança ([37]) e memoria.

Oo boom Jhesu acabanos senhor
em verdadeira penitençia,
e fazenos com tigo reynar
en na tua sancta gloria,
e nos livra do Inferno
per omnya seculorum secula ([38]), amen.» (fl. 29)

O presépio era uma lição para meditar e não sòmente um episódio comovedor, embora despido de significado religioso e fundamente humano. É por isso que o monge e bispo beneditino vai cantar, numa loa, o contraste, a *queda infinita* do Verbo de Deus que se fez homem a fim de morrer por amor de nós. Mas, dessa morte nasceu a vida e, desde então, a luz *muyto alta* brilhou na alma do homem:

«LAUDA E PROSA DE NATAL, QUE DIRAS AA HONRRA DA NAÇENÇA DO BOOM JHESU, E AVERAS A SUA GRAÇA, AMEN.

Oo Jhesu Christo bemaventurado,
espelho nom mazellado ([39]),
o teu perfeyto estado,
demostra a mynha muyto grande vylidade ([40]).

([37]) lembrança, recordação.
([38]) Frase latina. Quer dizer: *por todos os séculos dos séculos.*
([39]) *mazzellado* quer dizer: com mazelas. Aqui, *nom mazellado* significa: sem manchas.
([40]) vileza.

Reguardey ([41]) a mynha desmesura,
e vy a tua grande mesura,
e humanydade perfeyta,
consiirey a tua muyto grande altura,
como era abaixada,
mostrandosse muyto despecta ([42])
e aa humana natura,
se feze muyto sojeyta,
e nom leixando a ssua altura,
vestyosse desta nossa humanidade.

A humanydade de Christo
sempre foy atormentada,
e en no mundo converssando,
sobre a cruz foy pregada,
e eu a ssua cruz contemplando,
vejo que em o preço pagando,
a morte se tornou em vyda,
e a natura que era pereçida ([43])
resurgyo por a ssua grande piedade.

Piedade [...] çertamente ([44]),
aa natura humana mostrou Jhesu salvador,
e fez novellamente
aquella luz muyto alta
e espelho muyto luzente,
que deytou em mym muyto nobre esplendor,
aquella vyda verdadeira, que me fez sem error,
conhoçer a mynha muyto grande vaydade.» (fl. 68)

Em torno do Menino Deus, rezavam os três Reis Magos. André Dias compôs também duas loas em sua honra — uma delas para a

([41]) olhei, reparei em.
([42]) desprezada.
([43]) que perecera ou morrera.
([44]) Depois do termo *pyedade*, falta uma curta palavra que não conseguimos entender.

festa da Epifania e a segunda em louvor da estrela maravilhosa que os guiara:

«CANTICA E LAUDA DA ESTRELLA DOS TRES REYS MAGOS
QUE OS GUYOU A JHESU.

Estrella nova sobre a gente,
tu oo boom Jhesu apareçiste.

Estrella apareçiste,
ao mundo quando naçiste,
menyno muyto fremoso,
muyto fraco e muyto poderoso,
por salvares toda a gente.

Os reys magos bemaventurados,
come (45) te virom logo te conheçerom,
dizendo: nado he o salvador,
de Deus Padre filho omnipotente.

E diserom: nado he o rey benyno (46),
que tem o emperio muyto dyvyno,
e o seu sinal no çeeo he apareçido,
que elle he naçido verdadeiramente.» (fls. 29 v.-30)

Salta aos olhos que a estrelinha dos Reis Magos foi, no entender do bispo de Mégara, um símbolo da verdadeira estrela — Jesus Menino. Aquela criança, *fraca* e *poderosa* nascera para guiar os homens à salvação!

A outra lauda dos Reis é muito mais extensa e vai-nos contando a história da encarnação do Filho de Deus, desde a Anunciação até os Magos voltarem para as suas terras. E diz-nos como o Menino estava deitado no feno, *antre huum boy e huum asno manjador* (entre um boi e um asno comedor).

---

(45) *come*, isto é, *como*.
(46) benigno.

Nesta altura, é bom lembrar que o burrinho e a vaquinha aparecem, bucòlicamente, nos pequenos presépios esculturados da França, já no século XII ([47]). Lá estão a vaquinha triste e o jumentinho pensativo.

Tratava-se duma tradição antiga, talvez derivada dum texto bíblico, mal interpretado: *Cognovit bos possessorem suum et asinus praesepe domini sui* (O boi conheceu o seu dono e o burro o presépio do seu senhor). Ora. os apócrifos, que tanta influência tiveram na arte cristã, inventaram, logo, a lenda do asno e do boizinho, como aconteceu no pseudo-Mateus: *Porém, ao terceiro dia do nascimento do Senhor, saiu Maria da gruta e entrou no estábulo e pôs o menino no presépio, e adoraram-no o boi e o burro* ([48]).

Em 343, já existia um baixo relevo a representar esta cena rústica do nascimento do Menino Deus — e o facto repetiu-se, sobretudo nos sarcófagos cristãos. Num, de Latrão, e noutro no chamado *Campo Santo tedesco,* entre o burrinho e a vaquinha lá aparece o Menino, todo enfaixado, dentro dum bercinho que lembra um cesto, ao modo do que vemos em tantas aldeias portuguesas. E os Reis Magos entram a ver Jesus.

Prudêncio (séculos IV-V), o poeta hispânico que tantas poesias litúrgicas nos deixou, fala-nos, também, desta tradição cristã, no hino XI do *Cathemerinon*. Os apócrifos tão espalhados pela Península, sobretudo na Galécia, deviam trazer, nas suas páginas imaginosas, esta passagem plena de ingénua poesia. A arte e os presépios postos, mais tarde, em voga pelos franciscanos, encheram a Europa cristã destas figurinhas que, mesmo hoje, tanto gostamos de encontrar nas igrejas.

Pois o bispo de Mégara também gosta de nos falar do Menino, nu, ao pé de dois animais — *apar de duas anymalyas* (fl. 1 v.). Neste ponto, mergulha numa tradição milenária em que entraria, depois,

---

([47]) É. Mâle, *L'art religieux du XII siècle en France,* Paris, 1940, pp. 115-117.
([48]) H. Leclercq, *Boeuf,* em *DAC*.

Gil Vicente, com a sua *vaquinha louvadora — vaquilla loadora* [49] e o Menino *adorado de los brutos animales*.

E uma cantiga algarvia, do nosso tempo, repete ainda, em torno do presépio:

> «Do ventre da Gloriosa
> Nasce o Rei celestial.
> Não quis nascer em palácio
> Nem em cama cor de rosa.
> Lá foi nascer em Belém
> Numa pobre mangedoura,
> Onde comia o boi bento
> E a mula maliciosa.» [50]

Ora, é nesta velha tradição que se enquadram as loas de Fr. André Dias, tanto mais que, no seu tempo, a escultura portuguesa também representava, no presépio, o burrinho e a vaquinha. Basta reparar no maravilhoso relevo do Nascimento do Menino Jesus, em Atouguia da Baleia, do século XIV: O Menino está sentado numa mangedoira minúscula, entre uma vaca e uma jumentinha, enquanto S. José, sentado, se apoia no bastão. E a Mãe de Deus, deitadinha, tem uma flor na mão direita e um Livro de Horas na esquerda — ou livro de orações [51].

Cenas como esta vamos encontrá-las, semelhantemente, numa cantiga de Mestre André, em louvor de Menino Jesus e dos Reis. No entanto o poeta dirige-se, directamente, à Virgem Maria: Ó Virgem gloriosa, sejas tu exaltada, pois o anjo te saudou: *avé! cheia de graça!* E tu recebeste a notícia (*novella*) e, logo que disseste *assim seja,* concebeste pelo Espírito Santo. Nasceu Deus e *homem menyno,* sem outro haver igual. E puseste-o em cima dum pouco de

---

(49) *Obras completas de Gil Vicente,* Lisboa, 1946 (reimpressão fac-similada da de 1562), fl. 6.

(50) Afonso Duarte, *O ciclo do Natal na literatura oral portuguesa*, Barcelos, 1937, p. 31.

(51) Reinaldo dos Santos, *A escultura em Portugal,* T. I, Lisboa, 1948, p. 38 e est. XCV.

feno, entre um boi e um asno comedor e a *noyte em dya se tornou*. Levantou-se uma estrela que reluzia como o sol, para guiar os Magos. E o Menino recebeu os presentes deles: oiro, incenso e mirra. E os Reis voltaram para as suas terras, converteram muitos à fé, morrendo por ela. Que estes três Reis bem-aventurados sejam, diante de Deus, nossos advogados! :

«EM DYA DE APARIÇOM. EN NA FESTA DOS TRES REYS MAGOS QUE CHAMAMOS EPYPHANYA, DIRAS ESTA ORAÇOM E CANTIGA, COM TODA TUA DEVAÇOM, ANTE A VIRGEM SANCTA MARIA.

Exalçada e louvada todavya,
sejas sempre virgem gloriosa sancta Maria,
tu fuste bem aventurada,
quando fuste saudada,
de Gabriel archangeo, chamandote:
ave plena graçia (52).

Oo dulçissyma donzella,
reçebiste nobre novella,
chamandote ançilla e serva,
e como as (53) dicto assy seja.

E veo logo en ty verdadeiramente,
o Sancto Spiritu em todo onipotente,
do qual logo conçebiste (54),
por salvaçom de toda a gente,
a qual toda se perdya.

E conçebiste de huum filho nobre e bello
que nunca assy ouve (55) ygual nem parelho,
Deus e homem menyno e novello (56),
sem semente de nenhuum homem todavya.

---

(52) Frase latina. Quer dizer: *ave! cheia de graça!*
(53) hás, tens.
(54) concebeste.
(55) houve.
(56) novel, novo. Do latim *novellus* — a não ser que A. Dias se deixasse levar pelo termo italiano: *novello*.

E pariste o teu filho sem nenhuum dolor ([57]),
e posesteo antre ([58]) huum boy e huum asno manjador,
sobre huum pouco de feno de grande fedor,
por que a elle assy lhe prazia.

E como o logo pariste,
a noyte em dya se tornou,
que todo o mundo alomeou,
e hũa estrella se levantou,
que assy como sol toda reluzia.

E a rey Herodes foy anunçiado ([59]),
do teu filho bem aventurado,
que Jhesu rey do mundo era nado ([60]),
o qual tu com tigo avyas.

E os reys magos o adorarom,
e oferta lhe levarom,
ouro e mirra e ençensso lhe donarom ([61]),
e el todo reçebya.

E Herodes com grande espanto,
todos os menynos de huum ano,
fez morrer todos matando,
por hy achar a Christo que matar querya.

E depoys que os reys a Jhesu
suas doas ([62]) apresentarom,
logo sse a ssuas terras tornarom,
e fe de Christo acreçentarom,
por ella padeçendo todavya.

([57]) dor.
([58]) entre.
([59]) No cód. vem *anunçido*. Deve ser erro, como também se deduz da rima.
([60]) nascido.
([61]) dar, oferecer de presente.
([62]) dons, presentes.

Estes tres reys bem aventurados,
sejam ante Deus nossos vogados ([63]),
e sempre por elles sejamos defenssados
em mar e em terra, e de noyte e de dya.» (fls. 29-29 v.)

Procurar originalidade ideológica nesta cantiga do monge e bispo beneditino equivaleria a pedir uvas a um pessegueiro, se nos permitem esta expressão popular. Mestre André Dias limitava-se a pôr em verso ou, antes, a colocar em rima as narrativas que o povo devoto gostava de ler. A poesia litúrgica seguia pelos mesmos trilhos e lá surge, também, o Menino Jesus, que repousava «entre os zurros roucos do burro e os mugidos do boi» — *Raucos asini ruditus bovis inter et mugitus* ([64]).

As poesias em volta do presépio floresciam por toda a Europa medieval, sob a neve recolhida dos fins de Dezembro. Em *Religious Lyrics of the XIVth century,* da velha Inglaterra, encontramos, a cada passo, algumas dessas meigas canções religiosas. Podemos ler uma canção de embalar — *Lollai litel child whi wepistow so sore?* E vai-nos explicando porque chorava, tristemente, o Menino Deus ([65]): Ele era um peregrino a *vaguear neste falso mundo!*

Mais adiante, surge um diálogo entre Nossa Senhora e o seu Filhinho ([66]). Segue-se uma canção do Natal — *A Song of the Nativity* ([67]), por sinal bastante parecida à loa do bispo de Mégara para a *festa dos tres reys magos que chamamos epyphanya* (fl. 29). Por toda a parte, a mesma comoção religiosa, infantil e simples, mesmo um pouco feminina e maternal: *Christ weeps in the Creadle for Man's Sin* ([68]) — Cristo chora no berço pelos pecados dos homens. Ponhamos de parte uma poesia sobre o Menino Jesus a tremer de

([63]) advogados.
([64]) *RH,* n.º 40419.
([65]) Por Carleton Brow, Oxford, 1924, p. 35.
([66]) *Ib.*, p. 70.
([67]) *Ib.*, p. 75.
([68]) *Ib.*, p. 80.

frio — *The Cristt Child shivering with cold* ([69]). É talvez esta canção de embalar que melhor poderia falar a um coração de mãe: *A Lullabay to Christ in the Cradle* ([70]). Dorme, dorme, meu filhinho, descansa um pouco, diz esta *Canção para arrulhar Cristo no berço.*

Jacopone da Todi não falava noutro tom ao *dolce bambino.* Criado neste ambiente, André Dias era mais um *jogral de Deus,* como tantos havia por esse mundo de Cristo. No entanto, as suas loas em torno dos Reis Magos e do Menino Jesus, cantadas pela confraria do SS. Nome de Jesus, em S. Domingos de Lisboa, representam, para nós, o valor único dum salvado que chegou até ao século XX, resto duma literatura mais vasta que se foi afundando e desaparecendo, irremediàvelmente, ao longo de quinhentos anos tempestuosos.

([69]) *Ib.*, p. 91.
([70]) *Ib.*, p. 83.

CAPÍTULO V

LOAS E PRANTOS DE NOSSA SENHORA

As ordens religiosas contribuíram imenso para a exaltação da SS. Virgem, durante a Idade Média. Assim, monges, frades e religiosas, eremitas e emparedadas, compuseram milhares de hinos, cânticos e *prosas,* para a glória da Mãe de Deus.

Clérigos, bispos e homens devotos seguiam pelo mesmo trilho e todos eles carrearam a sua pedra para esse monumento comovedor que é a poesia mariana medieval. O *Repertorium Hymnologicum* traz cerca de três mil e quinhentos hinos, cantos, prosas, sequências e tropos, em sua honra, *laudas,* ofícios rimados, acrósticos, poemas, preces litaníacas, enfim, um mundo de emoções em torno da Virgem Santíssima. E só nos referimos à poesia latina, quer de moldes clássicos, quer de tipo rítmico (1). Entre estas composições vem uma *lauda* de quatrocentos, a lembrar uma loa de André Dias, e que principia assim: *Salve Mater gratiarum* (2).

Tomavam nomes muito diversos, estas poesias antigas e de moldes quase sempre litúrgicos: *Lauda, laudismus, illatio, laudatorium, laus, lamentatio, salutatorium* — além doutros muitos já apontados por nós.

(1) U. Chevalier, *Repertorium Hymnologicum,* Bruxelas, 1892-1920. (Cf., T. VI, índices.)
(2) *Ib.,* n.º 40688.

Os poetas serviam-se de metáforas sem conto, para invocar Nossa Senhora: rainha do Céu, aurora que se levanta, auxílio dos cristãos, senhora do bom socorro, senhora da consolação, senhora das dores, jardim de rosas, mãe de Cristo, senhora morena, refúgio dos aflitos, rosa que nasceu entre espinhos, vara de Jessé — para não falarmos duma série de invocações que o povo se acostumou a ouvir, umas atrás das outras, num esboço das futuras ladainhas de Nossa Senhora (3).

Ora, muitas destas expressões, vamos encontrá-las nas *laudas* de Mestre André Dias, em louvor da Virgem, de inspiração litúrgica e também destinadas às festas de Nossa Senhora. Nem admira. Em latim e em *romance,* santos e poetas compunham versos a Santa Maria, também em Portugal e na Espanha. Escreveram-se ofícios rítmicos de Nossa Senhora, como o *Officium almifluae Virginis,* do franciscano Fr. Gil de Zamora (século XIII):

«Haec est virgo generosa,
Haec est virgo gratiosa,
Haec est prudens et formosa,
Haec est veris vernans rosa
Redolens suaviter
Et confortans fortiter.» (4)

E num breviário do século XIV (5), vêm antífonas por este estilo:

«Haec est illa stella maris,
per quam fulsit lux solaris,
cujus festum celebremus,
et juvamen imploremus.» (6)

---

(3) Pourrat, *La spiritualité chrétienne,* T. II, Paris, 1928, p. 519, n. 2: «Les Litanies dans leur forme actuelle existent depuis le milieu du XVI siècle. Mais elles étaient en voie de formation bien avant cette date».

(4) Samuel Eijan, *La poesia franciscana,* Santiago de Compostela, 1935, p. 33.

(5) J. Aug. Ferreira, *Estudos Histórico-Litúrgicos,* Coimbra, 1924, p. 275.

(6) Ms. 657 da Bibl. Publ. de Braga, fl. 168; cf., também, *Breviarium Bracharense,* 1494, no mesmo ofício rítmico de Nossa Senhora da Conceição; M. Martins, *A Imaculada Conceição na espiritualidade portuguesa,* em *Brotéria,* XLIII (1946), 571-572.

No século XIII, apareceram os milagres versificados, das *Cantigas de S. Maria,* enquanto Gonçalo de Berceo (século XIII) escrevia os *Loores de Nuestra Señora,* o *Duelo de la Virgen María* e os *Milagros de Nuestra Señora*:

«Todos somos romeos que camino andamos
[..]
En esta romería avemos un buen prado,
en qui trova repaire tot romeo cansado,
La Virgen Gloriosa madre del buen criado,
Del qual otro ninguno egual non fue trovado.» (7)

Por seu lado, Raimundo Lúlio escrevia, em catalão, o *Plant de la Verge* e as *Hores de Nostra Dona Sancta Maria — la dolça dona damor,* como ele dizia (8).

Jacopone da Todi dedicava algumas das suas *laude* à Virgem SS.: *O Regina cortese, io so a voi venuto...* (9). Em França, apareciam vidas latinas, rimadas, entre elas uma intitulada *Vita dulcissimae... Virginis Mariae* — vida da muito doce Virgem Maria (10). Já desde o século XII que corriam, em francês antigo, o *Stabat Mater* e as *Plaintes de la Vierge.* Mais tarde, Gautier de Coinci e Jean Brisebarre de Douai faziam versos e compunham *serventois,* como eles diziam, em louvor de Nossa Senhora. E um trovador escrevia:

«Douche Virge, jointes mains en plourant
Marchi vous proi qui mi voelliés entendre.» (11)

E o monge Gautier de Coinci († 1236), pondo em trinta mil versos uma quantidade enorme de milagres de Santa Maria, nada

(7) *Milagros de Nuestra Señora,* n.os 17-19.
(8) Ramon Lull, *Rims,* T. I, Malhorca, 1936, p. 198.
(9) *Le Laude,* Bari, 1930, p. 1.
(10) *Catalogus codicum hagiographorum latinorum,* T. I, Bruxelas, 1889, p. 235.
(11) R. Bossuat, *Hist. de la lit. française. Le moyen âge,* Paris, 1931, p. 137.

mais fez do que simbolizar um fenómeno literário e religioso da mais vasta envergadura, em toda a Europa medieval.

Mil poetas compunham canções em louvor desta *puchele en cui Dex vaut descendre* ([12]). Na velha Inglaterra, antes do Protestantismo ter gelado a religião no coração dos homens, a Virgem ocupava um lugar altíssimo, por exemplo, na poesia do século XIV. Basta percorrer uma pequena colecção desses versos medievais: *A Song of the Five Joys; An Orison to the Blessed Virgin; Ave Maris Stella; Alma redemptoris Mater; An Orison for the Five Joys; A Song of the Five Joys; An Orison to the Blessed Virgin; O gloriosa domina excelsa; Ave Maris Stella; Dialogue between the Blessed Virgin and her Child; The Blessed Virgin's Appeal to the Jews; Oracio de Sancta Maria; A song of Love to the blessed Virgin; The Blessed Virgin to her Son on the Cross*, etc. ([13]). A série podia ser aumentada com os seus títulos em latim ou em inglês antigo e os versos numa linguagem que só os muito práticos da língua inglesa arcaica poderão penetrar, plenamente.

Era um movimento geral. O Arcipreste de Hita, embora talvez não fosse um poeta tabernário, estava longe, no entanto, de ser um clérigo edificante. Pois até ele, no seu *Libro de buen amor*, canta os gozos de Santa Maria (n.os 10-33; 1609-1623), glosa a Ave-Maria (n.os 1633-1639) e compõe pelo menos, três cânticos ou, como ele escreve, três *Cánticas de loores de Santa Maria* (n.os 1645-1661).

Pelo que toca a D. André Dias, não faltam, no seu *laudário*, algumas destas cantigas ou *canticas* ([14]), em honra de Nossa Senhora e cinco *prantos* seus, na Paixão de Nosso Senhor. Estes consistiam em lamentações da Senhora das Dores, sobre a morte do seu Filho,

---

([12]) Idem, *ib.*, p. 137.
([13]) *RLXIV*, no índice; *RLXV*, passim, sobretudo, pp. 22-78, 103-108.
([14]) A respeito de *canticas*, lembramos esta passagem do *Virgeu de consolaçon* no cód. alcobacense CCXLIV/211, em letra gótica de quatrocentos, fl. 48: «Eu oraria e cantaria aquela cantica ou canticas de muy doce canto celestial».

usadas, ainda hoje, pela Semana Santa, na Procissão do Enterro e nos Autos da Paixão, em Trás-os-Montes:

«NOSSA SENHORA.

Oh dor desigual! Oh povo malvado!
Que fez o meu Filho? Dizei cruel gente.

Aqui o tem nos braços

Oh triste de mim! Oh Filho sagrado,
que morte tam crua, e tam sem medida,
vos deram sem culpa e tam deshonrada,
aqueles algozes do povo malvado!

Oh triste das tristes a mais dolorida!
Oh meu doce Filho, que amargo tormento
cercou vossa carne, privou minha vida! ?

Oh Filho inocente! Que dores que sinto! !» (15)

Estes *Autos do «Esterlóquio» da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo,* como dizem os transmontanos, vêm já do *Auto da muito dolorosa Paixão,* escrito no século XVI, e lá foram atravessando centenas de anos, através de edições sucessivas (16). No entanto, estas lamentações da Senhora, de raiz litúrgica, vinham de mais longe, do coração da Idade Média e os prantos compostos pelo bispo de Mégara representam, em Portugal, esta tradição religiosa. Mas, não nos antecipemos.

As cantigas de Mestre André, em louvor da Virgem Maria, constituem um grupozinho de dez cantares (fls. 37 v.-40 v.), em torno de Nossa Senhora: *Aqui sse começam as canticas, e prezes, e prosas, e laudas, e orações, da nossa madre e senhora e muyto gloriosa vir-*

(15) Firmino Martins, *Folclore do concelho de Vinhais,* T. II, Lisboa, 1939, p. 381. Este *esterlóquio* não passa da *Obra novamente feyta da muyto dolorosa morte e paixão de nosso Señor Jesu Christo,* por Francisco Vaz de Guimarães, Évora, 1593.

(16) Cf., por exemplo, a ed. de 1820, p. 38, ou outra das muitas que existem, pois foi, talvez, o auto mais popular de todo o teatro português.

gem sancta Maria. As quaaes, diras, e faras, e cantaras, com muyto gra [n] de devaçom, ante a sua ymagem, ou em mar, ou em terra, ou em guerra, ou em outro alguum perigoo, ou se fores em doença e com fe conprida, e toda devaçom, disseres estas orações, suas, tu seeras livre de todo o perigoo e de todo outro mal (fl. 37 v.).

A primeira destas loas era para ser rezada diante dum quadro de Nossa Senhora da Anunciação, em que o arcanjo S. Gabriel saudou a Virgem, nestes termos: Avé! ó cheia de graça! O Senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres! (*Luc.*, I, 28).

Como escreve o bispo André Dias, *A primeira prosa da sancta virgem he esta, a qual diras quando vires a saudaçom pintada, ou ante ella fezeres tua oraçom, e em aquel dia averas muyta consolaçom da virgem annunçiãda sancta Maria* (fl. 37 v.).

Já transcrevemos esta *prosa* de S. Maria, que termina com o mesmo estribilho:

«*Do çeeo veo Gabriel,*
a saudar a muyto gloriosa virgem
sancta Maria muyto novel.» (17)

Parece-nos que devem faltar algumas estrofes desta composição, por desvio dalguma folha (18), no cód. iluminado, pois a poesia dá-nos a impressão de acabar bruscamente, ao fim da folha, seguindo-se uma estrofe, que nem sabemos se pertence ou não à mesma *prosa*:

«Por a tua sçiençia muyto sancta e pura,
foy conservada a nossa sancta fe e a escriptura,
e per ti toda a christandade seja sempre segura,
oo tu dona muyto graciosissima. Amen, amen.» (fl. 38)

---

(17) *novel* e, mais à frente, *novello*: novo.

(18) O ms. 3379, do *Fundo Geral*, da Bibl. Nac., fl. 62, também não difere, neste ponto, do cód. iluminado 61. Noutros casos de folhas trocadas, verifica-se a mesma falta, quer no ms. quer no cód. iluminado. Um seria a cópia do outro (o ms. 3379, do iluminado 61) ou ambos viriam doutro exemplar mais antigo e com os defeitos verificados nestes dois exemplares existentes na Biblioteca Nacional.

Segue-se uma oração a Nossa Senhora, para se cantar diante da imagem da nossa Mãe, Santa Maria, *senhora mysericordiosa,* firme esperança nossa, de quem nasceu um menino *mays fremoso e bello* que qualquer lírio acabado de abrir. Que ela reze por nós a essa Criança que rege, diz André Dias, toda a monarquia do mundo e nos livre do Inferno — ó doce, ó piedosa, ó muito santa Virgem Maria! :

«QUANDO VIRES A YMAGEM DA VIRGEM SANCTA MARIA, FARAS TUA ORAÇOM EM ESTA GUYSA (19), E AVERAS MUYTO BEM EM AQUEL DYA.

Com coraçom humyldoso,
nos recomendando oremos,
e cantando aa nossa madre
virgem sancta Maria.

Com humildoso coraçom a saudemos,
e muytas graças lhe demos,
dizendo em toda ora,
oo senhora misericordiosa,
en na qual esperamos,
e en na qual toda nossa asperança demora,
ao teu filho sancto por nos outros adora,
o qual he mays fremoso e bello,
que seja alguum lilio novello,
per o qual se rege toda a dò mundo monarchia.

Com humyldoso coraçom nos guaanha (20) perdoança,
e nos tira de mal fazer com muyta confiança,
e que sempre te sirvamos com muyta lealdança (21),
e nom nos leixes (22) cayr em alguum defeyto ou errança,
mays fazenos obedecer,

(19) maneira.
(20) ganha.
(21) lealdade.
(22) deixes.

e os seus mandados conprir,
e a ssua fe defender,
de aquel boom Jhesu muyto alto Deus,
que te tem em grande senhoria.

E com humyldoso coraçom,
façamos grande reverençia,
aa muyto sancta potençia,
da tua grande altura,
e que sempre vivamos,
em verdadeira penytencia,
com muyto soliçita e grande cura,
e que aquella pena infernal,
nom nos seja aparelhada,
a qual he muyto grave e muyto dura,
e porem tu senhora sey sempre nossa avogada,
oo dulçe pyedosa, oo muyto sancta virgem Maria. Amen.» (fl. 38)

Durante a Idade Média, corriam orações sem conto, cheias de invocações à Virgem Maria, de sabor litaníaco e ritmadas. Os poetas sofriam a influência destas preces, em tom de ladainha, e Rutebeuf († 1285), por exemplo, escreveu uma poesia de dezasseis estrofes, aos nove gozos de Nossa Senhora, pelo mesmo tom: LES IX JOIES DE NOTRE DAME. Nela, as invocações à Virgem seguem em procissão devota, umas atrás das outras, numa série de imagens líricas:

«Dame, toi doit-on réclamer
En tempête et en grande orage:
Tu es étoile de la mer,
Tu es ancre, nef et rivage.
Toi doit-on servir et aimer:
Tu es port de l'humain lignage,
Tu es la colomb sans amer
Qui porte aux chétifs leur message.» ([28])

([28]) D. Aury, *Anthologie de la poésie religieuse française*, Paris, 1943, p. 3.

Por sua parte, o *Conto de Amaro*, em prosa de quatrocentos, diz-nos que ele, ao ver-se em perigo, no mar gelado e cheio de feras marinhas, pôs-se a chamar pela Virgem, juntamente com os seus companheiros de infortúnio. E a sua oração tinha o sabor duma ladainha, nestas páginas antigas do códice alcobacense: «rraynha coroada dos altos ceeos que se chama estrella do mar, meezinha dos peccadores, Castello forte e basticido de todo bem, vogada dos mizquinhos filhos de Eva maldicta, Óo porto de saude, rremedio dos que amdam em periigos, Coroa nobre das virgeens, Frol preciosa de boom odoor, esperança dos coytados, Tu es nobre e fremosa, tu es madre e esposa do Rey dos angeos, Tu es fonte de bondade, tu es lume dos mizquinhos que andam em nas tenebras, Tu es precioso gualardam daquelles que te servem» (24).

Foi neste ambiente que desabrocharam, mais tarde, as litanias de Nossa Senhora, precedidas de tantas loas em que já se revela um estilo mal esboçado das ladainhas, com uma mesma prece, no fim de cada invocação, a recordar o *ora pro nobis*. Vem isto numa *oração* precedida da seguinte recomendação: SE QUISERES DEMANDAR ALGŨA MERÇEE AA VIRGEM MARIA DIRAS ESTA ORAÇOM (fl. 38). Já a transcrevemos noutra parte e vamos pô-la, agora, em português do século XX, com leve sabor antigo, e a repetir a mesma súplica, *tende de mim mercê*, isto é, tende piedade de mim:

«Ó Virgem Mãe de Deus e donzela, menina cortês, ao pé de quem a própria lua não é tão bela — tende, agora, Senhora, de mim mercê.

Ó Virgem, fonte muito clara e limpa, rosa, oliveira frutífera, que nunca negas a tua graça a quem te chama com fé perfeita — tende agora de mim mercê.

Ó lírio muito formoso roga por mim, dá-me, sempre, bom conselho, e roga por mim ao teu bendito Filho, que ele me perdoe o meu pecado maldito e, por isso, Senhora te rogo — que tenhas de mim mercê.

---

(24) Torre do Tombo, cód. alc. CCLXVI. O texto português de *Conto de Amaro* foi publicado por O. Klob, em *Romania*, XXX (1921), 504-518, com uma introdução e vasta bibliografia.

Ó Virgem, antes do parto, e Virgem no parto e Virgem depois do parto, ó Virgem acima de todas as virgens — Senhora, tende, agora, de mim mercê. Amen!»

Evidentemente, daqui às ladainhas distava sòmente um passo. O espírito delas pairava nas invocações marianas da loa que segue, introduzida deste modo:

«ESTA LAUDA E CANTICA APLAZ MUYTO AA VIRGEM MARIA, A QUEM ALOUVA (25) PER ESTA GUISA.

Benedicta sejas tu madre de Deus vyvente,
oo gloriosa domyna (26).

Beenta sejas tu madre do senhor regente,
porque tu pariste o preço da humanal gente.
O gloriosa domyna.

Beenta sejas tu estrella matutina,
oo gloriosa dona,
que portaste a nossa luz divyna.
Oo gloriosa domina.

Beenta sejas tu madre de Jesu Christo,
oo gloriosa dona,
que portaste o nosso senhor Deus muyto dulçissimo.
O gloriosa domina.

Benedicta sejas tu sobre toda creatura,
o gloriosa dona,
que portaste a infiinda de Deus altura.
O gloriosa domina.

Benedicta sejas tu rosa do parayso,
o gloriosa dona,
porque per ty foy vençido
o demo nosso emmiigo.
O gloriosa domina.

(25) louva. No castelhano, existe, por exemplo, *alabar*, louvar.
(26) *domyna*, isto é, senhora.

Benedicta sejas tu das molheres a mayor,
o gloriosa dona,
porque de ty naçeo o que he
de todo o mundo regedor e governador.
O gloriosa domina.

Benedicto seja o fruyto do teu ventre sanctissimo,
o gloriosa dona,
que foy pleno e conprido do Spiritu Sancto gloriosissymo.
O gloriosa domina.

Benedicta sejas tu de todas as beenções,
o gloriosa dona,
e livranos de todas as maldiçóes, amen.
O gloriosa domina. Amen.» (fls. 38 v.-39)

Como se vê, esta lauda e cantiga move-se entre dois pontos de gravidade, dois limites rítmicos: *Bendita sejas* e *Ó gloriosa dona* (senhora).

Está cheia de motivos litúrgicos, com ecos antigos de hinos e sequências latinas, além de invocações de ladainhas ou coisa parecida. E a exclamação final, em forma de estribilho, — *Ó gloriosa dona!* — lembra-nos uma cantiga de Gil Vicente, que termina o *Auto da Feira,* e é do mesmo tipo poético que a *lauda* de Mestre André Dias:

«*Blanca estais colorada*
virgem sagrada.

Em Belem vila do amor
da rosa naceo a flor
virgem sagrada.

Em Belem vila do amor
naceo a rosa do rosal
virgem sagrada.

Da rosa naceo a flor
pera nosso salvador
virgem sagrada.

Naceo a rosa do rosal
Deos e homem natural
virgem sagrada.» ([27])

Ora, esta *cantiga,* como lhe chama Gil Vicente, destinava-se a ser cantada por dois coros, alternadamente. Por seu lado, a loa de André Dias também podia servir para o mesmo fim, ao modo dos monges a salmodear alternadamente. Porém, trata-se duma simples hipótese, sem importância de maior. Uma coisa é certa: a semelhança profunda dos quadros rítmicos de ambas as cantigas.

Também no *Auto em pastoril português,* representado, em Évora, pelo Natal de 1523, Gil Vicente apresenta, ainda, outra cantiga de estilo parecido (*Quem he a desposada,* etc.), sem esquecermos a cantiga que segue inspirada em fonte igual à da lauda do bispo de Mégara:

«O GLORIOSA DOMINA, REZADO A VERSOS
PELLOS CLERIGOS AA IMAGEM DE NOSSA SENHORA

Oo gloriosa senhora do mundo
excelsa princesa do ceo e da terra,
fermosa batalha de paz e de guerra
da sancta Trindade secreto profundo:
sancta esperança, oo madre damor
ama discreta do filho de Deus,
filha e madre do senhor dos ceos,
alva do dia com mais resplendor.» ([28])

Não tem o ritmo da lauda de Mestre André nem os moldes da poesia *Blanca estais colorada,* etc. No entanto, inspira-se em idênticas origens litúrgicas e conserva a mesma tendência para acumular,

([27]) *Obras completas,* reimpressão fac-similada da ed. de 1562, Lisboa, 1928, fl. 37.
([28]) *Ib.,* fl. 29.

uns após outros, os títulos gloriosos da SS. Virgem, sob piedosas e poéticas metáforas:

«Oo cedro nos campos, estrela no mar,
na serra ave fenis huma soo amada.»

Ao tratarmos das loas do Natal, mencionámos já a CANTIGA E LAUDA DA VIRGEM SANCTA MARIA QUE PODES DIZER EN CADA HŨA FESTA (fl. 39). Gira ela em torno da Anunciação, do nascimento do Menino e da vinda dos Reis Magos. E conta-nos como S. Gabriel saudou a *dolcyssima donzella* e nela encarnou o Verbo de Deus, para salvar toda a gente, *a qual entom morrya e ao Inferno descendya.*

Esta cantiga prosaica e sem ritmo não tem o lirismo de algumas outras de André Dias. Depois dela, vem uma PROSA E CANTICA MUYTO DEVOTA DA GLORIOSA VIRGEM MARIA. As outras poesias suas, inspiradas no chamado *latim místico* e litúrgico da Idade Média, embalam-se num ritmo bem mais suave do que esta cantiga de moldes livres. Ainda assim, lemos gostosamente certos títulos floridos e sonoros que o bispo de Mégara dirige à bem-aventurada Dona (dona beata), a Virgem Maria: Ela é mais bela que nenhuma flor ou rosa, a mais amorosa do paraíso, a mais linda luz do mundo, desde o mais alto do Céu até ao Inferno profundo! :

Oo madre muyto bella, mays que nenhũa frol (29) ou rosa,
amada fostes de Deus, e sobre todas graçiosa,
porque de todo o parayso, vos sodes a mays amorosa,
e a mays alta cadeira, depoys do vosso filho teente (30).

A mays fremosa luz sodes vos do mundo,
do mays alto çeeo ataa (31) o inferno profundo,
e porem o meu coraçom em vos se alegra e he muyto jocundo.

---

(29) flor.
(30) Do verbo *teer* ou ter.
(31) até.

porque quando vos chamo vos me acorredes (32),
em mynhas pressas de muy boa mente.

Vos sodes torre de grande forteleza,
em a qual esplandeçe o sol
e deyta de sy muyto lume com grande luzenza,
e em vos vejo o meu boom Jhesu
com muy grande bondade e com muyta riqueza,
porque vos sodes estrella muyto clara e esplandecente.» (fl. 39 v.)

Evidentemente, muitas destas imagens floridas desabrochavam em mil hinos medievais — *estrela da manhã, estrela do mar, estrela do céu,* encontram-se em poesias rítmicas sem conto (33), pois a Virgem fora sempre uma alegria e uma esperança, *estrela clara e resplandecente,* como escreve Mestre André.

Existe uma poesia inteira do bispo de Mégara, centrada em torno desta imagem. Nossa Senhora é a estrela clara da manhã, rainha de todas as mulheres, esperança nossa, rosa muito florescente, estrela acima de todas as estrelas. Por isso, *nós te rogamos senhora, que nos queiras sempre alomear.* Tal é, em síntese, a substância poética de OUTRA CANTICA E LAUDA DA VIRGEM MARIA, QUANDO A CHAMARES EN NO MAR APARECERTEA COMO ESTRELLA (fl. 39 v.)

«Oo estrella altissyma e luzente,
de nos te nembra (34) *e nos ave* (35) *sempre em mente.*

Oo estrella clara matutyna,
mays esplandeçes que o dya,
sobre todas as mulheres fuste (36) e es reynha,
e madre perfeyta do senhor Deus todo omnipotente.

---

(32) socorreis.
(33) *RH,* n.os 19438; 19441-19443; 19445-19450; 19432-19459, 19465-19467; 41046-41052; 41055-41056, etc., etc.
(34) lembra.
(35) tem. Imperativo arcaico do verbo *aver* ou haver.
(36) foste.

Strella es tu sobre todas as estrellas,
en no qual esplandeçeo aquel
que por nos a este mundo veo,
quando de ty naceo da parte do ouryente.

Strella verdadeira e de grande pietança,
en na qual he toda nossa asperança,
levanos senhora aaquella alegrança,
honde tu es rosa muyto floreçente.

Oo estrella tu soo fuste digna de portar ([87])
aquella bandeira e alta syna ([88]),
da qual muyto se desdenha
ho nosso emmiigo ([89]) muyto malamente.

Oo estrella digna de louvar,
e de temer e de rogar,
nos te rogamos senhora,
que nos queiras alomear,
da tua grande piedade, muyto avondosamente.» (fls. 39 v.-40)

Pelo mesmo estilo, cerca de meio século antes, já o Arcipreste de Hita escrevera coisas semelhantes, numa *Cántica de loores de Sancta Maria* (n.º 1653, do *Libro de buen amor*). Por seu lado, um monge anónimo compunha uma paráfrase ao *Ave Maris Stella,* num códice de Alcobaça:

«Salve-te, estrella do mar,
Deos, que te criou mui santa,
Estrella pera adorar,
Estrella digna de louvar,
Que a todo mal espanta,

([87]) trazer, levar.
([88]) bandeira.
([89]) inimigo.

Estrella resprandecente,
Estrella de toda luz,
Estrella de toda gente,
Estrella d'amor fervente,
A que lastimou a cruz.» (40)

Ora, assim como os hinos medievais litúrgicos inspiravam os poetas das línguas modernas, assim também as orações comuns que o povo rezava deixavam rastos luminosos nas poesias do tempo. Quando o bispo de Mégara escrevia o seu *laudário,* o povo rezava, geralmente, só a primeira parte da nossa actual ave-maria. A segunda parte só começou a popularizar-se no século XV, espalhando-se, amplamente, no século XVI. Pois foi em torno da primeira parte da ave-maria que o bispo de Mégara compôs uma CANTICA E LAUDA, QUANDO QUISERES SAUDAR E ROGAR A NOSSA SENHORA VIRGEM GLORIOSA, SANCTA MARIA (fl. 40). Cada uma das suas estrofes abre por um *Ave!*, ao modo duma poesia inglesa medieval, da mesma índole, cujas estâncias começam, igualmente, por *Heyle!*, isto é, *Ave*: «Heyle be thou ladye» (41). E meio século depois de Mestre André Dias, Fr. João Claro, monge cisterciense que viveu na passagem de quatrocentos para quinhentos, escrevia, ainda, uma paráfrase da primeira metade da saudação angélica, ao modo da cantiga do bispo de Mégara:

«Ave preciosa Maria,
Que se deve interpretar
Transmontana do mar...» (42)

Da cantiga de Fr. André Dias, vamos copiar, ùnicamente, as duas estrofes que atrás ficaram por transcrever, ao tratarmos da origem e estrutura das poesias do bispo de Mégara:

(40) *Inéd. Alc.*, T. I, p. 6.
(41) *RLXIV*, pp. 119,120; *RLXV*, pp. 103-105.
(42) *Inéd. Alc.*, T. I, p. 237.

«Ave rosa pareçente (43)
que tanto fuste a Deus plazente,
que portaste e criaste,
o que he senhor de toda a gente,
o qual he Jhesu omnipotente,
e de todo ho mundo senhor e salvador.

Ave oo tu virgem sancta,
por que do çeeo desçendeo,
aquel que de ty carne prendeo (44)
por salvar a gente danada (45),
que contra Deus muyto pecara,
a qual era em muy grande dolor.» (fl. 40)

Antes da última loa de Santa Maria, vem, ainda, uma curta prece, com o sabor longínquo da Salve-Rainha: ORAÇOM BREVE QUE FARAS, QUANDO VIRES A YMAGEM DA VIRGEM SANCTA MARIA.

«Ave gloriosa e misericordyosa,
senhora nossa e reynha,
salvanos sempre em esta presente e triste vyda.

Ajudanos senhora e nos conforta,
e se faleçermos nos conporta e nos conduz,
aa porta do teu reyno,
honde tu es verdadeira luz,
que todo peccador guya e aduz (46)
ao logar muyto dino,
que he a gloria do parayso,
e porem roga por nos sempre ao teu filho Jhesu Christo,
que nos leve ao seu reyno glorioso e infinito, amen.» (fls. 40-40 v.)

Finalmente, antes de entrarmos no estudo dos *prantos* de Nossa Senhora, queremos chamar a atenção para uma CANTICA E

(43) formosa, que parece bem.
(44) tomou.
(45) condenada.
(46) conduz.

LAUDA DA GLORIOSA VIRGEM SANCTA MARIA, MUYTO VIRTUOSA. Por sinal que o seu primeiro verso reflecte, segundo nos parece, uma origem italiana ou, pelo menos, a influência dessa língua. De facto, o bispo beneditino chama à Virgem Santíssima *estrella diana,* do italiano, *stella diana,* isto é, estrela da manhã.

Nesta loa, diz-nos André Dias que antes de Nossa Senhora nascer, iam todos à perdição. E porquê? Por causa da nossa mãe Eva que, a princípio, fora muito vã. Até ao nascimento da Virgem, continua ele, ninguém viveu que *guardasse virgiindade,* para ser Mãe de Deus. Alumiou-te uma grande humildade, exclama Mestre André para Nossa Senhora, e o arcanjo anunciou *que por madre de Deus fosses dada*:

«*Ave Maria estrella diana,*
sempre o teu fruyto beento florece e grana (47).

Benedicta sejas e louvada,
oo dolçe virgem gloriosa,
tu sejas sempre regraçiada,
e exçelentemente exalçada,
sobre toda outra perssoa christiana.

Dante o teu naçimento,
nom sse achava salvamento,
porque todos hyam a perdymento,
por a nossa madre Eva,
a qual en no começo foy muyto vana.

E jamays nom sse pode achar,
ataa a tua natividade,
quem guardasse virgiindade,
pera seer de Deus madre,
como tu fuste muyto alta.

---

(47) dá grãos, frutifica.

E depois que tu fuste nada,
de grande humyldade fuste alomeada,
e per o archangeo annunçiada,
que por madre de Deus fosses dada (fl. 40 v.)

Daqui para diante continuaremos a tratar de poesias consagradas à Virgem, mas doutro género, a saber — os *prantos de Nossa Senhora*.

Sabemos todos que a Paixão de Cristo deu origem a uma vasta e comovente literatura. Nos mistérios da Paixão, que se agitavam nos tablados medievais, nas narrativas mais ou menos dialogadas, em loas de carácter dramático, centradas à volta de Nossa Senhora das Dores e do seu Filho morto, escutamos as queixas amargas da Virgem Maria: eram os *prantos* da Mãe de Deus, alguns deles dialogados, sendo Nossa Senhora, S. João Evangelista, S. Maria Madalena e as santas mulheres as personagens principais.

Jacopone da Todi escreveu um *Pianto della Madonna de la passione del figliolo Iesú Cristo,* cheio de comoção e dialogado:

«Figlio, dolce e paciente, — figlio de la dolente,
fligio, hatte la gente — malamente trattado!» ([48])

Gonçalo de Berceo escrevera já, no século XIII, um *Duelo de la Virgen María,* ou, para traduzirmos à letra, um *Dó da Virgem Maria*. É uma narrativa colorida da Paixão, com o canto célebre, *Eya velar!* E a Senhora das Sete Espadas chora sobre as dores do seu Filho e Filho de Deus e conta-nos a sua desgraça:

«Io lazdraba mesquina, de plorar non cesaba,
Reptaba al mil hijo porque non fablaba,
Io bien me entendia que sin seso andaba.» (n.° 136)

([48]) *Le Laude,* ed. cit., p. 229.

Gomes Manrique, ainda contemporâneo de André Dias, pois nasceu em 1413, compunha, em castelhano, um *pranto ao pé da Cruz* ou *Lamentações da Virgem*. E sempre o grito que já escutámos no auto de Francisco Vaz de Guimarães: *Ai dor!* (49). E esta exclamação, *Ay dolor!* vai-se repetindo, como um refrém, ao longo do pranto.

Na Inglaterra medieval, tais lamentações e diálogos desabrochavam, dolorosamente, com títulos diversos, em inglês antigo e em latim: *Lamentacio dolorosa*; *Diologue between Jesus and the B. V. at the Cross*; *A lament over the Passion*, etc. (50). E mais tarde, o padre Francisco Vaz de Guimarães, põe nos lábios da Senhora estas palavras, ao ouvir más notícias, trazidas por S. João:

«Vós outras todas mulheres
vedes que consolação,
que alegria e que prazer,
que manjares e comeres,
que tristes novas me dão
de meu amor! Ai dolor!

Oh meu Filho, oh meu amor,
oh triste desemparada!
a minha alma traspassada
está por meu Redemptor!
Ai! dolor!» (51)

Crescia por toda a parte a devoção à *compaixão* da S.ta Mãe de Deus e às sete dores que lhe trespassaram a alma (52). A poesia que brotou neste ambiente espiritual reflecte uma atitude religiosa, de dor calma e cheia de esperança, nascida, sobretudo, da liturgia em torno da Paixão de Cristo, enriquecida já pelo *Stabat Mater dolorosa* — a maior elegia do Cristianismo (Menéndez y Pelayo), e por

(49) José Maria Pemán e Miguel Herrero, *Suma Poética*, Madrid, 1944, p. 481.
(50) *RLXIV*, pp. 82, 85, 94, etc.; *RLXV*, pp. 8-18.
(51) *Auto da muito dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo*, Lisboa, 1820, p. 31.
(52) J. Dissard, *La transfixion de Notre Dame*, em *Études*, CLV (1918), 257-286.

lamentosas sequências, como o *Planctus beatae Mariae virginis* (Pranto da bem-aventurada Virgem Maria).

Ora, o bispo de Mégara mergulha, fundamente, nesta corrente espiritual. Neste sentido, compôs várias orações, laudas e prosas, à honra de Nossa Senhora das Dores. Em dois casos (fls. 33-34) emprega o termo exacto de *planto*, empregando, também, planger no seu laudário: *A gloriosa virgem dante a crux do seu filho plange* (fl. 32). Para maior clareza, chamaremos usualmente *pranto* a esta espécie de poesia religiosa, que ocupa um lugar à parte dentro do *Livro das laudes e cantigas*, do Mestre D. André Dias.

No primeiro dos prantos de Nossa Senhora — ao todo, uns quatro — o bispo de Mégara informa-nos que a Virgem está muito *doente*, no sentido de *cheia de dores*. Uma *espada de amargura* traspassa a pobre Mãe (fl. 32). E ela vê-se sòzinha e deixada pelo *filho muyto bello*, coitado e desgraçadinho (*mesello*), pregado na cruz. Como se sente muito longe dele, ela, *sua esposa muyto namorada!* E ao recordar-se da saudação do arcanjo S. Gabriel sente que tais palavras lhe amargam como fel:

«OUTRA ORAÇOM E LAUDA DA MORTE E PAIXOM DO BOO (53) JHESU MUYTO CONTENPLATIVA.

Choremos ora muyto de boa mente,
com a virgem sancta Maria,
que he muyto doente.

A gloriosa virgem, dante a crux do seu filho plange,
e toda se dooe (54) olhandoo, o seu filho muyto amado,
como o vee (55) estar muyto ensangoentado,
de tanto cruel sangue,
e a espada da amargura a trespassa e abrange,

---

(53) *boo* ou *boom*, isto é, bom.
(54) dói.
(55) vê.

e com muyto grande nojo e tristura,
a muyto alta emperatriz,
muyto triste e chorando diz,
ao seu filho muyto caro doente
triste e veemente:

Vejome soo e desamparada,
de ty filho muyto bello,
vejome muyto deleixada,
eu madre de ty mesello,
vejote em essa cruz pregado,
com quatro pregos e mal julgado,
vejote ensangoentado,
e muyto desassemelhado,
vejome de ty muyto alongada,
eu tua esposa muyto namorada,
vejote de todo leixado ([56]),
do teu padre Deus omnipotente.

Oo meu filho boom Jhesu
a quem me leixas encomendada,
poys que de todo es perdido
e ferido de gram lançada;
choro aquella saudaçom
do archangeo Gabriello,
e quando me della renembro ([57])
assy me amarga como fello,
e com grande doo de ty me parto,
e porque te vejo muyto desassemelhado,
agora morrerey logo de presente.» (fls. 32 v.-33)

Nesta *lauda,* ainda não aparece o diálogo, pois Cristo nada responde e tem já o coração traspassado. Mas, como documento de espiritualidade católica, palpita, neste pranto, uma atitude antiga, que S. Inácio havia de recomendar, constantemente, nos seus exercícios

([56]) deixado.
([57]) lembro.

espirituais, ao falar da Paixão: dor, lágrimas ante os sofrimentos de Jesus. Ou, como escreve Mestre André, *choremos ora de muyto boa mente* (fl. 32). É a compaixão, um dos elementos mais fortes da espiritualidade afectiva, ante as dores de Cristo e da sua Mãe Santíssima. Era também esta a prece final do *Stabat Mater*:

> «Fac me tecum pie flere,
> Crucifixo condolere,
> Donec ego vixero.
>
> Juxta crucem tecum stare,
> Et me tibi sociare
> In planctu desidero.»

E o restante da poesia segue do mesmo modo. E querem dizer o seguinte, estes versos latinos do *Stabat Mater*:

> «Faze que eu chore, piedosamente, contigo,
> Que eu me compadeça do crucificado.
> Enquanto eu viver.
>
> Ao pé da cruz estar contigo
> E unir-me a ti,
> Nas lágrimas, desejo.»

Ora, todo o *pranto* de André Dias vibra, também, dolorosamente, ante as dores do crucificado e da Virgem Mãe, a cujas lágrimas o leitor se associa: *Choremos ora de muyto boa mente*...

Porém, noutra PROSA E LAUDA DA PAIXOM (fl. 33), o bispo e monge beneditino acentua, ainda mais, esta atitude tão religiosa e humana, insistindo: *Choremos*...

É uma poesia rica de psicologia feminina, em que a Virgem recorda toda a vida do seu menino: Ó Jesus, meu filho, quando tu eras menino, confundiste a sabedoria dos doutores. Nas bodas de Caná transformaste a água em *vynho nobre,* multiplicaste os pães e

curaste os doentes como *glorioso fisico* [58] *verdadeiro e curador*. Entraste em Jerusalém, com palmas e ramos de oliveira. Mas, depois, veio a tua Paixão:

«*Choremos do boom Jhesu, ora de boom coraçom,*
a paixom do tristo Jhesu nosso rey e senhor.

A ssua madre sancta Maria acompanhemos,
e com ella o sseu filho choremos,
e em aquelle que ella chorava penssemos,
e vejamos en na cruz o seu doçe amor.

Oo tu meu filho Jhesu,
quando eras menyno,
tu de mym te partiste,
e com os doutores en no templo esteveste,
e de toda a sua sabedoria os confondiste,
mostrando-lhes a todos
ho seu muyto grande e falsso error.

E en nas vodas da agua pura vynho nobre tornaste,
e de çinquo pãaes e dous pexes çinquo myl homeens fartaste,
e muytos enfermos de graves enfermydades curaste,
como glorioso fisico verdadeiro e curador.

Sempre por nos te fatigaste,
e por nossa saude ao teu padre por nos rogaste,
e muytos ensynos nos preegaste,
e a tua salvaçom nos demostraste,
por que sse converta todo aquel que for peccador.

E quando por nos morrer quyseste,
atanto [59] por nos te humyldaste,
que sobre hũa asna te poseste,
e pero com palmas e ramos de olyvas
em Jherusalem entraste,
com grande canto e louvor.

---

(58) médico.
(59) tanto.

E pero que te assy todos louvarom,
depoys por escarnho (60) de espinhos te coroarom,
e os teus olhos sanctos e bellos cobrirom e çarrarom,
e a tua façe abofetarom,
com muytos braados e desonor.

E depoys te açoutarom,
e que morresses en na cruz e a Pilatus te envyarom,
e em calvarye (61) te cruçifiçarom,
e seendo tu en na cruz,
com muytos doestos te doestarom,
a ty nosso salvador.

Oo boo Jhesu filho meu muy sancto,
como vos vejo em essa cruz muyto chagado,
e morto e muyto desonrrado,
e depois filho meu vos vejo soterrado,
e de muytas gentes muyto bem guardado,
acorredeme (62) hora (63) vos meu salvador, amen.» (fls. 33-33 v.)

Nalguns casos, o *pranto* assume a forma duma narrativa directa, em estilo falado, que lembra uma cenazinha dramática dum auto da Paixão. No *planto* de André Dias, a que vamos referir-nos, o poeta encontra a Senhora das Dores e saúda-a, piedosamente: Salve! mãe piedosa e cheia de toda *humildança!*

Depois, André Dias voltá-se para o povo e exclama: — Vós outros, *boas gentes,* ouvi um dorido canto que fez S. Bernardo!

Logo a seguir, começa a cenazinha dramática, mal esboçada, ainda: — Salve, ó Virgem gloriosa! Estavas tu, em Jerusalém, quando prenderam o teu filho?

— Sim! — responde Nossa Senhora. Ainda eu lá estava e vi-o levar preso. Vi-o duramente atormentado, com *muytos cospinhos*

(60) escárnio.
(61) calvário.
(62) socorrei-me.
(63) agora.

e escarros, na sua santa face. Vi-o coroado de espinhos e *depoys o vy morto e cruçificado.*

Mestre André termina este pranto, com uma prece: Que este Senhor piedoso e gracioso nos queira socorrer!

«ESTE HE O PLANTO DA VIRGEM SANCTA MARIA, QUE FEZE SAM BERNARDO, NA MORTE E PAIXOM DO BOOM JHESU.

Salve virgo preçiosa,
e madre muyto piedosa,
e plena de toda humyldança.

E vos outros boas gentes,
ouvyde huum doorido canto,
que fez aquel sam Bernardo,
da virgem sancta Maria
e do seu muyto grande planto,
como chama a nossa muyto dolçe asperança.

Salve virgo esplandeçente,
e sobre todas muyto luzente,
se eras tu em Jherusalem presente,
quando o teu filho foy preso,
com muyto grande amargurança.

E a virgem falava e dizia:
em Jherusalem era eu toda vya (64),
quando todo esto se fazia,
e vy levar e elle assy hya (65)
em mãaos dos Judeus, com grande presuança.

E vy o meu filho preso e legado,
e muyto duramente atormentado,
e em sua sancta façe, muytos cospinhos e escarros,
dos mezquinhos dos Judeus,
por sua muyto grande malynança.

---

(64) *toda vya*: ainda.
(65) ia.

E vy o meu filho em grande medo e temor açoutado,
e de fortes espynhos coroado,
de aquella gente perverssa e muyto peccador,
e depoys o vy morto e cruçifiçado ([66]),
com muyto grande door,
e sem lhe avendo nem hũa outra pietança ([67]).

Este senhor piedoso,
que por nos quyso morrer,
el nos seja sempre graçioso,
e nos queira acorrer,
com saude e folgança, amen.» (fls. 33 v.-34)

Ora, que dorido canto foi esse de S. Bernardo e em que medida serviu ele de base para este pranto de Nossa Senhora? Trata-se duma obra apócrifa, atribuída a S. Bernardo, vulgarmente conhecida com o nome de *Lamentatio Virginis Mariae* (Lamentação da Virgem Maria) ou *Liber de Passione Christi et doloribus et planctibus Matris ejus* (Livro da Paixão de Cristo e das dores e prantos da sua Mãe). Esta obra espúria ([68]) está escrita em prosa dialogada: um contemplativo (Bernardo ou outro qualquer) dirige-se à Virgem SS. e pede-lhe que lhe conte como tudo se passou. E ela responde: o que me pedes vai-me fazer sofrer, mas, já que eu não posso chorar, por estar no céu, tu ao menos escreve com lágrimas tudo o que passou por mim.

E o contemplativo insiste: «Dize-me se estavas em Jerusalém, quando o teu filho foi preso e ligado e levado e arrastado até Anás? E ela: — Eu estava em Jerusalém, quando isto ouvi, e com a pressa que pude cheguei a chorar aonde estava o meu Senhor. E quando vi darem-lhe punhadas e bofetadas e que lhe cuspiam na face e que o coroavam de espinhos e se tornava o opróbrio dos homens, comoveram-se as minhas entranhas».

([66]) *cruçifiçado*, do termo arcaico *cruçifiço*. É o mesmo que crucificado.
([67]) piedade.
([68]) *PL*, T. CLXXXII, cls. 1133-1142.

E Nossa Senhora lá continua a sua narrativa, falando de Maria Madalena e como chorou junto do Filho e lhe dirigiu palavras amarguradas.

Evidentemente, Mestre André Dias isolou uma pequena parte da *lamentatio dolorosa*, para fazer dela um *planto da virgem sancta Maria*.

No entanto, notamos de passagem que o bispo de Mégara não foi o primeiro nem o único a lançar mão dos recursos dramáticos e poéticos desta lamentação apócrifa. Já Gonçalo de Berceo, no século XIII, pusera em verso estas passagens do pseudo-Bernardo, no *Duelo da la Virgen María*. O poeta castelhano diz-nos, de facto, que *Sant Bernalt un buen monge de Dios mucho amigo quiso saber la coita del duelo que vos digo* (n.º 3). E dirigiu-se à Virgem, para lhe perguntar:

> «Ruegote que me digas luego de las primeras:
> Quando Christo fo presso si tu con elli eras?» (n.º 12)

Custava muito a Nossa Senhora recordar estas dores antigas. Mas, lá foi contando a Paixão de Cristo e o que ela sofreu — tudo longamente, muito mais longamente que no pranto escrito por Mestre André.

Depois desta poesia da Paixão, vem uma *lauda* sobre o mesmo assunto, com um pensamento único a traçar a linha emocional de toda a loa, em torno dos sofrimentos de Jesus: Dói-me o coração por ver Cristo a sofrer por amor de mim, pelos meus pecados (fl. 34)! Dela falaremos, a seu tempo. Agora, interessa-nos mais um pranto da SS.ma Virgem:

— Vós, que amais o Criador — diz ela, em resumo — atendei ao meu pranto e à minha dor! Eu sou aquela virgem santa, de coração triste, por causa da morte do meu filho. Ó meu filho, envia, agora,

algum conforto à tua pobre mãe! Ó cabeça bela e delicada, como te vejo inclinada! Meu filho, como tu estás ensanguentado da coroa de espinhos, de olhos cerrados e barbas arrancadas... Todo tremes e tens grande pavor! A tua boca muito cortês não fala. E se fala, blasfemam-na. O teu lado foi atravessado por uma lança, *da parte do vosso coraçom*. E agora, filho meu, não faço *senom chorar e carpyr*. — Ó mãe e senhora, responde-lhe Jesus, encomendote a João, *meu parente*.

Ora, Nossa Senhora ficou com tudo isto muito esmorecida — *muyto esmarida*. E exclamou: — Mas, que troca é esta, mesquinha de mim!, pois sempre chorarei o meu filho, sem o ver!

«Planto breve que fazia sancta Maria, da morte de Jhesu Christo.

Vos que amades o criador,
tee[n]de ora mentes (69)
ao meu planto e grande dolor.

Eu soom aquella virgem sancta,
que tenho ho coraçom muyto tristo,
por a morte do meu filho,
meu plazer e asperança, e meu doçe vyso (70),
que foy cruelmente cruçifixo,
por cada huum peccador.

Oo meu filho perssoa tam bella,
manda hora alguum conforto
a mym tua madre muyto mesella,
e leixame hora em boom porto,
porque fico muyto pobrella (71),
e que te criey com grande amor.

---

(69) *ter meentes* quer dizer: ter ou prestar atenção.
(70) vista.
(71) pobrezinha. Talvez venha da forma italiana, *poverella*.

Oo cabeça tam bella e muyto dilicada,
do meu filho bem aventurado,
como te vejo muyto inclinada,
e tu meu filho muyto amado,
como te vejo muyto desonrrado,
e de coroa de espynhos es ensangoentado,
por grande doesto e desonor.

Os teus olhos som çarrados
e a tua barva depenada,
os teus narizes sentem fedores,
muyto çujos e ribaldos,
e a tua façe he muyto desassemelhada,
e todo tremes e as [72] grande pavor.

A tua boca muyto cortes e enssynada
todos a preguntam e ella nom falla,
e quando responde de todos he blasfemada,
e de fel e azedo por escarnho abeverada,
porque da nossa salvaçom grande desejo avyas,
oo tu nosso salvador.

As tuas maãos som en na cruz estendidas,
e muyto mal atormentadas,
e os teus braços padeçem muytas feridas,
e de grandes pregos as tuas maãos som muyto furacadas,
de que eu triste ey [73] muyto grande dolor.

E os vossos pees como som atormentados,
que tantos tempos por a nos preegar forom canssados,
e veede ora como som galardoados,
cruelmente som enclavados,
filho meu Jhesu de todo muyto sabedor.

---

(72) hás, tens.
(73) hei, tenho.

E o vosso lado perfurou huum cavaleiro com sua lança,
e logo da parte do vosso coraçom sayo assaz de sangue e agua,
per que a nossa culpa ja he perdoada,
per vos nosso senhor Jhesu Christo e nosso remiidor.

Agora filho meu poys que vos finades,
e a mym desemparada a quem me encomendades,
ou que ajuda de mynha vyda me leixades,
porque de mym eu nom posso al (74) sentyr,
senom chorar e carpyr,
em quanto eu em este mundo vyva for.

Oo madre senhora (75) nom choredes,
eu vos encomendo a meu primo Johanne e meu parente,
e a el por filho reçeberedes,
e vos meu primo aa mynha madre servyredes
como boom e leal servydor.

E a sua madre virgem Maria,
ficou muyto esmarida (76), e chorava e dizia,
e que escambho (77) he este mezquinha,
porque sempre chorarey por veer
o meu filho e mynha asperança,
de todo seer perdida com dolor.

E choremos hora porem todos com esta senhora,
que assy hora (78) he muyto dolorosa,
e lhe demandemos agora,
que sempre nos seja piedosa,
e de todo aquello que lhe demandarmos (79)
nos seja muyto graçiosa,
ante o seu filho de todo o mundo fazedor, amen.» (fls. 34 v.-35)

---

(74) outra coisa.
(75) É Cristo quem fala, agora.
(76) *esmarida* ou *esmorida*: esmorecida.
(77) troca.
(78) agora.
(79) pedirmos.

O monge beneditino pôs em português de quatrocentos algumas outras *laudes, cantigas* e *orações,* onde aparecem narrativas versificadas da Paixão de Cristo e louvores da Santa Vera Cruz. Por vezes, chegam a ser dolorosas e sentidas endechas, dominadas por este pensamento: *morreu por mim!*:

«E quando eu pensso na mynha salvaçom,
como padeçe por mynha razom,
muyto me doyo (80) no meu coraçom,
e soffro porem (81) grande tribulaçom,
quando me nembro da sua sancta paixom.
[..................................]

E como por mym mezquinho foy preso e legado,
e ante o prinçepe foy preguntado,
com grande escarnho e demandado,
se era elle Jhesu Christo, Rey e senhor.

E como por mym foy açoutado», etc. (fl. 34)

É também numa destas *laudas* para *dizer em cantar* (fl. 30) que se encontra outra pequena lamentação ou pranto de Nossa Senhora, em forma de diálogo dramático. S. Maria Madalena vai referir à Virgem Maria que o Filho está preso e que o vão matar. Nossa Senhora, então, põe-se a caminhar apressadamente ao encontro de Jesus e diz-lhe coisas tristes, que só uma mãe sabe dizer. É uma narrativa de movimento igual a tantas que hoje encontramos, ainda, nas histórias antigas da Paixão de Cristo, a meio caminho entre a simples descrição romanceada e o teatro (82):

(80) doo, do verbo doer.
(81) por isso.
(82) A respeito deste género de literatura, cf. Mário Martins, *Teatro e gestas sagradas,* em *Brotéria,* XLIV (1947), 543-553.

«E veendo esto a Magdalena,
vayse de manhaã com grande mazella,
dizer a ssua madre aquesta novella ([83]):
viinde ora veer oo muyto mesella ([84]),
como levam preso o voso filho cousa muyto bella,
como se fosse huum falsso enganador.

Aaquella hora a madre se levantou,
e ao seu filho se chegou,
e desta guysa lhe falou:
oo muyto dolçe mynha vyda,
como soom triste e mesquynha
filho meu por vosso amor.

Com tigo oo filho meu eu quero morrer,
e seer presa e sofrer
a morte que tu queres padeçer,
pero se a tu podes leixar,
a mym faras grande solaz,
como boom consolador.

Oo mynha madre e amyga ([85]),
tu nom podes ora seer ouvida,
ca por salvar todo o mundo
convem perder mynha vyda,
e tu com a Magdalena fica,
e com seu hyrmaão Lazaro,
o meu leal servidor.

Se tu soubesses mynha madre
quanto he o bem que sse segue
de eu padeçer esta morte,
tu seerias bem contente,
por se livrar do Inferno
todo homem peccador.

([83]) notícia, novidade.
([84]) mísera, mesquinha.
([85]) É Christo quem fala

Aaquella hora da alvorada,
sua madre ante elle os geolhos em terra ficava ([86])
e com grandes choros e saluços o seu filho abraçava,
e dizia e braadava:
oo meu filho como me leixades, em tanto deshonor.» (fls. 30 v.-31)

Nesta pequenina cena da Paixão, Fr. André Dias entrava nessa corrente antiga e fortemente emocional que se aproxima do teatro e autos sagrados — um género literário, enfim, que lembra uma ave a despregar voo, desdobrando as asas e tomando impulso... sem voar definitivamente.

([86]) fincava, punha.

CAPÍTULO VI

CANTIGAS DA PAIXÃO E DO CICLO PASCAL

A vasta literatura sobre a Paixão de Jesus, cheia de tendências dramatizantes e brutalmente realista subia a um alto lirismo religioso e profundamente humano. Temos a impressão de que essas páginas estão enodoadas de sangue, molhadas de lágrimas, como se nelas se fixassem os gemidos das gerações sem conto que se condoeram de Jesus e da Senhora das Dores.

As *Meditações* e *Orações* (1) efusivas de S. Anselmo, a profunda emotividade dos sermões de S. Bernardo e dos apócrifos que levam o seu nome e um pouco do seu espírito, as revelações de S. Brígida, no século XIV, a influência afectiva de S. Francisco de Assis e dos seus filhos espirituais, as descrições do pseudo-Taulero, a *Vita Christi* de Ludolfo Cartusiano († 1370), os *Mistérios da Paixão*, a desenrolarem-se nos tablados medievais, — todas estas páginas constituíam uma grossa corrente, vinda de bem longe, desde as lamentações das santas mulheres de Jerusalém, ao verem os sofrimentos de Jesus.

Os medievais liam, comovidamente, as *orationes devotissimae XV de passione Domini*, de S. Brígida, o *Rosarium Vitae et Passionis Christi*, de Lanspérgio e os *Relógios da Paixão*, alguns dos quais, postos

(1) Nem todas lhe pertencem, por serem apócrifas algumas delas.

em verso, nos Livros de Horas, andavam pelas mãos dos portugueses ([2]). O pseudo-Bernardo via o seu nome correr mundo, com uma *Rhythmica oratio ad unum quodlibet membrorum Christi patientis et a cruce pendentis,* isto é: Oração rítmica a cada um dos membros de Cristo paciente e suspenso da cruz ([3]). E esta literatura comovida e de vibratilidade moderna era reforçada por uma legião de obras famosas, cuja afectividade religiosa ainda não foi excedida. Apareceram, em latim medieval, a *Meditação da Paixão e Ressurreição do Senhor*; a *Lamentação sobre a Paixão do Senhor; Instrução sacerdotal da Paixão, Eucaristia e do Céu; Livro da Paixão de Cristo e das dores e prantos de sua Mãe*—obras apócrifas que fizeram chorar muita gente, sob o nome dominador de S. Bernardo de Claraval.

Muitos livros eram, também, em latim rítmico, outros *em romance.* Formavam uma espécie de gestas sagradas, para serem lidas, sentidas, meditadas. Algumas destas obras vinham em forma poética, como o *Plant de la Verge,* de R. Lúlio, em 384 versos catalães.

O drama religioso, já no século XII, desenrolava-se em *Ludi* e *Miracula,* os *Misterres,* como se dizia na França medieval. Com cenas do Evangelho, cantos eclesiásticos, elementos populares ou tirados dos apócrifos, este teatro foi-se enriquecendo e crescendo em complexidade, nem sempre em benefício do bom gosto. Eram os *Ludi de passione* (Representações da Paixão), seguidos, às vezes, dos *Ludi dominicae ressurrectionis* (Representações da Ressurreição do Senhor) e, mais raramente, dum *Descensus ad inferos* (Descida aos infernos). Esta última parte incluía as grandiosas cenas do evangelho apócrifo de Nicodemos, de que Milton lançou mão para o seu poema ([4]).

([2]) Fr. Damião Berge, *Um livro de horas do século XIV na Biblioteca Nacional,* em *Verbum,* Rio de Janeiro, II (1945), 73-75.

([3]) *PL,* T. CLXXXIV, cols. 1319-1324.

([4]) J. de Ghellinck, *L'essor de la littérature latine au XII siècle,* T. II, Bruxelas, pp. 260-270.

Destes dramas sacros desabrochou a maravilhosa florescência dos *Mistérios* e *Milagres* da velha França ([5]), sobretudo o *Grand mystère de la Passion*, em que trabalharam *gerações de poetas*. Na Inglaterra, os *Miracles Plays* fixaram-se em quatro grupos, aí pelos meados do século XIV: eram os *Chester plays*, os *York plays* atribuídos, estes últimos, a Ranulfo de Higden († 1364), os *Townley* ou *Wakefield plays* e, finalmente, os *Coventry plays* ([6]).

Na Itália do norte, desenrolava-se um fenómeno literário e religioso muito semelhante. No entanto, ali, eram as *laude* de carácter teatral que desempenhavam um papel de primeira classe.

Em Mestre André Dias, estratificaram-se algumas destas tendências dramatizantes, revelando uma influência mal esboçada do teatro medieval, nalguns dos seus prantos de Nossa Senhora e nos passos da Paixão. Em diálogos curtinhos, vemos Nossa Senhora a pedir ao Filho para ele não morrer, escutamos S. Maria Madalena, ouvimos as palavras de Cristo e vemos o peregrino (*Peregrinus*) falar com os discípulos de Emaús.

Este dialogismo de tendência teatral acentua-se, principalmente, nas cantigas da Paixão e nos *plantos* da Virgem Maria. Veremos isso, nalgumas cantigas. Logo na primeira folha do *Livro das laudes e cantigas*, do bispo de Mégara, vem uma *lauda* que nos fala da Paixão desse *dulçe Jhesu* que derramou o sangue, por amor de nós. Quase não passa de prosa vulgar mas, aqui, é o conteúdo que mais nos importa:

«Oo Jhesu do teu sangue, innoçente e sem peccado,
Por pagares ho que tu avyas pormetydo,
Por nossa salvaçom fezeste huum banho,
En que sse banhou e lavou,
todo ho mundo que era mezquinho.

([5]) Bossuat, *Hist. de la lit. française. Le Moyen Age*, Paris, 1931, pp. 209-219, 331-346; Gustave Cohen, *Le théatre em France au Moyen Age*, Paris, 1949, pp. 7-65.

([6]) J. de Ghellinck, *op. cit.*, T. II, p. 264.

E per ho teu sangue elle foy livrado.
Oo que tam grande mal, tanto bem aventurado (7),
Per ho qual a mynha guerra de todo foy fiinda (8).» (fl. 1 v.)

Naturalmente, ao lado das narrativas e lamentos da Paixão, aparecem loas e cantigas em honra da Vera Cruz, onde Nosso Senhor morrera. Efectivamente, logo na fl. 18, encontramos uma *Lauda e oraçom da vera cruz*. Por sinal que encerra dois prantos pequeninos, um de S. João Evangelista e outro de Nossa Senhora das Dores. O ritmo desta *lauda* da Santa Cruz enquadra-se nos actos apócrifos de S. André, com a célebre oração que passou aos breviários e aos *Flos Sanctorum*, inspirando, igualmente, algumas das páginas mais afectivas de S. Anselmo ou atribuídas ao seu nome (9).

Como lemos num *Flos Sanctorum* de quinhentos, «vendo sancto André de longe a cruz, saudou-a dizendo: Deos de salve cruz, que no corpo d'Christo foste consagrada, e de seus membros como d'pedras preciosas foste ornada. Porque antes que elle em ti fosse crucificado causavas grande temor aos homens, mas agora de boamente es recebida polo divino amor que em ti resprandeceo; por tanto mui alegre e afouto venho a ti pera que com alegria me recebas a mim discipollo daquelle que morreo em ti. O cruz gloriosa que dos membros do redemptor recebeste a fermosura, muito ha que de mi es desejada, e com grande desejo amada e com grande amor buscada e agora aos meus desejos aparelhada. Pois recebeme agora dantre os homens e levame a meu mestre Christo, pera que por ti me receba aquele que per ti me redimio» (10).

Pois Mestre André Dias principia a sua oração e cantiga, pelo mesmo ritmo milenário:

---

(7) É uma paráfrase da exclamação litúrgica, a propósito do pecado original: *Oh felix culpa!*
(8) finda, acabada.
(9) *PL*, T. CLVIII, cols. 935-942.
(10) Fr. Diogo do Rosário, *Historia das vidas e feitos heroycos*, etc., P. I, Coimbra, 1577, fl. 8.

«LAUDA E ORAÇOM DA VERA CRUZ, E QUANDO A VIRES SAUDAA E DY (11) ESTA ORAÇOM E CANTICA, COM HUUM PATER NOSTER, E EM AQUELLE DIA NOM AJAS MEDO DE DOENÇA ALGŨA.

Adorote oo sancta vera cruz e te saudo,
que es nossa luz em todo o mundo.

Quanto es digna oo sancta cruz de te eu louvar,
o coraçom nom o pode pensar,
nem a lyngua o demostrar,
as tuas vertudes oo sancta vera cruz.

Salvete Deus oo priçioso lenho,
en que esteve o senhor Jhesu verdadeiro ẽenho (12)
e vençeo o muyto forte nosso emmiigo,
per vertude de ty oo sancta vera cruz.

Tu es huum lenho muyto preçioso,
tu es dos cristaáos synal muyto virtuoso,
e per ty o poboo dos mouros he confuso,
porque en ty morreo Jhesu todo piedoso.

E Jhesu Christo salvador,
assy como enganador,
e ladrom e traydor,
per os judeus foy condanado,
e em ty foy pregado,
que es sancta vera cruz.

E sam Joham evangelista,
tiinha a ssua alma muyto trista,
quando viia o seu meestre que padeçia,
en na sancta cruz.

E a sua madre virgem Maria,
com grande dolor que avya,
muyto grande planto fazia,
e muyto chorando dizia:

---

(11) *dy*, é o mesmo que *dize*.
(12) Talvez seja o mesmo que *anho, cordeiro*.

oo dolçe meu filho e meu amor,
oo tu boom Jhesu meu senhor,
e por que vos poserom ora assy,
em essa tam forte e alta cruz.

E ainda a virgem Maria,
fazendo grande planto dizia:
oo meu filho muyto amado,
e porque sodes ([13]) assy chagado,
e ferido e mal trautado ([14]),
e nom avedes amygo nem criado,
que vos ajude nem vos tire dessa cruz.

E per vertude desta sancta cruz,
tu senhor nosso boom Jhesu,
sempre em este mundo nos guya,
e nos mostra a tua luz,
e per door e enfirmydade nos conduz,
aaquella tua vyda que durara
e seera sempre per secula ([15]) infinita.» (fls. 18 v.-19)

Mais dum século depois, Fr. Tomé de Jesus pouco se afastaria deste estilo de André Dias, entrando, com ele, na corrente milenária do pseudo-André. E o autor dos *Trabalhos de Jesus* escrevia um colóquio à Cruz do Senhor:

«Fermosa cruz, mais resplandecente e rica, com o sangue d'este divino Cordeiro, que fermosos rubis. Tu foste o cabo de seus trabalhos, tu o começo de seu repouso, tu a victoria de sua batalha, tu alevantamento de seu segredo, tu entrada de sua gloria, e posse de seu reinado.

Toda ficas manando em rios, que por ti correram de seu precioso sangue, e toda banhada nelle. Tu és a minha herança, tu a minha rica partilha, que deste Senhor me ficou. Pobre morreo em ti de tudo desapegado, só comtigo abraçado, e em ti cravado. Toda te deixou a todos os seus, e toda a cada hum dos que te amam. Adoro-te, abraço-te, recebo-te por meu rico

---

([13]) sois.
([14]) tratado.
([15]) *per secula infinita*, pelos séculos sem fim.

Pensade ora boa gente.
com o coraçõ e com a
mente. q̃ toda cousa deste mũ
do he mẏente. saluo o nosso
deus Jhũ omnipotẽte. por que o
mundo falecera. e o ouro e a
prata e todo outro auer. todo
em nada se tornara. e cada
huũ assy boo como maao. des
te mundo se partira. e toda
uẏda morrera. e a sua alma
seera gualardoada. segũdo
as obras q̃ fez em esta uẏda.
¶ Todo home ou molher q̃
ama este mundo. em quãto
lhe em elle bem uay. he muy
alegre e muy jocundo. mays
ay porem depoys q̃ morre. e
se uay ao jnferno muyto pro
fundo. e por huũ bem q̃ aquy
sente em esta uyda presente.
por elle ha myl males. e depoys
se uay ao fogo do jnferno pera
sempre muyto ardente. e quẽ
guaanha a deus Jhũ omnipotente.
ha aquella gloria q̃ de todos os
bẽes he abastada e comprada.
Cantar q̃ dizem os desempa
rados. e em este mundo atri
bulados. e seerã e Jhũ luuados.
Pranto muyto desampa
rado. faz todo o mundo
coytado. por q̃ o ueem muy
to afurtunado. e posto em
tribulaçom. e muyto maao
E eu my. e honde estado.
som os prophetas. plenos de sa
bedoria. todo o mũdo ora he
cheo. de mentira e de folya.
e nenguẽ nom quer ouuyr a
uerdade. mays de boamente
acha toda falsydade. e enga
na a seu amygo com plazen
tearia. por q̃ seria tribulado.
¶ Chus som os patriarchas.
plenos de fe e de creença. por
q̃ ja em todo o mũdo. grandes
e pequenos. poserõ e poẽe toda

Bibl. Nac. de Lisboa, cód. ilum. 61, fl. 19 v.

¶ Este senhor piedoso. q̄ por nos
quyso morrer. el nos seia sem
pre graçioso. ⁊ nos queira a
correr. cõ saude ⁊ folgança. amē.
Outra lauda muyto cõtēpla
tiua. da paixom de Jhū xpō.
Com os meus olhos
choro. ⁊ o coraçõ muy
to me doe. quando penso
ēno senhor Jhū que padeçe.
¶ E quando eu penso na my
nha saluaçõ. como padeçe por
mynha prisom. muyto me
doyo no meu coraçõ. ⁊ soffro
porem grande tribulaçom
quandome nembro da sua sā
¶ Porq̄ bem ueio ¶ Sanxeō.
⁊ sey ⁊ creo. q̄ por my pecador.
cuio mezquinho ⁊ treedor. es
pargeo seu sangue o meu sen.
com muyto grande tristeza
¶ E como ¶ E grām dolor.
por my mezquinho foy preso
⁊ legado. ⁊ ante o principe foy
preguntado. com grande es
carnho ⁊ demandado. se era

elle Jhū xpō. Rey ⁊ senhor.
¶ E como por my foy açou
tado. ⁊ de espinhas coroado.
⁊ em seu rostro cospinhado.
⁊ depoys cruçificado. ⁊ mor
to ⁊ soterrado. da muyto uyl
gente ⁊ muyto traydor.
¶ Ora senhor tu me fazes pē
sar. a tua sem paixō ⁊ me sē
pre della renembrar. ⁊ que
eu possa soportar. todos os
males ⁊ trabalhos. que per
qual quer guysa uehere a my
muyto mezquinho pecador.
Outra cantica ⁊ lauda ⁊ psa.
do lido Jhū no dya da pascoa
de grande deuaçõ. ⁊ muyto
Com a ⁊ ūtuosa.
madre de Jhū bem a
uenturado. todos nos alegre
mos porq̄ ia he resusçitado.
¶ Ressusçitado he a muyto
alta uyda Jhū rey da gloria.
q̄ he nossa uyda ⁊ pedra pre
ciosa. ⁊ rosa muy florida que
de todo he muyto affremoseado.

83

Bibl. Nac. de Lisboa, cód. ilum. 61, fl. 34

thesouro. Oh mais fermosa que todas as estrellas, mais forte que todos os exercitos, triunfadora de todos os inimigos [...]! A ti me acolho, a ti me abraço, em ti quero viver e morrer. Já perdeste tua dureza, já ficas suave jugo, já penhor certo da gloria, já começo de reinar, já descanso e alivio dos que a ti se acolhem. Adoro-te, arvore de vida, adoro-te, fonte de sabedoria, muro forte contra os inimigos, adoro-te, forno que ficas ardendo em fogo divino, e amoroso Cordeiro. Recebe-me em teus braços, nelles me sustenta, e santifica, por ti me receba o que em ti me redemio, e em ti por mim cheio de meu amor morreo.» ([16]).

Era o mesmo ritmo emocional a propagar-se de idade em idade, como se fosse a mesma alma religiosa a rezar à Cruz, através dos vários escritores e gerações.

No *Livro das laudes e cantigas,* do bispo de Mégara, depois desta cantiga à Cruz, segue-se um CONSSELHO E PROSA acerca da morte e do Inferno (fls. 19-19 v.), além dum *cantar* ou lamentação sobre as desgraças da Igreja conspurcada, a que já nos referimos e que Mestre André traduziu e adaptou de Jacopone da Todi.

Passemos, também, à frente uma CONTEMPLAÇOM DO DYA DO JUIZO e uma PROSA E CANTICA DA GLORIA DO PARAYSO. Temos, agora, diante de nós, um cantar truncado, em honra da Santa Cruz (fl. 22) mas cujos primeiros versos se encontram perdidos na fl. 71 v., segundo nos parece:

«ESTA HE HŨA PREÇIOSA ORAÇOM, E DE GRANDE VERTUDE, QUE DIRAS QUANDO VIRES O CRUÇIFIXO OU VIRES A CRUZ [...].

Louvemos a sancta vera cruz,
que nos defenda o boom Jhesu,
que de todo o mundo he luz.

([16]) *Trabalhos de Jesus,* P. II, Porto, 1925, pp. 509-510.

Quanto a sancta cruz he digna de louvar,
o coraçom nom o pode penssar,
e a lyngua nom o pode contar,
as vertudes da sancta cruz.

Este he o lenho preçioso.
e synal muyto virtuoso,
per o qual ho diaboo foy e he confuso,
quando o boom Jhesu morreo na vera cruz.

Este he o priçioso lenho,
en que foy posto o muy sancto penho (17),
e o spiritu maligno foy preso,
per virtude da sancta vera cruz! (fl. 71 v.)

O boom Jhesu remiidor,
assy como falsso e trufador (18),
e como ladrom e treedor,
foy condanpnado que morresse,
en na sancta vera cruz.

Os seus membros delycados,
estendidos forom e estirados,
e todos ensangoentados,
e com pregos muyto fortes pregados,
em na sancta vera cruz.

Sam Joham evangelista
tomava grande tristeza,
quando viia a grande nobreza,
estar padeçendo, en na sancta vera cruz.

E a sua madre virgem Maria,
com muyto gram dolor dizia:
oo meu Jhesu e doçe amor,
oo meu filho e meu senhor,
e porque vos pregarom assy,
en na sancta vera cruz.

(17) *penho*, isto é, penhor; talvez seja um italianismo: *pegno*.

(18) tratante, velhaco. Em italiano: *truffatore*. No entanto, existem os termos arcaicos portugueses: *trufar*, *trufaria*, *trufar*, de significado semelhante.

E sua madre ainda dizia,
com grande coyta (19) que avya:
oo esplandeçente filho,
muyto mays que outro espelho,
e por que fostes assy ferido,
e que moressedes en na sancta vera cruz.

E o senhor Jhesu disse: oo madre mynha,
aguora se conple a profeçia,
a qual de mym foy dicta,
que eu de morrer avya,
en na sancta vera cruz.

A obediençia he ja conprida
e a morte he ja fiinda,
e quem quyser aver a vyda,
crea a sancta vera cruz.

Oo boom Jhesu a tua confrarya,
tu a acreçenta e tu a guya,
tu a governa e a mantem,
sempre e cada dya,
e esto per vertude
da tua sancta vèra cruz.» (fl. 22)

Nesta *oração*, como lhe chama Fr. André Dias, ficaram patentes alguns vestígios do diálogo dramático. De facto, logo no princípio dela, o pseudo-André vincou a sua presença pelo tom dos louvores da santa cruz. Depois, a cena vai passando do puro lirismo religioso para o drama: S. João Evangelista olha tristemente para Jesus que sofria *na sancta vera cruz*. Ao lado, a Mãe de Deus, com muito grande dor, exclamava: —Ó meu Jesus e doce amor, ó meu filho e meu Senhor, por que vos pregaram, desta maneira, na santa vera cruz? E a Virgem Maria, muito coitada, dizia ainda: —Ó filho muito mais resplandecente do que qualquer outro espelho, por que

(19) cuidado, aflição, sentimento.

te feriram assim, até morreres na santa vera cruz? E Cristo respondia: — Ó minha Mãe, agora é que se cumpre a profecia, que de mim se disse, de eu ter de morrer, na santa vera cruz! Já se cumpriu a obediência, a morte já passou, e quem quiser ter vida creia na santa vera cruz!

Foi graças a este esboço de teatro que algumas loas, na Itália, evolucionaram até aos autos sagrados.

Com ritmo semelhante e fortemente influenciada pela *adoração da cruz,* nas cerimónias da Semana Santa, é esta ORAÇOM QUE FARAS QUANDO VIRES A CRUZ E O CRUÇIFIXO EM ELLA DEVOTA. São quatro longas colunas, em letra gótica, de pequenas estrofes, que fecham pelo estribilho conhecido: *Adoramos-te ó santa Cruz,* etc. Num dado momento, porém, desprende-se dos moldes litúrgicos iniciais e transforma-se numa reflexão religiosa, seguida dumas *Horas da Paixão,* ou coisa semelhante. Vamos transcrevê-la integralmente para, depois, vermos as relações da parte final com algumas páginas dum Livro de Horas do P. Joaquim de Sá, pregador do nosso rei D. Fernando (século XIV):

«*Adoramoste oo sancta cruz,*
da (20) *ora perdoança e luz,*
a toda pessoa peccador.

Iterum: *adoramoste.*

Saudote oo cruz sancta,
com humyldosa boca e perfeyta,
por amor do boom Jhesu meu senhor.

Adoramoste oo sancta cruz, etc.

Oo cruz sancta, oo cruz digna,
defendenos sempre oo benigna,
porque en ty morreo Deus Jhesu salvador.

---

(20) *da,* isto é, *dá.* Dá, agora, perdão e luz, etc.

Adoramoste oo sancta cruz, etc.

E en no monte calvaro ([21])
em ty foy cruçifiçado,
o nosso Rey e criador.

Adoramoste, etc.

Suso ([22]) em alto foy cruçifiçado,
o boom Jhesu e enclavado,
por salvar o mundo muyto treedor.

Adoramoste, etc.

Per ty e em ty prendeo ([23]) morte,
e reçebeo muyto triste sorte,
aquel que do mundo he governador.

Adoramoste, etc.

Penssa ora ([24]) homem mezquinho,
que o filho de Deus devyno,
por ty morreo nom fazendo nem huum error.

Adoramoste, etc.

E o de sempre eternal ([25])
se feze ([26]) symplez e mortal,
e aquel Deus que muyto val,
per Judas foy vendido,
o seu desçipolo treedor ([27]).

Adoramoste, etc.

E aa gente de Pilato,
o senhor Jhesu lhe foy dado,
como sse fosse mal feytor.

([21]) calvário.
([22]) em cima, para cima.
([23]) receber, tomar.
([24]) agora.
([25]) eterno.
([26]) fez.
([27]) traidor.

Adoramoste.

E aa ora matutynal,
foy preso o boom Jhesu, a verdade devynal,
e aly desemparado,
de cada huum seu servidor.

Adoramos.

E depoys que foy legado ([28]),
ante Anas foy levado,
com grande vergonça e sem honor.

Adoramos.

Aly foy examynado,
e ferido e desonrrado,
aquel que he nosso padre ([29]),
nosso meestre e pastor.

Adoramoste.

Açerca delle ([30]) nom sse acha nem sse vee,
quem sse delle amerçee,
nem nenhuum ajudador.

Adoramos.

E depoys em casa de Cayfas,
foy abofetado ([31]) e cospynhado,
como se fosse huum roubador.

Adoramoste, etc.

E aa hora da prima,
ante Pilato foy apresentado,
e falsamente acusado,
por sandeu e adevynhador.

([28]) ligado.
([29]) pai.
([30]) *Açerca delle*, isto é, perto dele.
([31]) esbofeteado.

Adoramos.

Aaquella ora foy legado,
a hũa colunpna e açoutado,
per toda a comuna ([32]) dos judeus,
e per o sseu arraby ([33]) mayor.

Adoramos ([34]).

Aa ora da terça de hũa purpura foy vestido,
de Herodes e escarnydo,
o que do mundo he regedor.

Adoramoste, etc.

E em essa hora de espynhos he coroado,
e leva a cruz atormentado,
ao monte de muy grande fedor.

Adoramoste.

Aa hora da sexta, en na cruz foy enclavado,
e antre dous ladrões foy cruçifiçado ([35]),
com grande vergonha e desonor.

Adoramoste, etc.

Em aquella ora ouve ([36]) sede,
e o parayso e gloria pormete,
ao ladrom e mal feytor.

Adoramos.

Aa hora da noa elle espirou,
e a sua alma a seu padre encomendou,
o qual da gloria he dador.

([32]) comunidade, corporação. Aqui, refere-se aos judeus lá reunidos.
([33]) *arraby mayor* ou *rabi-mor*, magistrado supremo dos judeus, nas comunidades judaicas, em Portugal.
([34]) No cód. iluminado vem só um *A.*, sem mais nada.
([35]) crucificado.
([36]) houve, teve.

Adoramoste, etc.

Em essa hora el braadando,
o seu lado foy chagado,
e a terra fez grande tremor.

Adoramos.

Aa hora da vespera, da cruz foy tirado,
e em huum lençol envurilhado ([87]),
Jhesu poderoso de muyto grande valor.

Adoramos.

Aa hora da conpleta foy soterrado
o corpo de Christo muyto honrrado,
e de todas as cousas sabedor.

Adoramoste, etc.

Em essa ora foy untado
de balssamo e de boons cheiros,
o seu corpo muyto preçado
do nosso remiidor.

Adoramoste, etc.

Esta mynha oraçom te faço,
oo cruz sancta, com muyta devaçom,
que sempre sejas meu defensor. Amem, amem.» (fls. 70 v.-71 v.)

Quem leu, por exemplo, as Horas de Nossa Senhora, por que rezavam os portugueses de então, recordará, fàcilmente, algumas quadras, em latim rítmico, bem semelhantes às de Mestre André, sobre os passos da Paixão e as horas canónicas. Nem falta, sequer, um estribilho parecido, nestas palavras que se repetiam depois de cada estrofe: *Adoramus te, Christe, et benedicimus tibi, quia per crucem tuam redemisti mundum* (Adoramos-te, Cristo, e te bem-dizemos, porque, pela tua cruz, remiste o mundo).

([87]) embrulhado.

Basta-nos citar, dum Livro de Horas medieval, as duas quadras, corespondentes à prima e à tércia:

«*Ad primam:*

Hora prima ductus est Jesus ad Pilatum.
Falsis testimoniis multum accusatum
In collo percutiunt, manibus ligatum,
Vultum Dei conspuunt, lumen caeli gratiam.

Vers. Adoramus te, Christe, etc.

Ad tertiam:

Crucifige, clamitant hora tertiarum.
Illusus induitur veste purpurarum.
Caput eius pungitur corona spinarum.
Crucem portat humeris ad locum poenarum.» (88)

Tudo o mais segue por este estilo, distribuindo pelas horas canónicas os passos da Paixão de Cristo. Vê-se que o bispo de Mégara, neste ponto, sem servilismos nenhuns, pouco mais fez do que verter e parafrasear, em português rimado, as quadras que ele tantas vezes lera em latim rítmico.

Nos outros louvores da Santa Cruz, André Dias continua a inspirar-se, com frequência, na supracitada passagem dos actos do pseudo-André. Este apóstolo nunca pronunciou, talvez, estas palavras célebres. Contudo, elas representam, decerto, o seu modo de sentir, a sua atitude de espírito, ao ser martirizado. Foi ao ritmo desta linguagem que o bispo de Mégara escreveu uma *oraçom* à Vera Cruz. O sentido dela resume-se nestas palavras: Ó cruz bendita, socorre-me nesta hora, pecador de mim! Ó cruz de salvação, ó cruz santa, por ti foi vencida a prisão infernal! A ti só adoramos, ó Jesus, e te pedimos que sejas misericordioso connosco e nos dês o paraíso:

---

(88) Fr. Damião Berge, *Um livro de horas do século XIV na Biblioteca Nacional*, em *Verbum*, Rio de Janeiro, II (1945), 73.

«Esta oraçom diras quando vires a Jhesu en na cruz, e em aquel dya maa morte nom morreras.

Oo cruz bem dicta, do boom Jhesu meu senhor,
oo cruz muyto sancta e digna de grande honor,
socurre ora muyto aginha (39),
a mym muyto triste e mezquinho,
e muyto maao peccador.

Oo cruz de salvaçom e muyto veraz,
per ty foy a nossa rendiçom (40) conprida,
oo cruz sancta, perfeyta e de muyta paz,
per ty foy a prisom do Inferno faliçida (41),
oo cruz sancta de muyto grande vertude,
escaada justa de verdadeira saüde,
tu nos queyras ora perdoar e livrar de todo mal,
e de todo outro maao error.

A ty senhor fazemos rogos, com perfeyto coraçom,
oo senhor nosso Jhesu, muyto misericordioso,
a ty soo adoramos, com toda nossa entençom,
que sempre nos sejas piedoso,
e nos des en na tua sancta gloria repouso
e parayso, com grande plazer e deleyto,
e com grande folgança e amor. Amen, amen, amen.» (fls. 22-22 v.)

André Dias não se limita à Paixão de Nosso Senhor. Todo o tempo pascal ocupa várias páginas do seu *laudário,* abrindo o ciclo litúrgico da Semana Santa com uma poesia para o dia de Ramos, intitulada: Cantar e lauda de dia de ramos. Partindo da liturgia da bênção dos ramos, dá uma interpretação mística aos pormenores da entrada triunfal de Jesus, na Cidade Santa, e explica a simbologia de todos esses pormenores: a oliveira significa a misericórdia; a

---

(39) depressa.
(40) redenção.
(41) *faliçida,* aqui, significa *vencida* ou *violada.*

palma simboliza a vitória. Jesus foi recebido com ramos de oliveira e palmas porque, na vida cristã, a humildade deve unir-se à honra. E o cantar termina com uma prece a Jesus *emperador*:

«Cantar e lauda de dia de ramos

Com ramos e flores,
foy recebido oje em este dya,
o nosso senhor Jhesu Christo.

Com olyva de misericordya,
e com palma de vitoria,
e com flores de vertude perfeyta,
reçebamos o salvador,
que he nosso Deus e senhor,
e com toda devaçom e honor.

Por que el honor com humyldade
quiso aver e com solenpnydade
e por sua grande bondade,
se quys ao poboo amostrar,
e çertamente significar
que creamos sem duldar ([42])
que elle he Deus de todo o mundo criador.

Senhor grande com reverença,
Deus e homem de grande temença ([43])
pero depoys foy condanado,
de muyto cruel sentença,
quando por nos foy açoutado,
e muyto desonrado,
e en na cruz cruçifiçado,
como se fosse mal feytor.

([42]) duvidar.
([43]) que inspira temor e respeito.

Mal feytor te amostraste,
quando contra verdade fezeste
grande força aa diviindade,
e lhe deste pressa e tribulaçom,
porque tu Deus e homem padiçias afliçom
e sofrias maldiçom,
por salvar toda a gente muyto peccador.

Salvanos com piedade,
o boom Jhesu de verdade,
e de grande caridade,
e mantennos [44] em unidade,
que possamos sempre servyr
e perssyguyções sofrer por ty,
e que vaamos com tigo gouvyr [45],
donde es emperador, amem, amem.» (fl. 30)

Continuando no espírito da Semana Santa, Fr. André Dias compôs, logo a seguir, uma narrativa da Paixão, para se cantar em quinta-feira maior ou, como ele diz, em *dia de endoenças da paixom de Jhesu Christo.*

Conta-nos os sofrimentos de Jesus, num diálogo em que entram Nossa Senhora, o seu Filho e S. Maria Madalena — talvez a parte melhorzinha deste *cantar*. O bispo de Mégara também chama a estes versos: HORAS DA PAIXOM E DA CRUZ (fl. 31). De facto, vários passos da Paixão encontram-se distribuídos pelas horas canónicas, como vimos já, noutra poesia.

Longa narrativa, na verdade, que lembra certas páginas do pseudo-Taulero e outros escritores medievais, tão vulgarizadas entre nós, quer directamente, quer através de autores peninsulares. Por exemplo, a *Passio duorum*, escrita por um franciscano, no tempo de Carlos V [46], encerra diálogos no género do que vamos ler em André

---

[44] mantém-nos.
[45] gozar.
[46] Há várias obras, com este nome, algumas delas condenadas pela Inquisição de Espanha. Nós referimo-nos à *Passio duorum* editada em Medina del Campo, em 1587.

Dias. E um manuscrito em letra gótica, já do século XVI (47), traz algumas destas cenas, em linguagem portuguesa, onde se reflecte o antigo ambiente espiritual e dramático, de que nasceram os cantares de Mestre André, sobre a Paixão de Jesus. O tom geral era comum a toda a Idade Média, donde passou aos anos posteriores. Bastaria ler algumas páginas do *Fasciculus mirrhe* (Feixinho de mirra), para termos uma ideia da maneira como os homens de quinhentos (48) imaginavam e sentiam os sofrimentos de Cristo e Nossa Senhora, sem se afastarem muito do estilo desta *lauda*:

«*Contemplemos com grande door,*
a morte de Jhesu Christo,
nosso remiidor e salvador.

O boom Jhesu teve por bem por nos sofrer
forte pena e de morrer,
e nom a quiso fogir,
por nos livrar do Inferno
e de muyto grande dolor.

E per enveja foy traydo,
e depoys preso e escarneçido,
quando o Judas saudou,
como maao desçipulo e maao amygo,
e muyto falsso e treedor.

E porque a Magdalena ho ungio
de unguento preçioso,
logo Judas maliçioso
começou a dizer:
este unguento se podera vender
e seer dado aos pobres
por amor do senhor.

---

(47) Bibl. Nac. de Lisboa, *Fundo Geral*, ms. 3406.
(48) Cf., por exemplo, a ed. de Burgos, 1514, fls. 16 ss.

E logo se feze presto (49) pera falar aos judeus:
se me derdes XXX.ta (50) dinheiros eu volo (51) darey preso;
o seu meestre lhe vende,
e com outra muyta gente,
en no orto ho prende.

E como foy de noyte preso,
logo os apostolos fugirom,
e a casa de Anas o levarom,
e hy o abofetarom
e se tu es Christus todos os judeus bradarom.

E depoys a casa de Cayphas aquella noyte foy levado,
e de muytas cousas aly foy preguntado,
e foy muyto escarnydo e no seu rostro cospynhado,
como se fosse mal feytor.

[..]

E depoys a hora de prima foy apresentado
Jhesu ante Pillato,
e per falssos testemunhos foy muyto acusado,
e de coroa de fortes espinhos gravemente coroado
aquel que he de todo o mundo senhor.

E depoys desto a hũa colunpna fortemente foy legado,
e per todo o seu corpo gravemente foy açoutado,
e dos muytos açoutes foy todo ensangoentado,
como se fosse huum falso homem ladrom e treedor.

Aa hora da terça todos os judeus braadarom:
seja logo cruçificado este indiebrado,
que todo nosso poboo ha enfeytiçado,
como mentiroso obrador.

---

(49) pronto, veloz.
(50) trinta.
(51) vo-lo.

E logo hũa muyto pesada crux ao collo lhe poserom,
e huum baraço na garganta lho lançarom,
e com grandes aruydos e pregões o levarom
ao logar de calvaria como ladrom e furtador.

E aa hora da sexta o cruçifiçarom
e com el dous ladrões que o acompanharom,
e fel e vinagre a bever lhe apresentarom,
e todos os judeus a hũa voz braadarom:
moyra moyra o mal feytor.

E aa hora da noa o boom Jhesu espirou,
e a sua alma a seu padre a encomendou,
e huum cavaleiro com hũa muyto forte lança
o seu lado traspassou,
e a terra fez entom muyto grande tremor.

Aa hora da vespera da cruz foy tirado,
e pera o soterrarem a Pillatos foy demandado ([52]),
e em huum lençol envorilhado ([53]),
e na cabeça huum sudairo,
o que do mundo era senhor.

Aa hora da completa soterarom ([54])
o boom Jhesu que muyto amarom
e de muytas espeçias e nobres cheiros
o seu corpo huntarom,
pera seer guardado do fedor.» (fls. 30-31 v.)

Esta poesia é de índole complexa. Começa por uma narração dos sofrimentos de Jesus, passa à contemplação das suas dores, transforma-se num diálogo dramático e termina por umas Horas da Paixão. Estas últimas diferenciam-se das que atrás deixámos transcritas, embora os factos narrados sejam os mesmos, nem se desassemelhe, notàvelmente, o conteúdo emocional de ambos os trechos.

([52]) pedido.
([53]) embrulhado.
([54]) soterraram, sepultaram.

À última laude da Paixão segue-se uma oração, em prosa, de sabor acentuadamente litúrgico. Parece-nos um complemento da laude antecedente, pois abre desta maneira: *E depoys destas horas da payxom e da cruz, diras o que sse segue.* Ora, o que se segue vamos pô-lo como se fora, francamente, prosa vulgar. Embora tenha passagens rimadas torna-se bem difícil, na verdade, meter em poesia estas linhas de Mestre André. Porém, revelam-nos a finalidade das Horas da Paixão e até nos dizem que se destinavam a ser rezadas por ocasião da missa:

«Adoramoste oo boom Jhesu e te louvamos e beenzemos, por que por a tua sancta cruz salvaste e remiiste todo ho mundo, e nos assy o creemos.

Amerçeate de nos oo Jhesu muyto benyno, que misericordiosamente padeçiste por nos no sancto lenho.

E per o synal da tua sancta cruz, livranos dos nossos enmiigos, tu que es nosso Deus e nosso senhor.

Oremos a ty senhor Jhesu Christo, filho de Deus vyvo, e põe a tua payxom e morte, antre as nossas almas e o teu juizo, assy agora como aa hora das nossas mortes, e tem por bem de dares aos vyvos a tua sancta graça e misericordia e aos finados boa folgança e perdoança dos seus peccados, e a toda a christayndade paz e verdadeira concordya e a toda a sancta egreja reformaçom e sanctidade e a nos outros peccadores vyda e saude e toda bondade e porto seguro a todos os mareantes e livre de toda tempestade, e da saude, senhor, aos doentes e amostra o camynho aos que em elle erram e da aos neyçios (55) e nom sabedores sçiençia e conselho e sabedoria, e danos (56) avondança dos fruytos da terra e dos mantiimentos fartura, e da aos presos e cativos dos mouros livramento e rendiçom (57) e aos tristes e persseguidos da remedyo de consso-laçom e aos peccadores penytençia e contriçom e aos justos persseverança e beençom, e aos mortos perdoança e salvaçom, e a todos os fiees de Deus vivos e finados a tua graça e misericordya e a tua gloria de sempre queiras dar per omnia seculorum secula a mym, amen.

---

(55) néscios.
(56) dá-nos.
(57) redenção.

O bõo pegrino ⁊ muyto
ſco. ⁊ tu donde uẽẽs assy
cansado. ⁊ q̃ de tuas palauras
nos as muyto confortados.
pero somos muyto toruados. de
ty pegrino muyto amado. q̃ uẽẽs
de ihrlm. ⁊ nõ sabes o q̃ em estes
dyas. do bõo ihũ foy praticado.
¶ E nõ sabes tu de aq̃lles cruees
iudeus. ⁊ dos escriuaães ⁊ phari-
seus. como a ihũ de nazare hã
morto. q̃ p̃ palaura ⁊ p̃ obra.
era muyto ũtuoso. ⁊ das gentes
muyto louuado. ⁊ como per-
uersos iudeus o hã crucificado.
¶ E agora he o terceyro dya. que
este bõo ihũ ⁊ de muyta cortesya.
he morto ⁊ soterrado. aq̃l a nen-
guẽ nojo nẽhuũ nom fazia. an-
te miragres ⁊ marauylhas fa-
zia muytas cadadya. ⁊ uehe[r]õ
a nos molheres de nos outros;
q̃ nos disserom q̃o uyrom. ⁊ que
ũdadeiramente resurgyu da
morte a a uyda. p̃o fora sopultado.

¶ E nos somos muyto tristes ⁊
compridos de muyto dolor. ⁊ anda-
mos como ouelhas desempara-
das do seu bõo pastor. ⁊ nõ sabemos
honde he andado. ou a qual terra se
foy. ou q̃l camynho ha tomado.
¶ E o pegrino respondeo logo muyto
ardidamẽte. por certo eu ueio bem
q̃ da sua fe ⁊ creeça uos auedes ny-
ente. ⁊ q̃ sodes tardinheiros de creer
em elle ũdadeiramẽte. ⁊ nẽ crees-
tes a a sua doutrina. q̃ uos pree-
gaua cadadya. como ꝓpheta ⁊ lete-
¶ E uos ⁊ os seus aposto rado.
los erades p̃sentes cadadya. q̃ndo
uos elle preegaua ⁊ uos todo esto
dizia. ⁊ q̃ assi escriptura dos ꝓphetas
q̃ delle falarom mẽtyr nõ podya.
⁊ q̃o filho da ũgem por saluar to-
do o mundo padeçerya. ⁊ q̃ ao ter-
ceyro dya elle seerya ressuscitado.
¶ E as nossas donas o forõ bus-
car a a lua do dya. ⁊ nõ ho acha-
rom ⁊ tornarõsse aa uossa cõpa-
nhya. ⁊ outra uez se tornarõ ao

Bibl. Nac. de Lisboa, cód. ilum. 61, fl. 35 v.

treeua eu soo alongado. τ no
ponto τ ora q̄ eu soo contrito.
assy fico cõsolado. q̄ de todo
soo aleuyado. τ nõ me nẽbra
outra cousa senõ o meu senhor
Jhũ xp̄o q̄ eu amo muyto de grado.

¶ De Jhũ me nẽbro
τ nõ recordo al a a mynha men-
te. τ a el soo desejo. q̄ndo an-
do antre a gente. τ delle soo
eu soo ssgente. τ de todo meu
coraçõ τ de muy boa mẽte. eu
soo a el semp̄ muyto chegado.

¶ Achegado a el eu q̄ro seer.
por q̄ do seu poder nõ posso fu-
gir. por q̄ o meu coraçõ el mo
uay prender. τ me fez em seu
amor embeber. τ assy forte-
mẽte me uay ferir. q̄ do seu a-
mor eu soo muyto alegrado.

¶ Por teu amor me uou ale-
grando. em amar a ty Jhũ
meu saluador. τ a ty soo uou
chamando. q̄ me sejas acorre-
dor. τ me tires de todo periigoo
τ error. τ q̄ p ty seia eu de
todo periigoo τ mal liurado.

¶ Liurado seia eu senhor da
maa morte. τ tu me des ajuda
τ essforço. q̄ eu perseuere τ seia
forte. entõ τ a ty me acorro.
τ tu Jhũ me trage a atal porto.
enq̄ eu semp̄ uyua segurado.

¶ Diuendo eu seguro a ty soo
amarya. τ q̄ndo sem pecado
uiuesse. puro τ lympo a ty soo
seruiria. τ todas lees τ regras.
eu as desprezarya. τ tu soo meu
senhor. seerias muyto meu amado.

¶ Do teu amor se-
nhor meu. nõ sente aq̄l q̄ nõ
he partido das lees deste mũdo
terreal. τ tam bem aq̄l que
o seu apetito. cõ a tua uoõ-
tade. nõ q̄r conformar; τ po-
rem este homẽ atal. nõ me-
rece de seer teu namorado.

¶ Namorado teu nõ pode seer.
nesse dar por teu amygo. aq̄l
q̄ nõ ama a ty Jhũ quasy p̄o.
τ as tuas obras nõ q̄r fazer.
τ tal como este se uay a perder.

Bibl. Nac. de Lisboa, cód. ilum. 61, fl. 49

E o nome de nosso senhor Jhesu Christo e o nome da gloriosa sua madre virgem sancta Maria sejam beentos e louvados e glorificados pera todo sempre, amen; e a paixom do nosso senhor Jhesu Christo nos queira levar aa gloria do parayso. Amen.

Estas horas canonycas com muyta devaçom a ty Christo Jhesu ofereço com toda pura entençom e te faço oraçom, que tu que padeçiste por mym esta paixom tam forte me sejas ajuda e solaz ([58]) en na hora da mynha morte. Amen, amen.

Estas horas da cruz diras quando myssa ouvires.» (fls. 31 v.-32)

Toda esta prosa tem um carácter demasiado litúrgico, para nos demorarmos a estudar as suas origens. O princípio mal passa duma tradução do versículo e da colecta das Horas de Nossa Senhora, nas matinas, como segue:

«Adoramus te, Christe, et benedicimus tibi, quia per sanctam crucem tuam redemisti mundum.

Oremus: Domine Jesu Christe, Fili Dei vivi, pone passionem, crucem et mortem tuam inter judicium et animam meam, nunc et in hora mortis meae, et largiri digneris vivis misericordiam et gratiam, et defunctis requiem et veniam, Ecclesiae tuae pacem et concordiam, et nobis miseris peccatoribus vitam et letitiam sempiternam.» ([59])

Tais narrações versificadas ou, antes, rimadas, da Paixão de Jesus e dos prantos da Virgem SS.^{ma} degeneram, por vezes, num prosaísmo digno das *rims* de Raimundo Lúlio. Este fenómeno de desalinho literário acentua-se, por exemplo, numa ORAÇOM E LAUDA E CANTICA E PROSA DA PAIXOM DE JHESU CHRISTO, MUYTO VIRTUOSA E MUYTO DEVOTA (fl. 32). Ficamos, até, a pensar, que o bispo de Mégara tinha, um pouco, a inocente mania de rimar, por tudo e por nada. É que esta loa da Paixão de Jesus nada acrescenta às que já

([58]) consolação.

([59]) Fr. Damião Berge, *Um livro de horas do século XIV na Biblioteca Nacional*, em *Verbum*, II (1945), 72.

transcrevemos, quer sob o ponto de vista religioso, quer sob o aspecto emocional e estético. Ainda assim, por descargo de consciência, vamos pô-la nestas páginas:

«A payxom de Christo feyta cruelmente
devo eu peccador chorar amaramente.

Quando os judeus o apresuarom,
todos de redor o çercarom
e as suas sanctas maãos fortemente legarom,
como a ladrom muyto vilaãmente.

E por triinta dinheiros foy mercado,
que Judas reçebeo e foy bem pagado,
mays (60) melhor lhe fora se nunca fora nado,
que assy vender seu meestre e senhor tam cruelmente.

E na colupna foy posto todo desnuado (61),
e per todo o seu corpo fortemente açoutado,
e de todas as partes do seu corpo todo ensangoentado,
como se fora ladrom muyto asperamente.

E depoys o levarom ante Pilato
e delle foy muyto preguntado
e com muytos braados dos judeus foy condanado,
que logo morresse muyto injustamente.

E todos braadavam com grande voz e alta:
cruçifiça, cruçifiça este falsso propheta
e morra sobre a cruz morte cruel e fea,
que ja mays nom engane toda a nossa gente.

Aaquella hora foy Jhesu cruçifiçado
e morreo sobre a cruz, Deus e homem muyto louvado,
mays logo do Inferno foy livrado
o peccador çertamente.

---

(60) mas.
(61) posto nu.

E per tres dyas soterrado
e no terçeiro ressusçitado,
e appareçeo vivente e apoderado ([62])
aos seus apostolos muyto seus amados
e a outro muyto poboo delle muyto desejado,
em alma e em corpo verdadeiramente.

O boom Jhesu que assy por nos moryo ([63])
e da morte aa vyda pera sempre resurgio
e depoys aos seus altos çeeos sobyo,
elle nos faça alla ([64]) sobyr,
honde nunca mays ajamos de morir, amen, amen.» (fls. 32-32 v.)

Sempre a mesma lamentosa gesta sagrada, com Judas e os seus trinta dinheiros, a coluna dos açoites e os gritos dos judeus!

Seria terrìvelmente monótona esta eterna história, se as *laudes* em que ela aparece, se destinassem a serem lidas, umas atrás das outras. Porém, tal não acontecia. Mesmo quando não eram cantadas, nem por isso seriam tão cansativas como nos parece, pois era uma só, de cada vez, que se lia ou meditava, conforme o costume piedoso dos confrades. Além disso, estas páginas como as meditações inacianas dos *Exercícios Espirituais*, foram escritas para serem *sentidas*, saboreadas interiormente. É nesta intenção do autor que nós devemos entrar, colocando-nos no seu ponto de vista, ao escrever a obra. Só assim a compreenderemos, em função da finalidade que o autor lhe destinou.

Aliás, certo barbarismo medieval, na linguagem, e alguma monotonia descritiva, tudo isto chega a desaparecer, em dados momentos, como neve ao sol da Primavera, debaixo do pensamento de que Deus morreu *por mim*: dói-me o coração, exclama o velho bispo

([62]) poderoso.
([63]) morreu.
([64]) lá.

de Mégara, quando penso nisso. Derramou o seu sangue *por mim*, homem pecador. *Por mim* foi preso, ligado e escarnecido:

«OUTRA LAUDA MUYTO CONTEMPLATIVA DA PAIXOM DE JHESU CHRISTO.

Com os meus olhos choro e o coraçom muyto me dooe,
quando penso en no senhor Jhesu que padeçe.

E quando eu pensso na mynha salvaçom,
como padeçe por mynha razom,
muito me doyo (65) no meu coraçom
e soffro porem (66) grande tribulaçom,
quando me nembro (67) da sua sancta paixom.

Por que bem vejo e sey e creo,
que por mym peccador,
çujo mezquinho e treedor,
espargeo seu sangue o meu senhor,
com muyto grande tristeza e gram dolor.

E como por mym mezquinho foy preso e legado
e ante o prinçepe foy preguntado,
com grande escarnho e demandado (68)
se era elle Jhesu Christo, Rey e Senhor.

E como por mym foy açoutado
e de espinhas coroado
e em seu rostro cospinhado
e depoys cruçificado
e morto e soterrado,
da muyto vyl gente e muyto traydor.

Ora senhor tu me faze pensar
a tua sancta payxom e me sempre della renembrar
e que eu possa soportar

---

(65) doo, do verbo doer.
(66) por isso.
(67) lembro.
(68) perguntado.

todos os males e trabalhos
que per qual quer guysa veherem a mym,
muyto mezquinho peccador.» (fl. 34).

Na vida de Cristo tudo era filho do amor, desde o presépio à cruz. Por isso, Mestre André Dias, numa poesia truncada e sem título (fl. 42) lembra-nos que foi por amor que *em huum presepio pobremente jazia aquel que o mar e a terra e todo o mundo regia.* Foi, ainda, o amor que levou Cristo a sofrer o seu martírio (*marteyro*), para nos livrar do Inferno:

«O amor trouxe Jhesu de Deus filho,
seendo no çeeo ygual a seu padre,
e o tirou do seu seo (69) e o fez tomar a nossa carne,
e naçer de hũa muy sancta virgiindade;
e em huum presepio pobremente jazia
aquel que o mar e a terra e todo o mundo regia
e ao qual todo o mundo lhe he e seera sempre subjepto.

O vosso amor oo boo Jhesu vos fez
em este mundo grande tormento aver
muyto aspero e muyto cruel,
e por nos vos fez grande marteyro soffrer,
mays amargoso que he o fel,
e vos sempre constante e sempre fiel
nos remiistes por a vossa sancta cruz
e nos livrastes com a vossa sancta luz,
do Inferno maldito.»

Desta contemplação dos sofrimentos de Cristo, por amor de nós, brotava uma atitude que se transformou numa das directrizes afectivas mais fortes de toda a espiritualidade cristã: *dor, compaixão e lágrimas* — como recomenda S. Inácio de Loiola aos seus discípulos espirituais. E o bispo de Mégara exclamava: liga-me com o mesmo

(69) seio.

baraço, Senhor, açoita-me com o mesmo açoite, põe-me na cruz, atravessa-me o lado:

«Oo meu senhor Jhesu de aquel baraço me legade,
do qual vos fostes legado,
e com aquel açoute me açoutade,
com o qual vos fostes açoutado,
e com vosco en na cruz eu seja morto e cruçifiçado
e o meu coraçom por vos
seja ferido e chagado,
como foy ferido en na cruz
o vosso muyto sancto lado,
quando por nos soffrestes tal morte com despeyto.

Amor Jhesu do qual proçede toda vertude,
amor Jhesu ouve a mynha oraçom
e dame sempre no corpo e na alma saude,
que eu sempre me nembre da tua sancta paixom,
alomeando o meu coraçom, por verdadeira peendença [70],
e da tua vyda eu tome exemplo e companhya,
por que depoys senpre aja com tigo alegria
e grande solaz e plazer e deleyto.» (fl. 42)

Tal vontade de imitar a Paixão de Cristo constitui uma das traves mestras da ascese cristã. É nela, também, que se apoia a lição espiritual desta CANTICA DE ORAÇOM DO BOOM JHESU (fls. 45-46): Senhor, diz Fr. André Dias, que eu ande sempre pelo mundo, perto de ti, a penar! Que eu sofra contigo, que a minha alma seja sempre enérgica — *ardida* — e que eu siga a tua santa Vera Cruz! :

«Oo Jhesu, per o qual eu sostenho pena, com plazer e deleyto,
rogote que seja eu tam digno que eu vaa ao teu regno,
que he muyto glorioso.

Ao teu regno aspero de hyr, honde he o sempiterno repouso,
e alla [71] cobiiço de hyr, honde nom averey afam trabalhoso,

---

[70] penitência.
[71] lá.

e porem sei ([72]) a mym misericordioso,
que eu possa soffrer por teu amor
todo affam e trabalho nojoso.

E poys que tu sobre a cruz
sofriste tam aspera paixom,
tu senhor que es gloriosa luz
me livra sempre da infernal prisom,
e demandote esta petiçom
que eu sempre penando
te ande pello mundo çercando ([73])
e seja de ty muyto namoroso ([74]).

Com tigo senhor te rogo que te plaza
de quereres que eu padeça pena em esta vyda,
e com a tua graça tu senhor me abraça,
que a mynha alma seja sempre franca e ardida
e de nunca hyr aa pena infiinda,
avendo escureza com tormento e aspereza
e viver muyto amargoso.

Aquy vivo em este mundo falaz,
como sse vivesse em huum fogo que me faz
trastornar a mynha alma muyto veraz,
por muy grande engano e jogo,
e porem senhor eu te rogo,
per o teu poder devyno,
que me guardes e defendas
do espiritu maligno,
que eu nom viva assy perdido
e muyto nojoso.

Per o teu devyno amar ([75]), a tua sancta humanidade
en na cruz aposeste,
e contar se nom pode o ([76]) grande door

([72]) sê.
([73]) *cercar-se* significa: chegar-se, aproximar-se, buscar.
([74]) namorado.
([75]) Talvez devesse ser *amor*, embora *amar* também dê sentido.
([76]) Hoje, diríamos *a*.

que tu soffrer quiseste
e as portas do çeeo tu as abryr fezeste
aa tua christayndade,
ora senhor Jhesu ave ([77]) de mym pyedade
e que eu seja de ty e em todo tempo
sempre desejoso.

E quem por ty quer padeçer toda vya tormento,
a ty rende de cada ora ([78]) graças e louvamento,
por o qual el depoys avera gloria e alegramento
e seera com tigo unydo de voontade, com grande amor,
e porem te rogo senhor
que quando veher e ([79]) ora da mynha morte
que a tua graça me consolle e me conforte
e tu me sejas sempre muyto mansso e piedoso.

A tua graça Jhesu me conforta
da tua infynita luz
e ella sempre me conporta ([80]),
que eu sigua e traga a tua sancta vera cruz
e ella sempre me conduz ([81]),
que eu te aja de amar
e por esto te nom quedo de rogar
que me des antre os teus sanctos logar
en no teu sancto reyno e muyto glorioso.

O meu rogar, oo Jhesu meu Deus dileyto,
atal ([82]) he que a ty soo possa amar
de todo meu coraçom e com muy grande efeyto
e em esta vyda presente por ty sempre penar
e mays nunca quedar ([83]) de te muytas sanctas graças dar,
a ty altissimo senhor e Jhesu muyto saboroso. Amen, amen.» (fls. 45-46)

([77]) tem.
([78]) hora.
([79]) Deve ser *em* ou *a*.
([80]) traz, leva.
([81]) Talvez devesse ser *conduza*.
([82]) tal.
([83]) deixar, cessar.

Vibra, nestes versos, a estranha e heróica loucura da cruz, o amor de compaixão de que a Mater Dolorosa foi a expressão mais alta. Uma vez neste ponto, estabelece-se, por instinto, um paralelo amargo, entre Cristo humilhado e o nosso orgulho provinciano que procura enganar-nos e fazer-nos descer ao gozo do pecado. Senhor, exclama o poeta beneditino, eu pecador e maligno nem sequer te agradeci a tua Paixão. Porém, quero seguir-te e ir em tua procura! Ensina-me a viver, Senhor!

Tal é o sentido desta CANTICA DE ORAÇOM DO BOOM JHESU DEVOTISSIMA DA SUA SANCTA PAIXOM; E TODA PERSOA QUE A DISSER TRES VEZES COM O PATER NOSTER E AVE MARIA E SE FOR EM ALGŨA TORMENTA DO MAR OU DA TERRA OU EM ALGŨA PRISOM OU CATIVEIRO, LOGO O BOOM JHESU O LIVRARA.

«*O teu grande preço, o boo* (84) *Jhesu, me faz de ty namorar,*
por que vendisti a ty, que es de grande valor,
por me averes de salvar.

O teu preço muyto alto
do çeeo en na terra desçendeo
e foy assy reputado,
como se fosse sandeu,
e soomente por a mym conprar
por muyto pouco preço te quiseste dar.

E quanto e qual foy este mercado
que assy Deus padre ha fornydo (85),
dar assy atam de grado (86),
o seu verbo infinito
que da morte fosse punydo,
por a nos da cruel morte
todos nos aver de livrar.

---

(84) bom.
(85) fornecido.
(86) boa vontade.

Maravylhasse o çeeo e a terra,
o mar e toda creatura,
que por dar fym aa mynha guerra,
Deus prendeo [87] mynha natura
e eu com soberva a mynha altura
me avergonho de a leixar.

Oo Jhesu poderoso Deus e senhor,
que quyseste do alto çeeo vĩir,
por salvar a mym falsso maao e peccador,
e quiseste por mym tam cruelmente moryr,
e eu nom faço outra cousa senom sempre te falyr [88],
e contra ty nom quedar de sempre pecar.

Oo çelestial parayso,
coroado de coroa de muyto forte espinha,
oo ensangoentado vyso [89]
que deste a tua meezinha
aa mynha alma que he mezquinha
e assy a quiseste remiir e salvar.

O meu senhor esta nuu
e eu avondoso [90] em vestyr,
e a el açoutam com açoute muyto cruu
e el ja mays nom cura nem sabe contradizer
e a mym mezquinho he vergonha de soffrer
a quem quer que me quer injuriar.

Nenhuum teu menbro Jhesu nom he bello
e o teu vulto he ensangoentado,
e vejote senhor triste e mesello
e todo o teu corpo muyto atormentado
e empero [91] que te eu assy veja apressado [92],
en no mundo me quero alegrar.

---

(87) tomou.
(88) *falyr*: cometer falta contra alguém.
(89) rosto.
(90) abundante.
(91) embora, apesar de.
(92) apertado, angustiado, aflito.

O boo Jhesu pobre e mendigo,
por mym fuste muyto atribulado,
e eu peccador e muyto maligno
nunca te por ello ey ([98]) graças dado,
e porem soom muyto envergonhado
de te algũa merçee demandar.

Oo Jhesu senhor sem outra terra,
monte ou fonte ou alta serra,
livrame da mynha grande guerra,
que eu passo nocte e dya
e de que faço muyto grande villanya,
a te nom seguyr nem buscar.

Buscar te quero oo mynha asperança,
dame ora senhor a tua graça
e livrame de toda tribulança
e enssyname como vyva e como faça,
por tal que sempre eu o teu amor aja
e com os teus sanctos pera sempre reynar, amen, amen.» (fls. 50-51)

Os sofrimentos de Cristo tornavam-se uma âncora de salvação para os homens meio vencidos pelas tentações, além de serem um incentivo de regeneração interior, e uma norma de vida. Sofrer, amar a Deus e ser pobre, como Cristo! Cristo crucificado transformava-se numa tábua de valores para medir a nossa santidade e descaminhos e constituía a única esperança de quem tinha pecado. A Idade Média não se distinguiu, especialmente, dos tempos actuais pela ausência do pecado, pois no século XV, sobretudo, desabrochava ele, por toda a parte, como flor fétida dum pântano. A diferença íntima entre os nossos tempos e os de Mestre André Dias consistia, principalmente, na *consciência do pecado,* na ânsia com que aqueles medievais se apegavam à Paixão e graça de Cristo. O bem e o mal existiam, não eram um puro mito. Não se lembrariam de pensar que o homem

([98]) hei, tenho.

estivesse *para além do bem e do mal,* como se tudo isto não passasse duma categoria meramente subjectiva. E viviam bem convencidos de que a redenção da nossa miséria interior exigia que nos banhássemos no sangue de Jesus.

Foi deste sentimento profundo a dominar a alma religiosa medieval que nasceu a seguinte CANTICA DE ORAÇOM DO BOO JHESU MUYTO DEVOTISSYMA. Ó Jesus, escreve o bispo de Mégara, tem piedade de mim, pois tanto gostas do pecador que, por amor dele, te fizeste crucificar! Por causa da minha inconsciência, tu foste traspassado com uma lança cruel e desapiadada, que *te abriu o teu sancto lado*:

«*Mysericordia oo meu Deus Jhesu dulcissimo,*
ave de mym muyto peccador,
porque eu soom muyto maao e triste
e muyto peccador e mezquinho (94).

Ave (95) oo Jhesu muyto alto senhor
piedade de mym muyto doente e maao
que ey muyto peccado e soom tanto peccador,
mays que homem que no mundo fosse nado (96);
ora te rogo senhor que es bem aventurado
que me queiras perdoar.

Perdoame senhor se a ty aplaz,
tu que perdoas a todo peccador
que a ty se torna e quer aver paz,
e tu lhe envyas e lhe das perdom e o teu amor,
o qual foy tanto que por el
te fezeste cruçifiçar.

Cruçifiçar te quiseste por a mym fazeres salvo,
sobre a cruz com tanto tormento,
e esto por o meu peccado,
fuste atormentado

(94) É difícil saber se Mestre André pretendeu fazer versos nestas quatro linhas.
(95) Tem.
(96) nascido.

e portaste a pena do meu falimento [97],
porem senhor ao meu desconhoçimento [98]
nom queiras ora esguardar [99].

Por o meu desconhoçimento tu fuste passado
com hũa lança crua e despiada [100],
a qual te abriu o teu sancto lado,
e de aquel sangue foy a tua cruz banhada
e per el foy a mynha alma salva
e tu senhor a queiras sempre salvar.

Salvame senhor e fazeme vĩir
aa avondança da tua caridade
e fazeme entrar e sayr en na cruz
da tua grande bondade
e que a ty eu soo ame em toda boa verdade
e com tigo eu seja digno de reynar, amen.» (fls. 48-48 v.)

Parece, às vezes, que o autor do *laudário* escreve demais em torno da Paixão. No entanto, qualquer antologia religiosa da literatura medieval sugere-nos, logo, que Mestre André Dias, com as suas poesias da Paixão e os prantos de Nossa Senhora, pouco mais é do que uma pequena ondulação no grande mar amargo da poesia do Crucificado e da Virgem das Sete Espadas.

Como seu complemento espiritual, no seguimento dos vários ciclos litúrgicos, surge um pequenino grupo de laudes e cantigas pascais, até chegarmos à festa da SS.ma Trindade. Cristo, *nossa vida e rosa muy florida,* ressuscitou! Alegremo-nos! Este pensamento domina a poesia, em volta da ressurreição de Jesus. S. Maria Madalena viu o Mestre e ele chamou-a pelo seu nome! Cristo ressurgiu, na *alva do dya.* Que ele, por conseguinte, nos ressuscite para a sua graça:

---

(97) pecado, falta.
(98) No cód. vem *descoçimento,* por lapso evidente do copista.
(99) olhar, reparar.
(100) desapiedada, sem dó.

«Outra cantica e lauda e prosa do boom Jhesu no dya da Pascoa, de grande devaçom e muyto virtuosa.

Com a madre de Jhesu bem aventurado,
todos nos alegremos,
porque ja he resusçitado.

Ressusçitada he a muyto alta vyda
Jhesu rey da gloria, que he nossa vyda
e pedra preçiosa e rosa muy florida
que de todo he muyto afremosentado.

Apareçeo o boom Jhesu muyto honrrado
e o vyo a Magdalena em forma de ortelano,
e chorando ella muyto de grado,
o boom Jhesu Christo lhe ha fallado.

E ella falla com grande amor:
eu (101) choro Christo meu salvador
e se tu as filhado (102) o meu senhor,
dime (103) honde o poseste ou onde o as levado.
E como ella esto falou,
logo o boom Jhesu per seu nome a chamou
e aos seus apostolos a envyou,
que lhes dissesse como o vira vivo e salvo.

E Jhesu Christo que ao terçeiro dya resurgio,
na alva do dya, el nos faça toda vya
resurgir da nossa culpa infynita
aa sua sancta graça, que he vyda
do seu sancto regnado.» (fls. 34-34 v.)

No *Duelo de la Virgen María,* por Gonçalo de Berceo, Jesus Cristo prometia à Virgem SS.ma que ela seria a primeira a vê-lo ressuscitado: *Visitaré primero á ti, Virgo María* (n. 107). André Dias, infelizmente, não regista esta tradição antiga que passou, depois,

(101) No cód. vem, sòmente, *e*. Pensamos que deve ser lapso.
(102) tomado.
(103) dize-me.

à *Passio duorum* ([104]), a alguns *Flos Sanctorum* ([105]) e aos *Exercícios Espirituais*, de S. Inácio.

Outro episódio de Ressurreição, bem vulgar nos *mistérios* do teatro medieval, consiste na aparição de Cristo aos discípulos de Emaús (Luc. XXIV, 13-35). Em forma de viandante ou peregrino, Jesus faz-se encontradiço com dois aldeões de Emaús e acompanha-os a casa. Pelo caminho, vai-lhes explicando as profecias que diziam respeito à sua Ressurreição.

Dava-se a esta cena dramatizada o nome de *Peregrinus*, nos *Ludi dominicae ressurrectionis*.

Ora, Mestre André escreveu, com diálogo mais ou menos acentuado, uma LAUDA E CANTICA DO BOOM JHESU, QUE DIRAS E CANTARAS AA SEGUNDA FEIRA DE PASCOA. Trata-se, precisamente, do sobredito episódio narrado por S. Lucas, posto em rima, com o *peregrino* e certos pormenores que nem sempre aparecem, claramente, no Evangelho.

O bispo de Mégara vai-nos dizendo como iam tristes os discípulos de Emaús, por se julgarem *desemparados do seu boom pastor*. Coitados! Eram *tardinheiros de creer* (tardios em acreditar). Custava-lhes ter fé na Ressurreição. E no entanto, as *donas q forom buscar aa alva do dya e nom ho acharom!* Porém, ao partir do pão, os olhos abriram-se. Benzeu Jesus o pão e, com as mãos, o *quebrantou, assy como se fosse com alguum cuytello fatyado* — isto é, cortado em fatias:

«Oo boom peregrino e muyto sancto,
e tu donde veens assy canssado,
e que de tuas palavras nos as ([106]) muyto confortados,
pero somos muyto torvados
de ty peregrino muyto amado,
que veens de Jherusalem e nom sabes
o que em estes dyas do boom Jhesu foy praticado.

([104]) *Tratado de devotissimas y muy lastimosas contemplaciones*, Medina del Campo, 1587, fl. 217.
([105]) Fr. Diogo do Rosário, *Historia das vidas e feitos heroycos, etc.*, ed. cit., P. I, fl. 206.
([106]) hás, tens.

E nom sabes tu de aquelles caães judeus,
e dos escrivaães e phariseus,
como a Jhesu de Nazare ham morto,
que per palavra e per obra
era muyto virtuoso e das gentes muyto louvado
e como per enveja os judeus o ham cruçificado.

E agora he o terçeiro dya
que este boom Jhesu e de muyta cortesya
he morto e soterrado;
a (107) qual a nenguem nojo nenhuum nom fazia,
ante miragres e maravylhas
fazia muytas cada dya,
e veherom a nos molheres de nos outros
que nos disserom que o virom
e que verdadeiramente resurgira
da morte aa vyda, pero fora sepultado.

E nos somos muyto tristes e compridos de muyto dolor,
e andamos como ovelhas desemparadas do seu boom pastor
e nom sabemos honde he andado ou a qual terra se foy,
ou qual camynho ha tomado.

E o peregrino respondeu logo muyto ardidamente:
por çerto eu vejo bem que da sua fe e creença
vos avedes niente (108)
e que sodes (109) tardinheiros de creer em elle verdadeiramente,
e nem creestes aa sua doutrina
que vos preegava cada dya,
como propheta e leterado.

E vos e os seus apostolos erades presentes cada dya,
quando vos elle preegava e vos todo esto (110) dizia
e que a sancta escriptura dos prophetas

(107) Deve ser *o*.
(108) *niente* quer dizer *nada, coisa nenhuma*.
(109) sois, do verbo ser.
(110) tudo isto.

que delle falarom mentyr nom podya
e que o filho da virgem por salvar todo o mundo padeçerya
e que ao terçeiro dya elle seerya ressusçitado.

E as vossas donas (111) o forom buscar aa alva do dya
e nom ho acharom e tornaromsse aa vossa companhya
e outra vez se tornarom ao moymento e ja era de dya
e aly apareçeo aa Magdalena e lhe disse
que dissesse como o vira
e que o dissesse a sam Pedro bem aventurado.

E os sanctos padres antigos
por muytos mylhares de annos ho ham asperado
e que os vehesse lyvrar do inferno mal fadado
e per seus livros e escripturas
muytas vezes ho ham devulgado
que en na virgem Maria fosse encarnado,
pera (112) os livrar do original peccado.

E aquelles dous desçipulos
depoys que do boom pelegrino (113)
todo esto quiserom ascuytar (114),
e chegando ao castello honde avyam de albergar,
convidarom o pelegrino: nos te queremos rogar
que com nosco oge (115) queyras pousar;
e prougue (116) logo ao pelegrino muyto de grado
e com elles no albergue foy entrado.

Pero (117), ante desto o peregrino
fez querença de mays andar,
por tal que o quissessem rogar,
e querendoos contentar
entrou com elles ao castello

(111) senhoras. Refere-se às santas mulheres.
(112) para.
(113) peregrino.
(114) escutar.
(115) hoje.
(116) aprouve.
(117) Porém.

e depoys que forom na pousada,
poseromlhe a mesa e com elles
foy aa mesa assentado.

E depoys que aa mesa foy aseentado
e pam lhe foy apresentado,
com suas maãos sanctas da mesa o pam tomou
e os seus olhos ao çeeo levantou
e beenzeo o pam e o partyo e quebrantou,
assy como se fosse com alguum cuytello fatyado (118).

E os desçipulos o reguardarom
em sua façe e em seu vyso,
e lhes pareçia que estavam em parayso
e huum ao outro dizia:
quando nos o nosso Meestre Jhesu dava o pam,
assy o fazia que pareçia
que com cuytello fora talhado.

Aaquella hora ho peregrino desapareçeo
e elles ficarom muyto torvados
porque nenhuum delles o nom conhoçeo,
e porque o nom conhoçerom ficarom muyto enalheados (119),
e logo a Jherusalem se tornarom
e aos apostolos esto recontarom
e em como o boom Jhesu seu meestre e senhor
virom e o conhoçerom resusçitado.» (fls. 35 v.-36 v.)

Mestre André Dias confessa que escreveu esta *lauda* para ser cantada na segunda feira de Páscoa; *cantarás,* diz ele. Mas, que música de ritmo livre e movimentos flexíveis devia ser essa, para nela poderem entrar estes versos ou ritmos, ligados pela conjução copulativa *e,* ao modo semítico, enquanto a rima divide os períodos, em troços mais ou menos longos?!

Deixemos, porém, o problema musical levantado por esta *lauda do Peregrino.* Segue-se uma CANTICA E PROSA DA ASÇENSOM DE

(118) cortado em fatias.
(119) alheados.

JHESU CHRISTO, A QUAL DIRAS COM O TEU CORAÇOM MUYTO DEVOTO. Ora, nesta cantiga e prosa da Ascensão do Senhor, também o bispo de Mégara segue chãmente o Evangelho e diz-nos, até, que se guia por S. Marcos, no *seu boom e sancto sarmon*. E termina com uma oração desta maneira: Jesus, leva também as nossas almas para a tua *sancta consolaçom!*:

> «*Oremos e cantemos do boom Jhesu*
> *a sua sancta asçenssom,*
> *que elle nos de sempre*
> *a sua sancta consolaçom.*» (fl. 36 v.)

Cantiga sem ritmo nem poesia, quase não passa da narrativa de S. Marcos, mais ou menos rimada, sem um pequenino sopro de inspiração, a fazer ondular as suas estâncias agrestes. Cristo reúne os discípulos e espalha-os pelo mundo, a pregar a sua doutrina:

> «Per todo ho mundo vos andaredes
> e o meu evangelho a toda creatura pregaredes
> e no meu nome bautizaredes,
> com a mynha graça e beençom.»

Finalmente, Mestre André Dias descreve-nos Jesus a subir aos céus, dizendo: *E vos, homens da Galylea, oolhade como eu subo e me vou pera meu padre*. E termina a sua cantiga da Ascensão, com a prece a que já nos referimos:

> «E senhor boom Jhesu, tu que aos çeeos subiste,
> e per a tua sancta paixom nos remiiste,
> tu nos queyras em este mundo bem acabar
> e as nossas almas levar
> aa tua sancta conssolaçom.» (fl. 36 v.)

No seguimento litúrgico dos seus temas poéticos, o bispo de Mégara deixou-nos uma lauda ao Espírito Santo, na festa do Pente-

costes. Como na nossa *Demanda do Santo Graal* ([120]), ele escreve *pinticoste*. Conta-nos que o Espírito Santo, *muyto gracioso*, veio depressa (*aginha*), embrulhado em línguas — *com lynguas envurilhado*. De facto, vem nos *Actos dos Apóstolos* (II, 3) que sobre eles baixaram como línguas de fogo, no Cenáculo, e ficaram cheios do Espírito Santo, nesse maravilhoso Pentecostes. Mas a expressão de Mestre André não deixa de nos parecer estranha. E termina tudo com a oração ritual: Que o Espírito Santo nos dê *saber e intelleyto*, para irmos ao reino de Deus muito espaçoso! :

«CANTICA E PROSA E LAUDA QUE CANTARAS E DIRAS, EM DYA DE PINTICOSTE.

Spirito sancto glorioso,
vem ora sobre nos,
muyto benyno e muyto graçioso.

Tu sancto spiritu com grande dulçura veheste
e o pinticoste conpriste
e os teus apostolos enchiste
da tua graça e do teu amor sancto
e muyto glorioso.

E com a tua vertude muyto potente,
de grande soom que foi aginha ([121]) e repente,
o esplendor da tua graça e sabedoria
veo muyto ardente e muyto pavoroso.

Aaquella hora sobre os apostolos apareçiste,
em figura de fogo muyto luzente,
com lynguas envurilhado, desvairadamente,
e sobre cada huum muyto doçe e avondoso.

E ssobre todos asseentado,
e cada huum foy cheo e conprido ([122])
de ty spiritu sancto,

([120]) Ed. de Augusto Magne, T. I, Rio de Janeiro, 1944, n.º 1.
([121]) apressadamente.
([122]) pleno, cheio.

e começarom de falar
todas as lynguageens e preegar
o evangelho piedoso.

E aaquella hora lhes foy dado
lynguagem de toda gente muyto aberto,
e cada lyngua falava e dizia muyto çerto,
a boom e a maao e a outro qual quer mays astroso ([123]).

E porem ([124]) louvemos o boom Jhesu verdadeiramente,
que do seu padre todo omnipotente
nos envii ([125]) o espiritu sancto muyto fervente,
que nos seja sempre e cada dya muyto deleytoso.

E tu senhor spiritu peraclito ([126]),
danos sempre saber e intelleyto,
que te façamos tal plaçer
e serviço beneplaçito
que andemos e vaamos
ao teu reyno muyto espaçioso.» (fl. 37)

A festa da SS.ma Trindade vem fechar o ciclo litúrgico da Páscoa, por meio duma CANTICA E ORAÇOM DA SANCTA TRIINDADE, QUE CANTARAS E DIRAS NO SEU DYA. André Dias põe em rima o enunciado dogmático deste mistério do Cristianismo: três Pessoas distintas, numa *essençia e unydade muyto maravylhosa*:

«*Oo sancta triindade bem aventurada,*
seede de nos sempre muyto renembrada ([127]).

Oo triindade em tres persoas ([128]) gloriosa,
e em hũa essençia muyto maravylhosa,
vos sodes ([129]) a nossa fe e creença
de nos de sempre muyto desejada.

([123]) infeliz, desgraçado.
([124]) por isso.
([125]) envie.
([126]) paráclito.
([127]) relembrada.
([128]) pessoas.
([129]) sois.

Oo magestade eterna,
dadenos [180] a vossa gloria sempiterna,
que he a çidade do parayso superna,
que per vos he sempre alumeada.

Por que creemos sem duldança
que por esta fe seeremos salvos
sem nenhũa tardança,
e vos nos destes asperança
que a pessoa que em vos creer firmemente
nom seera mays pera sempre condanada.

E porem com aquelles anymales sanctos,
que euvangelistas som chamados, nos alogade
oo vos sancta triindade,
que louvam alta voz e dizem
sanctus, sanctus, sanctus,
todos em hũa voz concordada.» (fls. 37-37 v.)

E desta forma terminam as cantigas em torno do ciclo litúrgico pascal. A sua antiga profissão religiosa, pois era um monge e fora abade beneditino, ficou fundamente impressa nestas loas, prosas e cantares sobre as festas principais, que a Igreja ia celebrando. André Dias, bispo de Mégara e homem que percorreu as sete partidas do mundo, continuava a ser o antigo beneditino, amigo devoto da liturgia, em cujas aras a sua musa religiosa sacrificou alguns dos seus cantares.

Quanto à beleza destas cantigas e orações, é inútil procurar sempre, nelas, o ensalmo mágico da poesia. Destinavam-se, repetimos, a ser rezadas e cantadas. A comoção religiosa, junta à música dos fiéis, faria vibrar em ritmos novos estas composições sagradas e semilitúrgicas, como uma seara a ondular, melodiosamente, ao sopro do vento. Quantos versos duros nos parecem belos, ao serem cantados!

(180) Dai-nos.

CAPÍTULO VII

TEMAS DOUTRINAIS E ASCÉTICOS

As páginas de Fr. André Dias podem agrupar-se em vários sectores poéticos, sob o aspecto formal e ideológico. Contudo, nem sempre estas laudes e cantigas oferecem fácil catalogação e ainda bem. Por exemplo, a laude que vamos transcrever podia, também, meter-se entre as cantigas de Nossa Senhora: Peçamos a paz com os joelhos em terra, exclama o bispo de Mégara, essa paz *muyto dolçe e de todos desejosa!* Santa Maria, nós te rogamos a paz!

«ORAÇOM E LAUDA POR A PAZ QUE TODOS DEVEMOS DE CANTAR E DIZER E COM GRANDE DEVAÇOM PEDIR, QUANDO OUVERMOS GUERRA.

Vindeo todos adorar
e por muyta paz lhe rogar,
ao nosso Deus Jhesu, filho de sancta Maria.

Viinde todos demandar paz
e com os geolhos em terra rogar
e com muytas lagrimas do coraçom deytar
e com toda devaçom chamar
o boom senhor Deus Jhesu
que nos de paz em os nossos dyas.

A paz como ella seja muyto dolçe
e de todos desejosa (1)
e porem (2) honde sse ella repousa
aly he a vyda da alma
e toda consolaçom toda via.

A paz como sse ella faz nembrar,
logo he muyto doçe na boca
que a faz demostrar
e porem virgem sancta Maria,
que nom as a ty ygual nem par,
nos te rogamos que esta paz
tu a queiras outorgar a nos e dar
em todos os dyas da nossa vyda.

Oo madre de Deus omnipotente,
fonte de piedade muyto luzente,
da paz a esta tua gente
que nom vyva em tam grande perfia
nem em tanta heresya, amen, amen.» (fl. 21 v.)

Outras poesias integram-se, por si mesmas, num grupo determinado: versões do credo, em verso e prosa, verdades eternas, temas eucarísticos, loas místicas e de tendência marcadamente afectiva, etc. Neste capítulo, vamos estudar as páginas doutrinais do bispo de Mégara, em torno do dogma e da ascese.

Começaremos pelo credo e verdades da fé. Mestre André encheu algumas páginas de autêntica prosa catequética, pois não passam de curtas e substanciais exposições de catecismo, vazadas, aliás, nos moldes tradicionais. Ao credo ou símbolo dos apóstolos chama ele *oraçom de sancta fe* e, logo a partir do título, vemos a importância que André Dias atribuía à sua recitação, nos momentos mais graves da vida:

ESTA ORAÇOM DE JHESU CHRISTO SE CHAMA ORAÇOM DA SANCTA FE QUE TODO CHRISTÃAO DEVE SABER E DIZER CADA HUUM

(1) desejada.
(2) por isso.

DIA, QUANDO SSE DEYTA EM SÚA CAMA E QUANDO SSE ALEVANTA DELLA E QUANDO HE DOENTE E QUANDO ESTEVER NA ORA DA MORTE, E SE OUVER FE VERDADEIRA E CONPRIDA A SUA ALMA NOM SEERA CONDANADA NEM PERDIDA.

A mão que, neste códice iluminado, já tantas linhas riscou, pôs, novamente, os seus traços condenatórios, nas últimas palavras: se houver fé verdadeira e completa, a sua alma não será condenada nem perdida.

Teria este desconhecido medo da tese protestante de que a fé, mesmo sem obras, chega para salvar? No entanto, Mestre André referia-se à fé perfeita, não a uma fé qualquer, pois sabia que a fé sem obras é morta.

A este símbolo dos apóstolos, chama o bispo de Mégara *credo mays pequeno e menor* (fl. 22 v.), para o diferenciar do *credo mayor que sse diz aos domyngos e festas nas egrejas* (fl. 24 v.).

Ora, cada artigo desta *oraçom da sancta fe* vem precedido, quase sempre, do nome do apóstolo que o teria enunciado, consoante uma lenda antiga:

«Confesso e creo eu peccador
e digo a vos Jhesu senhor
todo o credo da sancta fe
que fezerom os sanctos apostolos,
com grande amor,
o qual he chamado o credo mays pequeno e menor.

Primeiramente começou sam Pedro
e fez este versso de muyto grande nobreza.
E assy como elle creeo e disso (3)
assy o confesso eu e digo sem duvida nenhũa:

Eu creo em huum Deus padre onipotente e verdadeiro
com toda mynha femença (4),
do qual creo com firmeza

(3) disse.
(4) esforço, diligência.

que he criador do çeeo e da terra.
E quem o assy cree em nenhũa cousa nom erra,
mays (5) conhoçe o poderio de Deus Jhesu
que do mundo he rey poderoso e senhor (6).

Respondeo sancto Andre com grande humyldade
e disse outro bocado de toda pura verdade:

Eu creo em Jhesu Christo, filho de Deus padre,
sancto e benedicto, o qual eu creo
que he nosso Deus e senhor,
sabedor de todas as cousas,
infiindo Deus verdadeiro
de Deus verdadeiro,
nado de Deus padre sem outro defeyto,
que nunca avera fyn nem ouve começo,
ygual sempre a sseu padre
e consustançial e perfeyto senhor,
Deus muyto exçelsso e de todo o mundo criador.

Santiago o mayor falou logo
e disso outro versso:

Eu creo que este filho de Deus
foy conçebido do spiritu sancto
e naçeo de Maria virgem,
segundo as scripturas dizem
e foy verdadeiro e he Deus e homem
e Jhesu Christo se chamou
e Deus padre sobre os angeos o exalçou,
em sçiençia e perfeyçom,
pera reger o mundo com razom
e pera o alomear do seu splendor.

---

(5) mas.
(6) Como se vê, Mestre André escreve prosa intermediada de versos ou, antes, rimas. Por não ser fácil separar estas duas formas de estilo, colocamos tudo na mesma disposição tipográfica, deixando ao leitor o cuidado de distinguir por si mesmo.

Aaquella hora, sam Joham com grande deleyto,
que foy de Christo tanto amado
disse este versso
e muyto doçe bocado:

Eu creo que o muyto sancto Jhesu
en na sua carne foy passyonado (7)
e so (8) Pilato Poncio foy cruçifiçado
e morto e soterrado
e de muytos males e tormentos foy atormentado
e muyto escarneçido e açoutado
e de coroa de espinhos coroado
e sofreo por nos grande mal
e grande dolor.

E sancto Thome falou e disse altamente:

Eu creo çertamente
que Jhesu Christo desçendeo aos infernos,
jazendo no moymento morto e soterrado,
com a ssua alma verdadeiramente
e livrou os sanctos padres
que eram no inferno longamente
e ao terçeiro dya resurgyo da morte corporalmente
e appareçeo aos apostolos
e a outra muyta gente,
per espaço de quareenta dyas e publicamente,
sem nenhuum engano
e sem nenhuum outro error.

E Santiago o menor falou esta palavra
muyto claramente:

Eu creo que Deus Jhesu onipotente
sobyo per sy e per sua vertude
em corpo e em alma aos çeeos perfeytamente
e se asseentou aa dereyta parte de Deus padre
pera todo sempre

(7) sofreu paixão.
(8) sob.

e mandou preegar a sancta fe a toda gente
e que creamos esta sancta fe
como cree a sancta egreja catholica fielmente
e que assy seremos salvos
per a bondade do boom Jhesu salvador.

E sam Phelippe escreveo
outro glorioso artigoo e disse:

Eu creo que o boo Deus Jhesu glorioso
vĩira a julgar os vivos e os mortos
como rey e senhor poderoso
e em aquel dya do grande juyzo e muyto espantoso
os boons e que bem fezerom
seeram beentos de Deus e iram a salvaçom
e os que mal fezerom seeram
do senhor Deus maldiçoados
e yram pera sempre ao fogo da perdiçom,
porque he grande razom
que o bem seja gardoado (9)
e o mal seja atormentado
de aquel que foy peccador.

E logo falou claramente
sam Bertolameu e disse firmemento:

Eu creo no spiritu sancto, que he huum Deus
com Deus padre e com Deus filho ajuntado
em hũa divinal essençia e magestade,
adorado e exalçado e glorificado,
por que el nos da a vyda
e todo bem del desçende
e a nos he enviado
e nos vem do ceeo todo proveyto
e salvaçom e saude e honor.

E sam Mateus logo quis falar
e o artigoo seguynte nos fez
logo verdadeiramente mostrar:

---

(9) galardoado.

Eu creo a sancta egreja catholica
dos baptizados e fiees christãaos ajuntada
e creo que em ella som os sete sacramentos
per os quaaes toda a gente dos christãaos he salva
e en na fe desta egreja quero viver
perseverar e morrer
e contra todos os infiees
por a ssua verdade a exalçar e defender
e por esta sancta fe he perdoado todo peccador.

E sam Symon escreveo e disse
muyto ledamente e de boo grado
este muyto sancto bocado:

Eu creo a conpanhya e a comunhom dos sanctos
e o seu ajuntamento em esta egreja muyto louvado
e creeo a perdoança dos peccados
que o Deus boom Jhesu aa sua egreja ha dado,
por que del foy hordenado
que quem em este mundo en na sua egreja
fosse asolto [10] de todos seus peccados
que en no outro mundo de todo seeria perdoado,
por muyto que pecasse e fosse mal feytor.

E Judas sancto Thadeu
disse outro sancto artigoo seu:

Eu creo que ao dia do geeral juizo
resurgira toda humana natura
de qual quer homem ou molher que viveo e morreo,
ainda que fosse pequena creatura
e resurgira em aquella medes [11] humana figura
que ouve em esta vida triste e de amargura
e em hydade de triinta e tres anos
seera em corpo e em alma resurgido,
assy como resurgio nosso senhor
Jhesu Christo salvador.

---

(10) absolto, absolvido.
(11) mesma.

E sam Mathias com perfeyto avyso
acabou o credo e disso:

Eu creo a vyda eternal do parayso,
a qual seera dada a todos aquelles
que bem fezerom e bem acabarom
em este mundo,
como seera dada a pena do inferno
aaquelles que mal fezerom
e em peccado mortal morrerom,
aa qual vyda eternal nos queira levar
o nosso Deus todo poderoso,
Christo Jhesu nosso senhor. Amen.» (fls. 22 v.-24)

Temos nós, nestas páginas do poeta beneditino, uma das mais antigas paráfrases do credo, em português, que chegaram até aos nossos dias. Nem estranhemos a distribuição dos versículos pelos doze apóstolos, visto não se tratar duma coisa própria de Mestre André. Basta lêr o *Cathecismo pequeno,* de D. Diogo Ortiz, impresso em 1504. Efectivamente, o cap. VI da primeira parte, reza deste modo: *Do simbolo dos apostolos: que sentença disse cada huum, e quantos e quaaes som os artiigos da fee* (12). E vai distribuindo pelos apóstolos os vários artigos, segundo a tradição popular.

Porém, interessa-nos bem mais a teoria acerca da idade com que todos hão-de ressurgir, um dia. Trinta e três anos seria o número perfeito, pois Cristo passou deste mundo nessa idade. André Dias, neste ponto, devia seguir o *Magister Sententiarum* (Mestre das Sentenças) que assinala para nós, na ressurreição, a mesma idade de Cristo: cerca de trinta e três anos ou, como ele explica, algumas linhas mais abaixo (L. IV, dist. XLIV), trinta e dois anos e três meses. Por conseguinte, entrados nos trinta e três.

Tudo isto, evidentemente, representa um pouco de audácia, na solução de problemas demasiado difíceis, para nós, pobres mortais

(12) Ed. cit. (Lisboa, 1504), fl. 11.

perdidos neste mundo. Mas, demonstra o minucioso interesse com que todos se preocupavam com as realidades extramundanas.

A este credo mais ou menos rimado segue-se outro bastante mais curto, totalmente em prosa. Era para os padrinhos saberem de cor e mais a gente rude. Vamos, também, transcrevê-lo integralmente, por representar uma fórmula de fé repetida por milhares de lábios portugueses, nessa forte Idade Média de quatrocentos. Quantas criancinhas e quantos *afilhados* foram aprendendo, aos poucos, este velho símbolo dos apóstolos!

«ESTE CREDO PER ESTA GUYSA ASSY MAYS BREVEMENTE SE PODE E DEVE PER OS PADRYNHOS AOS AFILHADOS ENSSYNAR E A CADA HŨA SINPLEZ GENTE.

«Tu [13] foãao [14] Pedro ou Andre, creo em huum Deus padre todo poderoso, criador do çeeo e da terra. E creo em Jhesu Christo seu filho, o qual soo com Deus padre e com o spiritu sancto em hũa essencia he nosso Deus e senhor. E creo que este filho de Deus segundo carne foy conçebido de Deus spiritu sancto. E que naçeo da virgem sancta Maria. E que padeçeo em carne, so Pilato Ponçio, cruçifiçado, morto e soterrado. E que desçendeo aos infernos a livrar os que hy jaziam sanctos. E creo que ao terçeiro dya depoys que morreo, resurgyo dantre os mortos. E creo que em corpo e em alma sobyo aos çeeos e se asseentou a dereyta parte de Deus padre, donde ha de viir julgar os vivos e os mortos. E eu creo no spiritu sancto. E creo a sancta egreja catholica, que he ajuntamento dos sanctos e dos boons fiees christaãos. E creo que em esta egreja se faz a perdoança dos peccados. E creo que resurgira toda carne humanal. E creo a vyda eterna, que pera sempre ha de durar. A qual a mym e aos meus amygos o senhor Deus por a ssua sancta merçee queira outorgar. Amen.» (fls. 24-24 v.)

O credo que temos à vista não se ajusta bem a outro da mesma época, conservado num códice alcobacense [15], embora encerre, evidentemente, o mesmo conteúdo teológico. Quanto ao que se dizia

---

(13) No códice, vem claramente *Tu*, em vez de *Eu*.
(14) fulano.
(15) *Inéd. Alc.*, T. I, Coimbra, 1829, p. 138.

na missa, vem já em verso e destinava-se aos clérigos que não soubessem latim: O CREDO MAYOR QUE SSE DIZ AOS DOMYNGOS E FESTAS NAS EGREJAS; OS CLERIGOS QUE NOM SABEM FALAR LATYM O PODEM DIZER E FAZER SUA ORAÇOM DEL PER LYNGUAGEM EM ESTA FORMA.

São umas três colunas de letra gótica, por este estilo:

«Eu creo em huum Deus com meu coraçom muyto perfeitamente,
que he tres persoas, padre, filho e spiritu sancto,
e huum soo Deus e hũa essencia juntamente,
huum soo Deus todo poderoso e omnypotente,
regedor do mundo e rey glorificado.

E creo que foy criador de nenhũa (16) cousa do çeeo e da terra
e de todas as cousas que veemos per experiençia
e de todas as outras que nom veemos
e que entendemos
com nossa alma e consçiençia
e em esta fe quero morrer como boom christaão baptizado.» (fl. 24 v.)

Assim vai seguindo, com certa dureza, pois o dogma nem sempre se adapta à rima, sem deformação do pensamento religioso. Por fim, termina com estas palavras: creio e espero a ressurreição de todos os mortos, bons e maus, desde o começo do mundo e *creo que todos resurgiram em corpos e em almas, aquellas meesmas que ouverom em este mundo coytado* (fl. 25 v.). Por vezes, tais linhas não passam de prosa corrente:

«E creo a vyda do outro segre (17) e mundo,
a qual vyda he a gloria do parayso,
o qual pera sempre seera infiindo,
pera aquelles que forem salvos.
E creo as penas do inferno

(16) *nenhuma* cousa, neste caso, quer dizer *todas as coisas*. Tal expressão encontra-se, também, noutros autores antigos.

(17) século.

pera aquelles que forem condanados,
donde eu seja livrado
e seja com os sanctos
e o senhor Deus Jhesu alogado ([18]). Amen.» (fl. 25 v.)

Quanto à versão do *Quicumque* difere alguma coisa doutra que vem nos *Inéditos de Alcobaça* ([19]) e que principia desta maneira:

«Qualquer que quiser salvo seer, sobre todo lhe he mester de teer a Fe Catholica.

A qual se cada huum non tever enteira, e nom corrompida, sem duvida pera sempre sua alma será perdida.»

Passando por alto a tendência para rimar, tão clara nalgumas linhas do começo, podemos compará-la com a tradução de Mestre André. O bispo de Mégara não conhecia, provàvelmente, versão alguma portuguesa, pois deu-se ao trabalho de verter o *Quicumque* directamente do latim. Por sinal que lhe introduziu um pequenino prólogo, onde declara ter feito esta tradução para entendimento dos clérigos que não soubessem gramática:

«O *quicumque vult salvus esse* he de quareenta vessos ([20]), o qual fez sancto Athanasyo grego, no qual se contem toda a nossa fe e creença claramente, segundo que jaz no credo mayor e meor ([21]) brevemente de suso ([22]) escriptos e o torney de latim em linguagem portuguees, ao pee da letera, pera o entenderem os clerigos que nom sabem gramatica e que o dizem cada domyngo aa prima ([23]) e por o entenderem os verdadeiros christaãos e que creem firmemente como cree a sancta madre egreja e que ham fe com obras bõas e verdadeira e firme creença. E o primeiro vesso ([24]) he este que sse segue.

([18]) alojado, colocado.
([19]) T. I, pp. 166-168.
([20]) versos. Nestas mesmas páginas do *Quicumque*, André Dias também usa *verso* e *versso*.
([21]) menor.
([22]) acima.
([23]) É uma das horas canónicas.
([24]) verso.

Qualquer christãao ou christãa que quer seer salvo, ante de todas as cousas ha mester que tenha e crea a sancta fe catholica.

O segundo: A qual se cada huum enteiramente e sem conrompimento de error nom guardar ou nom creer, el pera sempre pereçera e seera perdido.

O terçeiro verso: E a fe catholica universal he aquesta: que huum soo Deus en na triindade e a triindade em huum soo Deus e sua unidade honrremos e creamos.

O quarto verso: E que nom confundamos nem mesturemos as tres persoas nem partamos a sustançia de hũa da sustançia da outra persoa.» (fl. 26)

Não vemos utilidade em percorrer, longamente, os *quarenta versos* do símbolo pseudo-atanasiano (fls. 26-27 v.). Esperemos isso para quando este códice iluminado sair a lume, numa edição crítica. Por agora, só diremos que a versão termina assim:

«Esta he a sancta fe catholica a qual se todo homem nom guardar enteiramente e sem duvyda e error, elle seera perdido pera todo sempre.»

Poderíamos observar que este símbolo, *o qual fez sancto Athanasyo grego,* não foi, em rigor, composto por ele. Porém, o bispo de Mégara seguia, neste e noutros pontos, a tradição comum da sua época.

A fé está na base da vida espiritual do Cristianismo. Sem ela, toda a ascese não passaria dum doloroso desporto e, mesmo, duma espécie de faquirismo desumano, um treino violento mas, espiritualmente, estéril. Foi por isso que Mestre André Dias escreveu uma CANTICA E PROSA DA SANCTA FE CATHOLICA, A QUAL DIRAS NA EGREJA, ANTES QUE DIGAS O SOBREDICTO QUICUMQUE VULT, E SEERA TUA ALMA SALVA.

Segundo o bispo de Mégara, é a fé que salva e leva à glória celestial. É ela que nos mostra Deus e no-lo faz reconhecer em todas as criaturas. Dá-nos a crença nas verdades da Escritura e eleva-nos à divina contemplação, por humildade. No entanto, só há fé perfeita, quando existe *amor e bem obrar*:

«Da fe christãa que dixe primeyramente,
creo como ella he contheuda ([25])
no *quicumque vult* enteiramente.
E creo que ella guarda a alma
de todo christãao firmemente.
E o leva aa gloria do parayso çertamente.
E o guarda em este mundo de todo perigoo
e maldade verdadeiramente.

A fe primeiro quando a divisey ([26]),
logo me deu sua figura.
E tam toste ([27]) eu em Deus crii e o adorey
e o reconhoçi em toda creatura,
e per vertude desta fe me reformey
a creer todo aquello que diz a sancta scriptura.
Por que a fe faz abaixar a alma infiel
e que he en na creença dura
e faz contemplar per humildade
o senhor Jhesu e Deus de toda natura.

Per fe todos nos convem de salvar,
por que sem fe todo homem se perderia.
E depoys com grande amor e caridade
a sancta fe convem de aviventar,
porque, sem amor e bem obrar,
verdadeira fe nom seeria.
E porem convem per obras boas a sancta fe guardar
e fazer toda vya o que manda o boo Jhesu,
filho da virgem Maria,
avendo creença de Deus
e da sancta triindade conprida.» (fls. 27 v.-28)

Uma vez alicerçado na fé, o cristão vai construindo a sua vida moral, enquadrado nas quatro verdades eternas: Morte, Juízo, Inferno, Paraíso. São estes os quatro pontos cardeais de milhões de homens

([25]) contida.
([26]) distingui, entrevi, enxerguei.
([27]) depressa.

que passaram pelo mundo, a grande e sólida *rosa dos ventos* da ascese cristã. Algumas das *laudas* de Jacopone da Todi giram, também, em volta destas quatro palavras, imensas como o destino do homem. Basta recordar a *Contenzione enfra l'anima e corpo*; *Como l'anema retorna al corpo per andare al iudicio; De la contemplazione de la morte ed incinerazione contra la superbia; Como l'anima vestita de vertú passa a la gloria*, etc. ([28]).

No nosso *laudário* vêem-se poucas páginas ascéticas, ao contrário de Jacopone da Todi. Porém, as que aparecem seguem pelos trilhos ideológicos e emotivos do poeta italiano. Pensai, boa gente, escreve André Dias, que as coisas deste mundo são nada — *toda cousa deste mundo he nyente*. O mundo morrerá, as riquezas ficarão na terra e nós teremos de dar contas. Por conseguinte, de que serve ao homem gozar, alegremente, se *vay ao inferno muyto profundo*?

Assim fala o monge e bispo beneditino num *conselho* cheio de sabedoria:

«ESTE CONSSELHO E PROSA, QUAL QUER PESSOA QUE O QUYSER FILHAR ([29]) NUNCA MAL PODE ACABAR E DO BOOM JHESU SEMPRE GUARDADO SEERA.

Penssade ora boa gente,
com o coraçom e com a mente,
que toda cousa deste mundo he nyente ([30]),
salvo o nosso Deus Jhesu omnipotente,
por que o mundo faleçera
e o ouro e a prata e todo outro aver
todo em nada se tornara
e cada huum, assy boom como maao,
deste mundo se partira
e toda vya morrera
e a sua alma seera gualardoada,
segundo as obras que fez em esta vyda.

([28]) *Le Laude*, Bari, 1930, pp. 6, 28, 51, 73.
([29]) tomar.
([30]) cousa nenhuma, nada.

Todo homem ou molher que ama este mundo,
em quanto lhe em elle bem vay
he muy alegre e muy jocundo,
mays ay porem depoys que morre
e se vay ao inferno muyto profundo
e por huum bem que aquy sente,
em esta vyda presente,
por elle ha myl males
e depoys se vay ao fogo do inferno
pera sempre muyto ardente,
e quem guaanha a Deus Jhesu onipotente
ha aquella gloria que de todos os beens
he abastada e conprida ([81]).» (fl. 19-19 v.)

Trata-se de dois caminhos de tão diferente condição e que levam a fins tão profundamente opostos, duma escolha trágica entre dois géneros de vida, com repercussões eternas no destino do homem.

Sobre o juízo final, poderíamos esperar de André Dias alguma coisa de grande, um eco forte do *Dies irae, dies illa*. No entanto, numa *contemplação* em torno desse tema, o bispo de Mégara pouco mais fez do que parafrasear o Evangelho, mas pobremente, em rimas frouxas e monótonas, sem um estremeção de horror a sacudir os seus versos cansados. Boa gente, escreve ele, peço-vos que vivais em penitência (*peendença*)! Tende grande temor daquele grande Juízo, *com sua forte sentença*. Como sol do Oriente, Cristo aparecerá e todos ficarão gelados de pavor. E ao som da trombeta ressurgirão os mortos e o bem e mal de cada um ficarão patentes a todos!

«CONTEMPLAÇOM DO DYA DO JUIZO, EM A QUAL PENSSARAS ANTRE TY, SE QUYSERES HYR AO PARAYSO.

A vos digo boa gente,
que aquy estades de presente,
e rogovos aficadamente ([82])

([81]) cheia.
([82]) com empenho.

que vyvades em peendença
e de aquel muy grande juizo
que seera em fym do mundo
ajades muyto grande temença ([33]),
porque o alto senhor Deus Jhesu
do çeeo aa terra vĩira
e nos outros ante el seremos
e quantos forem mortos,
elle todos julgara, com sua forte sentença.

E assy como o sol apareçe en no oriente,
assy o nosso senhor Deus Jhesu
apareçera muyto vysivelmente
e vĩira com tanto esplendor
e lume que o veera toda a gente
e todos delle averam muyto grande pavor
e o temeram muy fortemente.

E seeram ajuntadas da parte dos quatro ventos ([34])
todas as almas em aquella sazom ([35])
e ao soom muyto espantoso de hũa tronba
com seus corpos resurgiram
e todas ante aquel muyto espantoso juiz apareçeram
e de todos os beens e males que fezerom
de todos daram conta e razom.

E aly se mostrara aquel grande rey de magestade
e julgara boons e maaos segundo as obras
que em este mundo fezerom, em grande juizo e verdade,
e primeiramente lhes demandara
se viverom em este mundo em lynpeza e bondade
e se fezerom e obrarom as obras de piedade.

([33]) temor.
([34]) Não garantimos a leitura desta palavra.
([35]) ocasião.

E todos tremeram
por o forte julgamento
e os peccadores chorarom
por que cayrom em tormento
e os justos gemeram
e faram grande elamentamento,
por o grande espanto e temor que averam
do fynal aprovamento.

Aaquella ora seeram espartidos [86] os boos e justos
dos peccadores e mezquinhos,
assy como se partem de seus padres
os que lhes sempre forom muyto negligentes
e desobedientes filhos,
e estonçe [87] dira o senhor Deus Jhesu
aos escolheytos [88] seus amygos:
hydevos vos outros a salvaçom,
honde pera todo sempre averedes lediçe
e grande consolaçom.

E logo dira aos maaos e muyto negligentes:
andade vos outros ao inferno muyto malandante [89],
honde pera todo sempre avedes de morar,
antre muyto fortes e espantosas serpentes,
honde pera todo senpre arderedes,
por grandes roubos e omeçidios
e outros muyto grandes males e peccados que fezestes,
e porem ydevos pera sempre
em toda perdiçom,
com a mynha maldiçom.» (fls. 20v.-21)

Il giudizio universale, atribuído a Jacopone da Todi, é uma composição bem mais dramática e com um forte sopro de poesia a agitar

(86) separados.
(87) então.
(88) escolhidos.
(89) mal-aventurado, infeliz.

as suas estrofes antigas: Um grande silêncio pairava sobre o mundo, nas árvores não desabrochavam flores, a terra não dava frutos e o mar, naquela hora, estava quedo, na expectativa imensa e dolorosa do Senhor que chegava, para julgar os homens [40]! Em André Dias, nada disto.

Quanto à PROSA E CANTICA DA GLORIA DO PARAYSO MUYTO VIRTUOSA, PERA SSE O HOMEM GUARDAR DE PECAR tem, por vezes, o sabor duma balada do outro mundo, em que perpassa uma brisa misericordiosa e perfumada. Infelizmente, esta poesia chegou-nos truncada e resta-nos, ùnicamente, o princípio:

«A gloria eternal he de tanta alteza
que quem em ella quiser penssar
avera vyda senpiterna, em todo plazer
e em toda beleza,
por que aly anda em dança a nossa madre,
virgem sancta Maria muyto bella,
e em todo solaz e alegria se refresca.

Aly he o boom Jhesu alto rey coroado
de hũa grilanda [41] muyto nobreçida
e tem em sua cabeça hũa coroa
de muy grande valya
e aly he galardoado
todo aquel que o ha bem servido,
em muyta honrra e riqueza,
e muyto plazer que lhe he dado,
door e todo mal delle he partido
e vive pera sempre.» .... (fl. 21 v.)

---

(40) Domenico Giuliotti, *La più bele pagine di Fra Jacopone da Todi*, Milão, 1931, pp. 130-136.

(41) Pode ser um italianismo, de *ghirlanda* (grinalda).

Ora, a dança da Virgem Maria muito bela, assim como Cristo, alto rei, coroado duma coroa de flores — tudo isto recorda uma poesia da Itália medieval com o nome de *Ballata del Paradiso* ([42]):

«Una rota se fa 'n Cielo
dalli Santi 'n quel giardino
dove sta l'Amor divino
che l'infiamma dell'amore.

Nella rota vanno i Santi,
mentre gli Angel, tutti quanti,
ornate de margharite,
tutti danzan per amor.»

Numa palavra: os santos fazem uma roda, no Céu, naquele jardim onde está o Amor divino que de amor os inflama. E na roda entram os santos, enquanto os anjos, sem faltar nenhum, ornados de margaritas, dançam todos por amor.

Reina a alegria na corte do Céu e todos dançam com a cabeça ornada de grinaldas — *de ghirlande 'l capo ornato* ([43]).

Talvez fosse uma poesia deste género que tivesse inspirado Mestre André na sua cantiga da glória do Paraíso. O facto dela nos chegar mutilada não nos deixa, infelizmente, ir mais longe no paralelo. E é pena.

Tais páginas do bispo de Mégara lembram, frequentemente, um sermão de quaresma, em que o pregador aponta, austeramente, ao povo egoísta, as grandes e eternas verdades, inimigas das coisas efémeras e mundanais. Foi deste espírito que nasceu uma lamentação, já transcrita por nós, acerca das desgraças da Igreja, nesse infeliz século XV.

([42]) Domenico Giuliotti, *ib.*, pp. 245-256.
([43]) Idem, *ib.*, p. 246.

Na verdade, a partir do século XI e ao longo do século XII, principiaram a tornar-se mais duros e frequentes certos poemazinhos latinos contra alguns abusos de Roma e dos bispos. Atacava-se, mesmo, a Igreja, embora não se lhe negasse a sua origem e função divina. *De pastore et mercenario*; *Vitam duxi jucundam* (Levei vida alegre); *Lassus poenitentiae* (Farto de penitência); *Adhortatio ad poenitentiam* (Exortação à penitência); *De malo pecuniae* (Do mal do dinheiro), etc., todas estas páginas entram no número dos ataques rimados aos bispos, monges e papas. Muitas dessas composições corriam anónimas e chamavam-se, por vezes, *Planctus ecclesiae* (44).

Foram, mesmo, o prelúdio da obra famosa de Fr. Álvaro Pais, o *Planctus ecclesiae* (Pranto da Igreja). É preciso ler estas páginas do bispo do Algarve, para conhecermos o tom dessa literatura violenta, uma água-forte em que se punham a nu e se exageravam, até, os males da sociedade cristã e medieval.

Em língua vulgar escreveram-se, também, poesias do mesmo género, como as estrofes *Del pianto de la Chiesa redutta a mal stato,* de Jacopone da Todi. Pois foi sobre este *pranto* que o Mestre André Dias construiu o seu CANTAR QUE DIRAM OS DESENPARADOS. Ao tratarmos da estrutura poética das loas de Mestre André e suas origens, já pusemos em paralelo a lamentação do poeta italiano e o *cantar* do monge português (45). Basta-nos recordar, aqui, o conteúdo ideológico desta página do bispo de Mégara:

«Pranto muito cheio de dor faça todo o mundo coitado — exclama ele —. Ai de mim, aonde estão os profetas cheios de sabedoria? Todo o mundo agora está mas é cheio de mentira e loucura e ninguém quer ouvir a verdade mas, de boa mente, aceita toda a falsidade e engana ao seu amigo *com plazentearia,* para ele ficar atribulado.

---

(44) J. de Ghellinck, S. J., *L'essor de la littérature latine au XII siècle,* T. II, Bruxelas, 1946, pp. 285-286.

(45) Cf. pp. 22-24.

E aonde estão os patriarcas cheios de fé e crença? Já em todo o mundo, grandes e pequenos procuram ganhar senhorios e riquezas. E pela cobiça e maldade todo o mundo ficou chagado.

E onde estão os apóstolos, pregadores da verdade? Ninguém já se atreve a pregar nem a falar verdade. Procuram todos dizer muito altamente mentiras e falsidades. Ninguém se encontra que trabalhe por o Senhor Jesus!

E aonde estão os mártires cheios de fortaleza? Reis e príncipes e frades, todos são fracos para defender a santa fé cristã e morrer por ela. Está aniquilado o amor da santa fé do Senhor Jesus.

E aonde estão os confessores, clérigos, religiosos e pastores outrora tão fervorosos no serviço de Jesus? Pelos seus bons exemplos e ensinamentos *eram devotas todas as gentes*. Pois agora, falta-lhes tudo e, por isso, anda o mundo muito atribulado.

E onde se encontram os doutores cheios de sabedoria? Vejo que todos eles saem do bom caminho nem se importam com a ciência nem com a boa doutrina. Só trabalham para terem ofício, honras e benefícios e muito dinheiro e para ajuntarem riqueza e muita honra.

E aonde estão as virgens de coração e boa vontade? E onde estão os casados que cumpram as obrigações do matrimónio, com toda a lealdade? E aonde estão as viúvas e freiras de profissão que mantenham aquela castidade ordenada pela santa lei?

E onde estão os religiosos e ermitães que vivam na abstinência? Todos caíram em grande perdição, priores, abades e monges, com todo o seu convento, todos dão mau exemplo e grande escândalo.

Ó amarga e triste paz, tu lançaste todo o mundo em mui grande perdição, pois enquanto duraram os trabalhos da Igreja e da Terra e se fazia guerra pela fé de Cristo, esteve o mundo em muito grande devoção. Mas agora, no meio deste grande sossego, o diabo tem debaixo do seu poder ao povo de Cristo, bem subjugado!» (fls. 19-20)

Até aqui, o *cantar* do Mestre André, posto em prosa do nosso tempo.

O bispo de Mégara revela um temperamento violento e pessimista, bastante amargurado por uma velhice pobre e meio abandonada.

A sua preferência por esta *lauda* de Jacopone da Todi põe em relevo a sua inclinação para as cores sombrias e violentas, que ele revelou noutras obras e nas polémicas em torno do papado.

Vamos estudar, agora, as laudes em volta do SS.mo Sacramento. Não faltarão, nelas, passagens retintamente ascéticas, mas difíceis de separar do conjunto poético de cada uma dessas cantigas.

CAPÍTULO VIII

LAUDES E CANTIGAS EUCARISTICAS

MESTRE André Dias insiste muito na devoção ao SS.^{mo} Sacramento. A festa do Côrpo de Deus viera dar-lhe um esplendor novo, aos olhos dos homens e no coração do povo. As loas eucarísticas do bispo-poeta destinavam-se a ser rezadas, durante a missa, quase sempre ao levantar da hóstia. Constituem um pequeno mas belo ramalhete, relíquia venerável da nossa poesia eucarística medieval.

A primeira destas cantigas embala-se num vago ritmo de ladainha. André Dias ou o copista garante-nos que quem a disser, ao erguer do Corpo de Deus, ficará comungado ou havido por tal, da parte de Deus — *serás avydo por comungado*. Trata-se, segundo nos parece, do que nós chamamos, hoje em dia, comunhão espiritual. Ainda assim, mão antiga e austera riscou estas palavras (fl. 11 v.). Efectivamente, bastas vezes aparecem, nas cantigas do *laudário*, afirmações temerárias acrescentadas aos títulos das poesias. Versam sobre a eficácia sobrenatural dessas orações rimadas. Duvidamos muito que elas proviessem dum teólogo de pensamento bem estruturado, como era Mestre André, canonista sabedor e professor universitário. Tais linhas lembram-nos demasiadamente certas orações populares e supersticiosas, que hoje vemos coleccionadas em livros de *folklore* religioso:

«Quem esta oração ([1]) *razar*, um ano continuado, tirará quatro almas das penas do *pergatóiro*: a *pormêra sará* a sua, a *sigunda* a da sua mãe, a *tircêra* a do *sê* pai, a quarta de quem *Dẽ's quêra*.»

Ponhamos de parte estes acrescentos de origem duvidosa. A primeira loa eucarística move-se num ritmo de origem litúrgica, nem faltam, em tais *ritmas* de Mestre André, ecos bem nítidos de hinos similares, à volta de Cristo sacramentado: *Adoro-te, corpo glorioso do meu Senhor... Salve-te Deus Padre, ó cordeiro muito limpo... Ave! corpo altíssimo do bom Jesus... Deus te salve, Jesus dulcíssimo... Salve-te Deus, hóstia muito graciosa...* — exclama André Dias.

«Em aquel dya que ouvyres myssa e esteveres a ella acabadamente, e quando levantarem o corpo de Deus diseres esta cantica de oraçom, em aquel dya maa morte nom morreras e em aquel dya seras avydo por comungado e dos teus peccados venyaaes seeras perdoado e dos perygoos do mundo, e da carne e do dyaboo seeras lyvrado, segundo o diz sancto Agostinho.

Adorote sancto corpo glorioso
do meu senhor Jhesu Christo,
adorote sancto seu sangue graçioso
por mym en na sancta cruz espargido ([2]),
adorote senhor muyto poderoso
que me salves e governes em este dya
e me sejas sempre benygno e mansso.

Salvete Deus padre oo cordeiro muyto lympo e nom mazelado ([3])
que em todo o mundo e em todos os altares es consagrado,
dame a comer do teu pam spiritual transsustançiado
em todo o mundo e salvanos e asseentanos
en no teu reyno muyto bem aventurado.

([1]) J. Roque, *Rezas e benzeduras populares*, Beja, 1946, p. 63. Refere-se a um *responso da Paixão*.
([2]) espalhado, derramado.
([3]) maculado.

Ave, corpo altissymo do boom Jhesu
que das gentes es muyto amado,
o qual dos fiees christãaos
en na vyda e en na morte tu es comungado,
e em pam e em vynho o teu sancto corpo
e o teu sancto sangue he transformado (4),
merçee e graça senhor me ora faze,
que o teu sancto nome Jhesu
de mym dynamente seja sempre louvado.

Deus te salve pam dulcissymo
e tam grande sacramento,
segredo muyto ascondido (5)
do corpo e sangue verdadeiro
do meu senhor Jhesu Christo,
assy ho creo e te adoro,
como verdadeiro christãao baptizado;
e porem senhor te dou muytas graças e louvores,
que de nos alfa e o[mega] es chamado (6).

Salvete Deus hostya muyto graçiosa,
a qual muyto humyldosamente adoramos
e creemos firmemente que en ty he a deviindade poderosa,
com toda a sancta triindade,
aa qual nos ora suplicamos
que ouça nossas orações
que dizemos com devações,
ao muyto sancto corpo de Jhesu Christo,
que em esta sancta myssa
nos he agora claramente demostrado.» (fl. 11-11 v.)

Assim termina a cantiga, um pouco bruscamente, logo seguida pelo troço isolado e desencaminhado da loa de S. João Baptista (fl. 12).

---

(4) Esta frase não se pode tomar à letra, a não ser neste sentido: o corpo e sangue de Cristo assume as espécies do pão e do vinho. Porém, de modo algum se transforma na substância do pão e do vinho. É exactamente o contrário.

(5) escondido.

(6) Neste verso vem *o*, sòmente, e não *ómega*. Mas, refere-se, evidentemente, a essa letra do alfabeto grego, pois repete um versículo do *Apocalipse* (I, 8).

O bispo de Mégara compôs outra poesia eucarística cuja característica essencial se resume numa forte insistência em afirmar a identidade do corpo de Jesus (da *virgem nado,* açoitado e posto na cruz) e o que existe na hóstia consagrada, Deus e homem verdadeiro. Exactamente como no Paraíso, Jesus eucarístico tem ao seu lado todos os santos e santas do céu!

Tudo isto está muito bem. Contudo, já não podemos concordar com as palavras que seguem o título desta canção, em louvor da sua eficácia sobrenatural e maravilhosa. Quem quer que a escreveu (André Dias ou algum confrade da Igreja de S. Domingos), é certo que nos faz sorrir com a afirmação que segue: não envelhecemos durante a missa! Mão implacável cortou tais linhas temerárias. Aqui, como noutras partes, esta silenciosa e vigilante censura, nem sempre deixava de ter razão.

«Cantica e oraçom que diras quando vires o corpo de Deus en na myssa, e he de tanta vertude segundo o que diz sancto Augustinho, que em aquel dia maa morte nom morreras, e em aquel dya Deus te dara mantiimento corporal e enquanto ouvires a myssa, nom envelheçeras e de quantas myssas se disserem per todo ho mundo em aquel dya, de todas tua parte e quinhom averas e em aquel dia todos os angeos seeram em tua guarda e os passos que andares em hyndo aa egreja a ouvyr a dicta myssa e em viindo della, todos per os dictos angeos seeram contados.

Adorote senhor Jhesu Christo,
adorote corpo sancto de Jhesu glorificado,
adorote hostia pura
e divina natura
e verdadeiro Deus encarnado,
que por nos carne tomaste
e com ella nos salvaste
da morte e do peccado,
adorote corpo sancto,

da muyto sancta virgem nado
e por nos peccadores
na na sancta vera cruz cruçifiçado.

Adorote sancto sangue preçioso
do nosso boom Jhesu muyto graçioso,
en na sancta vera cruz derramado.
Creo que tu es aquel sangue bem aventurado
que sayo (7) do corpo sancto de Christo
quando foy açoutado,
e creo que tu es aquel pam çelestial
e aquel pam angelical
que por a magna (8) do çeeo foy fegurado.

Creo senhor que tu es em essa ostia,
Deus e homem verdadeiro,
e toda a sancta triindade he teu conpanheiro.
E creo que hy (9) he com.tigo a virgem sancta Maria
e todos os sanctos e sanctas te fazem conpanhya.

Muytas graças te dou oo Jhesu sancto
por que tu es pastor e nos pasçes
deste çibo sanctificado
e fruyto saboroso,
amor deleytoso
que fartas todo o que he esfaymado.

Confortame senhor,
com este teu corpo e sangue glorificado
e me farta do teu spiritu sancto.
Esqueenta o meu coraçom
do teu amor muyto alto
e que seja sempre em mym bem avyventado.
E no teu sancto reyno
nos da do teu pam perpetuado
que ora he no altar consagrado.» (fls. 17-17 v.)

---

(7) saiu.
(8) maná.
(9) aí.

Este final, cheio de desleixo estético, faz-nos hesitar entre a prosa e o verso, embora sobrenade, sempre, um gosto instintivo da rima, a marcar o ritmo da linguagem, como martelo a malhar em bigorna. Passemos, porém, a outra *lauda* eucarística.

Não é de hoje, nem de ontem, que os teólogos relacionam, intimamente, o mistério da transubstanciação e o da encarnação. Por isso, não nos admiremos de ver Mestre André a escrever uma loa em torno do Natal, para ser rezada ao *Agnus Dei,* na missa. De facto, fora pelo Natal que este cordeiro viera à luz do mundo. Era pequenino, um verdadeiro cordeirinho (*agnello*), quando nasceu em Belém, enchendo-nos o coração com *muyto doçe sabor.* Embora não fosse grande, tinha coroa de rei e era *filho de Deus muyto alto.*

E o velho bispo de Mégara, conclui: quem traz fogo de amor e é namorado, venha-o comungar, mas alegremente — *baylando e dançando muyto ledamente*:

«LAUDA E ORAÇOM E PROSA DE JHESU QUE DIRAS EN NA MYSSA QUANDO DIZEM AGNUS DEY (10).

Todo homem se essforçe de ordenar
sua alma muyto bem,
pera poder abraçar ho agnus Dey,
e Jhesu nosso cordeiro,
o qual a nos peccadores agora vem.

Agnello de muyto grande amor,
es tu Jhesu meu salvador,
oo quanto es gracioso
que enches todo coraçom
de muyto doçe sabor
e fazello seer glorioso
e sempre de ty desejoso,

(10) A expressão *agnus Dey* quer dizer *cordeiro de Deus.*

com muyto forte amor,
oo agnello muyto amoroso,
que grande virtude te mantem! [11].

Este nosso... [12] agnello pequenyno
em Bethleem he naçido,
pero [13] nom he tanto menyno
que nom seja coroado
e filho de Deus muyto alto
per o angeo he chamado.
Oo doçe senhor Jhesu benyno e muyto mansso,
mantemme [14] ora [15] e governa pera sempre em todo bem.

Aquelles que som namorados e portam fogo amoroso
venham todos a este cordeiro acomungar muyto deleytoso,
ardendo em grande amor e devaçom,
com grande fervor muyto graçioso;
oo agnello glorioso,
ave [16] tu por bem
que me des a tua graça
e o teu amor muyto desejoso
e sempre me sostem.

Venham ora os amadores ajuntados,
pera este cordeiro averem de manjar,
venham bem apparelhados,
pera o saberem gostar,
e quem del comer huum bocado
sempre seera muyto ledo e muyto bem aventurado,
por que el he muyto grande senhor
e todo o mundo em seu poder tem.

Este agnus Dei Christo Jhesu
diz e manda e encomenda
a todos os seus namorados que devotamente

---

(11) O ponto de exclamação é nosso.
(12) Neste lugar, falta uma pequenina palavra que não conseguimos entender.
(13) porém.
(14) mantém-me.
(15) agora.
(16) tem.

venham muyto ledos todos ao seu convyte,
baylando e dançando muyto ledamente,
pera o comungarem muy devotamente,
por que de o assy comermos muyto bem faremos
e a todos nos convem.

Oo cordeiro Jhesu Christo,
tu nos feres e matas, com a tua amygança (17),
e cada huum teu namorado muy muyto se esforça
de te aver de comungar com a tua sancta graça
e em este sancto convyte aver grande alegrança
da tua piedade grande de avondança
e misericordia que todavya (18) a nos vem.

E quem a ty oo cordeyro dignamente quiser comungar
dos peccados de todo se deve de tirar
e mays nom queira a elles per nenhũa guysa (19) tornar
e te sirva pera sempre com boom coraçom devoto;
e quem de ty senhor gostar
vivera sempre em bem obrar
e de ty reçebera todo bem.» (fls. 68-69)

Algumas passagens desta poesia lembram-nos as procissões do Corpo de Deus, com danças, ao modo do rei David, diante do SS.mo Sacramento. Não era por mera fantasia que o bispo de Mégara convidava os seus confrades a virem comungar, *baylando e dançando.*

Depois desta *lauda,* seguem mais três orações, em rima, em volta do mesmo tema eucarístico. A primeira delas intitula-se ORAÇOM DEVOTISSIMA QUE DIRAS QUANDO SSE ALEVANTA O CORPO DE JHESU EN NA MYSSA. Adoro-te, escreve D. André, e creio que estás na hóstia imaculada. Os anjos estão diante de ti *e todos os sanctos aconpanham este teu sancto corpo glorificado.* Tu és pastor e cordeiro.

---

(17) amizade.
(18) sempre, constantemente.
(19) maneira.

Tu és fruto saboroso, pão deleitoso. Como se enganam os que procuram *outra vyanda!* Senhor, tu que te ocultas nessa hóstia mostra-nos a tua face, no reino bem-aventurado! :

«Adorote senhor e te creo Deus verdadeiro
que es hostia pura
e divyna natura
e Deus encarnado,
os angeos estam davante [20] ty
e todos os sanctos aconpanham
este teu sancto corpo glorificado.

Eu te creo e adoro
que prendeste [21] carne por nos salvar
da morte e do peccado,
e do ventre virginal tu senhor fuste nado
Deus e homem verdadeiro
por nos aver de livrar
do fogo do inferno.

Oo Jhesu tu es aquel pam sancto
que cada huum christáao manja [22],
de aquella muyto sancta manna representado,
tu es fradello [23]
pastor e agnello [24],
de cada huum peccador e mysello
e de todo boom christáao
que he fiel e baptizado.

Tu es fruyto saboroso
e pam muyto deleytoso
a quem te comunga dignamente
e com muyta devaçom e de boom grado,

---

[20] ante, diante.
[21] tomaste.
[22] come.
[23] irmão. Deve ser um italianismo: *fratello.*
[24] cordeiro. Também deve ser italianismo: *agnello.*

e muyto se engana
quem busca outra vyanda (25)
pera seer confortado.

Ora senhor Jhesu que te a nos amostras
em esta sancta hostia e per fe ençarrado,
tem por bem de te nos mostrares,
en no teu regno bem aventurado,
façe por façe como te ora veemos
en no altar consagrado. Amem, amem.» (fl. 69)

Trata-se, na verdade, duma página pobre de ritmo, sobretudo no começo. Porém, a oração que segue revela, evidentemente, maior entusiasmo poético, com a vibração dum autêntico hino eucarístico, de ritmo forte e acentuado pela exclamação alternada: *Salve! Ave!* E o pensamento religioso prossegue no embalo musical dessas duas exclamações: Deus te salve, corpo de Deus! Tu és comungado dos fiéis, sob as formas do pão e do vinho! Salve-te Deus, cordeiro sem mancha. Sê tu, para nós, comida abundante e mete-nos no teu reino! És o alfa e o ómega, cremos verdadeiramente em ti. Ave! luz esplendorosa! Livra-nos do inferno, sê a nossa esperança e o nosso caminho:

«ORAÇOM MUYTO DEVOTA QUE DIRAS QUANDO VIRES ALEVANTAR O CORPO DE JHESU CHRISTO EN NO ALTAR (26).

Salve o muyto glorioso corpo de Christo,
seynos (27) senhor sempre, com o teu sangue precioso,
misericordioso e benyno.

Ave corpo altissymo de Deus muyto amado,
que dos fiees christaãos tu es comungado
e em pam e em vynho es transsustançiado,
ora senhor Jhesu o teu nome sanctissymo
seja de nos pera todo sempre louvado.

---

(25) alimento.

(26) Seguem-se algumas palavras riscadas e pouco inteligíveis, a recomendar a eficácia milagrosa desta loa eucarística.

(27) sê-nos.

Salve padre sanctissymo,
cordeiro nom mazelado,
oo Jhesu que es en todo o mundo
e per todo e em todo lado,
sey ([28]) a nos comer habundantissimo
do senhor Deus ministrado
e nos aloja ala ([29]) en no teu reyno
que he muyto sancto.

Ave manna de Deus altissymo,
sacramento ([30]) bem aventurado,
oo inconprehensyvil corpo de Christo
realmente ocultado
e veramente en no altar
en na ostia apresentado,
acurrenos ([31]) oo sanctissymo
que alpha e o[mega] es chamado.

Salve graçiosissymo Jhesu,
o qual sempre adoramos,
porque en ty sempre creemos
e en ty soo asperamos,
oo senhor Deus Jhesu verissymo,
a ty nos recomendamos
e te louvamos oo beatissymo
corpo de Christo sanctificado.

Ave lume esplendidissymo
que alumeas todo o mundo,
corpo de Deus altissimo
muyto lympo e muyto mundo ([32]),
tu nos salva e nos livra
do inferno mays profundo
e nos leva ao teu reyno
muyto alegre e jocundo.

([28]) sê.
([29]) lá.
([30]) Um borrão torna esta palavra pouco fácil de ler.
([31]) socorre-nos.
([32]) aceado, limpo.

Salve nossa asperança
e vya ([88]) de verdade,
fontana de avondança,
sem outra torpidade,
tu es vyda, fe e segurança
e toda nossa piedade,
fazenos em esta myssa
chamar sempre o teu nome
que he bem aventurado.» (fls. 69-69 v.)

É nestas poesias nascidas dos hinos eucarísticos que André Dias encontra melhor o seu caminho. Na poesia rítmica latina aparecem exemplos sem conto de composições poético-religiosas da mesma índole e de moldes estéticos similares. Nelas enraíza, grandemente, o bispo de Mégara, poeta de índole essencialmente litúrgica, no sentido largo da palavra.

Para terminar esta pequenina selecta de louvores eucarísticos, passemos, finalmente, à ORAÇOM MUYTO PREÇIOSA QUE DIRAS EN NA MYSSA, QUANDO VIRES O CORPO DE CHRISTO EN NO ALTAR, E EM AQUEL DYA QUE A DISSERES NOM TE FALEÇERA MANTIIMENTO CORPORAL.

Trata-se doutro poemazinho em honra da hóstia santa, de louvor à *carne sancta e beenta* de Jesus sacramentado. Esta carne é um doce manjar, mezinha para os nossos pecados, pois ela foi atormentada, na cruz, para além de toda a medida — *oltra mesura fuste en na cruz atormientada*... Ó corpo de Cristo, exclama Mestre André, nós vemos-te pão mas cremos que tu és o Filho de Deus verdadeiro! Acompanha-te a SS.^ma^ Virgem. Rodeiam-te os anjos e santos. Que eles roguem pelos vivos e pelos mortos! Senhor Jesus, que toda a gente queira comungar-te e que te comungue sem pecado! :

«Adoramoste hostia conssagrada
e muyto deleytosa,
adoramoste oo carne sancta e beenta,

([88]) via, caminho.

de sangue puro lynpa e neta (34),
adoramoste oo summa natura
en no senhor Deus comunycada.

Tu es com lympeza da sancta virgem naçida,
sem corrumpymento de mal obrar,
tu es aquel doçe manjar,
manna que foy meezynha
do nosso muyto cruel pecar,
por nos fazer escapar
do primeyro antygo e grande dragom,
o qual nos tiinha em prysom
e a nossa alma fortemente legada.

Oltra mesura (35) fuste en na cruz
atormentada amaramente (36),
segundo o que creemos e o diz a escriptura,
e depoys da morte fuste alançeada
e todo (37) sofriste paçientemente,
oo corpo de Deus omnipotente,
venha ora a nos a tua vertude
que nos de plazer e saude,
em esta triste vyda e muyto amargurada.

Oo corpo de Christo,
em forma de pam te veemos
e que tu sejas o filho de Deus verdadeiro
çertamente o creemos,
que tu em aquella ostia sancta
es verdadeiro Deus encarnado,
depoys que per o saçerdote es conssagrado,
per a tua muyto segreda (38) potençia
e devynal sapiençia
que aly he glorificada.

(34) límpida, sem defeito, sem mancha.
(35) *oltra*, para além. Em italiano, *oltra; mesura*, medida. Isto é: extraordinàriamente.
(36) amargamente.
(37) tudo.
(38) secreta.

O padre e filho e spiritu sancto
aly creemos que som em hũa esençia
com grande caridade e deviindade,
perfeytissyma junta com a humanydade,
e aly a virgem Maria com todos os angeos e sanctos
aconpanham a Christo Jhesu
com muyto grande humyldade,
pera rogarem por os vivos
que lhes de a sua graça
e por os finados que ajam todos perdoança
com boa soldada.

A vos adoramos,
Senhor Jhesu Christo,
e beenzemos e louvamos,
com todo nosso saber,
por que por a vossa sancta crux
em este mundo tristo
nos remiistes do diaboo
e do seu muyto grande poder
e perfeytamente queremos creer
que sodes [89] Rey da gloria
e filho de Deus padre, em hũa essençia,
em esta sancta devyna hostia conssagrada.

Este sancto sacramento, boom Jhesu,
nos fazede honrrar devotamente
e nos mostrade enssynamento
como ho adoremos verdadeiramente
e guyade toda a gente,
que o queira comungar,
que o comungue sem peccado
e muyto dignamente
e com boa conçiençia
de todo mal alynpada.

---

[89] sois.

E a homens e molheres
e a qualquer christãao que seja
lhes envyade do çeeo
a vossa graça perfeytamente,
que quando tangerem aa missa
ou se levanta o corpo de Deus
per o saçerdote diligente
en no sancto altar da egreja,
que todos o vaão adorar
e muytas sanctas graças lhe dar,
com oraçom perfeyta e sancta.» (fl. 70-70 v.)

Muito antes de Mestre André Dias, já S. Tomás de Aquino e outros frades, monges e clérigos tinham composto hinos e sequências eucarísticas, laudes e prosas em latim rítmico, maravilhas de poder verbal e de plenitude teológica. O latim adquiria uma vibração a que, no mundo pagão, nunca se alteara.

Enxertada nesta corrente literária, a linguagem *em romance* seguia pelos mesmos trilhos, herdando-lhe a alma e, frequentemente, empregando os mesmos esquemas rítmicos. Jacopone da Todi compôs um poemazito em louvor de Jesus-hóstia e Gonçalo de Berceo escreveu 297 quadras sobre *El Sacrificio de la Misa*. É nessas páginas que este poeta medieval nos afirma que *La laude es matheria e voz de alegria* (n. 43). Pois as loas do bispo de Mégara, em torno do SS.^mo^ Sacramento, também *são voz de alegria* e assunto que dá prazer.

No entanto, neste ramalhete eucarístico, se as flores não se repetem inteiramente, algumas delas parecem-se, demasiadamente, umas às outras. De facto, podemos comparar a laude eucarística que vem na fl. 11, já transcrita, e a outra da fl. 69, intitulada: ORAÇOM MUYTO DEVOTA, etc. Têm ritmos e frases substancialmente iguais e empregam ambas a mesma expressão temerária e, mesmo, herética, tomada à letra, ao falar-nos da transubstanciação: *e em pam e em vynho o teu sancto corpo e o teu sancto sangue he transformado...; e em pam e em vynho es transsustançiado...* Além desta frase, que

precisa duma interpretação forçadamente benigna, há outro verso que se repete literalmente em ambas as cantigas de Mestre André, quando ele nos diz que o Senhor é chamado *alfa* e *ómega*.

Ainda assim, perdoemos-lhe, de boa mente, isto e muito mais. Esqueçamos, mesmo, a sua métrica atrabiliária e fluida, como as ondas do mar, mais embalo rítmico de quem canta do que versificação pròpriamente dita. É que o bispo de Mégara tem tanto direito à indulgência como certos poetas modernistas dos nossos dias. Neste ponto, poderia ele ser considerado um precursor da liberdade plena, em que o poeta se preocupa com o ritmo interior e não com os cânones austeros dos compêndios.

CAPÍTULO IX

CANTIGAS E LAUDES DO NOME DE JESUS E DE TENDÊNCIAS MÍSTICAS

Em toda a espiritualidade cristã, Jesus ocupa, como é óbvio, o primeiro lugar. Em Mestre André Dias, tornou-se o centro duma maioria esmagadora dos seus cânticos. Agrupam-se eles, num conjunto mais ou menos homogéneo, a partir da fl. 28. O próprio bispo de Mégara chama a atenção do leitor para esta série de *laudas*, em volta de Cristo e da sua vida:

> «Aquy se começam as orações e prosas e canticas e devotas consolações das festas do boom Jhesu, as quaaes ante os seus altares devem en nas dictas festas todos os boons christãaos e devotos de Jhesu Christo rezar e cantar e se conprir com orgoons e trombas e com alaudes e outros estormentos (1), altas vozes e com todos plazeres.» (fl. 28).

Compreendem as *laudas* do Natal, as narrativas da Paixão e Ressurreição de Cristo, as loas eucarísticas, os louvores de Jesus e do seu Nome, etc. Nestas últimas, abundam cantigas de tendência acentuadamente mística, por vezes duma afectividade um pouco baroca.

Já falámos, amplamente, das loas ao Menino Deus. Estudámos, também, os prantos da Virgem, as narrativas da Paixão e Ressurreição. Conseguimos enfeixar, em breves páginas, os louvores do SS.mo Sacra-

(1) instrumentos.

mento. Resta-nos estudar, agora, a parte mais efusiva do lirismo religioso de André Dias, em que cada *lauda* encerra um motivo poético particular e uma atitude espiritual diferente, perante o tema eterno de Cristo: Jesus, socorre-me! Jesus, fica comigo! Jesus, condói-te dos meus pecados! Jesus, ajuda-me nos trabalhos! Jesus, que eu morra para ver-te! Jesus, só tu me contentas! Jesus, salva-me! Jesus, devo-te muito! Sobretudo, este motivo cheio de piedade: Jesus, bendito seja o teu nome!

Num estilo que já perdeu a sobriedade antiga, para lembrar as labaredas do gótico flamejante, o bispo de Mégara insiste, enormemente, na beleza e eficácia do nome de Jesus. Tal insistência, outorga-lhe um lugar único na história da espiritualidade portuguesa, colocando em sólido relevo a sua feição interior própria e a sua função histórica no desenvolvimento da piedade portuguesa: foi ele quem desencadeou, entre nós, o grande movimento religioso do SS.mo Nome de Jesus, reduzido ao monograma JHS.

Félix G. Olmedo, sem nomear, sequer, Mestre André Dias, trata desta corrente religiosa, na vizinha Espanha, e menciona o costume quatrocentista de esculpir, em terras de Castela, o nome de Jesus, na padieira das portas:

«A mediados del siglo anterior aparecen los nombres de Jesús e de María en los balconcillos de la agujas de la catedral de Burgos, terminadas, como es sabido, en tiempo de los arzobispos don Alonso de Cartagena y don Luis de Acuña (1442-1458). Durante el mismo siglo parece que era costumbre esculpir el nombre de Jesús encima de las puertas de las casas, en la clave del arco o en medio del dintel, dentro de un escudete apuntado. Todas las casas que he visto donde se conserva todavía el nombre de Jesús encima de la puerta, son ciertamente del siglo XV.» (²)

(²) *In Nomine Jesu*, em *RF*, III (1933), 150. Cf., também, H. Sancho, *In Nomine Jesu*, em *AIA*, III (1943), 571-580.

Tudo isto era a realização dum dos desejos mais fortes de Mestre André como lemos nas suas palavras, muito antes dos meados do século XV:

«E per mar e per terra, louvade, glorificade, exalçade e chamade o seu nome sanctissymo e muyto espantoso de Jhesu, e em vossas armas e escudos e lanças, naaos, galees, caravelas e barchas, e em vossos peytos e vestiduras e casas e em vossos corações e almas o pyntade e tragede e sempre o tragede e nomeade.» (fl. 3).

O bispo de Mégara queria ver gravado o nome de Jesus nas naus, galés, caravelas e barcas, nos peitos, vestidos, casas e corações — por toda a parte, até mesmo nas armas.

Verdade seja que a devoção ao Nome de Jesus é tão velha como o Cristianismo. Mesmo em documentos medievais e portugueses, anteriores a André Dias, aparecem, de vez em quando, certas expressões a encimar as escrituras dos séculos XII, XIII e XIV: *Em nome de Jesus*. Às vezes, escrevem: *Em nome de Jesus Cristo* ou *Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo* ([3]). As palavras *In nomine Jhesu Christi* (Em nome de Jesus Cristo) generalizam-se, principalmente, a partir da segunda metade do século XIII ([4]). Por vezes, os tabeliães punham, no seu lugar, uma fórmula mais curta: *In Christi nomine* (Em nome de Cristo). No entanto, embora essas palavras se empregassem mais a partir deste tempo ([5]), usavam-se já em anos mais recuados, no de 1178 ([6]), por exemplo.

Todas estas fórmulas dos documentos oficiais apareciam, igualmente, nos escritos particulares, como numa carta de Mestre André, já citada por nós. Gostavam de principiar tudo *em nome de Jesus*. A pouco e pouco, a fórmula inicial foi-se esquematizando, cada vez

---

([3]) *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, 1924, pp. 167, 223, 343, etc.
([4]) *Ib.*, pp. 71, 169, 197, 249, 350, 371, 394, 396, 403, 418, 504, 510, 526, 537, etc.
([5]) *Ib.*, pp. 113, 344-347, 354, 369.
([6]) *Ib.*, p. 141.

mais, isolando-se, finalmente, a palavra maravilhosa — Jesus — ou o seu monograma: *JHS*.

Ora, é neste movimento religioso que se filia o bispo de Mégara, impulsionado pela grande e exaltada devoção que S. Bernardino de Sena espalhara por toda a Itália. Em contacto permanente com a terra italiana onde passara boa parte da vida e onde comporia, na velhice, o seu *laudário*, André Dias trouxe de lá esse entusiasmo ardente pelo nome de Jesus e colocou-se à frente dum grande movimento português. Para isso, empregou as suas *laudas* e cantigas, fundou a confraria do Nome de Jesus, que se ramificou pelo país, pregou sermões veementes, aconselhou, espiritualmente, no confessionário. E o nome de Jesus tornou-se o eixo da sua espiritualidade assim como da sua emoção religiosa e lírica.

Uma destas canções de Mestre André poderíamos nós classificar de *cantiga da conversão*, pois desloca-se, contìnuamente, entre estas duas súplicas ardentes: *Jesus, torna para mim! Jesus, converte-me a Ti!* São, ao todo, trinta e nove estrofes a martelar no mesmo duplo pensamento. Mas, uma ânsia dolorosa comunica-lhe a variedade emotiva das emoções profundas, a novidade eterna do que é sincero e humano:

«QUANDO TE SENTYRES POR PECCADOR E QUISERES FAZER PEENDENÇA, DIRAS A JHESU ESTA CANTICA E LAUDA, ASSY COMO SSE SEGUE.

Oo Jhesu Christo pyedoso senhor,
tornate a mym teu servidor
e perdoame a mynha culpa e o meu error
que fize contra ty eu mezquynho e peccador.

Tornate a mym muyto graçioso,
perdoa os meus peccados oo muyto piedoso
e nom sejas contra mym muyto queixoso,
mays com misericordya torna a mym.

toda mesura. do teu sãcto desejar.
¶ Desejando a uos senhor a al-
ma mỹnha. ẽno uosso amor el-
la seia fijnda. ⁊ p uos oo boo Jhũ
semp̃ aja uyda. ⁊ que sempre
com uosco. se possa bem alegrar.
¶ Alegresse o meu coraçõ ⁊ se-
ja seruẽte. com todo honor q̃ de
Jhũ sente. ⁊ amar a el muyto do-
cemẽte. ⁊ aos seus amãtes se fas
¶ Mate ora oo boo Jhũ a dar.
quẽ te q̃r auer. ⁊ uẽte ora senhor.
a oferecer. ⁊ nõ te queiras mays
detẽer. a quẽ te sabe demandar.
¶ Eu demando a ty meu senhor
muyto amoroso. oo meu doce
Jhũ muyto piedoso. q̃ facas o meu
coraçõ muyto aguçoso. ⁊ soomẽte
em ty sempre auer de penssar.
¶ Penssando eu em ty Jhũ meu
amor. fase ora esquẽentar em ty
este meu cor. por tal q̃ eu fuga
a toda briga ⁊ rancor. por eu po-
der a ty soo sempre contemplar.
¶ Contemplando eu em ty oo
boo Jhũ meu cõforto. todo este
mũdo me parece q̃ he morto. oo
boo Jhũ leua me ao teu sãcto ceo.
ẽno q̃l eu te possa semp̃ myrar.
¶ Dorar a ty meu d̃s muyto
alto. nõ pode aquel q̃ he mũda-
no. senom aquel q̃ o amor ua-
no. por ty ouay semp̃ refusar.
¶ Refuse cada huũ sua morada.
q̃ p Jhũ nõ he edeficada. ⁊ a ssua
graça nos seera dada. ⁊ assy nos
compre deo sempre rogar.
¶ Rogo eu a xp̃o muyto deuo-
tamẽte que do seu amor el me faça
contente. q̃ eu em este mundo
antre a gente o possa semp̃ louuar.
¶ Louuar ⁊ amar el me faca. na
sua gloria muyto sãa. honde me
el de alegria tanta. que mays
se nom possa ẽmaginar.
¶ O Jhũ Jhũ meu senhor. oo
muyto benyno ⁊ doce amor.
alumea ora meu senhor este
meu cor. ⁊ da me tanta deuaçõ
⁊ feruor. q̃ ẽna uyda me des o

Guyrio assy como home guerreyro.
E esto cada vez em ponto de finar.
Finar ⁊ falecer oo bõo Jhũ q̄ro.
Com grande p̄ssa ⁊ cõ grande door.
Pero todauya eu em ty aspero.
Que me hiuraras oo tu meu senhor.
E me uistas muyto bem acõselhar.
¶ Conselhame em esta t̄bulaçã.
Do doce Jhũ mynha asperança.
Nom q̄yras fazer mays tardança.
Por q̄ em ty ey grande confiança.
Que nõ aueirey por q̄ tanto penar.
Penando aty eu sospiro.
E sospirando me marauylho.
Que de tam alto senhoryo.
Nom ey ajuda nem abrygo.
Nem te posso hora achar.

En nome do boo Jhũ. se comece este seu liuro.



m aquel tempo q̄ reynaua ⁊ rey nou. ho muyto ui toriosso. ⁊ de muy grãdes uirtudes ¶ El Rey dom Johã. nos reynos de portugal. ⁊ do algarue Ano do seu reynado. de q̄reenta ⁊ noue. ¶ E da encarnaçõ de d̄s Jhũ. ano de myl ⁊ q̄troçẽtos ⁊ t̄ynta ⁊ dous. do mes de nouembro. bynte dias. ¶ Depoys q̄ o bo d̄s ihũ. ꝑ espaço de .L. anos. fez muytos miragres ⁊ muytas marauilhas ao dito senhor rey. ⁊ aos ditos seꝰ reynos de portugal ⁊ do algue ¶ Dando lhe muytas uitorias dos seus ẽmygos. reys ⁊ pobos de castella. ꝑ espaço de uynte. ⁊ trinta anos. q̄ as guerras durarõ antr̄ castella ⁊ portugal ¶ E especialm̃e no ano de d̄s ihũ. de myl ⁊ trezentos ⁊ lxxxb uespa de sãa. m̃. dagosto. uẽcendo em batalha campal. antr̄ o toial. ⁊ a ribeyra do freixial. a p̄s da uilla.

Bibl. Nac. de Lisboa, cód. ilum. 61, fl. 72 v.

Tornate a mym oo boom Jhesu Christo,
por que sem ty soom ([7]) sempre tristo
e mays que vyvo em grande perigoo
e porem boom Jhesu eu me torno ora a ty.

Torna a mym padre meu,
torna a mym senhor meu,
torna a mym salvador meu
e nom me engeytes ora de ty.

Torna a mym toda vya,
torna a esta alma mezquynha,
tu boom Jhesu que es verdadeyra vya,
com pyedade torna a mym.

Torna a mym oo senhor muy caro,
torna oo dolçe leytoayro ([8]),
e perdoame senhor muyto liberal e nom avaro,
plazate oo boom Jhesu de tornar a mym.

Torna oo Jhesu muyto namorado,
torna a mym oo Jhesu dolçicado,
porque tempo ha que te ey ([9]) desejado,
oo Jhesu torna a mym.

Torna a mym oo dolçe amor
e entra dentro en no meu cor ([10])
açendeme do fogo do teu ardor,
que eu outrem nom busque senhor senom a ty.

Torna a mym oo samaritano,
torna a mym oo meu guardyano,
livrame Jhesu de todo mal e dano,
por que me podes livrar tu soo meesmo per ti.» (fls. 4 v.-5)

([7]) sou.
([8]) Morais e Silva, no seu dicionário, diz-nos que *leituário* ou *electuário* é um *remédio composto de ingredientes escolbidos*, etc.
([9]) hei.
([10]) coração.

Esta cantiga vai-se prolongando, pelo mesmo tom: Torna a mim, maná saboroso! *Torna a mym oo tu, diviindade!* E continua:

«Torna a mym meu responsso,
convertete a mym, Jhesu graçioso,
e tornate a mym oo meu namoroso
e nunca te partas de mym.

Torna oo Jhesu jocundo
e livrame desta carne e do dyaboo e do mundo,
que me nom lançem en no profundo,
nem me possam alongar de ty.»

Daqui para a frente, embora surja, ainda, a frase *torna-te a mim!* predomina sobretudo a outra — *converte-me* ou *torna-me a Ti!* Impossível transcrevê-la inteiramente, pois é longa como uma ladainha de súplicas. Copiaremos, sòmente, uma ou outra passagem, metendo reticências entre umas estrofes e outras, quando algumas ficarem por transcrever:

Converteme pera ty, pam çelestyal,
converteme a ty, Jhesu muyto leal,
fazeme ora em teu amor finar,
em tal guisa que eu possa viir a ty.

Tornate a mym oo Jhesu nazareno,
defendeme senhor e põem (11) em mym freno (12),
contra o peccado e todo mal terreno,
que sempre me alongam de ty.

Torname a ty, oo Jhesu meu esposo,
e fazeme que de ty eu seja desejoso
e que eu te goste quanto es saboroso
e que leixe (13) todo outro amor por ty.

[....................................]

(11) põe.
(12) freio.
(13) deixe.

Torna a mym oo magestade alta
e faze em mym senhor tua morada
e alumea a mynha alma
que nom aja outro lume senom de ty.

[...................................]

Torna ora a mym e nom tardar,
e que eu Jhesu te possa contemplar
e me esforçe de ty me eu muyto namorar
e que creça mays sempre o amor de ty.

Converteme oo Jhesu florido,
porque te ey muytas vezes escarnyçido
e ora soom dello muyto arepreendydo
e porem senhor os meus peccados
sejam todos perdoados per ty.

[...................................]

Torname a ty oo Jhesu meestre meu,
converteme a ty, que eu todo seja teu,
porque soom muyto maao e muyto sandeu
e pequey e errey muyto contra ty.

[...................................]

Torname a ty boom Jhesu flor do orto
e levame sempre senhor a boom porto
e dame da tua graça atal ([14]) conforto
que eu me nom deleyte em outra cousa senom en ty.

Torname a ty Jhesu mynha asperança
e tirame senhor da mynha tribulança
e dame senhor sempre tal andança
que nunca sirva a outrem senom sempre a ty.

[...................................]

([14]) tal.

Torname a ty oo Jhesu, pera aquella alegria,
e fazeme esta merçee por tua cortesya,
que com os teus sanctos eu te veja todavya
e com elles eu te louve e ame sempre a ty, amen, amen, amen.
† Jhesu salvame. † Jhesu defendeme. † Jhesu livrame. † Amen.» (fls. 5-6)

Assim termina esta cantiga e *lauda* do bom Jesus, a pedir-lhe a conversão e arrependimento dos pecados. Como esta, muitas outras poderíamos apresentar. Porém, temos receio de tornar demasiado pesadas as páginas que estamos a escrever, dando uma impressão falseada dos cânticos de Mestre André. Como as suas *laudas*, orações e cantigas se destinavam a ser rezadas por todo o espaço dum ano ou mais (visto nem todas serem de carácter litúrgico)—os ouvintes de então familiarizados com a linguagem do bispo de Mégara, não sentiriam nenhum mal-estar, ao escutarem, todas as semanas, uma ou outra destas poesias ou *ritmas*.

Passemos à frente a CANTICA DO BOOM JHESU, QUANDO QUISERES AVER PERDOANÇA DOS TEUS PECCADOS E ACABARES EM VERDADEIRA PEENDENÇA (fls. 10 v.-11). Não tem beleza e é longa. Mas, desejamos que algum dia venha a ser publicada numa futura edição integral do *laudário* de Mestre André. Ainda assim, vamos dar o seu resumo: Senhor, escuta a *mynha breve oraçom* e não me faças mais penar. Ajuda-me, dá-me a tua graça, *muyta devaçom e solaz* (devoção e consolação).

«Tanto de boom coraçom chorarey,
por me ouvyres oo Jhesu meu senhor,
que por sempre te gridarey ([15]),
eu triste peccador,
e de dya e de noyte eu senhor te chamarey
que queyras socorrer ao grande meu dolor
e de todo me queyras confortar.» (fl. 10 v.)

([15]) gritarei. Em italiano, *gridare* (gritar).

E Mestre André prossegue: acode ao teu servo, dá-me o teu conforto *o qual assy tam bem cheyra e he muyto olente*[16]. Hei-de gritar até receber consolação, embora me oiça *todo bo mundo*. Ó minha alma, grita agora com *esqueentado fervor* e sobe aos céus com muita grande devoção. Apresenta-te perante o meu Jesus e Senhor e implora-lhe misericórdia. Mas, eu me acuso porque lhe fui sempre desleal e falso!

Um pouco mais curta e com maior graça é a CANTICA E LAUDA DO BOOM JHESU que aparece algumas folhas à frente:

«*Ao boom Jhesu muyto doçe senhor*
todo christãao com grande devaçom
lhe faça louvor.

E toda creatura
se conhoça [17] per natura
que o boom Jhesu he sua feytura [18]
e seu prinçipio e criador.

E todo homem que em este mundo se sente,
seja devoto e fervente
de servyr devotamente
ao boom Jhesu, com muyta honrra
e reverença e temor.

Porque por razom da merçee superna e divina,
o coraçom se afina
a conhoçer e servyr per sancta doutrina
ao boom Jhesu sem error.

Porque a alma que ao çeeo he eleyta
e aspera a gloria perfeyta,
sempre mays se deleyta
en no seu dolçissymo amor.

---

(16) oloroso.
(17) conheça. Trata-se duma forma arcaica frequente.
(18) *feytura*, pelo menos aqui, significa, *criatura, coisa feita*. Teria Fr. André empregado *feytura* em vez de *feytor*?

E o boom Jhesu com grande largueza
sempre da e perdoa
e aos sanctos da coroa
e aos angeos da grande esplendor.

E verssos de finos cantos
lhe fazem os sanctos angeos,
com todos os outros sanctos
e todos som alumeados, sem outro nenhuum tenebror.» (fls. 17 v.-18)

Trata-se dum delicado convite aos louvores de Jesus, à imitação dos anjos. Estes, alumiados por Deus, fazem-lhe *verssos de finos cantos*, o que leva a supor que a poesia não acaba neste mundo.

Muitas laudes italianas principiam, frequentemente, por uma pequena estrofe que dá o *tom* da poesia e anuncia o seu tema, quase ao modo do versículo bíblico com que os pregadores entram no sermão. Bastas vezes, sucede o mesmo nas loas do bispo de Mégara. Como vem a talho de foice, lembramos, por exemplo, a LAUDA E CANTICA DE MUYTA CONTEMPLAÇOM DO BOOM JHESU, PERA AQUELLES QUE O DEMANDAM EM ALGŨA PRESSA OU TRIBULAÇOM OU EM TENPESTADE OU EM ALGŨA ENFIRMYDADE, PERA LHE ACORRER MUYTO AGINHA (19), QUANDO O DEMANDAREM.

Continua ela num canto de resipiscência ou arrependimento dos pecados, com pena de ter abandonado a confraria do nome de Jesus. Esta página destinava-se, evidentemente, aos *filhos pródigos* que se afastavam da vida piedosa em torno da igreja de S. Domingos, esquecendo-se de que eram confrades do SS.mo Nome de Jesus. Trata-se, por conseguinte, duma autêntica *cantiga de confraria*, em todo o sentido da palavra:

«Oo muyto alto Deus Jhesu,
eu ando trabalhando pera te achar,
acurre me ora meu senhor
e nom me faças mays penar.

---

(19) depressa.

Oo senhor meu Jhesu e se te aplaz,
confortame ora senhor, ca tu me soyas [20] aconsolar
e ora senhor nom acho repouso
nem o sento em nenhuum logar
e sen ty senhor nom vejo nem sento em mym
nem hũa devaçom nem solaz
e esto he por o meu maao obrar.

De todo o meu coraçom, fortemente chorarey
e por achar o boom Jhesu eu me todo gastarey
e morrerey com gram dolor,
ay eu triste e peccador
como moiro [21] desconsolado,
porque fiz grande avesya [22]
porque avya começado
de servyr na sua confrarya
e assy de todo a fuy leixar.

Dos teus milagres avya provado
que a tua merçee me era atam [23] sergente [24]
que aquella alma que te nom ha gostado
nom he christãa nem he bem creente
e eu mezquinho e muyto doente
porque te leixey nom ey conforto
nem acho quem me leve a boom porto
pera me aver de salvar.

A ty meu senhor Jhesu tornar queria
e grytar e braadar todavya
e que todo o mundo me ouvysse
e de dentro do parayso todo sancto me respondesse
e o meu senhor Jhesu de muyto boom talente [25]
aa saa [26] sancta confraria me quisesse açeptar.

---

(20) costumavas.
(21) morro.
(22) perversidade. O mesmo que *avessia*.
(23) tão.
(24) *sergente* quer dizer: criado, servo; *merçee ... sergente*, isto é, mercê ... serviçal, que me ajudava.
(25) inclinação, vontade.
(26) sua.

Apressate ora meu coraçom
e com esqueentado fervor
e passa per todos os çeeos
e te apresenta ante o meu senhor
e pide misericordia,
ante tam grande enperador,
que te torne todavya
aa sua sancta confrarya
e el to outorgara
se o bem souberes com fiuza demandar.

Oo amor meu Jhesu e meu plazer,
tem ora por bem de me ouvyr
e fazeme senhor esta merçee
que na tua confraria te possa eu servyr,
abraçame ora oo boom Jhesu com os braços de grande(27) piedade
e poẽme (28) ora em voontade
de nunca ja mays della sayr
e dame a tua graça
pera sempre bem obrar.

Acusome ora meu senhor
porque me dela say
e os milagres e vertudes
que por a tua sancta agua fazes
nom escodrinhey nem vy
e por que te nom ey servido
nom mereço de seer tam digno
de mynhas orações ouvyres
nem de más quereres ascuytar (29).

E porem se atormente o meu coraçom
e viva em grande amareza (30)
e tome peendença e contriçom

(27) No texto, vem *grade*.
(28) põe-me.
(29) escutar.
(30) amargura.

por que te fize sempre muyta vyleza,
torname ora meu senhor Jhesu aa tua confraria
e aa sua nobreza,
por tal que eu vaa aa tua sancta gloria.» (fls. 18-18 v.)

Nesta loa, poderíamos apontar algumas frases *ao divino* que lembram as exclamações das mulheres enamoradas dos nossos cancioneiros medievais, sobretudo estas palavras: *ay eu, triste e peccador como moiro desconsolado!* Porém, isto levar-nos-ia demasiado longe.

No *laudário* do bispo de Mégara lemos, gostosamente, bastantes cantigas em exaltação do amor de Cristo, com tendências acentuadamente afectivas. Na fl. 42 do nosso códice iluminado, ficou o troço incompleto duma dessas poesias, de sabor parecido ao de tantas laudas inflamadas de Fr. Jacopone da Todi, sobretudo as últimas ([81]): Em Cristo, escreve o bispo de Mégara, tudo procede do amor. Foi ele que o tirou do Céu e o fez nascer *em huum presepio pobremente,* a ele, que *todo o mundo regia!* Foi ainda o amor que o levou a sofrer grande *martirio, mays amargoso que he o fel.* Senhor, termina André Dias, ligai-me com a mesma corda que vos atou e *com vosco en na cruz eu seja morto e cruçifiçado e o meu coraçom por vos seja ferido e chagado* (fl. 42).

Também no meio das laudes da Paixão, ficou desgarrada uma cantiga contemplativa, notável pelos altos voos a que se ergue, desde o princípio. Chega, mesmo, a falar duma experiência religiosa claramente mística. Intitula-se CANTICA DE ORAÇOM DO BOO JHESU E DA PAIXOM (fls. 42-43 v.) e alonga-se através de grandes estrofes muito pobres de ritmo mas com um ou outro verso a estremecer de vibração:

«*dame per ty e de ty vyda namorada,*
oo caridade nom criada!» (fl. 43)

([81]) Jacopone da Todi, *Le laude,* ed. cit., sobretudo na lauda LXXXI, *De l'amore de Cristo in croce,* pp. 189-190.

Estes dois versos lembram um grito de S. Agostinho.

É no princípio desta canção do bom Jesus que André Dias se refere, mais concretamente, a uma sabedoria superior, infundida por Deus, experiência religiosa quase angélica e inefável:

«Oo meu senhor Jhesu,
assy de ty fortemente soom tocado,
do teu muyto sancto e doçe amor,
que todo me sento en ty transfformado.

Transfformado soom ora de presente
e tu senhor assy me tocaste do teu amor divino
que per fogo de amor ardente
viim ao estado do angio seraphyno ([32])
e soom alomeado de saber tam altamente
que todo me resolvo na sciencia do cherubyno
e ey grande conhoçimento do meu Jhesu matutyno
e ainda pero me reprehende porque nom grido ([33])
quanto e quanto me ha amado.» (fl. 42 v.)

Fala-nos, pois, duma transformação sobrenatural, uma alta e funda experiência interior em que o homem é levantado a uma sabedoria ultrapsicológica, impossível de atingir pelo mecanismo meramente humano da nossa inteligência, sem uma graça extraordinária.

É nesta canção religiosa que o bispo de Mégara diz a Cristo: Ó Jesus, tu ensinaste-me a enlouquecer: *çertamente louco serey, por quanto me ora as per ti meesmo ensynado* (fl. 43).

Ora, esta loucura da cruz adquire um relevo extraordinário na loa que vem depois: CANTICA DE ORAÇOM DE JHESU SPIRITUAL; E QUEM A DISSER COM PLAZER E COM AMOR DO BOOM JHESU, QUANDO FOR EM ALGUUM NOJO ([34]) OU TRISTEZA, LOGO O BOOM JHESU LHE DARA PLAZER E MUYTA ALEGRYA.

([32]) serafim.
([33]) grito.
([34]) desgosto.

Parece-nos das cantigas mais tìpicamente líricas e com um sabor fortemente franciscano. Diante dos nossos olhos desacostumados surgem expressões deste estilo: *bailar* de amor, ficar *embebedado,* ter Jesus *atravessado* no coração e outras semelhantes:

«Dileyto Jhesu Christo quen sse de ty recorda e te chama
sempre em seu coraçom te ama
e en ty se alegra e bayla e canta,
e eu cantar e alegrar me quero
por teu amor,
oo doçe senhor.

Alegrarme eu quero com o meu Jhesu deleyto,
porque tanto bem delle vejo,
em todo meu feyto
que o tenho en nos braços bem apertado e estreyto
e porem cantar e alegrar me quero
por teu amor,
doçe senhor.

A ty tenho eu senhor no meu cor atrevessado,
e en ty contemplando fico muyto enbevedado,
e do teu amor, senhor, soom muyto namorado,
que logo a baylar e dançar me levanto
e porem cantar e alegrar me quero,
por o teu amor,
doçe senhor.

Dançar com tygo, oo Jhesu, eu nom soom digno,
pero quando te vejo atam liberal e benygno,
todo entom me alegro com tigo
e soom aaquella ora da tua graça tam pleno
que te amo e abraço e todo te em mym tenho,
e porem cantar e alegrar me quero,
por o teu amor,
oo doçe meu senhor.

O teu amor, senhor, me faz alterado
e me faz do mundo tam apartado
que dos plazeres delle eu nom soom nembrado ([85])
e do teu amor eu soom tam aficado ([86])
que com plazer ando baylando e dançando,
e porem cantar e alegrar me quero,
por o teu amor,
oo muyto doçe senhor.

Quem a ty oo Jhesu quer amar, todo seja floreado
lympo e louçaão e de vertudes apostado ([87]);
e em seu coraçom e em sua boca,
o nome de Jhesu seja sempre dicto e chamado,
e porem cantar e alegrar me quero,
por o teu amor,
oo doçe senhor.» (fls. 43 v.-44)

Cada estrofe repete o mesmo estribilho, tanto ao gosto dos poetas medievais: *e por isso, cantar e alegrar-me quero, por o teu amor, ó doce Senhor!* Neste aspecto, esta composição poética lembra-nos as *Cantigas de Santa Maria,* mais antigas que as poesias de Mestre André mas do mesmo tipo, neste traço particular.

Quanto à CANTICA DE ORAÇOM DE JHESU, A QUAL ANTE EL DIRAS, QUANDO FEZERES PEENDENÇA DOS TEUS PECCADOS, revela menos intensidade emocional, é de tendências pouco líricas e cheia de expressões paulinianas. De índole mais activa que contemplativa, tal canção traça-nos algumas normas de ascese e dá-nos conselhos de vida interior. Quem quiser servir a Jesus, escreve o bispo de Mégara, tem de *se despachar* ou desembaraçar de todas as coisas; *vistasse de humyldade,* firme-se na fé, enfeite-se de esperança, *cubrasse* de caridade e não faça caso da vaidade deste mundo enganador!

E D. André Dias termina implorando a Deus que o faça *mays e mays namorar* de Jesus (fl. 45).

---

(85) lembrado.
(86) importunado.
(87) ornado.

Já notámos que algumas páginas de Mestre André enraízam na poesia litúrgica — no *Jesu, dulcis memoria,* por exemplo. Ora, uma certa CANTICA DE ORAÇOM DE JHESU MUYTO VIRTUOSA (fl. 46) denuncia, igualmente, a sua origem da poesia da Igreja, em latim, embora o sulco dessas influências seja menos fundo que noutras loas e cantigas do bispo de Mégara. Na verdade, ao analisarmos a *hereditariedade,* permitam-nos o termo, desta cantiga de D. André Dias, notamos fàcilmente a sua inspiração num hino bem conhecido — o *Veni, Creator Spiritus,* que se reza na festa do Pentecostes e noutras solenidades.

Porém, ressalta, logo, uma diferença: o bispo de Mégara dirige-se a Cristo e não ao Espírito Santo:

«Oo Jhesu, spirito criador,
desçende en na mynha alma que he tua esposa
e fazea de ty sempre seer desejosa
e açendea do teu doçe e muyto sancto amor.

Visita a mynha memoria oo salvador piedoso,
alomea o meu entendimento da tua sancta luz
oo Jhesu muyto glorioso,
oo tu que quiseste por mym morrer
sobre a sancta vera cruz
sey (38) ora a mym muyto graçioso,
oo senhor e padre,
por a tua sancta caridade,
tu me ora faze
que eu te serva (39) sempre sem nenhuum error.

Da tua supernal graça,
oo meu salvador,
que es desejo da mynha alma,
encher ora te plaza (40)
a mynha voontade per ty criada

(38) sê.
(39) sirva.
(40) apraza, agrade.

e seja per ty assy alomeada
que em ty se possa transfformar
e soomente a ty amar
e outro bem do mundo nom desejar,
se nom a ty meu senhor.

Ouve Jhesu a mynha petiçom
e ouvyr tu queiras a mym indigno,
e se te eu fige (41) algũa ofenssom
perdoame senhor que es muyto benygno
e livrame da carne e do mundo
e de todo meu emmiigo
e do spirito maligno
e, por a tua sancta piedade,
alomeame da tua sancta claridade
e do teu sancto esplendor.

Oo luz beata eternidade,
oo misericordia infinita
prendate (42) ora de mym piedade,
tu que es asperança mynha,
e tenna (43) com tigo assy junta e unyda
que a nom leixes mays pecar
e meus dyas em verdadeira peendença
me façass acabar
e que en no parayso eu me possa gloriar,
com tigo, meu salvador, amen.» (fls. 46-46 v.)

O amor de Jesus, esposo da alma, e as dores desta vida, deram ao bispo de Mégara o *sentido da ausência*, o estigma do *exilado*, neste «vale de lágrimas», segundo a expressão da salve-rainha. Nós convertemo-nos em degredados e ansiamos pela morte libertadora. Tal atitude marca-se mais firmemente numa CANTICA DE ORAÇOM DO BOO JHESU MUYTO DEVOTA, PERA TODA PERSSOA QUE VYVE EM

(41) fiz.
(42) tem.
(43) tem-na, isto é, tem a minha alma unida contigo, etc.

TRIBULAÇOM OU EM CATIVEIRO OU EM PRISOM E DESEJA DE MORRER E DE HYR A SALVAÇOM.

A esta poesia poderíamos chamar *canção do amor, da dor e da morte*: Ó bom Jesus, exclama André Dias, desejo muito deixar esta *terreal morada!* Senhor, que eu possa ir *veer a tua façe que be muyto gloriosa*, para ficar a morar na tua glória.

Por fim, o bispo de Mégara termina com a famosa imagem platónica do corpo, prisão da alma:

«E da prisom deste corpo mezquynho,
senhor me queiras ora soltar
ҁ que nom vyva mays em tribulaçom,
fazeme ora aginha [44] finar
e a mynha alma salvar
e a poer [45] no parayso bem aventurado.

Alla [46] me leva, senhor,
hu [47] te seerey obediente e nom revel [48]
e averey todo plazer e deleytarme ey
em ty que es mais doçe que mel,
e averey a tua sancta gloria,
honde por a tua misericordya
dos teus sanctos es louvado, amen.» (fls. 46 v.-47)

Tal atitude de espírito lembra, imediatamente, os versos ardentes de S. Teresa de Jesus:

«Ay, qué larga es esta vida!
Qué duros estos destierros!
Esta cárcel, estos hierros,
En que el alma está metida!» [49]

---

(44) depressa.
(45) pôr.
(46) lá.
(47) onde.
(48) rebelde.
(49) *Obras*, ed. crítica pelo P. Silverio de S. Teresa, T. VI, Burgos, 1919, p. 78.

Entremos, agora, noutra cantiga *muyto preciosa* (fl.47). Desenvolve-se, também, dentro da linha emocional da poesia anterior, toda ela em torno da dolorosa batalha nesta *mezquinha valle lacrimosa.* Nada nos pode contentar, neste mundo, senão amar a Deus e cumprir a sua vontade, *em ascondido e em plaça,* isto é, às ocultas e às claras, na praça pública. E assim, à hora da morte, nenhum mal o diabo poderá fazer-nos — *o diaboo nom me faça nemyga,* isto é, nada, *nem migalha de mal* ([50]):

«En na belleza de ty, Jhesu,
muyto alto esplendor,
todo homem he contento,
por o grande deleytamento
de ty, Jhesu nosso senhor.

Em esta mezquinha valle lacrimosa,
sempre ey batalha doorosa ([51])
e vyvo em mortal tormento
e porem, senhor Jhesu, guarda meu entendimento
desta vida que he falaz
e fazeme sempre capaz
de ty que es meu criador.

Donde ([52]) ha amor e paz
aly ha perfeyto bem
e em ty boom Jhesu ella jaz,
e porem te rogo de talem ([53])
que o amor do mundo que me tem
se torne em amor de ty perfeyto
que alomees o meu intelleyto
de ty que es salvador.

([50]) Também se encontra: *nemigalha, nimigalha*; do latim *mica.*
([51]) dolorosa.
([52]) Onde.
([53]) *talem* ou *talam, talant, talante*: vontade.

Em nome do boom Ihesus
se comece este seu liuro

Em aquelle tempo que Reynava e reynou ho
muyto victorioso e de muy grandes virtudes El Rey
dom Joham nos reinos de portugal e do algarue
Ano do seu reynado de quarenta e noue E da en-
carnaçaõ de deus Ihesus. anno de mil e quatrocen-
tos e trinta e dous do mez de nouembro. uinte
dias. Depois que o boom deus Ihesus. per espaço de
50 annos fez muytos miragres e muytas ma-
ravilhas ao dito senhor rey e aos ditos seus rey-
nos de portugal e do algarue Mando lhe victo-
rias dos seus enmygos. reys e pobos de castella
per espaço de uinte e trinta annos que as guer-
ras duraram ante castella e portugal. E espe-
cialmente no anno de deus Ihesus de mil e
trezentos oitenta e cinco uespera de sancta ma-
ria dagosto. uencendo em batalha campal. an-
te o toial e a ribeira do freixial a pos da uilla de
alinbarota. O dicto muy preclaro rey de por-
tugal. e dom Joham de castella o qual eram pre-
zente

Bibl. Nac. de Lisboa, Fundo Geral, ms. 3379, fl. 118 v.

e logo a cabo de meia hora lhe soldou a ferida
de todo. e a hunha que era negra como pez. tor-
nousse toda branca e saan em tal guisa que
el meesmo disse que ainda que nunca fora feri-
do nom podera melhor soldar. graças ao boom
Jhesus.

Item outro mylagre da agua sancta
do boom Jhesus.



. . . .

. . . .

. . . .

Nada mais conthinha o dicto livro, para se
copiar, o que mostra falta.
Nos titulos dos capitulos acham se pontos, com
que se supprio a falta do que se não poude ler p.
estar rabiscado com tinta preta, achando se os di-
ctos capitulos com caracteres encarnados; o que
mostra que foy emendas que se fizerão
Guardou se a Orthographia do tempo quanto
se poude

Bibl. Nac. de Lisboa, Fundo Geral, ms. 3379, fl. 136 v.

Nem hũa cousa me pode contentar
senom ty Jhesu meu criador
e porem me da graça de te amar,
o misericordioso senhor,
que soomente eu busque teu honor
e seja eu teu servidor,
em todo logar que eu andar e for.

E per fe e per asperança e per amor,
toda alma vyve em este mundo
e porque ella he mesturada de gram door
plaza a ty senhor
que sempre eu faça,
em ascondido e em plaça,
todo aquello que a ty aplaz
e que nunca aja outro solaz,
senom de ty, eu peccador.

E tal plazer eu tome em ty
e assy faça mynha vyda
que quando veher a ora da morte e o seu dya,
que o diaboo nom me faça nemyga
e que eu per ty aja tanta consolaçom
que a mynha alma nom vaa a perdiçom
mays que tu a salves como boom senhor, amen.» (fl. 47)

Já nos referimos ao carácter acentuadamente místico de algumas destas canções, tão afectivas. A alma une-se a Jesus, *esposo çelestial,* quer *abraçar-se* com ele e só vê a Jesus no mundo. Anseia por se ver desligado do *forte liame* do corpo, a fim de contemplar a *graçiosa façe* do Amado, depois de liberta do encerramento *desta mynha carne peçonhosa*:

«Amar quero e de amar soom desejosa,
eu alma humanal, ho meu senhor Jhesu,
cuja soom leal esposa.

Esposa soom leal do meu Jhesu esposo
que de amar me faz enfraqueçer
e estou abraçada com el e faço muyto pera o veer,
e se o eu podesse aver, toda outra cousa avorreçeria
e a el soo eu diria:
oo quando averey eu senhor contigo pousa ([54]).

Oo quando seerey eu abraçada,
com tigo meu muyto amado,
em aquella gloria beata,
donde es tu sempre desejado
e por que eu nom seja apartada
de quanto bem tu as criado
e porem senhor muyto piedoso,
por ty meu doçe esposo,
leixarey eu toda cousa.

Toda outra cousa criada,
por teu amor quero leixar
e te quero seer sempre leal,
ajudame oo salvador
que no mundo nom as par,
de ty soom tanto namorada
que o nom posso contar,
en ty soo me quero deleytar
e todavya ([55]) contemplar
a tua magestade muyto doçe e graçiosa.

Louvarte ey desejada,
quando seerey deslegada
de aqueste forte liame, en que ando
em este corpo muyto aprisuada,
aaquella ora, senhor, seerey ajuntada

([54]) pousada, residência.
([55]) No cód. vem *tovya*. Deve ser lapso do copista.

com tigo e abraçada,
mays ora soom atormentada
e muyto apressada ([56])
desta mynha carne peçonhosa.

Ençarrada soom agora, em esta carne mortal,
e nom posso assy veer o meu esposo çelestial;
oo muyto alto e de grande poder,
so a soombra das tuas aas ([57]) desejo eu sempre de seer
e a tua façe esplandeçente contemplar e veer,
a qual he sobre todas lomeosa.

Luçidosa sobre todo esplendor
a tua graçiosa façe,
a qual desejo sempre, com grande amor,
de a veer e soom muyto alegre,
e tu senhor veer ma faze,
porque ataa ([58]) que a nom precalçe ([59])
braadarey a ty com grande fervor
e sempre chamarey e direy: amor,
Jhesu amor, manda por tua esposa.

Esposada soom a ty meu dileyto,
mays nom soom ainda a ty levada,
nem soom ainda com tigo no leyto alojada,
nem sobre o teu doçe peyto
nom soom ainda repousada
e como quer que eu seja enarrada ([60])
de algũa tua arra ([61]) muy sancta e muyto amorosa.

Nobre joya e grande arra
boom Jhesu tu me as mandada,
por a qual me acçendeste de muyto grande amor
e tanto soom enflamada

([56]) apertada, oprimida, aflita.
([57]) *aas*, isto é, asas. Cf. A. Magne, *A Demanda do Santo Graal*, Rio de Janeiro, 1944. T. III, glossário, p. 19: *aas*.
([58]) até.
([59]) alcance.
([60]) *enarrada*, isto é, coisa pela qual se deram *arras*.
([61]) penhor, sinal de amor, etc.

de eu veer o teu grande valor
que assy como facha açendida soom tornada,
tanto me conforta o teu muy doçe amor,
e porem, senhor boom Jhesu,
eu soom de ty sempre muyto desejosa.

Desejote meu repouso,
com desejo de amor,
por ty Jhesu meu esposo
se desffaz sempre o meu cor ([62])
oo dolçe Jhesu deleytoso
e veerey eu ja mays peccador
aquel teu grande esplendor
per o qual seerey ja por sempre muyto alegrosa.

Plazer com grande alegreza
sentirey eternalmente,
quando a tua muy grande belleza
veerey ante mym presente,
em aquella sempiterna alteza
de ty Jhesu meu Deus vivente,
em a qual me aloja pera todo sempre
tu alto criador de toda cousa, amen.» (fls. 47 v.-48)

A alma enamorada, as saudades da pessoa querida, o desejo de ver a face do amado, os longos suspiros da esposa, a imagem matrimonial do leito, *repousada,* finalmente, *sobre o teu doçe peyto,* as arras de amor, o coração desfeito, o gozo da divina beleza — tudo isto entra na vasta corrente do lirismo místico, a partir do *Cântico dos cânticos*. Neste género, abundam muitas outras canções religiosas do *laudário* de Mestre André. Delas tiramos algumas passagens, resumindo algumas orações e raramente as pondo por extenso. O bispo de Mégara chama-lhes *cantigas de oração* e, de facto, todas elas são de tendência contemplativa, formando um género à parte, dentro de toda a sua obra.

([62]) coração.

De vez em quando, fala-nos duma certa experiência religiosa, acima de toda a inteligência humana, mediante uma iluminação interior:

«Com todo meu coraçom e com todo meu afeyto,
amar te quero oo boo Jhesu meu muyto deleyto
e contemplar te quero sobre todo intelleyto,
porque soom de ty muyto namorado.

O teu amor, oo Jhesu, muyto me esqueenta
e no meu coraçom desçende,
de noyte e de dya,
e me prende
tam dolçemente
que todo se per mym estende
e fico per el muyto bem alomeado.» (fl. 48 v.)

Porém, André Dias está longe de qualquer lirismo religioso nevoento e estéril, uma espécie de *quietismo poético*. A sua espiritualidade encerra o amor das boas obras e de Cristo crucificado. Por isso mesmo, continua o bispo de Mégara, na mesma *cantiga de oração*:

«Namorado teu nom pode seer
nem sse dar por teu amygo
aquel que nom ama a ty, Jhesu crucifixo
e as tuas obras nom quer fazer
e tal como este se vay a perder
e he por sempre da tua gloria degradado.» (fl. 49)

Na simbologia mística, acentua-se a imagem conjugal e florida dum *leito*, com referências e exclamações que lembram S. João da Cruz, por este estar igualmente cheio da poesia bíblica dos cantares de Salomão. Exclama o bispo de Mégara:

Oh! espasmo tão deleitoso,
quanto tu és muito amoroso (63)!

(63) «*O espasmo atam deleytoso,*
quanto tu es muyto amoroso.» (fl. 49 v.)

Nele, como em S. Bernardo e no autor do *Cântico espiritual*, o *Cantar dos cantares* era a grande fonte de inspiração religiosa e emocional, a *Ars poetica* da mística cristã.

Existe uma CANTICA DE ORAÇOM DO BOOM JHESU (fls. 51-52) que poderíamos classificar de *canção de alegria mística*. Não é única, na sua espécie. Nessas páginas, escreve o monge e bispo beneditino: O meu coração alegra-se e *desejo dançar*, quando olho para o meu *Jhesu namorado*. Não tenho, então, medo do Inferno, pois tenho segura esperança em Jesus. O seu amor queima a minha alma de fogo ardente e faz-me subir a grande altura, ao olhar para o Crucificado. Contemplo o Senhor morto e busco-o, a chorar, como leal *sergente* (servidor) que dele sou:

«Oo meu Deus Jhesu namorado,
em vos eu esguardando (64),
todo enfraqueço vos amando
e me vou de todo a conssumar.

Enfraqueço eu amando
e me vou a conssumar,
quando de vos pensso
e me renembro (65),
em hũa grande alegria sento
o meu coraçom levantar,
que me faz todo alegrar
e os meus membros
e meu coraçom
faz atanto exalçar
que sobre todos os çeeos eu monto,
quando me recordo que o meu Jhesu tenho,
nos meus braços e a mym apreso
e contemplando me deleyto,
que desejo adançar.

---

(64) olhando, contemplando.
(65) lembro.

E de dançar muyto me acçende todo quanto
e me veste de huum dourado manto
e eu baylo e ryo e canto,
com muyto choro e grande planto
e todo me sento de Jhesu namorar
e el de mym tanto he namorado
que me vysita e me vem falar
e com a ssua falla tanto soom allegrado
que o meu coraçom logo afferro,
com o meu senhor Jhesu lume eterno,
e nom ey pavor do inferno
que me ja possa condanar.

Nom temo o inferno nem ey del pavora [66],
por que tal asperança em Jhesu ey segura
e em el salvador ey posta mynha cura
e toda outra cousa me he desplazente,
salvo o amor de Jhesu que a mym he presente,
o qual me a mym faz forte e rigo [67],
pera yr aaquel convite glorioso do parayso,
onde o corpo com ha alma seera unydo
pera aver aly Jhesu de gostar.

Gostar me faz a Jhesu Christo,
quando do seu amor me eu nom quyto,
porque em el contenplando
de grande amor o conquysto,
assy como se o ouvesse ja visto
en na sua gloria do parayso,
o qual me queyma de huum fogo muyto ardente,
com o dicto amor muyto exçelente
que me da tanta pena em o contenplar
que me faz em huum graao muyto alto montar,
cuydando no crucifixo, pera me sempre com el alegrar.

---

(66) pavor.
(67) *rigo* deve ser o mesmo que a forma arcaica *rigio* (rijo).

E porque vejo meu Christo morto,
no meu coraçom ey grande desconforto
e sobre el faço planto amaramente,
buscandoo muyto chorando, como seu leal sergente,
e de fora e de dentro sempre o tenho presente,
doestado e escarnydo muyto fortemente,
que aa mynha alma da tormento muyto nojosamente
e aaquella ora lhe peço muyto devotamente
que per vertude da sua sancta paixom
todos os meus peccados lhe praza de mos perdoar, amen.» (fls. 51-51 v.)

Esta exaltação mística em que sobressai a imagem do fogo, este *bailo, rio e canto, com muito choro e grande pranto,* todas estas expressões lembram um famoso contemplativo inglês, grande mestre da poesia medieval do seu país — Richard Rolle de Hampole, solitário e um dos criadores da prosa inglesa († 1349). Também ele foi um grande entusiasta do Nome de Jesus, na sua obra latina, *Elogium nominis Jesus* (Elogio do nome de Jesus). Nas suas obras, igualmente, agita-se, com frequência, a imagem ardente da labareda divina a consumir a alma dos místicos, sobretudo nos capítulos do *Incendium amoris* (Incêndio de amor). Também, na verdade, Richard Rolle emprega, a cada passo, as palavras *incalescere* (aquecer), *igne aestuare, calefacere, incendium,* etc. ([68]), numa insistência que põe de parte qualquer ideia de preocupação estilística. Não sòmente *fogo*, mas também mel e música: *Ó minha alma* [...] *louva o Senhor,* escreve Richard Rolle, *para que, ao louvá-lo, sintas coisas que soam docemente e, ao cantar, saboreies doçuras de mel* ([69]). Expressões semelhantes a estas surgem por aqui e por ali, no *Incendium amoris,* sobretudo a música, ritmo ou canto, ao lado do fogo: *canor spiritualis* (canto espiritual), *dulcor* (doçura), *canor charitatis* (canto da caridade), *carmen charitativum* (poesia da caridade), *melodia, harmonia amorosa, mens*

([68]) Richard Rolle of Hampole, *Incendium amoris,* Manchester, 1915, pp. 145-152, etc.
([69]) Idem, *ib.*, p. 169. Cf., também, p. 151, etc.

in melodiam mutata (a alma transformada em música), etc. — seria um nunca acabar de citações ([70]).

Ora, Mestre André Dias só raramente emprega a palavra *mel*. Contudo, abunda, por outro lado, no uso dos termos *ardor*, *fogo* e outros semelhantes, fazendo um apelo constante à música e ao ritmo como expressões religiosas mais altas. Nem admira, pois as suas poesias eram, essencialmente, cânticos. No entanto, estamos bem longe de concluir que o monge português tivesse lido alguma coisa do místico inglês.

Não vale a pena demorar-nos com uma CANTICA DO BOOM JHESU SANCTISSYMA, que vem logo a seguir à poesia acabada de analisar. Mais uma vez, o bispo de Mégara pede para ver a face de Deus e termina com um grito profundamente augustiniano:

«Oo luz que das lux a toda cousa luzente,
çedo me aduz ([71]) e me faze hyr a ty claramente,
assy que esplandeçente
pareça ([72]) ante ty, en na tua çidade superna
e aja a claridade eterna
que ham todos os teus sanctos,
a qual he de grande esplendor.» (fl. 52 v.)

Das cantigas místicas já citadas, deduzimos, fàcilmente, que a humanidade de Cristo, sobretudo na sua Paixão, constitui a escada sobrenatural para a alta contemplação, pois Cristo é, para todos, o único caminho. Esta linha matriz da espiritualidade de Mestre André, tão longe dos quietistas e alumbrados e, ao mesmo tempo, tão perto do ensino de S. Teresa de Jesus, adquire um relevo especial noutra CANTICA DE ORAÇOM DE JHESU MUYTO CONTEMPLATIVA (fls. 52 v.-53). Nela, declara o bispo de Mégara que Jesus é o *espelho claro*, cuja humanidade devemos contemplar devotamente. E assim como ele

([70]) Idem, *ib.*, pp. 152-153, 156, 158-159, 163, etc.
([71]) conduz.
([72]) apareça, compareça.

recebeu a luz da divindade, assim também nós a devemos receber desta santa humanidade. Que essa luz, pois, se revele ao nosso coração e nos liberte da vaidade das coisas efémeras. Ao olhar para a humanidade de Jesus, escreve Mestre André, *logo eu bem entendya que toda mynha vyda era grande ypocrisya* (fl. 53):

«Vaydade me mostrava
a vossa luz muyto avondosa
em todo meu obrar
e quando eu consiirava
a vossa vyda tam virtuosa
assy en na cruz conssumar,
aaquella ora eu vos rogava
que me nom quysedes condanar
por que soom vyl e servo do peccado
e em nichil ([73]) soom tornado
e em muyta sandiçe e vaydade.

Eu me viia nuu estar
e da vossa vyda privado
e começey a contemplar
no vosso amor muyto alto,
o qual me alegra e jocunda
e do peccado me çircunda
e me faz estar assy forte
que esta vyda me he morte
e pena de grande crueldade.» (fl. 53)

O velho bispo continua a implorar a Deus que lhe alumie o espírito e o coração, dizendo-nos também que, na alma em estado de graça, a caridade é o instrumento que Jesus toca:

«Caridade he estormento,
en na alma graçiosa,
e Christo Jhesu he o tangedor.» (fl. 53)

([73]) nada; daí vem *aniquilar*.

É o amor deste músico divino que André Dias pede, ao virar de cada folha, numa insistência que descai em monotonia: Feri, vós, o meu coração *com seeta muyto afogada* (74) *e tirade de mym fora o amor maao* (fl. 53). Esse amor de Jesus é que nos purifica a alma, nos inflama e enche de alegria:

«Soomente per vertude de aquel amor devyno,
o qual me ha criado e he muyto infinito,
todo arço (75) per amor com aquel sancto seraphino,
e tanto do vosso amor assy soom enflamado
que soom com cherubyno muyto alomeado
e com os outros angeos muyto bem purgado
e soom per vos dado a atanta alegrança
per a qual vos eu muyto amo e ey firme asperança
em vos Jhesu boo meu criador.» (fls. 53 v.-54)

No entanto, ao lado do amor, levanta-se o temor de Deus, a outra face da verdade. Que esse medo guie a nossa alma e, assim, Deus nos salve. Não foi Deus que tudo criou, diz Mestre André, sem migalha haver, que não saísse das suas mãos divinas? :

«O vosso temor sancto enderençe, ora,
a mynha alma vossa esposa,
per a sancta e dereyta vya
da verdade graçiosa
e a tire de todo error
e de toda heresya
e nom seja o seu querer
senom quanto a vos prouver,
e que ella leixe todo peccado e villanya
que ella fez em toda sua vyda,
contra sy e seu prouximo e contra vos,
meu boo Jhesu e meu salvador.

(74) em fogo, afogueada.
(75) ardo.

Salvademe meu doçe padre
que nemmygalha todo o mundo avedes criado,
oo verdadeiro Deus huum eterno humanado
de aquella virgem gloriosa,
sejades sempre, aa vossa voontade,
honrrado e glorificado
de toda alma vossa esposa
que de vos for namorosa
e vos de ([76]) sempre e em todo tempo sancto louvor.» (fl. 54 v.)

Jesus Cristo está no centro da história, sobretudo na vida interior dos homens. Em volta dele, gira toda a espiritualidade do Cristianismo e ele continua a ser a pedra de escândalo, a força misteriosa que atrai o coração vagabundo dos homens. Uma cantiga desenvolve esta ideia central, em torno da frase evangélica: *Vinde a mim todos os que trabalhais e estais sobrecarregados e eu vos aliviarei* (Mat. XI, 28). Como tantas outras, também esta poesia de D. Frei André Dias intitula-se CANTICA DE ORAÇOM MUYTO DEVOTA DO BOOM JHESU:

«*Vinde a mym, amadores do çelestial amor,*
viinde a mym vosso Deus Jhesu e senhor
por que soom vosso defenssor.

Viinde a mym os que desejades
por o meu amor seerdes atormentados
e com boas voontades,
trabalhando, soportades,
muytas tribulações e males
de que sodes ([77]) tribulados
e muyto tristes e anojados,
por que eu vos confortarey,
com o meu muyto sancto e doçe amor.

([76]) dê.
([77]) sois.

Eu vos confortarey com tanto doçe deleyto
que toda door e enfermydade de vos farey partyr
e vos alomearey com muyto claro intelleyto
que dentro nos corações me vos farey sentyr
e porem todo creede o que vos prouver ouvyr
de mym, porque eu soom vosso Deus
e vosso salvador e remiidor.

Ora meus filhos atendede e provade
qual he a devynal potençia
e pera esto viinde e gostade
quanta he a ssua alta sapiençia,
da qual creede çertamente
e veja cada huum de vos dentro a ssua conçiençia,
porque el muyto bem conheçe
qual he o seu leal servydor.

E por que o meu jugo he doçe e suave
e o meu feixe he ligeiro e pouco pesa
porem (78) todo aquel que o paçientemente porta
nom lhe he pesado nem muyto grave
e porem eu seerey sempre em sua defesa
e comera com mygo aa mynha mesa
e eu seerey a el leal e verdadeiro amador.

E honde eu seerey, aly convem
que seja aquel que me quiser seguir
e avera de mym graças e merçees
e galardões mays de myl
e a el convera (79) muytas pressas e tribulações
por mym aver de sentyr
e per a estreyta vya
el viira dereyto a mym
seu rey e seu senhor.

E sse por mym reçeber tormento
toste (80) per mym seera consolado
e avera fartura e governamento

(78) por isso.
(79) convirá.
(80) logo, depressa.

todo aquel que me ouver gostado
e se a mym for benigno homyldoso e grato
em suas tribulações de mym seera aconpanhado
e eu seerey sempre seu guyador.

Viinde vos outros que me conhoçedes,
viinde toda vya e nom tardedes
e sentiredes o amor devyno,
por que a mynha voontade he que sse converta
a mym o peccador mezquinho
e com grande voontade e amor me inclino
por maao que seja e tristo,
a seer eu dos seus peccados perdoador.

E sse vos pareçe que he pena dura,
en na presente vida que avedes,
sabede que ella vos seera muyto pouco escura,
por que muyto aginha acharedes folgura [81]
e per mym averedes sempre socorrimento
e muyto grande ajudamento
porque eu soom vosso Deus Jhesu criador.

E por esso vos alegrade e tomade grande plazer,
quando fordes por mym muyto tribulados,
por que muyto aginha seeredes folgados
e de grandes beens seeredes galardoados
e os vossos nomes escriptos e exalçados
seeram, en nos çeeos, per mym vosso salvador.» (fls. 54 v.-55).

Esta cantiga *de oraçom,* continua, ainda, por mais algumas estrofes, na apologia do seguimento de Cristo e da sua Paixão, visto ser *mester trager a sancta cruz* (fl. 55).

Um dos termos mais frequentes, nestas páginas, é o de *namorado*. Namorado de Cristo, apaixonado por ele, pois a alma é esposa de Jesus:

---

(81) folgança, descanso.

«Alumeame senhor da tua sancta luz
e do lume eterno que eu veja o teu lume
e en na mynha alma o teu fogo conduz
que queyme o meu muyto maao custume;
oo Jhesu anagame ([82]) no teu sancto flume ([83])
e que do teu sancto nome eu seja namorado.

Namorado teu seja eu meu senhor
e nunca saya do teu firme amor
e en ty pera sempre eu aja firmeza
e me torne forme ([84]) en ty meu senhor
e a tua fe sancta viva me venha
que te ame com todo coraçom e careza
e sejas sempre sem nenhũa vileza
de mym regraçiado e pera todo sempre louvado.

Louvado sejas por que cruçifiçado
fuste por mym e padeçiste
e fuste muyto atormentado
e por mym morte sofriste
e porem, oo meu salvador,
aqueste seera sempre o meu cuydado
de te servyr e adorar,
de toda mynha voontade e de muyto boom grado
e sempre te rogar
e rogo que eu sempre per ty seja defeso e acompanhado.

Rogote senhor que me acompanhes
e que a mynha alma seja tua leal esposa
e que tu senhor no teu sancto sangue a banhes
e que ella te nom leixe por outra nenhũa cousa
e seja sempre de ty muyto desejosa
e tam firmada em teu amor
que nunca ame nem sirva outro nenhuum senhor,
nem nunca del aja cuydado.» (fl. 56)

([82]) afoga-me; *anegar* é a forma mais usual.
([83]) rio.
([84]) Será *firme*?

Numa palavra: Jesus é luz, fogo, rio em que a alma se afoga, nome de que a gente se enamora. Pelo seu lado, a alma é sua *leal esposa*, ùnicamente apaixonada por ele e no seu sangue se purifica e banha.

Desta simbologia, a imagem que achamos quase em cada *cantiga de oração* é a de esposa. Deve-se isto à influência do *Cântico dos cânticos*, tão funda nalgumas destas páginas. De facto, ao notarmos, atrás, a presença da Bíblia nas linhas estilísticas de Mestre André Dias, trouxemos, como exemplo marcante, uma CANTICA DE ORAÇOM DEVOTISSYMA DO BOOM JHESU (fls. 56-58). Talvez seja a mais extensa de todo o *laudário* do bispo de Mégara. Ora, não faltam, lá, imagens e expressões do *Cantar dos cantares*. Escutamos, também, o ritmo dos sermões místicos de S. Bernardo e da sua escola, principalmente em certas passagens mais floridas:

«Venha o meu senhor Jhesu e desçenda en no seu orto,
e hy faremos nosso deporto (85)
e tomarey plazer e grande conforto,
com o boom Jhesu que per a ssua morte me ha salvado.

Venha a mym o meu amor perfeyto,
venha ao meu jardim fazer todo seu deleyto
e eu lhe aparelharey huum leyto
de bellas flores e rosas todo çercado.

De rosas e lirios as (86) mantiimento
e de ervas e flores bem cheirantes es criado e contento,
mays nom ouveste conhoçimento
do amor que he mundano.

E porem Jhesu de ty desaspero,
se te eu nom ey assy como eu quero,
envyame ora senhor o teu amor vero,
por tal que nom viva assy desasperado.

---

(85) divertimento, recreio. A forma mais vulgar é *deporte*, no português antigo.
(86) hás, tens.

Demandar quero a todo teu amante
se lhe fazes tu atal sembrante,
como a mym fezeste depoys e dante ([87])
que eu fuy te leal namorado.» (fl. 56 v.)

E a esta lamentação queixosa, responde Jesus: Não desesperes, essa desolação não pode durar muito. Serás, em breve, consolado por mim.

«E sse tu fores obediente
e forte e paciente
e viveres manssamente,
en no meu reyno seeras pera sempre
muyto bem herdado.» (fl. 57)

No entanto, o bispo de Mégara, ao falar em nome da alma contemplativa continua as suas queixas: Meu Deus, tu vens, mas logo te vais embora — *como te veens logo te fuges* (fl. 57). E eu fico para aqui sem sentido e *muyto esmayado*. Ó Jesus, muda o teu costume, para eu não andar consumido e viver seguramente!

Novamente, D. André Dias chama pelo seu amado. Ouvem-se, outra vez, os ecos sedutores do *Cantar dos cantares*: Ó meu amado, floresce no meu jardim! Que eu te abrace. Porém, eu chamo-te e não me respondes. Amigos meus, dizei a Jesus que eu ando triste. Ele é luz vermelha, alta e profunda, espreita com esculcas o meu pecado e repreende-me com grande sanha:

«Vem a mym ay meu esposo,
vem a mym mansso e amoroso
e nom me venhas assy yroso,
mays claramente piedoso,
a mym mezquinho peccador.

([87]) dantes, antes.

Oo meu amor Jhesu que es Deus muyto alto,
vem, meu senhor, vem e dame tua mano [88]
e chama a mym com o teu verbo plano
per o qual eu sempre seja alomeado.

Este meu senhor Jhesu muytas vezes me convyda
e assy per bem como per mal muytas vezes me ensyna
e todavya me inclina
que eu aja seu amor muyto forte e esforçado.

Este meu esposo bello
vem a mym e reguarda per janella e cançello,
se eu peccador mesello
faço alguum mal per que caya em peccado.

Vem do çeeo amado esposo,
vem a mym Jhesu deleytoso,
vem a mym muyto graçioso
e que eu per ty seja digno de seer predestynado.

Floreçede ora meu jardino
e reçebede o meu Jhesu benyno
e cantarlhe ey o matutino,
como a meu senhor muyto amado.

Se me chamares eu te respondo,
meu amor Jhesu jocundo,
por que mays te amo que outra cousa deste mundo
e porem senhor tu me fazes sempre andar muyto penado.

Quando eu senhor sentyr
que tu oo boom Jhesu veens pera mym,
eu logo te yrey abryr
e te pormeto de nom fugir,
mays ante ty estarey muyto de boom grado.

E se te ouvyr falar,
logo te eu yrey fortemente abraçar
e nom te quererey [89] mays leixar
e seerey sempre com tigo ajuntado.

---

(88) mão.
(89) No cód. vem *querey*.

Tu a mym mostrar te nom queres,
chamo te e nom me respondes,
dyme senhor por que o fazes,
ca fico dello muyto mortificado.

Vos amygos meus socorrede
e per piedade me valede
e ao meu senhor Jhesu dizede
que eu soom muyto anojado
e porem desejo seer delle muyto consollado.

Oo tu mynha alma, quem he ora este teu eleyto
que tem o teu coraçom atam estreyto,
ou qual he aqueste teu dileyto,
per o qual eu assy ando sempre muyto tribulado.

Nom he lyngua que o dissesse,
nem entendymento que o entendesse,
se o visto nom ouvesse
e de tam grande amor nom fosse
muyto bem examynado.

[... ... ...]

Tu es lume rubycundo,
muyto alto e profundo.
E tu governas todo o mundo
e tu salvas o culpado.
Prudentissymo e engenhoso
he o meu senhor zeloso,
põeme esculca em escuso,
se o servo [90] como devo,
sempre em bem persseverando.

E sse lhe eu faleço logo sse desdenha
e me reprehende com muy grande sanha;
rogadeo ora que a mym nom venha
tam cruel e tam yrado.» (fl. 57-57 v.)

---

[90] sirvo.

O resto desta canção continua a ser um pedido de clemência e um grito de amor: Ó Jesus, se tu me não ouvires, a quem irei? Vivo em *esta vyda escura,* sem confiar em criatura alguma, só tu poderás defender-me. Senhor! Sê *sempre graçioso para mim*! Que eu persevere no teu amor e que *em boa e sancta morte eu seja acabado!*

A experiência religiosa desta cantiga do bispo de Mégara traduz-se, frequentemente, em termos sensoriais de *luz, calor, sabor,* tristeza de ausência e alegria pela presença sentida do *boom Jhesu graçioso.* Meu Deus, exclama ele, numa outra *cantiga de oração,* prende a minha alma a Ti! *Sospiro e gemo e entresteço* por Ti, bom Jesus, e quero saborear-Te, Senhor! :

«Gostar desejo, senhor,
huum pouco do teu sabor,
por que me ha enbaydo ([91])
o teu muyto doçe amor,
e creo que o fazes senhor
por que nom creça em ardor
e por te me tu a mym nom quereres dar.

Damete, senhor,
porque eu prestes te aspero ([92]),
meu amor e alegria e todo meu bem perfeyto,
amote de grande amor,
com todo meu afeyto,
e porem senhor nom queyras
nem te plaza de mays tardar.

Eu ([93]) tardo e estoume e ainda me nom venho,
por que ja outra vez eu viim e me ouviste com desprezo
e porem eu te faleço, por que me assy fezeste
muyto tempo asperar.

([91]) seduzido.
([92]) espero.
([93]) Scl. Jesus Cristo, que agora começa a responder.

Quando te eu chamey, chameyte a gram pressa,
vem, esposa mynha, vem mynha amyga,
e poys que a mym nom veeste,
eu farey em ty tal vendicta
que todos averam de falar.» (fl. 58-58 v.)

Assim se vão desenrolando, docemente, as presentes páginas de Mestre André, um pouco em forma de diálogo, acerca da vinda mística de Cristo ao coração da alma contemplativa. E quando, pelo seu lado, ela promete arrepender-se e implora a Jesus que não seja esquivo, Cristo responde-lhe que a culpa não é sua. E porquê? Porque *eu fazya mynha pousa dentro no teu coraçom e tu sempre me fazias muyto grande trayçom.* Por fim, o amor de Deus triunfa de todas as hesitações e o bispo de Mégara promete: nunca mais te trocarei (*cambarey*) por criatura alguma:

«Gostar te quero mynha vyda
e nunca mays te cambarey
por outra creatura falida,
a ty soo amarey,
oo alta joya nobliçida [94],
mays a ty senhor aplaza
que me queiras sempre ajudar.» (fl. 58 v.)

Quase todas as cantigas deste grupo parecem-se com esta que acabámos de estudar, tanto no ritmo emocional, como nas expressões verbais. Surgem, a cada passo, os mesmos símbolos poéticos, já postos em relevo: Jesus, luz da alma, doçura e sabor do meu coração, *dá-me a tua sancta illuminança* (fl. 59 v.), etc.

E numa CANTICA DE ORAÇOM DO BOO JHESU MUYTO DELEYTOSA E TODA ENVOLTA EN NO AMOR DE JHESU (fls. 59-60), o monge e bispo beneditino escreve que morre de amor e pede a Jesus alegria, *confortoso dulçor,* graça do alto, luz e amizade:

---

[94] enobrecida, ornada.

«Oo boo Jhesu, como eu moyro de amor
por ty meu rey e meu salvador,
alumeame senhor, alumea o meu cor
e dame senpre plazer e alegrança.

Dame senhor alegria
e a tua graça envya
do alto ceeo toda vya
e nom fazer demorança.

Oo Jhesu, meu fino amor,
da tu dulçura e sabor
a todo teu servydor
que ha a tua amistança.

O teu confortoso dulçor
assy ha preso o meu cor
que de todo outro amor
foge e ha refutança.

Toda outra dulçura
me pareçe amargura,
senom a tua muyto sancta altura,
a qual me ora de a ssua consolança.» (fl. 59)

Salta aos olhos uma atitude dominante, a saber: o deslumbramento da ***tua beleza,*** scl. de Cristo, que causa, na alma, doce ***namorança*** (fl. 59). Ver o teu rosto, meu Senhor, ***he parayso!*** Tu, só tu me alegras. Jesus, dá alívio ao meu coração! :

«Oo meu Jhesu e meu salvador,
do coraçom muyto doçe de sabor,
do teu fiel amor
me da ora alegrança.

Vivo muyto apressado ([95])
e sempre ando avergonhado,
se de Jhesu meu namorado
nom ouver algũa folgança.» (fl. 59 v.)

([95]) angustiado.

Por fim, Deus cede, dá um pouquinho de *folga* à alma atribulada e sequiosa, ouvindo-se a resposta consoladora, a que a alma replica com quatro versos finais:

«Oo boa alma e prudente
e com claridade ardente,
a ty me vou de boamente
e nom ajas dubitança [96].

Ora vem, Jhesu meu salvador
e cura ora a mynha grande door
e alumeame do teu grande esplendor,
o qual he a tua sancta graça. Amen.» (fl. 60)

Esta vinda de Cristo e a sua presença mística no coração do homem implica uma progressiva e profunda transformação sobrenatural. Tudo vem expresso, por exemplo, nalguns versos duma CANTICA DO BOO JHESU SANCTISSYMA (fl. 60), para se dizer *com tres vezes o pater noster cada dya*:

«Tu es todo feyto cortesya
e em ty nom ha nenhũa vylanya,
ora te me da, senhor, de noyte e de dya
e nom me faças mays asperar.

Asperarte, senhor, he a mym grande tormento
e porem me da tu tam grande atendimento
que todo o meu consolamento
en ty se possa transformar.

Transformandome eu en ty, senhor, todo esmoreço,
e em este mundo enfraqueço
e em fazendo mal eu faleço
e porem, senhor, vem e nom queyras tardar.» (fl. 60)

---

[96] dúvida, hesitação.

A atitude de Mestre André Dias, na descrição da vida da alma, não implica, ùnicamente, uma simples e ansiosa espectativa da chegada de Jesus. A sua doutrina espiritual é essencialmente activista e traduz-se por uma procura de Jesus, cheia de ânsia. O bispo de Mégara pede aos santos para o ajudarem a encontrar o seu amado. Desejava ele que o seu grito doloroso ressoasse pela Terra inteira e entrasse, mesmo no Paraíso. Assim fala, por exemplo, numa cantiga espiritual e muito contemplativa, para empregarmos a sua linguagem:

«Gritar quero com grande arruydo,
que todo o mundo me respondesse
e alla (97) dentro no parayso
cada huum sancto me ouvysse
e por mym tanto fezesse
que ao boo Jhesu rogasse
que a ssua façe me mostrasse
e ma quysesse por sua misericordia declarar.

Vay gritando meu coraçom, com esqueentado fervor,
e passa todo o çeeo e vayte ante o teu senhor
e apresentate ante esse enperador
e fazertea (98) muyto rico
se o bem souberes demandar.» (fl. 61)

Peço aos santos, *que confortem a mym, muyto mezquynho*! Se eu for condenado à *pena infernal*, Senhor, nesse caso, *pera que me formaste*? Amansa o teu rancor e livra-me da má sorte. Ó Jesus, tu sofreste, na Paixão, *grande pena e dolor* e, por amor de mim, foste *muyto ferido dentro no teu sancto lado*. Ó Jesus, sinto amargura por te ver sofrer assim, por minha causa. E por isso, no *coraçom te sem-*

(97) lá.
(98) far-te-á.

pre trago — trago-te sempre no coração! Ainda que me atribules, que *tu sejas beento e louvado!*

André Dias volta, constantemente, à Paixão de Cristo e ao temor das penas infernais, mesmo quando o seu amor lírico sobe mais alto e mais puro. Chega, até, a impressionar-nos a sua insistência no pensamento da morte e do Inferno, dentro das suas cantigas mais acentuadamente contemplativas. *Morrer em estado de graça, não se condenar,* eis uma das suas preocupações dominadoras. Como medieval e católico cem por cento, preocupava-o o destino eterno da alma, bem mais do que o destino político do mundo passageiro. Todas as ajudas eram poucas, necessitava dos santos, da Virgem Maria e, sobretudo, da *graça do boo Jhesu*:

«Beento e louvado seja Jhesu com todos os sanctos
e a ssua madre bem aventurada,
em a qual asperam todos os beatos,
que ella me queira ajudar
em todos os meus trabalhos
e que a mynha alma seja sancta
e que a graça do boo Jhesu
eu a possa enpetrar.

E quando o meu corpo for morto,
todo christãao, com oraçom, me de sua ajuda,
que do meu senhor Jhesu a mynha alma seja reçebuda (99),
o qual todo he meu conforto
e que el me traga a boom porto
e que o diabo me nom confunda,
nem me possa sojugar.» (fl. 61 v.)

Devido a uma certa semelhança rítmica e verbal, em torno dum tema pouco variado, estas cantigas acabam por cansar qualquer leitor desprevenido que as queira ler de um fôlego. Porém, elas não foram feitas para isso, mas *para serem rezadas*. Tem isto uma importância

(99) recebida.

enorme para a sua avaliação estética. Um livro deve ser apreciado em função da finalidade que o autor lhe assinalou. Como as ritmas de Mestre André Dias se destinavam a ser cantadas e rezadas, nas atribulações de cada um e pelas festas litúrgicas, a monotonia cansativa desta obra iria desaparecendo, mediante os intervalos entre uma *lauda* e outra. Não nos cansaremos de lembrar esta norma elementar de avaliação crítica.

Além disso, não é estranha às preces da Igreja a repetição duma súplica, com mais ou menos variantes, quer no rosário, quer nas preces litaníacas. Deste último tipo, já apontámos alguns exemplares, nas preces rítmicas do bispo de Mégara. Vamos relevar mais uma cantiga acentuadamente afectiva, a lembrar a forma de ladainha: Ó Jesus, faze-me isto! Ó Jesus, faze-me aquilo! Ó Jesus, faze-me aqueloutro! E assim por diante.

André Dias ou quem quer que escreveu os títulos das cantigas, com a respectiva *recomendação,* observa-nos que se trata de *doze versos*. Na realidade, não passam de onze, isto é, de onze estrofes ([100]), a não ser que a primeira delas se desdobre em duas:

«CANTICA DE BREVE ORAÇOM MUYTO VIRTUOSA, DE DOZE VERSSOS, DO BOO JHESU [...].

Jhesu vemme salvar.
Jhesu vemme defender.
Jhesu vemme livrar.
Jhesu muyto doçe de penssar,
Jhesu muyto doçe de amar,
vemme ora socorrer
e deste grande perigoo tirar.

Oo Jhesu tres myl vegadas ([101]) em huum momento
te chamo com coraçom muyto atento,
que desta pressa ([102]) tu me queiras guardar.

([100]) Ainda hoje, o povo chama, nalgumas partes, versos às estrofes.
([101]) vezes.
([102]) aperto, aflição.

Senhor Deus Jhesu, a mynha vyda
que ora he muyto triste e mezquinha,
tu a queiras conssolar.

Oo boo Jhesu a mynha alma que ora he pobre e mezquinha
dalhe ora saude e vyda,
por tal que ella te possa pera sempre louvar.

Oo meu Deus Jhesu que es mynha vyda,
como eu soom posto em grande fadiga,
tu senhor me acurre [103] agora muyto aginha
e nom me queyras ora assy desemparar.

Oo Jhesu meu salvador, eu soom posto em grande tristura
e tu senhor me vem ora dar cura
e tostemente [104] me vem a tua alegria dar.

Oo boo Jhesu e muyto honrrado,
dentro no meu coraçom eu te tenho figurado
e porem te chamo ora, senhor, que me venhas acompanhar.

Oo piedoso senhor Jhesu,
tu senhor es meu criador
e eu soom tua criatura,
sey [105] agora meu defenssor
e ave [106] sempre de mym cura
e nom me queyras leyxar.

Oo doçe amor Jhesu, em ty aspera o meu coraçom
e te deseja em toda sazom
que o venhas ajudar.

Oo Jhesu, poys de mym es requerido,
senhor nom o ponhas em olvydo,
mays ante sey ora muyto ardido [107]
de mym que soom peccador e mezquynho
te averes de amerçear.

---

(103) socorre.
(104) depressa, em breve.
(105) sê.
(106) há, tem.
(107) apaixonado, animoso.

Oo boo Jhesu poderoso e muyto forte,
seyme ([108]) ora muyto mansso e guardame de maa morte,
de dya e de nocte,
e nom me queiras condampnar, amen.» (fls. 61 v.-62)

Deixemos para trás mais uma *cantiga de oração* (fls. 62-63 v.) que bem pouco se distingue doutras já sabidas. Nas suas páginas, apenas surge, com maior clareza, o desejo do martírio, por amor de Cristo:

«Desejo de morrer com espada ou cuytello,
per a guysa que morre o symplez agnello ([109]),
oo esposo meu fremoso e bello,
vem a mym senhor e nom queyras tardar.» (fl. 62 v.)

E mais à frente, ajunta uma frase sublime: Quando olho para Ti, ó bom Jesus, *todo este mundo me pareçe que he morte!*

Fortemente lírica e com o sabor gracioso dos nossos cancioneiros medievais, é esta CANTICA DE ORAÇOM em louvor do nome de Jesus: Enfraqueço docemente de amor, escreve ele, quando penso em Jesus. Uma luz alumia, então, o meu coração. O nome de Jesus, filho da Virgem Maria, a muito nobre e preciosa flor, é cheio de honra e glória. Canta-lhe, alma minha! Floresçam os prados da ribeira e venha Jesus dar-me a sua graça. O meu amor Jesus já chegou, folga comigo e faz a sua dança e anda comigo sempre bailando. E eu choro e suspiro, *com muyto grande sabor*:

«Enfraqueço de amor muyto doçemente,
consiirando em Jhesu aficadamente ([110]),
o qual o meu coraçom contynuadamente
vay sempre alumeando.

([108]) sê-me.
([109]) cordeiro, anho.
([110]) atentamente.

O nome de Deus Jhesu, meu senhor,
he nome espantoso e de muyto grande honor,
filho he da virgem Maria, a muyto nobre e preçiosa flor,
e porem eu faço este canto e en no boom Jhesu me gloriando.

Ora, que fazes alma mynha, porque nom prendes alegria,
en no teu senhor Jhesu, filho da virgem Marya,
cada dya e sempre a el cantando.

O meu coraçom louvar devera
ao meu senhor Jhesu en que aspera
que el a ssua sancta graça me dera,
en que me fosse deleytando.

Floreçam os prados per toda a ribeira
e venha o meu Jhesu per sua carreira
e me de a ssua graça enteira
e eu todavya o louvando.

Agora o meu coraçom louvar devera
ao meu Jhesu en que tanto aspera,
floreçam os campos em toda maneira
e passe Jhesu bem se deleytando.

Ja veo o meu amor Jhesu e todo me abraça,
folga com mygo e faz sua dança
e todo o meu coraçom elle o precalça
e anda com mygo sempre baylando.

Ora boo Jhesu, meu doçe amor,
por que me envyas assy tam grande ardor
que choro e sospiro com muyto grande sabor
e sempre a ty com grande aguça (111) vou demandando.» (fl. 63 v.)

Como se vê, o amor de Jesus desempenha um vasto papel, na espiritualidade de Mestre André. Trata-se dum forte sentimento

(111) pressa, diligência.

religioso que não deixa descansar o coração do homem. Vede, agora, *amantes que guerra he esta,* exclama o bispo de Mégara (fl. 64). E continua:

«Oo devoto meu coraçom,
com este amor e que faremos,
porque se el se asconde de nos,
ambos çerto morreremos,
pero muyto doçe alma mynha,
toda vya o busquemos
e como de nos for achado,
com el muyto nos alegremos
e alegres sempre com el morando.

De tras as flores e lilios e brancas rosas,
venha o boo Jhesu a veer suas esposas
e venham com elle todas as almas sanctas amorosas
que a el aplazem e lhe som graçiosas
e a sua magestade sempre acompanhando.

O coraçom me ha ferido o boom Jhesu, de çima e de fundo,
e tal amor como o seu eu nom posso achar em todo o mundo
e el mo da em tanta abastança e avondo (112)
que alumea a mym todo,
pera todo sempre exalçando.

Oo meus olhos, com o meu coraçom vos concordade
e em o meu boom Jhesu sempre esguardade (113)
e da sua sancta paixom sempre vos nembrade
e com devotas orações e prezes sempre o rogade,
gemendo ante elle e suspirando.

A ty digo alma mynha que farey com tigo preytesia
que eu aja de buscar a Jhesu de noyte e de dya
e tragello (114) com mygo em mynha companhya
e tomar com elle muyta alegria,
por o eu assy aver de andar todavya buscando.

(112) abundância.
(113) reparai, contemplai.
(114) trazê-lo.

Viinde amadores e ora me socorrede,
e por este boom Jhesu meu doçe amor
com mygo plazer avede
e conpaixom e folgança de mym prendede ([115])
e deste meu senhor algũa graça reçebede
e del sempre vos nembrando ([116]).

Rogadeo ora que me ajude
e me de esforço e boa saude,
que eu sofra as chagas de que me percude ([117]),
por que tantas me da e tanto ameude
que nom vou em este mundo outra cousa pensando.

Oo bem aventurada virgem sancta Maria,
seede ora a mym meezinha,
em esta grande pena mynha
e socorredeme ora muyto aginha,
porque com grande amor soffro estas feridas
de que me o vosso boom filho,
meu Deus e meu senhor, vay chagando.

Oo boom Jhesu, e poys que eu do teu amor
soom assy chagado
e me as assy ferido e apresuado ([118])
e em todo este mundo a ty busco e cato
e porem, meu senhor Jhesu, sey ora de mym nembrado,
sequer em esta fruesta ([119]) en que ando pereglinando.

Oo namorados do boom Jhesu,
viinde ora e busquemollo no orto,
honde elle quise seer preso e morto,
busquemollo no çeeo e na terra
e em todo este mundo,
que parta com nosco e nos de
do seu muyto doçe conforto,
poys que dia e noyte o assy andamos chamando.

([115]) tomai, tende.
([116]) lembrando.
([117]) fere.
([118]) aprisoado, preso.
([119]) No códice, vem claramente esta palavra.

Andemos e busquemolo
per as rosas que som en no verde prado
e vejamos se acharemos
hy [120] o boom Jhesu muyto nosso amado,
porque aly se asconde e see [121] aseentado
e aly nos aspera muyto de boom grado
e noyte e dya e sempre aly nos esta asperando.» (fl. 64-64 v.)

Mais uma vez, o ritmo do *Cântico dos cânticos* embala estas páginas, cheias de expressões líricas da Sagrada Escritura. E ouve-se a mesma súplica de amor de Jesus, a sua busca incansável e dolorosa — mas sem a qual, o coração do homem deixaria de bater fundamente: Ó meu coração, se ele se esconde de nós, ambos decerto morreremos. Porém, se um dia o acharmos, ficaremos alegremente com ele. Que ele venha ver as almas, suas esposas, escondido atrás das flores, lírios e rosas brancas. Jesus feriu, de cima abaixo, o meu coração e não posso encontrar, no mundo, um amor como o dele. Olhos meus, olhai sòmente para ele. Ó minha alma, prometo procurá-lo, de noite e de dia, e trazê-lo sempre comigo. Rogai-lhe que me dê coragem para sofrer as chagas com que ele me fere, pois são muitas nem posso pensar noutra coisa.

Ó Virgem Maria, sê mezinha para mim, socorrei-me depressa, pois o vosso bom Filho me vai chagando! E, bom Jesus, recorda-te de mim, que ando por cá, a peregrinar. Ó namorados do bom Jesus, vinde agora e vamos procurá-lo ao horto, em que foi preso, procuremo-lo no céu e na terra, entre as rosas do verde prado, pois é ali que ele se esconde!

Numa palavra, temos, entre mãos, uma cantiga mística de inspiração tìpicamente bíblica, dum lirismo ardente e delicado. Os historiadores da nossa literatura medieval podem verificar, nestas páginas, que os livros santos exerceram vasta influência estilística e emotiva, ao lado do magistério meramente dogmático.

(120) aí.
(121) está.

Esta CANTICA DE ORAÇOM DO BOOM JHESU MUYTO CONTEMPLATYVA prolonga-se, ainda, por mais algumas estrofes e termina com uma prática a S. Maria Madalena, a mulher cujo amor procurou e encontrou a Jesus:

«Dyme ora Magdalena que as (122) nome Maria,
porque achaste a Jhesu norto (123) e na vya
senom porque o teu coraçom em seu amor muyto ardia,
dyme ora del que te pareçya
ou se andarey eu como tu a el demandando?

Oo Magdalena que andaste ao sancto sepulcro
buscar a Jhesu hu era reposto (124),
com o teu grande amor e muyto virtuoso,
dyme se o achaste plazyvel (125) e amoroso
e muyto me plazera en no eu assy achando.» (fl. 65)

André Dias não espera pela resposta e pede a S. Maria Madalena uma coisa: já que nos ensinaste a encontrar Jesus, roga por nós, junto dele.

Passemos por alto uma prosaica e lamurienta CANTICA DO BOOM JHESU EM ORAÇOM (fl. 65). Pouco nos pode interessar. Nela, o bispo de Mégara implora consolação e ajuda, por causa da *grande coyta deste mundo*.

Chegámos, finalmente, a uma CANTICA DE ORAÇOM DO BOOM JHESU (fls. 65 v.-68) — canção muito extensa e difícil de sintetizar: Jesus, escreve Mestre André, amor de grande doçura, livra-me da eterna perdição. És tão *doçe e saboroso* que quem de Ti provar, deseja ainda mais.

Livra-nos da fome, peste e guerra, continua Mestre André Dias, dá-nos a paz, não nos deixes cair no Inferno e que nós Te busquemos, sempre:

---

(122) hás, tens.
(123) no horto.
(124) colocado.
(125) aprazível, agradável.

Oo amor Jhesu aquel que te amar
nunca seera ouçioso
e tanto es doçe e saboroso
que quem de ty quyser gostar
sempre seera mays desejoso
e quanto mays en ty penssar
tanto seera mays en ty penssosso
e porem tu me acurre [126] Jhesu meu salvador.

Oo salvador Jhesu,
ao qual nom ha hy semelhança,
outorganos que te amemos
e em al [127] nom asperemos
senom en ty nossa asperança
e danos de ty segurança
que em perygoos nom cayamos,
nem malamente pereçamos,
de enfermydade ou de grande error.

Os errores e pestelençias,
senhor tira, destarra [128]
fames e discordyas
que nos fazem grande guerra
e danos todavya
paz e saude e folgança
e sempre nos envya
de ty muyta avondança,
em este mundo muyto peccador.

O peccador que te nom sente
sempre pode estar tristo,
porque a ssaude e fartura da gente,
em este mundo, nom he outrem senom Christo,
fazenos ora oo boom Jhesu e muyto benyno

(126) socorre.

(127) outra coisa.

(128) *destarra*, isto é, desterra. No português arcaico dizia-se também *arrar* em vez de *errar*. Cf. Aug. Magne, *A Demanda do Santo Graal*, T. III, glossário, Rio de Janeiro, p. 82.

que sempre te busquemos
e nunca te mays leixemos,
em qual quer mal ou perigoo ou dolor.» (fl. 66)

O bispo de Mégara continua na sua longa oração, pedindo a Deus que toda a *gente que tem o nome de christandade que sse converta da sua maldade e que ame de verdade a ty seu criador* (fl. 66). Sobretudo, livra-nos do Inferno, pois nos escreveste no livro da vida! O seu fogo é muito escuro, atormenta e faz chorar:

«Oo remiidor Jhesu,
que de Maria vyrgem naçiste,
nom te seja ora desdenho,
poys que dos çeeos desçendiste,
e nos livraste en no lenho,
da nos ora o teu reyno,
o qual nos pormetiste
e em el nos escreveste,
como boom leal e discreto scriptor.

Escriptos somos en no livro da vyda,
oo Jhesu, por tua bondade,
faze ora que a tua escriptura
nom mença nem seja falida (129),
e contra a tua verdade,
perdoanos por tua piedade
e livranos do inferno
muyto triste e mesello
e do seu fogo e ardor.

Ardor que conssume e he muyto escuro
e mata e atormenta a alma per tormento muyto duro
e faz sempre gemer e chorar,
oo boom Jhesu del nos queyras livrar
e com tigo nos faze estar,
oo tu poderoso senhor.» (fl. 66 v.)

---

(129) *falida*, do verbo *falir*: errar, faltar.

Os *novíssimos do homem* (Morte, Juízo, Inferno, Paraíso), iluminam estes ritmos do bispo de Mégara, com a sua luz implacável e austera. Ele seria o primeiro a sorrir, se alguém lhe fosse dizer que não pensasse na condenação eterna nem se referisse ao Inferno. Asceta de catolicismo integral, ao lado dos altos voos da contemplação, sentia, dolorosamente, o medo religioso de ter, um dia, a alma condenada. E por isso, exclama, cândidamente:

«Pavor eu ey do grande fogo que no inferno he apparelhado,
se per ty, senhor, eu nom soom salvo,
çertamente em aquel cruel lago,
hu (180) muy toste (181) seerey lançado
e por sempre condampnado
e fortemente atormentado,
se tu senhor nom acorres a mym peccador.» (fl. 66 v.)

E D. André Dias volta a insistir, mais uma vez: Senhor, que nós te amemos, que nós tenhamos arrependimento e contrição! Este mundo *menor* é tão carregado de tristeza! O entendimento *terreal* quantas vezes troca por cousas mundanais a Nosso Senhor que é *cidadão* dos Céus?! Porém, *se o coraçom fosse sãão* todo o nosso deleite estaria em Jesus. Ai de nós! O nosso pobre coração *sem ty enfraqueçe!* Ajuda-nos, Senhor (fl. 67)!

E no fim desta cantiga, Mestre André acrescenta: *Aquy se acabam as orações e prosas do boom Jhesu, muyto devotas, feytas e escritas per meestre André de Lixbõa, bispo pobre de Megara* (fl. 68).

Como já notámos, algumas das loas e cantigas desta obra encontram-se deslocadas, neste códice, embora sejam poucas. Por exemplo: uma loa em honra da Vera Cruz, que vem no verso da fl. 71 e chamada *preçiosa oraçom e de grande vertude, que diras quando vires o cruçifixo* tem a sua continuação na fl. 22, com esta estrofe:

(180) onde.
(181) cedo, depressa.

«O boom Jhesu remiidor,
assy como falsso e trufador
e como ladrom e treedor,
foy condanpnado que morresse
en na sancta vera cruz.»

Quanto à derradeira poesia deste velho *Laudário*, apresenta-se com este título desorientador: ESTA SEGUNDA ORAÇOM E LAUDA DO BOOM JHESU QUE SSE SEGUE, etc. (fl. 72). Ora, pela ordem com que as composições agora se encontram no códice, esta *oraçom e lauda* está bem longe de ser a segunda, de qualquer modo que seja. Por sua vez, os versos que precedem imediatamente este título, constituindo um troço que principia por estas palavras *E morte prendeste e te fezeste* (fl. 72), esses versos também estão fora do sítio competente pois continuam a primeira ORAÇOM CONTEMPLATYVA E LAUDA DO BOOM JHESU (fl. 1).

Tudo isto faz supor que o códice iluminado n.º 61, da Biblioteca Nacional de Lisboa, passou já por muitas mãos, através dos longos séculos, desde o tempo de quatrocentos até aos nossos dias. Seja como for, vamos terminar a nossa longa caminhada com uma oração em verso, para ser rezada com um padre-nosso e uma ave-maria, oração que nos lembra a meditação *ad amorem*, de S. Inácio de Loiola: amo-te, bom Jesus, diz o bispo de Mégara, porque me criaste. Amo-te, porque me remiste. Amo-te, porque morreste por amor de mim.

«Amar te quero, oo boom Jhesu,
e amar te desejo,
dame graça de te amar
e a ty soomente adorar.

Amar te quero eu, senhor,
porque tu es o meu criador.
Adorar te quero, oo boom Jhesu,
porque tu es o meu salvador.
Oo boom Jhesu eu te quero amar,
porque tu me quyseste salvar.

Amarey a ty senhor muy alto,
que por mym estas crucifiçado,
e por me averes de nenbrar ([132]),
cada dya me apareçes no altar.

Com o teu poder que he muy sancto,
privame oo Jhesu de todo amor mundano
e fazeme que nom seja vano,
mays me possa sempre nembrar.

E do teu muy grande fervor,
acçendeme senhor do teu amor,
que eu te ame de todo boom cor
e te possa eu sempre contemplar.

Com devaçom grande te vee
a mynha alma senhor e te cree
e em outra nenhũa cousa nom estuda nem lee,
senom por te aver pera sempre de desejar.

E fazeme oo boom Jhesu que eu te ame tanto
e que em teu amor eu arça todo quanto ([133]),
que da graça do spiritu sancto
me queyras todo enflamar.» (fl. 3 v.)

E a oração vai-se alongando, em estrofes curtas, pedindo a Jesus o seu amor, a sua misericórdia, um pouco da sua ajuda. Jesus é doce, *dolçe*, como ele diz; Jesus é *açucarado*, Jesus é *graçioso*. Que ele nos dê luz e nos ampare:

«Oo Christo Jhesu, senhor deleyto,
oo Christo Jhesu amor perfeyto,
Christo Jhesu viinde ora com obra e efeyto,
viindeme ora alomear.

Oo çucarado Jhesu sabor
viinde a mym com o vosso sanctissimo cheiro e odor,
viinde a mym com todo vosso bem e honor
e nom me queirades desenparar.» (fl. 4)

([132]) lembrar.
([133]) *arça todo quanto*, isto é, arda inteiramente.

CONCLUSÃO

Procurámos resumir, até aqui, o conteúdo estético e doutrinal das loas, cantigas e orações rítmicas de Mestre André. A sua espiritualidade caracteriza-se por um lirismo ardente e de libérrima expressão artística, em torno de Cristo, seu nascimento, Paixão e Ressurreição, ao lado duma alta devoção à SS.ma Virgem, especialmente a Nossa Senhora das Dores. Basta recordar os seus prantos da SS.ma Virgem. O SS.mo Sacramento torna-se o centro de algumas cantigas suas, acontecendo o mesmo com alguns santos da sua maior devoção, sobretudo S. Maria Madalena. No entanto, a faceta mais acentuada e própria do bispo de Mégara consiste, evidentemente, na devoção ao Nome de Jesus, que ele desencadeou em Portugal, quer por si, quer por meio das confrarias.

Por outro lado, as suas *cantigas de oração,* de tendências afectivas e místicas, falam-nos, às vezes, duma certa experiência religiosa. Trata-se duma alta oração contemplativa, a que se eleva por meio da humanidade de Jesus e da sua Paixão. E nessa experiência tão profundamente religiosa, Cristo revela-se, essencialmente, como *beleza* e *doçura.* E o seu amor é *fogo.* As páginas de Mestre André Dias estão cheias destes termos.

Contudo, esta vida interior de grande envergadura não impede o bispo de Mégara de nos falar, chãmente, da morte e do Inferno.

Mesmo em algumas das suas cantigas mais elevadas, implora a graça da contrição e um passamento em graça de Deus. É uma espiritualidade de infantil confiança. Chega a comover-nos vê-lo pedir, para si e para os seus confrades, as coisas mais humildes de cada dia: dá-nos saúde, alivia-nos as mágoas, consola-nos, Senhor! Livra-nos da fome, peste e guerra!

Apesar de todas as suas qualidades, nem tudo está certo nestes ritmos religiosos, tais como chegaram até nós. Mão desconhecida e antiga, cuidadosa da ortodoxia, riscou, severamente, quase todas as linhas que vinham logo após os títulos, a recomendar a eficácia das laudes, cantigas e prosas, etc. Nem sempre o austero censor acertou na sua condenação. Mas, ainda assim, foi frequentemente justo. Pelo menos, não foi arbitrário.

Seriam estas linhas de Mestre André? Talvez não, consoante já insinuámos. No entanto, constituem, neste códice, um *calcanhar de Aquiles* de que o pobre bispo de Mégara nem talvez seja o responsável. Na verdade, sob o ponto de vista teológico muitas dessas linhas riscadas são inaceitáveis. Atribuem-se resultados infalíveis às orações, mas resultados *bem determinados*, com uma certeza demasiado segura, a lembrar certas rezas meio supersticiosas, recitadas pelo nosso povo. Reza esta laude...

> *... e em aquel dya que a disseres escaparas de todo perigoo* (fl. 1).
>
> *... e se morreres em fe verdadeira de Jhesu Christo, hyras sem pena ao çeeo* (fl. 6 v.).
>
> *... en aquel dya maa morte nom morreras, e em aquel dya seras avydo por comungado e dos teus peccados venyaaes seeras perdoado, e dos perygoos do mundo e da carne, e do dyaboo seeras lyvrado, segundo o diz sancto Agostinho* (fl. 11 v.).
>
> *... se a disseres, ellas* [scl. as onze mil virgens] *te appareçeram, en na hora da tua morte* (fl. 16 v.).
>
> *... e he de tanta vertude segundo o que diz sancto Augustinho, que em aquel dia maa morte nom morreras, e em aquel dya, Deus te dara mantiimento corporal, e enquanto ouvires a myssa, nom enve-*

lbeçeras, e de quantas myssas se disserem per todo bo mundo em aquel dya, de todas tua parte e quinbom averas e em aquel dia todos os angeos seeram em tua guarda, e os passos que andares em byndo aa egreja a ouvyr a dicta myssa e em viindo della, todos per os dictos angeos seeram contados (fl. 17).

Outras transcrições poderíamos fazer, ainda, mas pouco diferem do tom geral destas passagens riscadas pela mão desconhecida. Eram, quase sempre, considerações pias, que suportam, aqui e além, uma interpretação benévola, mas onde não faltam afirmações temerárias, como a garantia da aparição das onze mil virgens.

Repetimos que nos parece pouco provável ter sido o bispo de Mégara, professor universitário, canonista, mestre em teologia, quem escreveu tão grandes ingenuidades. São elas bem mais dignas dalgum confrade copista, da confraria do SS.mo Nome de Jesus. Ao passo que ia transcrevendo as laudas e cantigas de Mestre André acharia gosto em ir louvado, também, a sua eficácia. Seria assim? Não sabemos.

André Dias morreu velhinho, pois, em 1435 já tinha mais de oitenta anos. Os dias foram passando sobre a letra gótica das suas loas, cantigas, prosas e orações rítmicas. E o gosto foi mudando com o tempo. Porém, a confraria de S. Domingos de Lisboa, à honra do Nome de Jesus, lá estava para perpetuar o espírito de bispo velhinho e pobre que a fundara e para a qual escrevera, amorosamente, tantas páginas, em terra estrangeira. Como Horácio, podia Mestre André Dias soltar a frase triunfante: *non totus moriar* — não morrerei de todo! Depois, passaram alguns séculos e o seu livrinho sumiu-se no grande esquecimento das coisas desconhecidas.

Agora, ao olharmos para esse português austero e batalhador, de tanta ternura nalguns dos seus ritmos religiosos, dá-nos vontade de contemplar, neste monge, professor universitário e bispo, o representante da nossa quase desaparecida poesia religiosa da Idade Média. E apetece-nos repetir o verso de Dante: *onorate l'altissimo poeta* — apesar de todos os seus defeitos.

APÊNDICE

LIVRO DOS MILAGRES DO BOM JESUS DE S. DOMINGOS DE LISBOA (1)

[*Fl. 72 v.*] *En nome do boo Jhesu, se começe este seu livro.*

Em aquel tempo que reynava e reynou, ho muyto vitorioso, e de muy grandes virtudes elRey dom Johã, nos reynos de Portugal e do Algarve, ano do seu reynado, de quareenta e nove, e da encarnaçom de Deus Jhesu, ano de myl e quatroçentos e triinta e dous, do mes de novembro, viinte dias, depoys que o boo Deus Jhesu, per espaço de L anos, fez muytos miragres e muytas maravilhas ao dicto senhor rey e aos dictos seus reynos de Portugal e do Algarve, dandolhe muytas vitorias dos seus enmiigos, reys e poboos de Castella, per espaço de viinte, e trinta anos que as guerras durarom entre Castella e Portugal, e espeçialmente no ano de Deus Jhesu, de myl e trezentos e LXXXV vespera de sancta Maria dagosto, vençendo em batalha campal, antre o Tojal e a ribeira do Freixial, apres da villa [*fl. 73*] de Aljubarota, o dicto muy preclaro rey de Portugal e dom Joham de Castella o qual era presente en aquella batalha, per vertude da sancta vera cruz de Deus boo Jhesu. E depoys de tantas vitorias dos castellaãos, deulhe o boo Deus Jhesu grande vitoria dos mouros daalem mar, dandolhe em seu poder, sem muytos trabalhos, a nobre e famosa çidade de Çepta que era de mouros, a qual agora he em seu poder. E depoys desto o sancto boo Deus Jhesu hordenou que os seus enmiigos castellãos lhe derom e outorgarom paz pera sempre e amizade perpetua, a qual cousa foy grande maravilha e grande miragre. E agora em sua velhiçe e achegamento de fym de sua vyda, amos-

(1) Pomos maiúsculas nos nomes próprios e modificamos a pontuação arbitrária, que se limita, aliás, ao ponto final, mesmo no meio das frases. No mais, procedemos como para a transcrição dos trechos do *laudário*. O sublinhado é sempre nosso.

trou o rey da gloria o boo Deus Jhesu grande amor e misericordia ao dicto senhor rey dom Joham de Portugal e a todo o seu poboo e es[pe]çialmente aa muy nobre e leal çidade de Lixboa, fazendo em ella tantos miragres e tantas maravilhas, quantos e quaaes nunca forom feytos em nenhũa provinçia nem çidade de christaãos, de çento anos aca. Ca en no ano do boo Deus Jhesu de myl e IIII° e triinta e dous anos, avendo muy grande pestelença na dicta çidade, dom meestre Andre Diaz de Lixboa, em a sancta theolysia meestre, e bispo da çidade de Megara da provinçia de Greçia, e aministrador perpetuu do moesteiro de sam Johã da Alpendorada, hordem de sam Beento, do bispado do Porto, preegando no moesteiro de sam Domyngo, por se tirar a dicta pestelença como de fecto se tirou, e ho muy sancto nome do boo Jhesu em cada huum dya preegava e dizia aos poboos que se quyriam seer de aquella pestelença livres, que o chamassem per suas bocas e o trouxessem escripto nos seus peytos aa parte do coraçom, e que o posessem pintado ou escripto aas suas portas, e que ante da manhaã fezessem dizer quinze missas e dissessem tres vezes en no dya aquelles oyto vessos do psalteyro, e que sse fezessem confrades da confrarya dos servos do boo senhor Jhesu, a qual foy estabeleçida em huum altar do dicto moesteiro de sam Domyngo da dicta çidade de Lixboa, e que todos [*fl. 73 v.*] aquelles e aquellas que esto fezessem seeriam livres da dicta pestelença; e assy foy de fecto, ca logo çessou a pestelença da dicta çidade de Lixboa e de todo o seu termho. E querendo mays remedyos buscar e fazer conta a dicta pestelença ho dicto meestre Andre bispo, huum domyngo que era dya de sam Clemente, viinte dyas do mes de novembro, de mil e IIII° e XXXII anos, o dicto meestre Andre en na preegaçom que fez ante a maior parte da dicta çidade de Lixboa, pubricou as grandes vertudes que o senhor Deus boo Jhesu criou, e esto he em hũa muy sancta agua exorsizata, que sse faz de agua, e de sal, e de cinza, e de vynho, e nom se pode fazer senom per bispo sagrado segundo os degredos. E logo ante todo o poboo, o dicto senhor bispo meestre Andre beenseo e sanctificou a dicta agua sancta do boo senhor Deus Jhesu, e logo per ella çessou a dicta pestelença da dicta çidade. E fez per ella o boom senhor Deus Jhesu muytos myragres e muytas maravylhas, quaaes nom forom feytas de de çento anos aca em toda a christamdade. E logo em esse dya que forom XX dyas do dicto mes de novembro, o dicto meestre Andre, bispo, começou a hordenar a confrarya dos servos do boo senhor Deus Jhesu, no dicto moesteiro e meteronsse muytos confrades e muytas confradas em ella. E hordenarom os confrades pera sempre que en no dya de cada hũa sesta feira do ano que he dya da sancta vera cruz e o senhor Deus Jhesu padeçeo, logo

aa alvorada se diga per os frayres do dicto moesteiro hũa myssa com horgoõs sollepnemente cantada aa honra da vera cruz do boo senhor Deus Jhesu, por os confrades e confradas da confrarya dos servos do boom senhor Deus Jhesu, assy vyvos como finados. E hordenarom que assy aos ricos como aos pobres confrades e confradas quando se finarem, que a confraria aas suas custas lhes faça dizer per os frayres do dicto moesteiro as horas dos finados e hũa myssa cantada, e que toda a confrarya diga por sua alma cada hũa pessoa çinquo vezes o pater noster e ave maria e venham todos ao seu enterramento os que poderem com [*fl. 74*] quatro tochas da confrarya dos servos de Jhesu, segundo esto e outras muytas cousas que hordenarom, as quaaes som contheudas no contrauto e stabelecimento da dicta confraria dos servos de Jhesu, pera todo sempre. E os mylagres e maravylhas e meezinhas provadas pera todas as enfermydades e doores que os confrades e confradas da confrarya dos servos de Jhesu ouverom e averam pera sempre he esta sancta agua de Jhesu, se verdadeiramente ouverem fe e creença comprida em o boom Jhesu e en na sua sancta agua, e nos dom meestre Andre, bispo de Megarra, per muytas persoas assy homeens como molheres digna[s] de fe e de creença dictas em testemunhas posemos e screvemos em este livro, por seer memoria pera sempre, e por que creça pera sempre a confraria dos servos do boom senhor preçioso Jhesu.

/1/ *Millagre de Deus Jhesu e meezinha pera a door dos olhos provada.*

No domyngo en que primeiramente per o dicto meestre Andre esta sancta agua foy sanctificada e beenta que foy aos viinte huum dias do mes de novembro de myl e IIII^{c} e XXXII anos, foy a pressa da gente tam grande pera tomarem de aquella agua sancta de Jhesu, que entornarom per a terra toda ha agua que foy beenta per o dicto meestre Andre, em hũa caldeira en que esta a agua beenta que as gentes deytam per sy quando veem aa egreja, e a caldeira foy per terra. E hũa molher que ha nome Constança Dominguez, morador na rua das esteiras da çidade de Lixboa, nom podendo aver de aquella agua sancta do boo Jhesu que fosse lympa, tomou huum pano de lynho e envurilhouo em aquella agua çuja que jazia per o chaão, a qual avya muyto tempo que era doente dos olhos e os tiinha inchados e remelados e tambem tiinha as trincheiras inchadas e lhe doyam muy fortemente. E ella com grande fe que ouve en no boo Jhesu, creendo que com aquella meezinha sancta da agua do boo Jhesu seria saã, e tomou aquel pano assy molhado com aquella sancta agua e lavou os olhos e as trincheiras e esfregoas muyto bem com aquel pano, e estando assy a cabo de hũa hora,

e os olhos e as trincheiras logo desyncharom de todo [*fl. 74 v.*] e perdeo a door que tiinha em elles e ficarom limpos e saãos, como se delles nunca fora doente, graças ao boo Jhesu.

/2/ *Meezinha provada de Jhesu pera a door dos dentes.*

Huum homem a que chamavam Estaçe Annes, morador na freeguysya de sancta Justa da dicta çidade, em huum dya de sesta feira, que forom XXVII dyas do mes de novembro da dicta era, e nom teendo ainda aquella agua sancta de Jhesu, ao qual Estaçe Annes doya muy fortemente huum dente ja muytos dyas avya, em tal guisa que com a grande door do dente, tiinha toda a queixada inchada. E querendo elle hyr a hũa proçissom que o doom meestre Andre fazia em cada huum dya a sancta Maria da Escaada, por razom da pestelença, que era muyto grande sobre a dicta çidade, e viindo elle per seu camynho achou molheres que levavam em suas enfusas e pucaros agua pera a lançarem com ha agua sancta de Jhesu, por que assy o mandara o dicto meestre Andre em suas preegações, convem a saber, que quem quisesse levar de aquella sancta agua de Jhesu pera prestar que trouxesse outra tanta agua de sua casa e a mesturasse e lançasse com a dicta sancta agua de Jhesu, por que tanta he a vertude de esta sancta agua de Jhesu e a ssua dignydade que por muyta outra que lhe lançem que nom seja beenta logo se torna beenta e se faz tã sancta como aquella que beenta e sancta he, por que ho mays digno e mays virtuoso tira pera sy o menos digno e menos vyrtuoso. Hora assy he que o dicto Estaçe Annes pedyo aaquellas molheres que lhe dessem de bever de aquella agua que assy levavam que nom era sancta e ellas lhe disserom que lhe nom prestarya nada poys que nom era sancta, e elle lhes disse: quer seja beenta quer nom, porque eu ey tanta fe en no boo Jhesu, meu Deus, que poys vos levades esta agua que nom he beenta pera a mesturardes com a agua sancta de Jhesu e a eu bever que ella me dara saude aa door do meu dente e da mynha queixada. E logo fez o synal da cruz sobre aquella agua e beveo della tres bocados e em como quer que nom fosse beenta nem sanctificada, a virtude da dicta agua sancta e da sua sanctificaçom veo sobre aquella agua que nom era beenta nem sancta, e como a beveo logo lhe pareçeo que como a [*fl. 75*] navalha corta o cabello que assy aquella agua lhe cortava a door do dente, e foysse pera sua casa depoys que a proçyssom foy acabada. E achousse saão assy da door do dente, como do inchaço da queixada que lhe logo desinchou, e he saão agora graças ao boo senhor Jhesu.

/3/ *Meezinha da dicta agua sancta de Jhesu, pera a door dos dentes, e pera a door da cabeça.*

Hũa molher chamada per nome Beatriz Eanes, molher de Antom Eannes cordoeiro morador aa porta de sancta Catherina da dicta çidade, disse que averya seys meses que ella parira e que do parto ella ficara muyto adoorada de door da cabeça e dos dentes, em tal guysa que lhe pareçia que lhe fendiam a cabeça com huum cuytello. E huum dia ao seraão começou de lhe doer muy fortemente a cabeça e os dentes, e avendo ella grande fe e devaçom em esta agua sancta de Jhesu, beveo tres bocados della, dizendo em cada huum bocado: Jhesu salvame, Jhesu deffendeme, Jhesu livrame, e huum pater noster com ave maria. E depoys lavou a boca e a cabeça com aquella agua e logo foy saã, de todo, assy como se lhe nunca doera (2) nenhũa cousa, graças ao boo Jhesu.

/4/ *Meezinha da dicta agua sancta de Jhesu, pera a vista dos olhos.*

Huum homem per nome chamado Pedr[o] Affonsso, criado de Afonsso Perez almoxarife que foy da alfandega da dicta çidade disse que per muyto tempo avya a vista tam curta que quando querya escrever e aparar a pena que elle a nom podya aparar, senom junto com os olhos. E que elle huum dya ouve tam grande devaçom e fe na dicta agua de Jhesu que tomou della e lavou os olhos dizendo em nome de Jhesu, e dizendo as pallavras sobredictas tres vezes, e logo se lhe tornou a vista tã clara e tam grande que des estonçe aparou a pena muyto longe dos olhos e leeo e escreveo de longe o que ante nom soya de fazer, graças a boo Jhesu.

/5/ *Meezinha da dicta agua sancta do boo Jhesu pera a vista dos olhos.*

Huum mançebo levando desta sancta agua do boo Jhesu do moesteiro de sam Domingo da dicta çidade, viinham outras muytas pessoas a fazer oraçom ao dicto moesteiro, e pediromlhe que lhes [*fl. 75v.*] desse a bever de aquella agua sancta que assy levava, e elle deulha e disse altas vozes: amygos tomade e bevede com grande fe e devaçom desta agua sancta do boo Jhesu, porque eu vos digo que per muyto tempo me doerom muy fortemente os ouvydos e os olhos e nom podya veer senom muyto escasamente, e como os lavey com esta sancta agua do boo Jhesu e dixe as pallavras do boo Jhesu, as quaaes ensynou meestre Andre bispo, com tres vezes o pater noster com

(2) não garantimos a leitura desta palavra.

ave maria, e ouve fe e asperança, logo por a vertude desta agua, e por a vertude do boo Jhesu logo fuy saão e agora vejo muyto craramente, graças ao boo Jhesu.

/6/ *Milagre muyto fremoso e muyto maravylhoso de aquesta sancta agua do boo Jhesu.*

Hua molher a que chamavam Maria Fernandez Arangoesa que morava com Lourenço Dominguez albardeiro fora da porta de sam Viçente da dicta çidade, disse que ella escarneçera desta agua sancta de Jhesu, dizendo que ella nom avya mays vertude nem podya mays fazer que as outras aguas. Enpero que quando ella vyo bever della a outras muytas pessoas, com grande devaçom que em ella avyam, pedyo a hũa molher que lhe desse della a bever, que estonçe viinha do dicto moesteiro de sam Domyngo e levava da dicta agua sancta. E ella deulhe della a bever e tomou hũa pouca en na maão e lançoua pera o seu rostro e logo subitamente quantas gotas de aquella agua sancta lhe cayram no rostro tantas se tornarom e fezerom em sangue, em tal guisa que ella pareçia carpida, ou que alguem a ferira, e todos lhe perguntavam que fora aquello, e ella lhes dizia que por o seu peccado lhe aconteçera aquello porquanto escarneçera da agua sancta do boo Jhesu e nom quysera creer que era sancta, e ella começou de lavar o rostro se sse lhe tirariam aquellas gotas do sangue e nunca jamays as pode tirar, e assy as teve per espaço de dous dias, e ao terçeiro dya foysse ao dicto moesteiro de sam Domyngo e começou de lavar o rostro com a agua sancta do boo Jhesu e logo sangue desapareçeo e tornousse o rostro saão como era dantes, depoys que ouve fe em Jhesu.

/7/ *Outro mylagre muyto de notar da sancta agua do boo Jhesu que prestou aa door da madre e aa door da ilharga.*

[*fl.* 76] Hũa molher per nome chamada Catalina Rodriguez, e molher d Alvaro d Almeyda, morador em Val Verde freeguisya de sancta Justa da dicta çidade, disse que avya çinquo anos que ella avya muyto grande door de madre e esso meesmo graande door de ylharga, em tal guysa que quando a tomavam aquellas doores des as virilhas ataa a garganta, lhe pareçia que com gadanhos de ferro a espedaçavam toda, e que nunca a tomava hũa door sem a outra, mays ambas assunadas (3) a atormentavam muyto fortemente e se aas vezes a leyxavam faziasse depoys per espaço de xv dias que nom era senhor de sy, e disse que pera estas doores lhe fezerom muytas

(3) ajuntadas.

meezinhas e que lhe poynham na door da ylharga muytas vezes os tegellos bem queentes e que bevera muytos exaropes e que nunca porem podera aver saude. E aconteçeo que em hũa segunda feira aa nocte aos XV dias do mes de dezenbro da dicta era a tomarom aquellas duas enfermydades tam fortemente que foy em ponto de finar, e que estonçe chamou seu marido e lhe rogou que sse aparelhasse pera a fazer enterrar, ca fosse çerto que em ella nom avya senom todavya morrer. E estonçe o marido tomou da dicta agua sancta de Jhesu que tiinha em sua casa e com grande fe que ouve em o boo Jhesu lhe deu della a bever e ella beveo huum bocado de aquella agua sancta com muyto grande devaçom e nom mays, e lavou com ella a ylharga que lhe doya e o ventre. e nom durou terço de hũa hora que sse logo achou saã de todo e que sse levantou logo pella manhaã riga (4) e saã assy como se nunca fora doente de aquellas enfermydades, e nunca a mays atormentarom, graças ao boo Jhesu.

/8/ *Outro mylagre da agua sancta de Jhesu.*

Hũa molher per nome chamada Beatriz Afonsso marador açerca de sancta Maria da Escaada, da dicta çidade, disse que ella tragia hũa samexuga viva na garganta aa parte seestra, avya ja oyto dias e que nom cospia outra cousa senom sangue e que era muyto atormentada de dya e de nocte. E nenbrousse da dicta agua sancta do boo Jhesu e beveo della en no nome de Jhesu e lavou [*fl. 76 v.*] a garganta, e como beveo a agua sancta e escarrou que lançou logo a samexuga e ficou saã de todo, graças ao boo senhor Jhesu, amen.

/9/ *Outro millagre da agua sancta do boo senhor Jhesu.*

Huum homem per nome chamado Johã do Couto, e ofiçial na portagem da dicta çidade, disse que avya quatro anos que elle avya atam grande door de estamago que muytas vezes estava em ponto de morrer e que provou muytas meezinhas e nunca lhe prestarom, e que elle com grande fe e devaçom que ouve no boo Jhesu, prometendo que lhe offereçesse huum estamago de çera, e que beveo da dicta sancta agua de Jhesu per tres vezes e que logo reçebeo saude graças ao boo Jhesu, amen.

/10/ *Outro mylagre da agua sancta do boo Jhesu.*

Huum homem chamado per nome Gonçalo Vaasquez que vivya com Rodrigo Stevenz veedor da cozinha do Ifante Duarte disse que avya tres

(4) rija.

ou quatro dias que elle tremya cada dya febre continu[a]da, e ouve grande fe e devaçom no boo Jhesu e que en no seu nome beveo tres bocados da dicta agua sancta e que logo reçebeo saude, graças ao boo Jhesu.

/11/ *Outro mylagre da agua sancta do boo Jhesu.*

Huum homem chamado per nome Johã Lourenço genrro de Gonçalo Gonçallvez contador delRey na dicta çidade disse que elle avya muyto grande door de cabeça muytos tempos avya e nunca podera aver nenhũa cousa que o podesse dar saão, e que depoys que esta agua sancta foy beenta e sanctificada per meestre Andre bispo que entom o atormentara muyto mays aquella door da cabeça, em tal guysa que lhe pareçia verdadeiramente que o olho seestro lhe queria saltar fora da cabeça, e elle acorreosse logo aa agua sancta do boo Jhesu, e em seu nome beveo della e lavou a cabeça e o olho e disse huum pater noster e hũa ave maria, e logo a door toda foy fora da cabeça e do olho, graças ao boo Jhesu, amen.

/12/ *Outro mylagre da agua sancta do boom Jhesu.*

Huum homem per nome chamado Luys Afonsso porteiro da dicta çidade, morador na freguysia de sam Nycolaao dysse que avya dous anos que nom viia dos olhos senom muyto escassamente, e espeçialmente disse que nom viia nenhũa cousa do olho seestro, e que elle ouvera grande [fe] e devaçom en no [*fl. 77*] boo Jhesu e que lavou os seus olhos com a ssua sancta agua e lhe pormeteo huuns olhos de çera e logo se lhe abryo ho olho e foy logo saão dambos os olhos e que vee tam bem e tam claramente como se nunca deles fosse doente, graças ao boo Jhesu amen.

/13/ *Outro mylagre da sancta agua do boo Jhesu.*

Hũa molher per nome chamada Enes Perez, ama que foy de Roy Nogueira marador açerca de sam Lourenço da dicta çidade, disse que em cada huum ano lhe naçiam frieiras en nos pees tam grandes e tam gordas come avelaãs, em tal guisa que nom podia andar nem poer os pees no chaão, nem descalça nem calçada, e que devotamente se encomendou ao boo Jhesu e lhe pormeteo huum pee de çera e que tomou daquella agua sancta do boo Jhesu e em seu nome lavou os pees aa nocte com ella, e quando veo pela manhaã achousse saã de seus pees, graças ao boo Jhesu..

/14/ *Outro mylagre da sancta agua do boo Jhesu.*

Huum homem per nome chamado Vaasco Lourenço carpenteiro morador apres (5) de sam Nycolaao da dicta çidade, disse que el criara huum cam de que sse el muyto pagava e que huum dya com grande manancoria que ouve tomou o cam per hũa perna e deu com elle huum grande baque em terra, em tal guysa que logo o cam lançou muyto sangue per a boca e todos o ouverom e teverom por morto, por que o cam nom sse movya nem bafejava mays de fecto pareçia morto, e que el dicto Vasco Lourenço se doera muyto de aquel cam por o que lhe assy fezera e porque outrossy o criara de pequeno, e que estonçe elle se acorreo aa dicta sancta agua do boo Jhesu, e com boa fe e boa asperança e devaçom verdadeira que ouve molhou o cam todo com aquella sancta agua, e como foy barricado todo logo sse alevantou saão, graças ao boo Jhesu amen.

/15/ *Seguesse outro mylagre da sancta agua do boo Jhesu.*

Este meesmo Vaasco Lourenço disse que huum seu mançebo cavalgou em huum seu roçim, e que hyndo per seu camynho que o roçim o derrybou de çima de sy, e deu com elle hũa tam grande queeda que lhe quebrou logo a perna dereyta e o quadril, em tal guysa que sse nom podya abalar de huum [*fl. 77 v.*] logar, e trouxeronno pera casa. E aa nocte ante que fosse a dormyr, avendo grande fe e devaçom en no boo Jhesu, beveo da sua sancta agua en no seu sancto nome e lavou a perna e o quadril com ella e lançousse a dormyr, e quando acordou achou sua perna saã e seu quadril assy como se nunca della fora eybado (6), nem doente, e logo em outro dya pella manhaã se levantou e se foy a seu trabalho como dantes hya, graças ao boo Jhesu.

/16/ *Seguesse outro mylagre da sancta agua do boo Jhesu.*

Huum homem per nome chamado Meendo Afonsso alfayate morador açerca de sancta Justa da dicta çidade disse que avya muyto tempo que era muyto enfermo de door de gota e de çiatica sobre os lombos, em tal guysa que sse nom podya mover de huum logar. E mandou levar de aquella agua sancta do boo Jhesu, e en no seu nome e avendo em elle grande fe lavou se todo com aquella sancta agua per aquelles logares honde tiinha aquellas doores e logo sse achou saão, graças ao boo Jhesu.

---

(5) perto, junto de.
(6) eivado.

/17/ *Outro mylagre da sancta agua do boo Jhesu.*

Huum coonigo de Tuy per nome chamado Johã Afonsso disse que em vespera da epifanya lhe vehera hũa tam grande door a huum lomedro en na meatade do osso que lhe parecia que tiinha algũa espada chantada per aquel lomedro, em tal guysa que era dello muyto atormentado, e encon-mendousse muyto devotamente ao boo Jhesu e com muy grande devaçom se lavou com aquella agua sancta per tres vezes e disse tres vezes o pater noster e ave maria e outras tres vezes o miserere mey Deus, e logo em esse ponto e ora se lhe partyo a door de aquel logar, e logo reçebeo saude, graças ao boo Jhesu.

/18/ *Outro mylagre da sancta agua do boo Jhesu.*

Huum clerigo per nome chamado Gonçalo Lourenço capelam da capella delRey dom Afonsso ([7]), que he na see da dicta çidade disse que jazendo em sua cama lhe vehera muyto grande door de pontadas nas ilhargas aa mea nocte, e que era em tal guysa della atormentado que nom podya desfolegar nem sse podya fartar do folego. E querendosse sangrar foy tomar conselho com huum seu amygo a que chamavam Lopo Rodriguez que morava açerca de sancta Justa da dicta çidade, e que elle lhe dissera: amygo fazee ora o que vos quero dizer, encomendade [*fl. 78*] vos devotamente ao boo senhor Jhesu, e com grande fe bevede da sua sancta agua que eu tenho em mynha casa tres vegadas della, e eu vos soom fiador que logo seredes saão, e que elle em nome de Jhesu bevera de aquella agua sancta e que logo reçebera saude, graças ao boo Jhesu.

/19/ *Seguesse outro mylagre da sancta agua do boo Jhesu.*

Huum moço criado de Lopo Estevenz baynheiro delrey Duarte disse que elle avya tam grande door en no coraçom que elle escasamente podya bafegar, nem por a boca nem per os narizes, e que avya ja huum mes que assy tiinha aquella door. E que com grande fe que ouvera no boo Jhesu, que bevera per tres vezes da sua sancta agua e en no seu nome, e que lavara o pescoço e a garganta e que logo em essa hora fora saão, graças ao boo Jhesu.

([7]) Vê-se que este Livro de Milagres, começado ainda em vida de D. João I, foi-se escrevendo pelo tempo fora, à medida que os *milagres* chegavam ao conhecimento dos narradores.

/20/ *Outro mylagre da sancta agua do boom Jhesu.*

Moor Eanes molher de Lopo Rodriguez alfayate morador apres de sancta Justa da dicta çidade, disse que avya huum ano que ella avya door de çiatica e de grande frialdade que lhe dera des os quadriis ataa os pees, em tal guysa que nom podya andar nem sse mover de huum logar pera o outro, e com fe verdadeira que ouve en no boo Jhesu se lavou com a sancta agua en no nome de Jhesu e beveo della e logo a door se deçeo aos bicos dos pees em tal guysa que parecia quebrar, e que ella pos huuns panos molhados na dicta agua sancta nos pees, e que a cabo de mea ora logo reçebera saude, graças ao boo Jhesu.

/21/ *Miragre da sancta agua do boo Jhesu.*

Esta Moor Eanes [disse] que huum seu filho avya muyto grande door en no ventre, em tal guysa que pereçia que o queria matar, e com fe verdadeira que ouve, lhe deu a bever tres bocados de aquella agua sancta de Jhesu, em o seu nome, e logo foy saão de toda aquella door, graças ao boo Jhesu.

/22/ *Outro mylagre da agua sancta do boo Jhesu.*

Huum carniçeiro per nome chamado Vaasco Lourenço marador na freeguysia de sã Nycolaao disse que a huum seu filho naçera hũa trama so o braço dereyto. E com grande fe que ouve en no boo Jhesu e em seu nome lhe lavou aquella trama e disse o pater [*fl. 78 v.*] noster e ave maria aa honrra do boo Jhesu, e quando veo ao terçeiro dya e a trama arebentou de seu, sem lhe poendo nenhũa cousa con que arebentasse, e como foy arebentada logo lha lavarom com daquella agua sancta do boo Jhesu e poseromlhe huum pano molhado em a dicta agua sobre a trama, e que logo sse a queentura partira delle e a trama encoyrou e se çarrou e o moço foy dela saão, graças ao boo Jhesu.

/23/ *Mylagre da agua sancta do boo Jhesu.*

Este meesmo Vaasco Lourenço carnyçeiro disse que sua molher Lyonor Afonsso tiinha grandes maleytas e grande queentura, que pareçia fogo, e que elle quando a assy vyo deulhe a bever da dicta agua sancta do boo Jhesu tres bocados, e dysse a cada bocado huum pater noster e hũa ave maria e en no nome do boo Jhesu logo as maleytas se partirom della e esso meesmo a queentura, e logo aaquella hora foy saã e salva, graças ao boo Jhesu.

/24/ *Seguesse outro fremoso mylagre e pera notar da dicta sancta agua do boo Jhesu.*

Huum homem per nome chamado o Çaquoto morador na freeguesia de sancta Justa da dicta çidade dysse que a hũa sua filha naçerom muytas boboas per o rostro e per a garganta e per os braços e dellas eram negras, e outras eram vermelhas, e que em tal guysa fora atormentada dellas que lhe abafavam o coraçom muyto fortemente, que estava em ponto de sse finar. E que estonçe hũa sua avoo da dicta moça, em nome do boo Jhesu, lhe deu a bever da dicta sancta agua, e logo se lhe desabafou o coraçom, e logo sse lhe sumirom todas as boboas, e que a dicta sua avoo lhe lavou o rostro e a garganta e os braços com a dicta sancta agua do boo Jhesu, e que ante que fosse quarta de hũa ora passada, que a dicta moça ficou saã e lympa de todo, graças ao boo Jhesu.

/25/ *Outro mylagre muyto mays maravylhoso que o suso dicto que fez o boo senhor Deus Jhesu per a ssua sancta agua.*

Huum mançebo que andava em hũa naao de Johã Martinz Vogado, morador na çidade do Porto, por marynheiro, seendo çeando aa [*fl.* 79] noyte, com grande plazer, naçeolhe hũa muyto grande trama em hũa coxa tamanha como hũa noz, e veolhe logo ao corpo hũa muyto grande queentura, e ao coraçom muyto grande afogamento, em tal guysa que ja nom bafejava e o tiinham ja por morto, e teendoo assy e que o queryam ja poer no ataude pera o levarem a enterrar, começou de braadar hũa molher que era dona da pousada honde o dicto mançebo jazia e dysse: Elançadelhe hora hũa pouca da agua sancta do boo Jhesu per a boca, e fezeronno assy. E foy gram maravylha que como lhe lançarom hũa pouca da dicta agua sancta do boo Jhesu pella boca, e outra pouca pellos peytos, logo deu huum muyto grande gimydo e abryo a boca e falou e disse altas vozes: Muytas sanctas graças aja o boo senhor Deus Jhesu, por quanto eu era ja morto, e por a ssua virtude e da sua agua eu soo resusçitado da morte aa vyda, e soom de todo sãao que me nom acharedes ja a trama, nem queentura nenhũa que seja, e logo se foy pera a naao dando muytas sanctas graças ao boo Jhesu, graças sejam dadas a el pera todo sempre amen.

/26/ *Outro mylagre da agua sancta do boo Jhesu.*

No terceiro domyngo do avento, de myl e IIIIº e XXXII anos, Alvaro Gonçallvez çapateiro morador na rua de Morraz freeguysia de sam Giaão, da dicta çidade de Lixbõa, disse que en na noyte do dicto domyngo deu

a huum seu filho hũa tam grande door em huum dente que era delle muyto atormentado, e a madre do dicto seu filho foyo veer e achoulhe hũa grande landoa no pescoço, e nembrouse da sancta agua do boo Jhesu, e deu ao moço a bever della tres bocados, e a cada bocado disse hũa ave maria e depoys tomou huum pano molhado naquella agua sancta do boo Jhesu e poseo sobre a landoa, e adormeçeo com elle toda a noyte, e quando foy manhaã a madre ho foy veer aa cama e achouo saão de todo, assy do dente como da levaçom que toda se somyo, graças ao boo Jhesu.

/27/ *Outro mylagre da sancta agua do boo senhor Deus Jhesu.*

Esta madre meesma deste moço suso dicto disse que tiinha grande door de olhos em tal guysa que lhe [*fl. 79 v.*] pareçia que lhe queriam quebrar na cabeça, atã grande era a door, e como lavou os olhos com a dicta agua sancta do boo Jhesu, logo se lhe foy a door e ficou saã, graças ao boo senhor Jhesu.

/28/ *Outro mylagre da sancta agua do boo Jhesu.*

Huum homem chamado per nome Johanne Meendez çapateiro morador aa porta de sanct[o] Antom da dicta çidade disse que sua molher tevera duas tramas e dous crabunculos, e que hũa das tramas lhe vehera a furo çinquo vezes, e as outras estavam pera arebentar, e que elle lhe dissera que tomasse desta agua sancta de Jhesu e que elle lhe poeria sua virtude e lhe darya saude. E ella com boa fe e devaçom pose na trama furada huum pano de lynho molhado aa noyte, e lavou as outras com a dicta agua sancta, e dormyo logo, e quando foy manhaã achou a trama furada ja seca e somyda e soldada, e as outras tramas e cabrunculos somydos e ella de todo saã, graças ao boo Jhesu.

/29/ *Outro mylagre e virtude da sancta agua do boo Jhesu.*

Este meesmo Johanne Meendez disse que avya quatro anos que nom ouvya de hũa orelha nenhũa cousa, s[cilicet] da orelha seestra e que pouco tempo ante ([8]) que lhe vehera hũa muyto grande door aas trincheiras, que lhe queryam saltar os olhos fora da cabeça, e que elle dissera a sua molher que lhe aqueentasse hũa pouca da dicta agua sancta do boo Jhesu e que molhase huum pano em ella e lho possesse em çima das trincheiras. E ella

([8]) Não estamos certos da leitura desta palavra.

fezeo assy e abafou bem a cabeça e lançou da dicta agua dentro na doente e de que nom ouvya, e com aquello adormeçeo, e que quando sse levantou de dormyr, parecialhe que lhe tiravam hũa tirada grande pella orelha e que logo aaquella hora ficara saão, como se nunca ouvera door em ella, graças ao boo Jhesu.

/30/ *Item outro mylagre e virtude da agua sancta do boo Jhesu.*

Vaasco Viçente morador em Vyla Franca disse que sua molher era muyto doente de hũa façe na parte dereyta, em guissa que ella nom ouvya nenhũa cousa de hũa orelha, s[cilicet] da dereyta e outrossy a façe era muyto inchada. E diseronlhe os frades do moesteiro de sam Domingo da dicta çidade de Lixbõa, que forom allo [9] honrrar hũa myssa nova que sse allo dizia, que lavasse aquella façe e a orelha [*fl. 80*] com a dicta agua sancta em nome do boo Jhesu e que logo serya saã, e que ella com grande fe que ouve, e boa devaçom em na sancta agua fezeo assy, e lavou a façe e a orelha muyto bem, com aquella sancta agua e logo a façe lhe desinchou e a orelha se lhe abryo e logo della ouvyo e ficou saã, graças ao boo Jhesu.

/31/ *Outro mylagre e virtude da agua sancta do boo Jhesu.*

O dicto meestre Andre bispo disse que a el vehera huum homem per nome chamado Afonsso Viçente morador açima da porta de sam Viçente, da dicta çidade e lhe dissera: meestre senhor digovos que a mym deu hũa muyto grande door nas solas dos pees, em tal guisa que quando me descalçava e poynha os pees no chaão, nom me podya abalar e estava em ponto pera cayr no chaão, e pareçiame que nom tiinha coiro nas solas dos pees, e esto padeçi per alguuns dias. E nembreyme da agua sancta do boo Jhesu, e com grande fe e boa devaçom que ouve molhe as solas dos pees com a dicta sancta agua, aa noyte, e quando me levantey pella manhaã, nom senty nenhũa door, graças ao boo senhor Jhesu.

/32/ *Ainda outro mylagre da dicta sancta agua.*

Este meesmo Afonsso Viçente disse que em aquella somana se lhe metera hũa muyto grande door dentro na cana de huum braço, em tal guisa que o nom podya mandar, e que lhe pose huum pano molhado na dicta agua

(9) lá.

sancta do boo Jhesu, e que como se alçou pella manhaã da cama, e disse tres vezes o pater noster ao boo Jhesu, cujo confrade elle era, e que nom achou mays nenhũa door no braço, graças ao boo Jhesu.

/33/ *Seguesse outro mylagre da sancta agua do boo Jhesu.*

Hũa molher chamada per nome Branca Afonsso morador na rua do ouro freeguisia de sancta Justa da dicta çidade disse que ella tevera hũa levaçom muyto grande no ventre, e abriromlha, e depoys que foy saã e encoirada, ficoulhe huum inchaço tamanho como hũa laranja, e que com grande fe que ouvera e en no nome do boo Jhesu, que o lavara com a agua sancta, e que lhe posera huum pano molhado na dicta agua, e que logo lhe nom doera mays e que fora logo saã. E que ao depoys lhe naçera hũa boboa muyto grande e que lhe pruya muy fortemente, [*fl. 80 v.*] e ella em nome do boo Jhesu lavoua com a agua sancta, e logo aquella boboa se sumyo que nunca ja mays sayo nem door nenhũa, graças ao boo Jhesu.

/34/ *Seguese huum grande mylagre do boo Jhesu.*

Huum homem chamado per nome Johã Rodriguez Çaquoto morador aa porta de sam Viçente da dicta çidade disse que elle fora em hũa barca em conpanha da molher que foy do conde de Çepta, e Roy Nogueira. E hyndo assy pello mar açerca do cabo de sam Viçente, per razom da grande tormenta que ouverom lhes foy forçado sairem em terra, e sayram em hũa praya. E que quando elle saltara fora da barca por hyr a terra como os outros faziam, que vehera hua honda tã grande que o levara ao mar, e que hyndo assy pello mar, que sse encomendara muyto devotamente ao boo senhor Deus Jhesu, e chamando ho seu nome per tres vezes, que fora cousa muy çerta e provada que logo aaquella hora vehera outra muyto mayor honda que o lançou fora aos pees da dicta condessa e de Roy Nogueira e dos outros que estavam em terra. E todos estonçe louvarom o nome do boo Deus Jhesu, por tamanho mylagre como este foy amen.

/35/ *Outro fremoso mylagre da sancta agua do boo Jhesu.*

Huum escudeiro de Pero Gonçalvez Mala Alfaya morador na dicta çidade, o qual cortava ante elle aa mesa, disse que aguçando seus cuytellos que sse cortara em huum dedo polegar da maão e que fora tam grande a ferida que chegara ataa ho osso, em tal guysa que pero lhe poserom muytas cousas nunca ja mays lhe poderom estancar o sangue, e que estonçe veo hũa molher a que chamam Moor Eannes e lhe disera: filho pormetedevos ao boo Jhesu

de seerdes seu confrade, e logo seredes saão; e que elle com muyto grande fe que ouve em ho boo Jhesu, e com bóa devaçom, disse que assy ho pormetya, e ella tiinha em sua casa a agua sancta de Jhesu, a lavoulhe com ella o dedo, e atoulho com huum pano molhado na dicta agua sancta do boo Jhesu, e logo a cabo de mea hora lhe soldou a ferida de todo, e a hunha que era negra como o pez tornousse toda branca e sãa, em tal guisa que el meesmo o dise que ainda que nunca fora ferido nom podera melhor soldar, graças ao boo Jhesu.

/36/ *Item outro mylagre da agua sancta do boo Jhesu.*

(Bibl. Nac. de Lisboa, *secção dos iluminados*, cód. 61, fls. 72 v.-80 v. Como se vê, este Livro de Milagres termina abruptamente, talvez por estar truncado)

GLOSSÁRIO (1)

aa: asa; *aas*: asas.
aa: à.
aaquella: àquela.
abofetado: esbofeteado.
acharedes: achareis.
acorrer: socorrer.
acurrenos: socorre-nos.
adançar: dançar.
aduzir: conduzir.
afeyto: afecto.
aficadamente: com empenho, com afinco.
aficado: importunado.
afremosentar: aformosentar, aformosear.
aginha: depressa.
agnello: cordeiro.
aguça: pressa, diligência.
ajades: hajais, tenhais, (*ajas*, *ajamos*: hajas, hajamos).
al: outra coisa.
ala: lá.
alegrança: alegria.
alla: lá.
alogar: alojar, colocar.
alongar: afastar.
am: hão, têm.
amara: amarga.
amaramente: amargamente.
amareza: amargura.
amistança: amizade.
amygança: amizade.
ançilla: escrava, serva.
anagame: afoga-me. A forma *enegar* é mais frequente.
anello: anel.
angeo, angio: anjo.
anojado: desconsolado, triste.
antre: entre.
anychilado: aniquilado.
anymalyas: alimárias, animais.
anymales: animais.
aplaz: apraz.
apoderado: poderoso.
aposeste: puseste.
apostado: bem composto, ornado.
apressado: apertado, oprimido, angustiado.
apresuaram: aprisoaram, prenderam.
aprysoar: prender.
aqueste: este.
arça: arda (do mesmo modo, *arço*, *ardede*: ardo, ardei).
ardido: enérgico, audaz.
arepreendido: repreendido, censurado.
arra: penhor, sinal de amor.

(1) Nestas páginas, damos o significado mais frequente dalgumas palavras, conforme o sentido que lhes deu Mestre André Dias.

arraby: rabi, isto é, mestre, senhor, entre os judeus.
as: hás, tens.
asconder: esconder.
ascondido: escondido.
ascuytar: escutar.
asperança: esperança.
asperar: esperar.
aspero: espero e, também, áspero.
assejo: ensejo.
assy: assim.
astroso: infeliz, desgraçado.
ataa: até.
atal: tal.
atam: tão, tanto.
atanto: tanto.
ave: há, tem (no imperativo).
avedes: haveis, tendes.
averas: haverás, terás (do mesmo modo, *averedes*: havereis).
avergonho: envergonho.
avesya: perversidade.
avondança: abundância.
avondo: abundância, fartura.
avondoso: abundante, farto.
avorreço: aborreço.
avyas: havias, tinhas.
benyno: benigno.
balya: valia, patrocínio.
barva: barba.
beandantes: viandantes.
bever: beber.
bõa: boa.
boo: bom.
boom: bom.
buscaloey: buscá-lo-ei.
calvaro, calvarye: calvário.
cambar: trocar.
cantica: cantiga.
çarrar: cerrar, fechar.
catar: procurar.
çeeo: céu.
çercando: aproximando, buscando.
cherubyno: querubim.
çibo: cibo, alimento.
cobra: cubra.
cobrida: coberta.
colunpna: coluna.
comprido: cumprido. Também significa *cheio*.
condanpnado: condenado.
conhoçer: conhecer.
conple: cumpre.
conporta: traz, leva.
consiirey: considerei.
consolança: consolação.
contheuda: contida.
cor: coração.
cortynha: cortina.
cospynhado: cuspinhado, cuspido.
coyta: cuidado, aflição.
creçer: crescer.
cuydo: cuidado, pensamento.
dadenos: dai-nos.
dante: dantes.
davante: ante, diante.
defenssar: defender.
defeso: defendido.
degradados: degredados, desterrados.
del: de ele, dele.
deleixada: abandonada.
deleyto: deleite.
demandar: dirigir-se a, procurar, suplicar.
deporto: divertimento, recreio. A forma mais vulgar é *deporte*.
desçendya: descia (*desçendeo*: desceu).
desdenho: desdém.
desejosa: desejada.
desmesura: falta de medida, imensidade.
desnuado: desnudado, despido.
desonor: desonra.
despachar: desembaraçar, pôr de parte.
despecta: desprezada.
desplazer: desagradar.
desplazente: desagradável.
destarra: desterra.
davaçom: devoção.
dileyto: dilecto.
disso: disse.
doas: dons, presentes.

dolçe: doce. .
dolor: dor.
dona, domina, domyna: dona, senhora.
donar: dar, ofertar.
donde: aonde, onde.
donosa: donairosa, graciosa.
door: dor.
doorado, dooroso: doloroso, dolorido.
dooe: dói.
doyo: doo (do v. doer).
dubitança: dúvida.
duldança: dúvida.
duldar: duvidar.
dy: dize.
dynamente: dignamente.
el: ele.
emmigo, emmiigo: inimigo.
empero: embora, apesar de.
enalbeados: alheados, fora de si.
enarrar: dar arras, isto é, garantia, promessa, penhor.
enbevedentado: embebedado.
enclavado: encravado.
enpetrar: impetrar, pedir.
enteira: inteira.
entradanhas: entranhas.
envurilhado: embrulhado.
erades: éreis.
errança: erro.
error: erro.
escambo: troca.
escarnho: escárnio.
escarnydo: escarnecido.
escodrinhar: esquadrinhar, pesquizar.
esculca: vigia.
escuso: escondido, oculto.
esguardar: olhar, reparar em.
esmarida: esmorecida. A forma mais vulgar é *esmorida*.
espaçioso: espaçoso.
espargeo: espargiu, derramou.
espartidos: separados, departidos.
esto: isto.
estonce: então.
estormento: instrumento.
exalçado: exaltado, glorificado.
ey: hei, tenho.
facha: facho.
faleçer: faltar, acabar.
falimento: falta, pecado.
falir, falyr: faltar, incorrer nalguma culpa, enganar.
fame: fome.
fatyado: cortado em fatias.
fazede: fazei.
fazertea: far-te-á.
fello: fel.
femença: esforço, diligência, atenção.
feze: fez.
ficar: fincar, apoiar, pôr.
fiees: fiéis.
fiinda: finda, acabada.
filhar: tomar.
fiuza: confiança.
fize: fiz.
flume: rio.
folgura: folgança, descanso.
fontana: fonte.
fornydo: fornecido.
fradello: irmão.
freno: freio.
frol: flor.
fuste: foste.
geeral Juizo: Juizo universal.
geolhos: joelhos.
gouvyr: gozar.
grado: boa vontade, gosto.
gram: grande.
granar: dar grãos, frutificar.
grilanda: grinalda, coroa.
guaanhar: ganhar.
guardyano: guardião, guarda.
guarida: curada.
gridar: gritar.
grido: grito.
guyade: guiai.
guysa: maneira.
ha: a.
he: é.
ho: o.

honde: onde.
honor: honra.
hora: agora. Forma mais usual: *ora*.
hu: onde.
humildoso: humilde.
huum: um.
hy: aí.
hyr: ir.
indiebrado: endiabrado, possesso do diabo.
intelleyto: intelecto.
jardino: jardim.
jejunar: jejuar.
ladrom: ladrão.
lealdança: lealdade.
ledamente: alegremente.
legar: ligar.
leixar: deixar.
leterado: letrado.
leytoayro: remédio, mezinha.
lilyo: lírio.
luçidosa: clara, luzente.
lumeeira: luz.
luna: lua.
maa: má.
maao: mau.
madre: mãe.
magna: maná. Também *manna*.
malandante: mal-aventurado.
maledicto: maldito.
maleza: maldade.
malynança: malignidade.
mano: mão.
manteens: manténs, sustentas.
marteyro: martírio.
mays: mas e, também, mais.
mazelado: maculado, manchado.
mazella: pena, desgosto e, também, mancha, mácula.
meatade: metade.
medes: mesmo, mesma.
mesello: mísero, coitado, pobrezinho.
mesura: medida, limite.
miragres: milagres.
morir: morrer.
moryo: morreu (de *moryr*: morrer).
moyro: morro.
moymento: moimento, sepulcro.
mundo: puro.
naciste: nasceste.
nado: nascido.
namoroso: namorado.
nembrar: lembrar.
nem hum ou *nem huum*: nenhum.
nemÿca: nem miga, nem mica, nem migalha, coisa nenhuma.
neta: nítida, asseada, limpa.
nichil: nada.
niente: nada, coisa nenhuma.
nocte: noite.
nojo: desgosto.
nom: não.
novella: nova, notícia.
novello: novel, novo.
nuydade: nudeza.
ofenssom: ofensa.
oltra: ultra, além, para além.
olyva: oliveira.
oo: ó, oh!
ora: agora e, também, hora.
orgoom: órgão.
ortelano: hortelão.
ouryente: oriente.
ouve: houve e, também, ouve (do verbo ouvir).
ouvyde: ouvi (no imperativo).
pareça: apareça.
pareçente: que parece bem, formoso.
parente: pai e, também, parente.
padre: pai.
passado: morto.
passyonado: que sofreu paixão.
pavora: pavor.
pecatriz: pecadora.
pecunya: dinheiro.
pee, pees: pé, pés.
peendença: penitência.
pelegrino, pelegrinar: peregrino, peregrinar.
penho: penhor.
penssosso: pensativo.

per: por.
pera: para.
peraclito: paráclito.
percudir: ferir.
perdoança: perdão.
pereglinar: peregrinar.
perfia: porfia.
pero: porém, contudo.
persoa: pessoa.
pestelenças: pestilências, pestes.
pietança: piedade.
pinticoste: pentecostes.
plaçer: prazer.
planto: pranto.
plaza: apraza, agrade.
plazate: agrade-te, seja do teu gosto.
plazer: prazer.
plazyvel: aprazível.
pleno: cheio.
poboo: povo.
pobrella: pobrezinha.
poer: pôr.
porem: por isso.
pormeter: prometer.
portar: levar, trazer, suportar.
portugaleso: português.
pousa: pousada, habitação.
preçado: apreciado, prezado, de preço.
precalçar: alcançar.
prender: tomar, receber.
pressa: aperto, aflição.
prestemente: depressa, ràpidamente.
presto: prestes, pronto.
preze: prece.
quedar: parar, cessar.
querenda: vontade, mostra de vontade.
quyso: quis.
reçebuda: recebida.
regnado: reinado.
regraçiado: agradecido.
reguardar: olhar, reparar em.
renembrar: recordar.
renovellar: renovar.
revel: rebelde.
reynha: rainha.
ribaldo: vil, perverso.
ritymo: ritmo.
rogadeo: rogai-o.
saa: sua.
sandeu: parvo, louco, sem juízo.
sarmom: sermão.
sayo: saiu.
sazom: sazão, ocasião, tempo.
seede: sede (no imperativo).
seer: ser.
segre: século.
segredo: secreto, invisível.
sento: sinto.
seo: seio.
seraphino: serafim.
sergente: adj., serviçal; subs., criado, servo.
serva: sirva (do v. servir).
sey: sê (no imperativo).
seyme: sê-me.
so: sob.
sodes: sois.
solaz: consolação.
solto: absolto, absolvido.
soo: só.
som: são, estão.
soom: sou, estou.
soyas: costumavas.
spiritu: espírito.
subjepto: sujeito, submisso.
sudairo: sudário.
suso: em cima, para cima.
syna: bandeira, pendão.
talem, *talente*: vontade, gosto.
tardedes: tardeis.
temença: temor, respeito.
tenebror: treva, escuridão.
toda vya: sempre, constantemente, ainda.
todo: tudo, todo.
torpidade: torpeza, sujidade.
toste: depressa, cedo.
tragello: traze-lo.
trautado: tratado.
treedor: traidor.
tribulança: tribulação.

tristo, trista: triste.
troba: trova.
tronba: trompa.
trufador: tratante, velhaco.
vano: adj., vão.
veer: ver.
vegada: vez.
veherem: vierem.
veherom: vieram.
veramente: verdadeiramente.
vergonça: vergonha.
viir: vir.
vogados: advogados.
vya: via, caminho.
vylidade: vileza.
vyso: vista, rosto.
vyvades: vivais.
yroso: irado.

FONTES MANUSCRITAS

Bibl. Nac. de Lisboa, *Secção dos Iluminados*, cód. 61: *Livro de oraçoens em proza e verso vulgar de louvores e excellencias do SS. Nome de Jesus, dos milagres que Deos obrou pela Imagem do S.*[to] *Christo, que se venerava na Igreja de S. Domingos de Lixboa com sacramento no lado* [...]. *Composto pelo Ill.*[mo] *e R.*[mo] *S.*[r] *D. Fr. André Dias, da Ordem de S. Bento, natural da Cidade de Lisboa, Penitenciario da S. Igreja Romana, Bispo titular de Megara, commendatario do Mosteiro de S. Joam da Alpendorada. Anno de 1435.*

Esta portada é do século XVIII. Porém, o corpo do códice está em letra gótica de quatrocentos. Contém 80 fls., em formato de 199×256 mm.

Bibl. Nac. de Lisboa, *Fundo Geral*, ms. 3379: *Livro de orações em proza e verso vulgar de louvores e excellencias do Santissimo Nome de Jesus, dos milagres que Deos obrou pella Imagem do Santo Christo*, etc.

Parece uma cópia do códice anterior e data do século XVIII. Contém 136 fls., em formato de 217×327 mm.

Bibl. Mediceo-Laurenziana de Florença, *Fondo Ashburnam*, cód. 1792 (1716), vol. I (contém algumas cartas de Mestre André Dias).

FONTES IMPRESSAS E BIBLIOGRAFIA

AFONSO O SÁBIO — *Cantigas de Santa Maria*, Madrid, 1889.
ALMEIDA, FORT. DE — *História da Igreja em Portugal*, T. II, Coimbra, 1910.
ANÓNIMO — *Jubilus rhytmicus de nomine Jesu* (MIGNE, *P. L.*, T. CLXXXIV, cols. 1317-1320).
ANÓNIMO — *Horas de Nuestra señora*, Saragoça, 1521.

ANSELMO, A. J. — *Bibliografia das obras impressas em Portugal no Século XVI*, Lisboa, 1926.
AURY, D. — *Anthologie de la poésie religieuse française*, Paris, 1943.
BARBOSA MACHADO — *Biblioteca Lusitana*, Lisboa, 1930-1935.
BATELLI, GUIDO — *Relazioni storiche fra Italia e il Portogallo*, Roma, 1940.
BERCEO, GONZALO DE — *Duelo de la Virgen María*, em *Colección de poesías castellanas anteriores al siglo XV*, Paris, 1842, pp. 242-252.
BOSSUAT, R. — *Histoire de la littérature française. Le Moyen Age*, Paris, 1931.
BROWN, C. — *Religious lyrics of the XIVth century*, Oxford, 1924.
BROWN, C. — *Religious lyrics of the XVth century*, Oxford, 1939.
CAETANO DE SOUSA, D. MANUEL — *Cathalogo Historico dos Summos Pontifices, Cardiaes, Arcebispos, e Bispos Portuguezes que tiverão Diocezes, ou Titulos de Igrejas fóra de Portugal*, etc. Lisboa, 1724.
CHEVALIER, U. — *Répertoire des sources historiques du Moyen Age*, T. I, Paris, 1907.
CHEVALIER, U. — *Repertorium hymnologicum*, Lovaina e Bruxelas, 1892-1920.
DIAS, ANDRÉ — *Confession breve y muy utile. Compuesta por el Reverendo señor don Andres obispo megarensi: penitenciario de la sancta yglesia de Roma.* (Em caracteres góticos. Sem data nem lugar de impressão. Exemplar da Bibl. Públ. de Évora, secção dos cimélios).
DIAS, ANDRÉ — *Modus confitendi compositus per Reverendum Episcopum Andream Hispanum*, Roma, 1475.
DIETERICUS REICHLING, PH. — *Appendices ad Hainii-Copingeri Repertorium Bibliographicum*, Monachii, 1905-1911.
DUARTE, AFONSO — *O ciclo do Natal na literatura oral portuguesa*, Barcelos, 1937.
ESCOBAR, ANDRÉ DE — Cf. DIAS, ANDRÉ.
EUBEL, C. — *Hierarchia catholica Medii Aevi*, T. I, ed. 1913.
FORTUNATO DE S. BOAVENTURA, FR. — *Collecção de inéditos portuguezes dos séculos XIV e XV*, T. I, Coimbra, 1829.
GALLI, G. — *Laudi inedite dei Disciplinati umbri*, Bérgamo, 1910.
GÖLLER, E. — *Geschichte der päpstl. Pönitentiarie*, Roma, 1907-1911.
GUARDA, JOÃO DA — *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, 1924.
HEFELE, C. J. — *Histoire des Conciles*, T. VII, Paris, 1916.
HOFMANN, K. — *Andreas von Escobar*, em *Lexicon für Theologie und Kirche*.
HURTER, H. — *Nomenclator litterarius*, T. II, Oeniponte, 1906.
IPPOLITI — *Dalle sequenze alle laudi*, Ósimo, 1914.
LIUZZI, F. — *La Lauda e i primordi della melodia italiana*, Roma, 1934.
LULL, RAIMUNDO — *Rims*, T. I, Malhorca, 1936.
MARTÍNEZ, PERO — *Obras*, Barcelona, 1946.
MONTEIRO, FR. PEDRO — *Claustro Dominicano*, T. III, Lisboa, 1734.
NICOLAU ANTÓNIO — *Bibliotheca Hispana Vetus*, T. II, Madrid, 1788.
PARIS, GASTON DE — *La poésie du Moyen Age*, Paris, 1922.
PASTOR, L. F. — *Storia dei Papi*, T. I, Roma, 1931.
PEDRO RIBEIRO, J. — *Dissertações chronológicas*, T. V, Lisboa, 1896.
PORTUGAL DE FARIA, A. DE — *Portugal Itália*, Liorne, 1900.
ROLLE OF HAMPOLE, R. — *Incendium amoris*, Manchester, 1915.

Rosário, Fr. Diogo do — *Historia da vida e feitos heroycos e obras insignes dos sanctos*, Coimbra, 1577.
Schulte, J. F. — *Geschichte der Quellen und Literatur des kanonischen Rechts*, Estugarda, 1875-1880.
Sousa, Fr. Luís de — *História de S. Domingos*, Lisboa, 1866.
Staaf, E. — *Le Laudario de Pisa du ms. 8521 de la Bibliothèque de l'Arsenal de Paris*, Upsália, 1931.
Stapper, R. — *Das Lumen confessorum des Andreas Didaci*, em *Römische Qüartalschrift*, XI (1897).
Todi, J. de — *Cantos morales, compuestos por el Beato F. Jacopone de Tode*, Lisboa, 1576.
Todi, J. de — *Le laude*, Bari, 1930.
Vaz de Guimarães, F. — *Auto da muito dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesu Christo*, Lisboa, 1820.
Vicente, Gil — *Obras completas*, ed. facsímile da de 1562, Lisboa, 1928.

ÍNDICE ALFABÉTICO

INDICE GERAL

CORRIGENDA

Página	Linha	Onde se lê	Leia-se
2	6	Provomeram-no	Promoveram-no
28	1	outores	autores
74	11 e 13	Inês	Luzia
103	(nota 65)	Brow	Brown
142	14	Deos de salve	Deos te salve
153	2	corespondentes	correspondentes
172	10	desapiadada	desapiedada